

STACK  
ANNEX

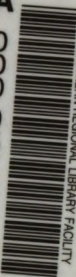
5

125

826

A

0  
0  
0  
5  
7  
9  
1  
0  
2



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY







*aria de Miradella.*

*710-76*

# O HOMEM SINGULAR

OU

# EMILIO NO MUNDO

POR AUGUSTO LAFONTAINE,

E

VERTIDO EM VULGAR POR \* \* \*

*241 pp.*



*Tempus Homini ac Prædare.*

COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1822.



*1822*



## O HOMEM SINGULAR

OU

## EMILIO NO MUNDO.

## CAPITULO I.

*O recém-nascido. O orphão.*

**P**retendo ser o mestre de meu filho, e não consentirei, que elle seja enfaxado, disse Burckard com muita firmeza, porém ao mesmo tempo com doçura.

Sim! mas, querido esposo, replicou Joanna com respeito, todo o mundo enfaxa as crianças. — Eis ahi o que vos engana: vede os Peruvianos, os Mexicanos, os Caraibas, os Hottentotes, os Mogores.

Que? meu amigo, sempre me has de fallar desses mofinos Pagãos? — Pagãos, como quizeres; mas he a saude, que eu contemplo.

Com effeito, o menino não foi enfaxado, apesar das repetidas instancias da mãe, e dos argumentos tirados *de consensu gentium*, isto he, da practica universal.

Não he possivel, dizia ella, segurar esta criança. — Pois bem, deixa-a; nunca se devem atormentar os animaesinhos. — Ah! Deos me livre de comparar o nosso filhinho a um cão!... mas, no primeiro anno, não ha grande differença.

Pois bem, replicou duramente Joanna lançando a faca, que tinha na mão, sobre a meza, onde jantavão: faze-o inteiramente anthropophago... Nada mais facil, tornou Burckard, pegando de uma espinha de peixe: não

tenho mais que furar-lhe os beiços com esta espinha, e farei d'elle um Caraiba.

Joanna levantou-se espavorida, e lançou-se nos braços de seu marido; este a tomou entre elles, sentou-a sobre os joelhos, apertou-a no seio, e lançou fóra a espinha.

Com tudo a criança não foi amarrada nas faxas, como queria sua mãe, que acabou por acostumar-se a isso, e se habituou igualmente a mil outras cousas, sobre que todo o mundo não tinha as mesmas ideias, que seu marido, á excepção de uma cincoentena de nações, que elle contava pelos dedos, quando tinha precisão de recorrer a exemplos.

Entre outras singularidades... Mas isso exige uma narração particular, que nós vamos appresentar a nossos leitores. Baste, por ora, saber, que a criança ficou sendo Christã, não obstante não ser enfaxada.

Burckard era um d'esses homens singulares, que o destino parece ter designado para preencher seus bons ou máos caprichos; elle havia nascido n'uma pequena cidade da baixa Saxonia. Os primeiros seis annos da sua vida nada tiverão de notavel, elle perdeu seu pai nessa epocha, e sua mãe o deixou crescer sem ter d'elle o mais pequeno cuidado. Como elle era das primeiras famílias daquelle sitio, destinou-se aos estudos, e seus parentes promettêrão encarregar-se da sua educação. Elle comia alternadamente em casa de sete d'entre elles durante a semana; e cada um lhe fornecia apenas os livros indispensaveis para a sua instrucção. Davão-lhe um vestido novo todos os annos; e em paga destes beneficios se lhe exigião sómente pequenos serviços nas casas, onde alternativamente passava a semana. Erão por exemplo, entre outros, alimpar sapatos, brincar com as crianças, voltar o espeto na cosinha, fazer recados, levar as cartas ao correio, etc., etc.

Luiz não perdia pois um minuto do seu tempo, fosse na eschola, fosse em casa de seus bemfazejos parentes.

Com tudo isso, a sua educação não era das mais brilhantes; em troco porém, elle tinha adquirido muitos talentos. Elle campava em fazer castellos de cartas, em cortar figuras de papel, e entendia soffrivelmente do manejo de easa, que exercia lesto, a fóra que por ir mais de pressa quebrava ás vezes os moveis. Conseguio alem disso uma qualidade moral, que lhe não foi inutil no decurso da sua vida; aprendeo a dissimular suas penas; a esconder debaixo de uma apparencia de fleugma ou sangue frio o fogo de uma alma enthusiastica ou indignada.

Grande disputa entre os chefes das sete familias. Os pais sustentavão, que nunca farião de Luiz cousa alguma que prestasse com semelhantes disposições. As mulheres sustentavão o contrario. Por fim, a mãe do Joven Burckard morreo. — Cumpria, que um dos sete parentes se encarregasse absolutamente do rapaz; as mulheres forão nisto do parecer de seus maridos, e concordarão em dizer, que era um vadío, um malfazejo, que era preciso pôl-o no hospital. Com tudo um de seus thios resolveo-se a tomar conta d'elle.

Até então nunca Burckard conhecêra o que era precisão; agora começou a sentir todo o azedume do soffrimento. Todas as suas complacencias não podião subtrahil-o a eternas reprehensões. Os máos tractos, que lhe fazião, lhe erão tanto mais dolorosos, quanto elle conhecia a sua innocencia e o seu pequeno merito; pois se esmerava em obedecer a sua thia com mais zelo e intelligencia, que seus proprios filhos; elle era o mais morigerado de toda a casa. Em tal situação facil era, que elle se voltasse para o mal, mas foi d'isso preservado pelo sentimento de uma natureza mais doce.

Um dia, em que fora injustamente punido por uma falta, que não commettêra, entrou n'um quarto: ali este rapaz de oito annos começou a fechar o punho, a ranger os dentes, e se entregava a todo o excesso da raiva. Bem de pressa se acalmou o seu furor e deu lugar a uma torrente de lagrimas; levantou para o ceo seus olhos azues,

cheios de expressão, e exclamou com o accentó da mais íntima dor: Ah! minha mãi, onde estás? Que desgraçado filho sou eu!

Cuidava elle estar só; mas tinha por testemunha Josephina, a filha mais velha da casa, de idade quasi de vinte annos. Ella estava escondida n'um canto do quarto, e observava com inquietação. As palavras do rapaz, suas lagrimas tocantes a enternecerão; sahio do seu esconderijo, tomou-o nos braços, beijou-o cordialmente, e desde esse instante se declarou sua protectora.

Desde esse dia afortunado, o pequeno Luiz amou Josephina, e a considerou como seu anjo tutelar. Este rapaz, que era olhado, como um estúpido e incapaz de sentimento, não deixava escapar oportunidade alguma de mostrar á sua bemfeitora a viva affeição, que lhe tinha. Os mais crueis tractos, os castigos mais barbaros e menos merecidos nunca poderão dar a Luiz idéa de fugir de casa, porque Josephina ali respirava.

Todavia seu character se tornou sombrio e melancólico; seus olhos sumidos e carregados se escondião debaixo de espessas sobrancelhas; rugas prematuras sulcavão já sua joven fronte; mas um olhar, um sorriso de Josephina fazião desaparecer esta severidade; e a frescura e as graças da infancia reapparecião logo em seu rosto.

Desgraçadamente não se pôde ser sempre donzella, e Josephina achou um marido. Sua separação de Luiz foi tocante; ella o exhortou a soffrer com resignação a dureza de seus parentes; mas accrescentou ella, quando aqui te dês muito mal, vem para minha casa. Nisto, deu-lhe um papel dobrado, em que havia embrulhado dous escudos. As lagrimas inchavão os olhos de Luiz, quando Josephina entrou na carruagem; elle foi para o jardim, e ali se entregou á sua dor; vio com lagrimas de alegria os dous escudos, não porque fosse dinheiro, mas por que era um presente de Josephina.

Depois da partida de Josephina, mil vezes intentou Luiz trocar os dous escudos, e esteve a ponto de o fazer;

mas nunca teve o valor de se desfazer deste precioso penhor de ternura da sua boa amiga. Nesta vida inquieta e agitada, chegou a idade de quatorze annos. Sua sorte empeorava todos os dias. Era victima sem cessar de insupportaveis aperreamentos. Em fim, recordando-se das ultimas palavras de Josephina, foi um dia buscar os dous escudos ao lugar, onde os havia guardado, tomou duas camisas e alguma roupa mais, e apenas se vio fóra de casa, e de caminho para o sitio, onde habitava Josephina, sentio-se transportado de alegria, como um preso, escapado da sua prisão. Marchou com pressa, e ao cahir da noute chegou a uma aldêa. Suas forças exhaustas não lhe permittião continuar por diante a sua viagem. Parou n'uma estalagem, que estava na estrada Real, e n'ella entrando com timidez, se vio n'um embaraço nunca até ali experimentado. Por fim o estalajadeiro lhe perguntou o que queria, e o pequeno Luiz com uma voz baixa, pedio de cear e pousada... e fallando assim, mostrava o seu dinheiro; mas sobre o coração parecia pesar-lhe o que quer que era. Elle quizera dar um de seus escudos, mas sómente em deposito; esperando resgatal-o no fim de alguns dias.

Um estrangeiro, que estava na estalagem, perguntou ao rapaz, porque fazia elle caso tamanho daquelle escudo. O mancebo lhe contou em poucas palavras a sua historia, e fallou com enthusiasmo de Josephina; lagrimas de ternura lhe escaparão dos olhos. O estrangeiro prometteo pagar por Luiz, fel-o cear consigo, e cuidou em que lhe dêssem uma cama acçada e commoda.

No outro dia pela manhãa fez almoçar Luiz, tomou-o na sua carruagem e o conduzio á villa proxima, onde elle mesmo tinha que fazer. Levou-o até a porta de Josephina. O moço Burckard se precipitou na casa, informou-se com anciedade de sua prima, e ouviu com grande assombro seu, que ella se havia ausentado com seu marido. Elle se achou n'uma horrivel perplexidade; sahio da casa sem saber onde fosse. Passeou nas ruas reflectindo

no que faria ; pranteou , gemeo , até que de uma janella ouviu que o chamava o generoso estrangeiro , que o havia trazido . Ah ! ah ! gritou este sorrindo-se , a tua Josephina não existe , he um conto , que tu me armaste . Entra , deixa-me fallar-te . Luiz entrou machinalmente , apresentou-se diante do estrangeiro , e não fez senão debulhar-se em lagrimas . Ella já não vive aqui , disse elle com amargura , e abanando tristemente a cabeça . — Pois bem , que ha de ser de ti agora ? Lagrimas de nada servem . . . vamos ; mais coragem . Vejamos ambos o partido , que tens que tomar . Luiz enxugou as lagrimas , e fitou os olhos em seu bémfeitor com ar , que parecião dizer : *eu não tenho outra esperança senão em vós* .

Escuta , disse o desconhecido ; queres tu ficar comigo ? Luiz olhou para elle sem responder , mas todo alegre da proposta . O estrangeiro fez-lhe perguntas mais precisas sobre a sua familia , sobre o que elle sabia fazer , quasi como o bom *Yorick* fez com *Lasfleur* . Luiz tomou promptamente posse do seu novo domicilio , e do pequeno quarto , que lhe era destinado , e ali poz o chapeo e roupa , que trazia nas algibeiras . Seu protector lhe deu algumas ordens , e o fez jantar comsigo . Tomou-o depois na sua carruagem . Passarão diante da casa de Josephina , Luiz mostrou esta casa a seu novo amo , e disse tristemente : *Eu não tornarei mais a vê-la !* Não he com tudo impossivel , respondeo o primeiro ; e as lagrimas de Luiz corrêrão copiosamente .

---

## C A P I T U L O II.

### *A Casa de Commercio.*

**P**Assados alguns dias chegarão a Hamburgo . O estrangeiro era guarda-livros n'uma grande casa de commercio ; era homem de probidade , mas de humor hypochondriaco .

Quando não viajava, sempre estava encerrado no seu quarto, ou no escriptorio. Elle ensinou a Luiz o arranjo dos livros, e folgou de ver a sua intelligencia e applicação: por toda a parte o levava comsigo; e em vez de seu domestico, como ao principio intentava, o promoveo ao lugar de secretario.

Luiz se instruiu a fundo no manejo dos livros e no commercio. Posto que não tivesse lugar permanente em casa de negociante, tinha com tudo adquirido nesta parte mais conhecimentos, que outros caixeiros, que tinham por annos experimentado a poeira do escriptorio, ou frequentado assiduamente a praça de commercio.

Quando Luiz chegou á idade de 17 annos, seu protector o poz em casa do negociante, por conta do qual viajava. Elle passava dias inteiros no escriptorio, cobrava e pagava as letras de cambio, fazia a correspondencia, e de tempo em tempo hia ver o seu primeiro e sincero amigo. Em quanto Burckard preenchia assim seus deveres, seus camaradas fazião partidas de recreio. Por varias vezes o filho da casa se lhe dirigio, para conseguir, por sua via, algum dinheiro, mas Luiz dizia sempre: eu fallarei a meu superior; eu lhe perguntarei por que titulo deveis obter este dinheiro.

Entretanto o filho e a filha da casa estavam de intelligencia com outro guarda-livros. Luiz descobrio os estratagemas, que elles de concerto empregavão, para roubar a companhia. Foi ter com Mr. Bornheim (o negociante) e disse-lhe: — « Senhor, vosso filho vos engana. » Pelas contas, que lhe deu, examinarão o caso, e o caixeiro infiel foi despedido. Esta denuncia attrahio ao mancebo o odio da mulher, do filho, da filha, dos criados e dos outros caixeiros. Elle não pôde resistir aos dissabores, que lhe procuravão. Foi fallar com Bornheim, e disse-lhe: « Eu não quero perturbar o repouso da vossa casa; he necessario sacrificar-me. Permitti que eu me retire, e tende a bondade de me dar cartas de recommendação para outra casa. »

B

Meu caro Burckard, exclamou o negociante, sem razão vos desgostae. Logo chamando sua mulher; minha cara amiga, disse elle, véla um pouco mais sobre teus filhos, elles fazem por desgostar este mancebo. Se as suas desordens não tem um termo, desde hoje, mandarei o nosso doudivanes para Amsterdão, para casa de meu cunhado, e a rapariga irá para o campo, para casa de sua thia. Tomai isto, como uma letra de cambio; findo o praso, nada de espera.

Burckard voltou para o escriptorio, mas dirigirão contra elle novas baterias. Não podendo corrompel-o, excitirão contra elle novas e repetidas perseguições. Queixou-se de novo, e o negociante quiz pôr em practica o que elle chamava a sua letra de cambio; mas Burckard se interpoz. Caro Senhor Bornheim, disse elle, deixai-me partir; eu não poderia ficar em vossa casa, depois de ter causado a desesperação de vossos filhos, instou tanto, que Bornheim accitou a sua demissão.

Luiz procurou o seu primeiro amigo, que o poz em casa de um velho negociante. Burckard foi por tres annos o favorito do velho; mas tornou a grangear novos inimigos pela sua inflexivel probidade. Procurarão-lhe mil dissabores, vio-se outra vez obrigado a despedir-se. O negociante fez vãos esforços para o reter; mas achou um expediente para não se apartar de todo deste mancebo, que tanto estimava. Fel-o seu caixeiro viajante.

Debaixo desta nova qualidade, Burckard correu successivamente a Hollanda, a Inglaterra, a França e a Hespanha; e, graças á sua actividade e assiduidéz incansaveis, servio tambem os interesses de seu amo, que este lhe provou o seu reconhecimento por toda a especie de beneficios. Continuamente lhe estava em marcha, e visitava todas as casas do commercio; fallava todas as línguas da Europa, e observava, sobre tudo, os homens. O resultado das suas observações foi, que o homem he por toda a parte o mesmo. Fez favores a milhares de individuos, arrancou desgraçados aos horrores da despe-

ração ; impedio muitas quebras ; e quasi sempre experimentou a sorte ordinaria dos homens bemfeitores : teve a desgraça de haver soccorrido ingratos. Elle se tinha feito misanthropo , sem nada ter perdido da sua sensibilidade. He preciso fazer o bem pelo amor do bem , dizia elle , porque os homens não merecem , que d'elles se cuide.

Não obstante haver-se conduzido com probidade ; elle tinha junto uma fortuna tão consideravel , que podia fazer o commercio por sua conta , mas não quiz separar-se de seu patrão , e fez sociedade com elle. Continuou a correr o mundo , tanto por seus negócios , como por satisfazer a sua inclinação. Considerava-se igualmente bem na Batavia , como em Vera Cruz , ou no Grão Cairo. A' força de ver diferentes povos , elle não pertencia a paiz algum. Não parava em qualquer parte tempo bastante para se tornar Europeo , Americano , ou Asia-tico ; tinha vivido entre Infieis e Christãos , e tinha achado entre uns e outros muitos velhacos e poucos homens de bem. Isso lhe havia dado um character bastante escabroso ; tinha adoptado mil singularidades ; mas todas ellas tinham um fim racional , tanto , que os mesmos , que o contradizião , acabavão por concordar com elle. Pouco , ou nada se importava com o sentimento da multidão. A razão , dizia elle , está dispersa em fragmentos por toda a terra. Cada povo tem seu tanto ou quanto. Cumpre ao homem sensato reunir estes elementos dispersos.

Na idade de quarenta annos , Burckard se achava senhor de uma fortuna immensa. Seu sócio morreu ; e elle assentou de acabar com as suas viagens. Renunciou por tanto o commercio , e resolveo-se a viver pacificamente em Hamburgó. Conservava na sua bolça , como cousa preciosa , os dous escudos de Josephina ; olhava-os muitas vezes sem se lembrar precisamente da sua boa amiga. Um dia a sua vista o tocou mais que de ordinario : chamou um criado ; mandou pôr a carruagem , tornou consigo uma boa somma de dinheiro , já em especie , já em letras , e partio para o lugar , onde habi-

tava Josephina. Chegou áquelle lugar depois de alguns dias de viagem. Inquirio o que era feito della, disserão-lhe que seu marido tinha fallido, e morrêra de pezares; que Josephina tinha voltado para o seu paiz natal, onde vivia em miseria. — Tanto melhor, disse elle; e mudando de cavallos, chegou no mesmo dia á villa d'Elberg, onde havia tão duramente passado a sua infancia.

---

### C A P I T U L O III.

#### *O Casamento de Improviso.*

**L**Ogo que chegou á entrada da villa, apeou-se da carruagem, ordenou ao cocheiro, que a levasse para uma estalagem, que lhe designou, e poz-se a caminho para a morada de Josephina. Seu coração se dilatava, lagrimas de alegria lhe inundavão os olhos, quando reconheceo os lugares, que o virão nascer. Entrou na casa, carregou o chapeo sobre a testa, e subio machinalmente a escada. Reconheceo a porta do quarto, onde sua mãe habitára: tocou a campainha, e sentio uma alegria pura ao seu tinnido. Cuidou ouvir a voz de uma antiga amiga. Tocou segunda vez: abriu-se a porta; uma joven donzella lhe perguntou quem era. He de paz, respondeo Burckard, como se ella o conhecesse, e entrou rapidamente no quarto; vio uma mulher alta e assaz fresca para a sua idade, que parecia ser a mãe da donzella. Estava sentada a uma meza, em que havia mui poucas iguarias. Esta mulher se levantou com surpresa. Perdoai, Senhora, disse Burckard, se entro aqui francamente e sem cerimonia; mas quero tanto a este quarto! . . . Nisto lançava á roda de si um expressivo olhar. Reconheceo o tapete, as janellas, os moveis, a alcôva: a alegria brilhava em seu rosto. Eisaqui onde eu estava ordinariamente, dizia elle, pondo-se no vão de uma janella. Eisaqui a mesa, de que eu quebrei o pé. . . .

As duas damas estavam immoveis de assombro, e olhavam uma para a outra sem dizer uma palavra. Boa mãe, replicou Burckard, a minha conducta vos parece singular, mas ainda vou pedir-vos uma cousa, que esperaes ainda menos. Permitti-me, que ceie aqui esta noite. Este será o meu lugar. Dizendo isto se assentou entre a mãe e a filha; que começavam a assustar-se. Quem sois vós, perguntou agonizada a primeira. — Nasci nesta casa; meu nome não vos deve ser desconhecido... Chamo-me Burckard. — Ah! sereis vós o pequeno Luiz! — Ah! sim, eu sou, nem mais nem menos, como vós dizeis, o pequeno Luiz. D'onde me conheceis vós? Bom Deos! pois já não vos lembraes de mim, meu primo? Eu sou Josephina Walken. — Josephina! exclamou Burckard, com os olhos scintillando de alegria. Es tu, que foste tão boa para mim, que me déste estes dous escudos!... Olha, cil-os aqui os dous escudos, ainda os conservo... Ah! louvado seja Deos! He esta tua filha! Sim, graças a Deos!

Nenhum dos interlocutores podia mais fallar. Burckard apertava entre os braços as duas mulheres. Acalmados os primeiros transportes; eu sei, disse Burckard, que vós sois boa, mas vós ides ser rica. Escutai: he raro encontrarem-se as pessoas, que se amão; e eu vos amo com todas as veras. Pois bem, minha prima, sêde minha esposa.

Josephina ria, julgando que seu primo tinha perdido a cabeça. — Como! Replicou Burckard, julgaes vós que eu deliro? Accenda para nós o reconhecimento a tocha do hymeneo! Não, meu primo, eu jurei uma eterna viuvez a meu defunto marido. — E que importa essa jura a um punhado de terra? Nada, he verdade, mas vêde como a vossa proposição fez rir minha filha! Eu sou já uma mulher velha...

Pois bem: façamos um arranjo. Dai-me vossa filha, se todavia ella me quizer. A joven donzella cõrou. Mas, meu primo, disse a mãe, vós não conheceis Joanna? —

Apprenderei a conhecê-la, quando ella for minha mulher. Com tão boa mãe, ella não poderá ser má. — Eu da minha parte não me opponho, mas...

Escutai, Joanna, interrompeo Burckard, eu sou um homem de bem, homem de probidade, não quero mal a ninguem, nem mesmo ao meu inimigo. Tenho boa saude; olhai para mim, vêde a minha figura, e fezei as vossas reflexões.

Joanna lançou em seu primo uma furtiva olhadella. Eu tenho, continuou elle, fortuna além do preciso: eis aqui o ponto essencial; o resto he bagatella. Quereis vós ser minha mulher? Joanna calou-se. — Vamos, que demora! Sim, ou não? será preciso que espere ainda! Sim, he preciso esperar, disse balbuciando a pobre rapariga. — Por minha vida, isso he dar-me muita anciedade. Sentou-se então ao lado della, e continuou nestes termos.

Que quereis vós, que eu espere? Que eu tenha mais juizo: não acontecerá isso em quatro semanas. O tempo não me dará nem mais saude, nem mais belleza, nem mais mocidade. Para que he então esta demora? Tens tu acaso um amante? Dize-me. Eu te dou um dote de dez mil escudos. Casarei nesse caso com tua mãe. Eis a minha ultima palavra. Quero absolutamente uma das duas. Tens tu um amante? — Não, de certo. — Pois bem, então...

Mas, meu caro primo, disse a viuva, he preciso reflectir, pelo menos quinze dias. — Não terei de certo essa paciencia. Os Iroquezes, os Peruvianos, os Brasi-  
lianos e mil outros povos d'Africa e d'America terião já, depois que fallámos, celebrado esponsaes, nupcias e o mais que se segue, e eu não tenho podido ainda obter o vosso consentimento. Entre esses felizes povos apresentase uma pyra á joven amante; ella assopra, e os esposos se unem. Avia-te, Joanna, sê racionavel. Queres-me? Joanna hesitou, consultou os olhos de sua mãe, e pronun-  
ciou a final o *sim* approvador.

Burckard procurou vagarosamente alguma cousa na sua bolça, e a mãe e a filha esperavão ver sair alguma raridade, ou algum diamante; mas elle só tirou um dos pequenos escudos, e o deu a Joanna, dizendo: Toma, minha pequena esposa; reparto comtigo do que tenho mais precioso no mundo: Cerrou em seus braços Joanna e Josephina, e lhes disse: A Deos! amanhã fallaremos mais de vagar. Boas tardes. Foi-se, e deixou-as com a boca aberta, como se tivessem visto um phantasma apparecer e fugir no mesmo instante.

Burckard foi direito á estalagem, e perguntou ao patrão se havia na villa alguma boa casa para vender. Este lhe respondeo, que havia uma casa de campo, situada nos arrabaldes, e no lugar mais agradável. No outro dia de manhã foi vê-la, comprou o que erão bens de raiz, e pagou logo, sem reparar n'algumas centenas mais, ou menos de escudos, pois queria a compra feita depressa. Antes das seis horas tinha já procurado moveis, e estava de posse da sua nova habitação. Foi logo a casa do Ministro Protestante, e disse-lhe sem mais comprimento: Senhor Ministro, eu sou dono de tal propriedade, e por consequente o senhor da vossa parochia. Quero casar-me hoje, custe o que custar. O Ministro fez algumas objecções, que Burckard facilmente desfez com argumentos de peso; e logo que teve o Ministro propicio a seus votos, tornou a montar na sua carruagem; foi procurar a mãe e a filha, e as conduzio fóra da casa, dizendo — Prestes; vinde, minhas filhas. Fel-as montar na carruagem, antes que tivessem tido tempo de reflectir. Joanna, que se havia enfeitado um tanto á espera da visita de seu futuro, olhou para sua mãe, e perguntou a Burckard: — Onde vamos nós? Accommodai-vos minhas boas amigas, respondeo Burckard. Chegados que forão a casa, elle as introduzio em uma sala soberba, onde o Ministro estava já paramentado.

Burckard tomou a mão de Joanna; e a levou diante do Sacerdote. Este pronunciou as formulas ordinarias

Burckard proferio o *sim* ; Joanna fez o mesmo, sem attender ao que fazia. O Ministro fez uma profunda reverencia, e lavrou o termo do matrimonio.

Burckard abraçou Joanna, e disse á mãe, que estava como estupefacta, ah! *sim* minha boa mãe, de que serviria esperar mais tempo? — Mas, meu caro amigo, que dirá o mundo. Temos muito tempo para pensar nisso. . . .

---

## CAPITULO IV.

*Falatorio. Acontecimento, que o motivou.*

**J**osephina com tudo não podia levar á paciencia, que sua filha casasse sem *chapeo* (\*). O Sacerdote mesmo estava abalado pelos escrupulos da mãe. Burckard lhe contou com ar grave os ritos nupciaes dos diversos povos do globo. Derão dez horas, o Ministro foi-se. Burckard conduzio Josephina ao seu quarto: Boa noite, minha mãe, disse elle ; abraçou-a, assim como Joanna, e retirou-se com esta.

No outro dia de manhã, a mãe disse a sua filha, que toda a noite pensára no que diria o mundo. Joanna, mais de meia convertida, respondeo, que isso importava pouco. Burckard encantado a apertou nos braços, e disse : oh, ninguém se deve embarçar com o que diz o publico.

Em tanto Josephina e sua filha não sabião ainda bem onde estavão ; Burckard lhes declarou, que estes bens lhe pertencião. Josephina não cabia em si de contente em saber que estava nas terras de seu genro, e que sua filha era a Senhora do Lugar e de algumas centenas de paizanos, mas a sua alegria era contrabalançada pelo pesar

---

(\*) Ou ramallete de flores cor de laranja, que levão as noivas, quando casão.

de não ter ostentado em nupcias sumptuosas as riquezas immensas do esposo de Joanna. Consolava-se porém na esperança, que elle daria uma festa, ao menos á sua familia; mas nunca o pôde resolver a isso: elle foi surdo a todos os seus rogos, e exhortações. Debalde argumentava ella com o uso; esse uso he máo, respondia seccamente Burckard.

Todas as vezes que um carro trazia novos moveis, novas decorações (pois Burckard não era inimigo do luxo, que olhava com estímulo das artes e industria) ella lhe dizia: Mas, meu filho, para que he tudo isto? Nós não temos visitas! Burckard respondia — He para vós, para Joanna, para mim, e para todos aquelles, que vierem vêr-nos. E quem erão as pessoas, que os vinhão vêr? Erão simplesmente o Ministro, e o Balio do lugar.

Burckard não obstante havia visitado alguns dos seus parentes, e de sua mulher; mas uns se tinhão scandalizado de não terem sido convidados ás bodas; outros vião com máos olhos um homem, que vinha a sua casa sem cerimonia, de botas, e sobré-casaca; que se assentava sem lho dizerem; e se ía embora sem rogar muito, que o fossem vêr. Chamavão-lhe por isso um rustico, sem maneiras, sem principios, e sem educação.

Todavia o seu modo franco e sem reholho tinha inspirado desejos de o conhecerem de mais perto, e verem o interior de sua casa. O *Burgmestre* da villa (o maioral) não pôde resistir ás instancias de sua mulher e filha, e decidio-se a ir visital-o de carruagem n'uma bella manhã. Tanto a mãe, como a filha se enfeitárão, como se fosse para um noivado; o marido levava o seu vestido de grande gala; chegarão com esta pompa a casa de Burckard, e o achárão occupado em dirigir um soberbo jogo de bola, que mandava fazer. Elle immediatamente os appresentou á sua familia sem tirar seu vestido de trabalho, e sem dar tempo a sua esposa e sogra de irem um pouco mais ataviar-se. Sua primeira e quasi unica

conversação versou ácerca do bello tempo, dos encantos da estação risonha, e das delicias do campo.

Servio-se o jantar ao Senhor Burgmestre, e á sua familia, mas não se admirarão pouco do luxo e singularidade, que promiscuamente apercebião.

De volta para casa, não deixarão de criticar Burckard de o tratar de louco, e de original, que não sabia o que era ter casa, e que lançava o seu dinheiro pela janella fóra.

Não era pór que Burckard não achasse facilmente os meios de fazer calar os linguareiros ácerca de sua familia, pois dava lindos presentes ás mulheres, convidava muitas vezes os maridos a virem beber o seu vinho de Tokai, e comer os seus presuntos de Westphalia; mas aconteceu um pequeno caso, que não podemos aqui deixar de referir primeiro, porque fez por não menos de tres semanas o objecto de todas as conversações; além disso, por que está ligado com o sequito desta historia.

Burckard tinha pór mui proxima vizinha uma rica viuva, cuja casa de campo era contigua á sua Madama Seeburg (este era o seu nome), tinha uma filha mui bella, que desapareceo de repente. A suspeita do rapto caio sobre um joven *petimetre*, que se havia introduzido na casa, e no coração da menina. Madama Seeburg desolada foi ter com seu vizinho Burckard, e lhe rogou, que mandasse um dos seus criados a cavallo, no alcance do roubador de sua filha. Burckard se prestou de boa mente; e o criado voltou para dizer, que elles tinhão tomado a posta, e o caminho de Hamburgo. Burckard tinha justamente que fazer naquella Cidade. Tomou a posta, matcouh noite e dia, e chegou alli quasi ao mesmo tempo, que os fugitivos. Tirou informações, e soube por um dos seus innumeraveis conhecidos, que a rapariga estava com o seu seductor, sem ella o saber, n'uma casa de prostituição. Burckard pediu o auxilio de um official de justiça, transportou-se ao lugar indicado, encontrou a donzella escondida n'um arma-

rio, fêl-a entrar na carruagem, e a reconduzio promptamente ao seu domicilio.

A pobre rapariga debulhava-se em lagrimas, queixava-se, que a querião arrancar a seu amante; sem saber, em que casa a tinha posto o seu roubador; e provavelmente vendido. Então, Senhora, lhe disse Burckard na carruagem, tendes chorado bastante! acaba-reis por accommodar-vos! A donzella Seeburg nada respondeo, e chorou ainda mais fortemente. Escutai, disse elle, sinto muito ter obrado contra a vossa vontade; mas o máo lugar, donde vos tirei, he um dos mais infames da Cidade; como sois mui linda, podeis figurar n'outro de melhor genero. Estas breves palavras, ditas com fel e ironia, forão um raio de luz para a moça Seeburg. Seccarão-se-lhe as lagrimas, e córou de repente. Comõ! exclamou ella, um máo lugar!

Burckard lho provou sem replica, mostrando-lhe a ordem, que levava. A joven Seeburg se recordou então de algumas palavras mysteriosas, a que ao principio não pôde dar algum sentido; e reconhecendo agora até que ponto havia sido ultrajada, consentio em voltar para casa de sua mãe, debaixo da promessa, que Burckard lhe fez de guardar o mais inviolavel segredo. Mas em terras pequenas tudo se sabe: pôr toda a parte se contava o que se havia passado; e a malignidade achou ainda ornatos e variações, que adicionar-lhe. Burckard julgou poder dissipar estes rumores, levando frequentemente na carruagem com sua mulher a joven Seeburg; mas deo por isso mesmo novo alimento á calumnia. Burckard, dizião, favoreceo de baixo de capa a fuga da rapariga, fêl-a conduzir a um lugar de infamia, e não teve depois difficuldade de a fazer sua maneeba. Acrescentavão, que a tonta de sua mulher não tinha sagacidade para perceber esta intriga, e que era escandaloso ir a uma casa, em que uma prostituta, uma meretriz era recebida com amisade.

Josephina Walkers, a quem chegarão este rumores, ficou consternada. Determinou reprehender severamente seu genro, e sua filha. Burckard sentio-se de suas reprehensões, e disse: — Leve o diabo os homens, que não podem soffrer, que se arranque á infamia uma rapariga honesta, e se busquem os meios de conservar a sua reputação! Os detractores, vendo que Burckard não fazia caso de seus insultos, se irritarão redobrando o furor. Burckard embrulhou vinte moedas de ouro em uma nota escripta de sua mão ao parochy da freguezia, rogando-lhe, que a lêsse ao sermão. Este recusou no principio, mas a recompensa offerida por tão pequeno serviço o seduzio, e lêo depois da predica o bilhete, concebido no teor seguinte, « Um proprietario, que assiste » perto da villa, roga a Deos, que lhe dê paciencia para » soffrer em paz as calumnias, com que não cessa de » ataca-lo uma multidão de loucos e de insensatos. »

Escutou-se o aviso, e prestou-se-lhe attenção, como se não fosse assaz percebido. Alguns dos ouvintes, dotados de mais intelligencia, que seus visinhos, referirão logo este singular aviso á sua verdadeira nascente. Cochichou-se o nome de Burckard, e por pouco se não quebrou o respeito devido ao lugar com grandes risadas. Este elevado procedimento não deixou inteiramente de acalmar por alguns dias os maldizentes, e os calumniadores; mas o que servio a Burckard melhor, que todos os seus esforços, foi, que a malignidade não tardou muito em mudar de objecto, e deixal-o provisoriamente tranquillo, até achar outra occasião de se assignalar contra elle. Burckard vivia entretanto retirado, e apenas visitava Madama Seeburg, que na effusão de seu reconhecimento se comprazia em chamar-lhe *o melhor dos homens.*

## CAPITULO V.

*Educação, segundo o systema de J. J. Rousseau.*

**N**este meio tempo, Joanna lhe deu um filho; elle o recebeu nos braços, banhou-o com lagrimas de alegria, e disse estas palavras notaveis: » Eu me comprometto, oh meu filho, em fazer-te conhecer a verdadeira felicidade, e em educar-te naquella simplicidade primitiva da natureza, alterada por nossas instituições sociaes, e — loucura. »

Deu, por esta occasião, uma festa aos habitantes do lugar, e enviou algumas centenas de escudos ao mestre-eschola da Cidade, que era seu amigo, encarregando-o de distribuir esse dinheiro por familias pobres, e industriosas.

Mas quando se fará, meu genro, o baptismo de teu filho, disse um dia Josephina? Qual baptismo! Bom Deos! espero que faças baptizar vosso filho! Mas ha muito tempo que isso está já feito.

Ferida de assombro, Josephina ficou immovel, e com a boca aberta. — Acaso, replicou Burkard, he preciso muita cerimonia para fazer um Christão? Uma hora depois do nascimento de Luiz eu o fiz baptizar: O Ministro tinha já a agoa prompta, e vós e eu fomos o padrinho, e a madrinha. — Já vos não lembraes? Tomai, lêde o assento do baptismo.

Josephina leo com surpresa este acto, que estava em boa fórma; deo um profundo suspiro e calou-se. — A cerimonia, com effeito, tinha durado tão pouco, que apenas Josephina tinha dado fé d'ella, e custava-lhe a crer que isso fosse um baptismo.

Foi por esse tempo, que se passou a scena descripta no começo desta historia, e que era uma sequencia do

plano de Burckard. Elle havia reflectido muitas vezes na educação de seu filho. O que se chama, dizia elle, uso, civilidade, costumes, saber viver, são absurdos, que só tendem a fazer os homens máos, e insensatos, e enchem de amargura a pouca felicidade, que o Creador lhes deo por herança. Para ser feliz aqui embaixo, he preciso: 1. De que viver, e uma boa saude: 2. Uma casa: 3. Ser vestido: 4. Uma mulher: 5. Um amigo: 6. Em fim a paz do coração. Nada mais reconheço acima d'isto.

Escreveo logo na sua carteira as seis condições, que, segundo elle, bastavão para fazer a vida agradável. Reflectio depois nos meios da execução. Uma boa saude, continuou elle, todos os selvagens a tem. Eu não quero fazer de meu filho um selvagem no meio da sociedade; mas eu o approximarei o mais que for possivel ao estado da natureza. Quanto ao resto, sou seu pai, cumpre-me o cuidar d'isso.

Logo que traçou o seu plano de educação, cuidou com desvelo em realizal-o; não sem grandes contrariedades da parte de sua mulher, e sogra, que começavão a crer, como toda a gente, que elle tinha enlouquecido. Um dia foi elle buscar a criança ao berço, e a poz sobre uma simples esteira. Ah! Meu Deos! onde está a criança? disse a avó, que justamente entrava para lhe provar uma touca de veludo, que lhe havia feito, porque nessa epocha elle já começava a andar; onde está Luiz? e olhando á roda, o avistou n'um canto da sala, estendido quasi nu sobre a esteira, e dormindo n'um profundo somno. Não concebeo, que isto se fizesse de proposito; mas quando Burckard lhe explicou seu arranjamto, a sogra lhe disse mui seccamente, que elle nada entendia disso, que *todo o mundo* punha as crianças em camas de pennas, que era preciso tel-as agasalhadas, e ter-lhes a cabeça coberta com barrete, ou fencinho, para as livras do vento. Burckard lhe replicou com seus argumentos ordinarios, citando-lhe, pelo

menos duzentas nações, tanto d'Africa e das duas Indias, como da nova Hollanda, que assim o praticavão em climas mesmo os mais frios; e entre esses Póvos se achavão os homens mais bellos, e mais vigorosos. Madama Walkers, que tomava os nomes desses Póvos como blasfemias se benzeu, e expressou a seu genro quanto era impia a sua conducta. Joanna chegou durante esta querela, e poz-se da parte de sua mãe. Burckard fez valer os direitos, que a paternidade lhe dava. As mulheres reclamavão em seu favor os direitos concedidos ás dores do parto. Suas representações forão inuteis. Burckard não era homem, que cedesse; tocou a campainha e ordenou a um criado, que fizesse pôr os cavallos na carruagem. Depois tomando a criança em seus braços. — Escutai-me, disse com energia, ou o menino ha de ser criado segundo os principios da razão, isto he ao meu modo, ou desde já o conduz para Hamburgo, e de lá m'embarco para a America, onde o criarei no puro estado da natureza. Vêde e reflecti.

As duas mulheres vendo, que elle era capaz de cumprir a sua palavra, não mais se oppozerão. Pois bem, seja assim, meu marido, disse Joanna, uma vez que isso não faça mal ao menino.

Consequentemente Burckard revocou as ordens, que havia dado, e repoz triumphante o pequeno Luiz sobre a esteira. Seguiu á risca as suas idéas, e pouco a pouco se acostumarão a ellas as duas damas. Fazião andar o pequeno sem andadeiras sobre um tapete estendido no jardim, e depois sobre a relva. Luiz medrava á vista d'olhos; seus pequenos membros se desenvolvião sem constrangimento; era izento das molestias ordinarias da sua idade; quasi nunca chorava, e livremente brincava com tudo, que achava á mão.

Para ensinal-o a andar, Burckard rolava pelo chão uma bola de pão; o menino corria com as mãos por terra; o pai recoava o alvo; o pequeno Luiz redobrava a velocidade, endireitava-se algumas vezes sobre as per-

nas, e deixava-se cair, sem com tudo prejudicar-se. Eis a ordem da natureza, dizia Burckard contentissimo: o homem deve engainhar primeiro, e depois andar. A ninguem era permittido ajudal-o; e as mulheres erão padecentes ás vezes pelos seus esforços. Joanna todavia estava meia convencida. Vê, mulher, não está elle mais adiantado, que pelo methodo ordinario? Walkers respondia tristemente — Pobre criança! tem bem trabalho para andar.

Burckard criava seu filho com escrupulosa frugalidade, e não consentia, que lhe dessem golodice alguma. Para prevenir qualquer fraude a este respeito, ordenou, que não viessem massas á mesa; e despedio duramente o cosinheiro, por ter feito um pastel ás escondidas. Pão, legumes, agua; um vestido de linho no verão; um de lã no inverno; nada de meias, nem sapatos, mas pantalonas largas; eis-aqui o sustento, e vestidos do pequeno.

Chegado aos seis annos, Burckard o levou ao jardim, e o conduzio a um lugar separado do resto por uma sebe. Luiz, disse elle, isto he teu; podes fazer d'elle o que quizeres. Eis-aqui canteiros de ervilhas, de feijões, de saladá, de couves, e toda a especie de legumes para teu sustento. As arvores dão todas fructo; os vallados são de corinthos, e framboezas; tudo isto he teu. Luiz bateo as mãos, e saltou de alegria. Papa, disse elle, os morangos darão flôr hem depressa, serão tambem meus? Sim meu filho, já te disse, que tudo o que aqui está, te pertence; mas isso não basta, he preciso que o homem trabalhe. Se não mettemos ervilhas debaixo do chão, ellas não nascem. Percebes? Sim, tenho visto fazer isso ao jardineiro; fez primeiramente um boraco na terra, metteo-lhe um feijão, que rebentou e cresceo. — Pois bem, os que querem colher, devem começar por semear. — Sim, papa. — Cres tu que tens mãos assaz fortes para trabalhar? Luiz olhou para as mãos, e disse que sim. — Muito bem! Se queres pois comer, he preciso, que trabalhes. Aqui tens ferramenta.

Burckard mostrou a seu filho, como se havia de servir daquelles utensís, que de proposito fez construir para elle. Mas, papá, quando eu não souber? Vai ao jardineiro, que te ensine; eisaqui a chave do teu jardim, para que o possas fechar. Foi-se o pai; o rapaz correo todos os cantos da sua pequena propriedade, mas não pôde achar fructo algum, pois que as arvores estavam apenas em flor.

Tudo foi muito bem nos primeiros dias; não deixou ficar ruins ervas; mas logo se descuidou. Regava muito, ou muito pouco: as plantas parasitas suffocarão as uteis. Um dia, disse Burckard a Luiz; ainda não tens ervilhas? Perdoai, papá, tenho algumas. — Pois faze-as cozer. — Luiz foi buscar um lenço cheio dellas, e fez-se um prato.

Ao jantar trouxerão a Luiz o producto do seu jardim, o pai provou, e disse: Que vergonha! as tuas ervilhas são pequenas, e de má qualidade. — Pois bem, papá, á manhã colherei das tuas. — Isso não, fiz cultural-as este anno só para tua mãe, para tua avó, para mim e para os criados. He preciso que te sustentess do teu jardim; eu bem te disse, que se te descuidasses, não terias ervilhas. No dia seguinte foi Luiz á sordina ao jardim, e encheo um guardanapo de ervilhas. O jardineiro o apanhou no sufragante, e disse: Pilhei-te, ladrãosinho. Sobreveio o pai, e mostrou a seu filho, como o furto era cousa injusta e vergonhosa.

Luiz não podia tal conceber; e aproveitou a primeira occasião para furtar de novo; e desde o dia seguinte, achou fechada a porta do grande jardim. A' hora do jantar puzerão-lhe só pão e agoa. Elle estrabuxou com os pés, e chorou. Suas lagrimas cairão sobre o coração das mulheres, que implorarão graça debalde. O pai desceo ao jardim com seu filho, e deo-lhe, esta vez, idéas tão claras sobre o direito de propriedade, que Luiz prometteu nunca mais lançar mão do que lhe não pertencesse. Entretanto, como Luiz tinha devastado o seu jardim, não

teve mais remedio que contentar-se com pão e agoa por alguns dias a fio.

---

## C A P I T U L O VI.

### *A Sebe.*

**U**Ma bella manhã da primavera, estava Luiz na sua pequena propriedade, e perseguia uma borboleta ao longo da sebe, que separava o jardim de seu pai do de Madama Seeburg. A borboleta voou por cima da sebe, e foi para o jardim visinho. Luiz separou os ramos da sebe, para correr atraz do insecto, e apercebeo sentada do outro lado, uma pequena rapariga, que brincava tranquillamente com flores, que tinha no regaço. Apenas avistou ella a pequena cabeça de Luiz entre os ramos, levantou se logo, poz as flores no avental, e quiz deitar a fugir. — Espera, gritou Luiz, eu não te quero fazer mal. A pequena olhou para elle attentamente, e disse: Não me tomes as minhas flores. Oh tonta! replicou Luiz, como t'as hei de eu tomar, se ellas não são minhas? Tal foi o principio da conversação entre as duas crianças. Luiz foi colher um grande ramalhete de flores no seu jardim, e as trouxe á pequena. Esta admirada da sua quantidade, e sobre tudo da sua belleza, expressou a vontade que tinha de ver um jardim, que dava tão bellas cousas. Luiz abriu uma passagem na sebe, fez passar a pequena, e conduzio-a ao seu jardim; encheo-lhe o avental de flores, e a reconduzio brevemente com a sua pequena trouxa.

No dia seguinte, Rosa, e elle se apresentarão no mesmo lugar, e fallarão algum tempo por entre os ramos da sebe. Luiz lhe pedio, que entrasse para o seu jardim. Tenho prohibição, respondeo ella, minha thia não me quer dar licença. Como! pois o meu jardim pertence a tua thia? Não sei disso. Puzerão-se a disputar por algum

tempo. Rosa não quiz ceder ; e Luiz passou por entre a sebe. Aqui estou , disse elle , vamos agora apanhar flores. Mas ah ! só havia um pequeno largo , onde crescião mal-mequeres e amores perfetos. Apanha todos , disse Rosa ; porque as outras flores são de minha thia. Pois que ! tu não tens jardim ? — Não. — Não deves tu trabalhar para viver ? Eu não : só me emprego em fazer meia. Ouve , Rosa , pois eu te darei metade do meu jardim. Porém tu não podes trabalhar , as tuas mãos não são bastante fortes . . . Pois bem ! eu trabalharei para ti.

Durante esta conversação chegou Madama Seeburg. Luiz conhecia-a muito bem ; fez-lhe representações ácerca da prohibição , que tinha feito a Rosa. Madama Seeburg que sabia , debaixo de que principios Luiz era educado , disse , que devia fazer tal prohibição , pois que a sebe pertencia a Mr. Burckard. Luiz córou de confuso , e disse : em tal não pensava ; mas a vista de Rosa deu-me tanto prazer. . . . A estas palavras correu , atravessou rapidamente a sebe , a pezar de todo o perigo , e n'um instante se achou no seu jardim ; e foi direito a seu pai : Meu pai , lhe diz elle , queres dar-me um cantinho da tua sebe ? De boamente , se isso te pôde dar gosto ; mas para que fim ?

Luiz lhe contou com ingenuidade as suas pequenas razões , e o pai lhe respondeu , que na verdade , a sebe era sua , mas que elle não tinha direito de lhe fazer abertura alguma , se a vizinha o não consentisse. Luiz chamou sem cerimonia Madama Seeburg por entre a sebe , e pediu-lhe o seu consentimento. Ella lho concedeu , e as crianças saltarão de contentes. N'um instante fez Luiz uma abertura na sebe ; saltou para a outra parte , conduziu Rosa pela mão , e tomárão posse de seus direitos.

Desde esse momento , ía Rosa todos os dias passar algumas horas no jardim de Luiz. Elles o repartirão segundo as suas convenções ; mas Rosa pedia a todo o instante a Luiz flores e fructos do seu jardim , de maneira que bem depressa se acabarão todos. Quantos co-

rinhos comes tu por dia? Não me he permittido comer, disse Rosa, senão até trinta. Eu não cômo nenhum, respondeo Luiz. — Por que não? — por que tos dei, não são meus.

A pequena pregou nelle seus grandes olhos azues, e disse: Luiz, quero que os comas todos, por que antes então os não quero ter. Foi logo encher o pequeno avental de fructa, e trazendo-o a Luiz, disse-lhe, queria que elle tivesse parte na sua metade. A primavera e grande parte do verão se passarão desta sorte.

Rosa era filha de M. Kellner, reitor do gymnazio da cidade. Ella teve a desgraça de perder sua mãe desde o berço, e a irmã desta, Madama Seeburg, a trouxera para casa, porque seu cunhado não tinha nem tempo, nem qualidades necessarias para educar uma menina. Não podia ella pois cair em melhores mãos. Sua thia era uma mulher muito amavel, e posto que ainda mui fresca, e senhora de grande fortuna, preferio ficar viuva, para melhor exercer sua inclinação á beneficencia. Burckard igualmente fazia d'ella o melhor conceito.

Tendo morrido o vice-reitor do gymnazio, Madama Seeburg desejava obter este lugar para um sujeito ainda moço do seu conhecimento, por quem ella se interessava. Dependia isso principalmente de Mr. o Burgmestre, de quem já fallámos. Ella deu parte a Burckard deste negocio, conversando com elle. Essa gente he louca, respondeo Burckard, he preciso leval-a conforme as regras. Logo fez pôr a carruagem, tomou uma peça de panno, dous pares de excellentes brincos e outros trastes de preço. Foi ter com o Burgmestre, e tanto fez com as suas palavras, e ainda mais com os seus presentes, que obteve o lugar pedido para o moço Ehrenbreit.

O novo vice-reitor devia uma visita ao homem generoso que, sem o conhecer, tinha mostrado tanto fervor pelos seus interesses. No dia, em que o foi visitar, Burckard tinha saído a passeio com sua esposa; pedirão-lhe, que esperasse na sala. Elle achou Luiz ali occupado a

mostrar um cabaz a Rosa. Eu porei nelle o teu nome, dizia Luiz, para que todo o mundo saiba, que he o teu cabaz; e então lhe porás as melhores maçãs e as mais bellas uvas. Ehrenbreit contemplava com prazer o innocente divertimento do joven par. Quando Burckard chegou, este mancebo lhe expressou os seus agradecimentos, e o felicitou logo por ter um tal filho. Burckard entrou então em algumas particularidades sobre a educação de Luiz, sobre os meios, que tinha empregado acertadamente para o fazer feliz, quanto ao moral, e quanto ao physico. Ehrenbreit, que, á maneira de quasi todos os eruditos, era um pouco entusiasta, ficou encantado com este plano, approvou-o em todas as suas partes, e sentia, que se não pudesse applicar a muitas crianças, reunidas n'um modo tão proveitoso de instrucção. Pedio o favor de voltar muitas vezes. Burckard, que tambem ficára encantado com o modo de pensar deste mancebo, lhe rogou, que viesse tres vezes por semana, dar lições a Luiz sobre os differentes ramos de instrucção, que elle possuia.

Ehrenbreit accitou com prazer a proposição, e achou em Luiz um discipulo tão docil, como intelligente. Elle lhe ensinou as lingoas Latina e Grega, instruiu-o na historia e philosophia antigas. Deu-lhe noções extensas sobre a geographia, physica, geometria e artes liberaes, e todas as cousas, que Burckard ignorava, mas cuja importancia apreciava e reconhecia.

Estes estudos, junto com algumas lições de esgrima, de nadar e equitação, occupavão quasi todos os momentos de Luiz. O pai mesmo o mandava uma ou duas vezes por semana á casa de um marceneiro do Lugar, para lhe fazer apprender uma arte mechanica: elle havia hesitado longo tempo sobre a escolha, mas decidio-se por este ultimo officio, por ser aquelle, que o inimitavel auctor do *Emilio* faz apprender ao seu discipulo.

Luiz não tinha muito tempo para ver a amavel Rosa, mas elle se desferrava grandemente nas conversas, que tinham juntos. Quando elle tinha seus exercicios de equi-

tação, era na planície, defronte das janellas de Rosa, aonde fazia ginetear o seu bello cavallo Inglez, saltava fossos, corria a galope, trotava depois, e passava debaixo da janella, donde o via a sua joven amiga, occupada em acabar quanto antes a sua obra, para ficar livre: finda ella, lançava Rosa uma flor, ou maçãa a Luiz, signal que lhe annunciava, que ella ia para o jardim.

Logo que alli se achavão reunidos, punhão-se a brincar, e corrião um atraz do outro, como no tempo de crianças de seis ou sete annos. Rosa uma vez reparou de repente, que tinha onze annos. Luiz, diz ella, não devemos correr assim para nos apanhar; minha thia diz, que já somos grandes: passemos de vagar, como se pessoas serias e já de razão; dá-me o teu braço, como se fosses meu marido. Passarão com effeito vagarosamente por uma latada; mas Rosa deitou logo a correr: Luiz correo atraz della; e facilmente a apanhou, e deu-lhe um beijo. — Apanhaste-me! diz Rosa. — Sim, respondeo Luiz, beijando-a de novo.

Sentarão-se na relva, e pozerão-se a brincar n'outros jogos de sua idade. Apenas começavão a espedaçar algumas flores, e a fazer um ramalhete d'outras, quando derão tres horas. Na verdade, exclamou Rosa, o tempo sempre passa bem de pressa, desde uma até as tres horas! He preciso separar-nos. Apartarão-se com effeito, e forão-se cada um pela sua parte.

Rosa, disse Madama Seeburg, aquella mesma noute a sua sobrinha; gésto muito que tu te entretinhas com Luiz; mas sois ambos já grandes; e essas criancissas vos desvião de occupações mais uteis: assaz vos podeis ver um e outro, quando eu for visitar M. e Madama Burkard; vós passareis como nós tranquillamente no jardim; mas não quero mais essas carreiras e brincos de rapazes.

Este arranramento não agradou infinitamente a Rosa, foi por tanto forçoso sujeitar-se: impoz-se-lhe outra privação, ainda que custou muito mais; de que daremos

conta , depois de um acontecimento , que deve aqui ter lugar.

---

## C A P I T U L O VII.

### *Amor e Innocencia.*

**J**A fallámos da filha de Madama Seeburg, e do serviço, que Burckard teve occasião de fazer-lhe. Esta joven donzella, restituída outra vez á virtude, de que nunca devêra affastar-se, tocada de uma sympathia, ou do merito pessoal do joven Ehrenbreit, concebeo por este uma paixão, que não tinha igual, se o não era a chamma, em que elle tambem ardia.

Suas visitas, por tanto, a Madama Seeburg erão mais frequentes do que exigia seu antigo conhecimento, e as obrigações, que lhe devia. Depois de ter encerrado no peito por longo tempo o seu amor, o declarou á joven donzella. M. Ehrenbreit, respondeo ella, porque vol-o negaria eu? Gósto de ver-vos, vós o tereis já percebido.... Mas não tendes ouvido fallar de um acontecimento, que me diz respeito? Póde Sophia suppor, que eu dê credito a similhantes calumnias? Esta resposta alterou Sophia Seeburg, porque imputava os sentimentos de Ehrenbreit á falsa persuasão, em que elle estava da sua innocencia. Debalde quiz ella evitar esta conversação, mas vio-se constrangida a fazer a inteira e sincera confissão da sua falta.

Longe de se perturbar, Ehrenbreit lhe assegurou, que tão desgraçado acontecimento nenhum direito lhe tirava á sua estima. Elle alcançou della, por tanto, licença para a pedir a Madama Seeburg.

Como todo o mundo estava d'acordo, não houve obstaculo que vencer. Fixou-se o dia da bôda, e convi-dou-se para ella o reitor Kellner. — O pai de Rosa veio a

este convite. Era um homem magro e alto, de uma figura veneranda, e que annunciava sua profunda erudição, seu pasmoso saber nas linguas Grega e Latina. Poucos homens sabião, melhor do que elle, o que se havia pensado, dito, escripto, feito, comido ou bebido ha dous mil annos, mas em troca, elle estava mui pouco ao corrente dos usos do seculo, em que vivia.

Foi elle o ultimo que chegou á sala, onde estavam juntos os convidados, e entrou nella, como na aula, que regia. Fez a seu collega um pequeno comprimento em Latin. O que escreve esta historia, ouviu a Ehrenbreit, que não deixava de ter seu sal; mas só elle e Luiz o comprehenderão. O joven Burckard não perdia de vista o reitor um só momento; e cuidava ouvir o mesmo Cicero em pessoa.

Então o Ministro fez as cerimoniaes do costume, e unio as mãos dos esposos. Os assistentes se enternecerão. Ehrenbreit beijou a mão de Madama Seeburg, fez-lhe um comprimento muito honroso, e disse, que poria toda a sua gloria em fazer feliz a Sophia, e que nada poderia alterar o seu amor.

*Touti gar soi semnon tautou ou cirecos makariseo!* exclamou em Grego o reitor (que quer dizer pouco mais, ou menos, *Acceito o agouro*). Mas, continuou elle, he preciso que vos não ponhaes superior aos acontecimentos. Seria mais correcto dizer, que buscareis, quanto vos for possível, fazer Madama feliz; pois diz um auctor — *Ouk aci tberos estai erchetai cheimai* (Os dias felizes correm muito depressa). Pensai nisto, meu caro collega: *murtos algea pberei*, he um proverbio Grego, que equivale a este. *Não ha rosas sem espinhos*. Fallo por experiencia, e podia dizer, como Nestor, que a minha longa carreira ha sido semeada de muitos males.

Passou-se a noute em festival alegria, e o velho reitor ficou encantado com a conversação de Burckard, que o entreteve ácerca da Italia e Grecia, onde elle viajára longo tempo.

Na manhã seguinte, o reitor visitou mui cedo os desposados, e regalou-os com uma pequena função, que tinha preparado em seu obsequio. Veio com todos os estudantes da sua aula, e meninos do choro da parochia, que entoarão; ou para melhor dizer, desentoarão um hymno Latino. Os noivos assustados, não tiveram remedio, se he que dormião, senão de acordar com sobresalto. O marido tomou de repente um *robe de chambre*, e correo a vêr donde vinha esta musica desentoada. O epithalamio felizmente acabou. Um dos estudantes lhe apresentou escripta em papel dourado esta peça poetica, com uma tradução literal para a joven esposa. O reitor folgou de vêr a sua surpresa, tomou-a em boa parte, e abraçou o seu caro collega. Depois fallou-lhe em Grego, e Latim, citou passagens de auctores accommodados ao caso; e lançou curiosamente os olhos sobre a nova esposa para vêr, se ella comprehendia o sentido destas palavras. Mas Sophia, ou entendesse; ou não; pouca, ou nenhuma attenção pareceo dar-lhes.

Celebradas que forão as nupcias, os noivos partirão para a cidade, e Madama Seeburg ficou no campo, onde tinha Rosa continuamente debaixo dos olhos. Apenas porém a primeira voltava as costas, a amavel sobrinha debaixo de qualquer pretexto, frivolo as mais das vezes, ia para a porta, ou para a janella. Quando negocios, ou o prazer de vêr sua filha chamava a thia á cidade, não era possivel conduzir Rosa; e com tudo ella não quesiã deixal-a muito tempo com Luiz. Rosa entrava nos treze annos. Era perigoso deixal-os sós com frequencia; ainda peor separal-os mui sensivelmente. Assim Madama Seeburg se vio reduzida á necessidade de vigiar exactamente os pequenos, e á necessidade ainda mais incommoda de esconder sua intenção a Rosa. Só havia um meio, sobre o qual ella se entendeo com M. Burkard: era impôr aos pequenos uma applicação e trabalhos assiduos. Isso estorvava, que Rosa olhasse continuamente da janella; e Luiz escolhesse a planicie fronteira para os

E

seus exercicios de cavallo. Nos momentos de repouso, elles se vião unicamente no passio, e todo o seu prazer se limitava a darem o braço, sem poderem saltar ou correr. Acontecia ás vezes a Luiz o enlaçar seu braço amoroso á roda da cintura esbelta da sua joven amiga, e esta então se curvava com o pretexto de colher uma flôr, ou de apanhar alguma cousa curiosa.

Todos estes pequenos manejos assustavão Madama Seeburg: ella os attribua mesmo ao expediente, que havia imaginado. Para dar a Rosa uma idéa dos deveres impostos ás mulheres, ella lhe lia, ás noites, passagens de Grandison. Vês tu, lhe dizia ella no fim de um capitulo, onde se tratava de Henriquetta Byron, vês tu como as mulheres devem comportar-se? Rosa guardava silencio, e não ousava levantar os olhos. — Pois que! Não pensas tu assim? Porém... amava-o ella? — Como entendes tu isso minha sobrinha? — Sim pergunto se ella o amava verdadeiramente, como... (ella queria dizer, como eu amo Luiz, mas reteve-se corando), em fim com todas as veras?

Sim, respondeo a thia — Eu não pensaria tal: sem dúvida enganai-me. Rosa, continuou a thia, vejo que Henriquetta não te agrada. — Com effeito isso pôde entrar no decoro; mas... Mas que?... Mas... sem que vos enfadeis, minha thia; todas essas personagens me parecem virtuosas, e honestas; mas todavia eu não quizera estar no seu lugar; eu não quizera ser Henriquetta. — E porque não, rapariga? Eu não sei, mas confesso, que me acharia muito embaraçada em tal sociedade.

Um dia Rosa, estando sózinha, abriu o livro, e leo a passagem, em que se fallava de Clementina, e desde então Henriquetta lhe foi de todo indifferente.

Entretanto Madama Seeburg notava, que sua sobrinha não era tão familiar com Luiz, e cuidou ser isso devido á continuação das leituras, e por isso as renovou mais a meudo. A pobre thia ignorava o pensamento de

um poeta Allemão, que diz — « O amor cega as mãis, e as vigias, e com suas mãos infantiz levanta sem rumor as aldrabas, e as portas de bronze. »

Ella julgava, que a affeição de Rosa por Luiz não passava os limites da familiaridade; enganava-se. Um dia, era no estio, estava ella em casa de M. Burckard, e este dizia, que a chuva da manhã tinha feito muito bem ao campo. Madama Seeburg replicou, que tinha dormido durante a borrasca. Perdeste muito, disse Luiz, os relampagos fendião rapidamente as nuvens; a chuva caía em torrentes, e a saraiva cobria os campos. Em fim ao nascer do sol dissipou-se a tempestade. — Ao nascer do sol, Luiz? Mas o sol nasce ás tres horas e meia? Pois então? Não estou eu todas as manhãs ás tres horas no jardim com Rosa?

Como? tão cedo! exclamou Burckard com ar de satisfação. Rosa! disse Madama Seeburg com severidade! Oh, meu Deos! exclamou a avó, levantar-se tão cedo!

Nada he mais contrario á saude. Nada he mais verdade, continuou Luiz; nós passeámos desde as tres horas até ás seis. — E que fazeis todo esse tempo? Corremos, brincamos, ou conversamos tranquillamente debaixo das arvores. — A thia estava bem longe de esperar tal confissão; mas ella lhe indicava a innocencia dos dous jovens indivíduos; e o que unicamente sentia, era vêr que toda a sua prudência, seu cuidado, e lições lhe falhavam: desde este dia, por tanto, ella não fallou mais de lêr Grandison. No dia seguinte foi dar parte a Ehrenbreit das prematuras disposições dos dous pequenos, e depois de ouvir seus conselhos, julgou que o melhor partido era afastar Rosa por algum tempo. Por conseguinte determinou conduzir sua sobrinha a Brunswick para casa de um parente de seu defuncto marido.

Em quanto rugia assim a tempestade sobre a frente das duas crianças, ellas nada disto suspeitavão. Luiz era já um bello rapaz de quinze annos; suas feições começavão

a tomar um ar varonil sem diminuir de graça; seu olhar era magestoso, mas cheio de doçura; o seu porte nobre e altivo, e todos os seus movimentos descobrião o fogo interior, em que ardia sua alma.

Rosa tinha um talhe de arrebatadora elegância; não era regularmente bella; mas o esplendor de seus vivos olhos era temperado pela inalteravel doçura da sua physionomia; sua pelle era macia, e de uma alvura deslumbrante, seus dedos perfeitamente cylindricos.

Uma manhã, foi Rosa ao jardim, tinha o gesto languido, e os olhos postos no chão. Luiz correo a encontral-a. Que tens tu? exclamou elle tremendo. — Oh, querido Luiz, nós vamos separar-nos! E como assim? — Minha thia não quer mais, que nos vejamos. Porque? Que mal te fiz eu? Na verdade, tu nenhum mal me tens feito; mas ella diz, que eu te amo. E que mal ha nisso? Tua thia perdeu o bom senso; ella sempre te disse, que devias amar-me. — Sim, mas não mais que aos outros — Com tudo, nós conhecemos melhor, e devemos amar-nos por isso mais. Ella não se oppoem, mas . . . . . Pois bem! Que quer ella? Não quer que eu te ame ao meu modo, como agora faço. — De certo nada percebo. — Minha thia tem um livro, onde se achão muitas pessoas, que se amão sem amar-se. Ella quer, que eu te ame do mesmo modo. — Digo-te, que he ridicula essa pretensão de Madama Seeburg; não se deve fazer caso disso. Mas dize-me, de que modo se amão as gentes, de que fallas? Por exemplo, não me seria permittido ver-te de manhã, sem me ter primeiro enfeitado; não deveria chamar-te por tu; devia privar-me de teus doces beijos; e seria preciso, que eu nunca estivesse só comtigo.

Que dizes? tu zombas comigo, ou então Madama Seeburg perdeu a cabeça. Vio-se já procurar n'um livro como duas pessoas devem amar-se? O caso he, que minha thia vai levar-me para Brunswick. — E que vais tu lá fazer? — Quem sabe, Luiz, se ficarei totalmente

separada de ti, e se tornarei a vêr-te na minha vida? « Ah! qual he pois o designio d'essa thia? tem ella direito sobre a tua pessoa? » E teu pai? Aqui Luiz se interrompeo, como reflectindo em alguma cousa, e tomando a mão de Rosa, puchou por ella, e correo ao quarto de dormir de M. Burckard. Papá, gritou elle, acordando-o, queres tu guardar Rosa aqui um instante, em quanto eu volto? — Como! Guardal-a. — Sim, sim, não tardo nada. — Mas, meu Deos! Luiz, que tens tu? Papá, a thia da Rosa perdeo o juizo. Ha n'um livro gentes, que se amão sem se amar, e Madama Seeburg quer que nós façamos o mesmo.

Que livro? disse M. Burckard esfregando os olhos. Grandison, respondeo soluçando a joven Rosa. M. Burckard desatou a rir, Luiz, replicou elle, se a thia de Rosa a reclamar, posso eu reter-lha? Ella lhe pertence. — E seu pai? M. Burckard teve ao principio idéa de representar a seu filho a legitimidade do poder, que Madama Seeburg tinha sobre sua sobrinha, mas desejando vêr o fim desta aventura, consentio em guardar Rosa.

Não quiz mais nada Luiz; partio rapidamente, e chegou todo esbaforido a casa de Ehrenbreit, a quem expoz a cousa, e pedio conselho. Ehrenbreit teve difficuldade em conter o riso; mas Luiz entrou seriamente a circumstanciar o caso; e insistio em que Madama Seeburg não tinha direito algum sobre sua sobrinha.

O estimavel vice-reitor buscou fazer-lhe sentir qual era este direito; debalde porém o tentou, em quanto lhe não declarou, que o reitor Kellner tinha cedido a esta dama toda a sua auctoridade sobre Rosa. — Luiz bateo com as mãos na testa, e enxugou as lagrimas, que lhe corrião dos olhos. Balbuciou em tanto varias objecções, todas tiradas do direito natural, por que desconhecia as Leis positivas. Ehrenbreit accommodou a sua linguagem ao espirito, e educação de Luiz; conseguiu fazer-lhe perceber, que Madama Seeburg tinha sobre sua sobrinha um poder sem limites; e que a affeição de duas crianças

não podia dispensar qualquer d'ellas da obediencia a seus superiores. Com rudo, Luiz exigio absolutamente d'Ehrenbreit, que unisse seus esforços aos d'elle para dobrar a chita. Forão pois um e outro a casa de Madama Seeburg, depois de terem ido buscar Rosa a casa de M. Butekard.

— Senhora, exclamou Luiz, logo que a vio, convenio que Rosa vos deve respeito e obediencia; que seu pai vos cedde toda a sua auctoridade sobre ella, mas porque a levaeis para Brunswich? Porquê? replicou Madama Seeburg surprehendida, tenho negocios urgentes, que ali me chamão, e preciso lá estar não por muito tempo. De mais, continuou ella, vós podeis, Luiz, ir vê-la de quando em quando, não dista muito d'Elberg. Pois bem, replicou Luiz, vós permitteis, que nos amemos eternamente? Sim, se for vontade de Deos; e possaes vós um dia reunidos por vinculos sagrados . . . .

Rosa e Luiz nunca nisto havião pensado. Lançarão-se nos braços um do outro, dando um grito de alegria. O prazer, que então sentirão, lhes fez supportar mais facilmente a dôr da separação, que teve lugar d'ahi a poucos dias.

---

## C A P I T U L O VIII.

### O Tirocinio.

**A**Ntes da separação de Luiz e Rosa, cumpre relatar algumas circumstancias, que occorrerão durante os estudos, e applicações de Luiz debaixo do seu preceptor Ehrenbreit, para se conhecer o caracter do seu joven discipulo, e assim melhor se poder entrar no tecido geral da sua historia.

O leitor se recordará, que Ehrenbreit vinha todas as semanas tres vezes dar lição a seu discipulo. Vinha as quartas, sabbados e domingos; e ficava essas noites em

casa de Búckard. Elle achava em Luiz um fervido desejo de aprender, disposição para fazer progressos, docilidade e sobre tudo um ardor de rectidão, que a assombrava.

Ehrenbreit era um excellentes mestre; as suas lições aprazíveis, e fáceis; e Luiz tanto d'ellas se encantava, que sempre lhe pedia que viesse mais a miudo, quando aquelle se retirava.

Nas quartas feiras vinha Ehrenbreit ás onze horas da manhã, e ficava até ao outro dia ao almoço, e nos sabbados até ás segundas feiras. Luiz todo este tempo estava sempre a seu lado, e até nas horas, em que Rosa vinha. Tambem d'isto se aproveitava Ehrenbreit, e se assentava entre as duas innocentes crianças, como o Anjo de Milton entre os nossos primeiros pais no paraizo; e exhalava em suas tearas almas o sopro da bondade, da beneficencia, e do zêlo pelo bem do genero humano. Quer no jardim, no bosque, ou na sala sentados os dous a seus pés; davão attento ouvido ás suas doutrinas; e não raras vezes rolavão nos garços olhos de Rosa excitada lagrimas de alegria, de innocencia e de compaixão; e Luiz lhe enxugava as que lhe ficavão nas faces, com esta terna exclamação: — querida, querida Rosa, tu não deves chorar tanto!

Ehrenbreit ensinava ao rapaz a religião no seu verdadeiro espirito, isto he — pouca theologia, logica, historia, e os principios de mathematica. Seu pai tinha a repartição (sendo nisso mais versado, do que o mesmo mestre) de ensinar-lhe a geographia, a historia natural, e as linguas estrangeiras, cujo methodo todavia Ehrenbreit aperfeçoava.

Considere-se este rapaz educado n'uma liberdade illimitada, n'uma liberdade, que só tinha por termo o santo respeito da propriedade, e um amor enorme á verdade: considere-se que aprendeo a conhecer os Gregos e os Romanos; que ácerca d'elles leo as historias entusiasticas de Rollin, e Crevier; e que diariamente ouvia as inepcias dos homens d'agora; e então se fará

— uma idéa deste rapaz ! Socrates e Diogenes ! eis os extremos, em que elle ondeava ! Bruto, Epaminondas : Heronanni ! Leonidas ! Seus olhos fuzilavão ao repetir estes nomes ; e apenas sabia elle , se amava Rosa mais fortemente, do que o libertador de Roma , — Bruto ! Seu amor para com Ehrenbreit se augmentava todos os dias : uma olhadella deste bastava para o dispor a emprender os mais aturados esforços de corpo e d'espírito. — Queres tu, Luiz, ser independente dos mais homens ? pois, meu amigo, aprende a limitar as tuas precizões, e acostuma-te ao trabalho. O corpo era ainda muito para Diogenes ; e não era pouco para o grande Dictador Romano quando atrás da charquia une ambos, e serás mais livre, mais independente que ambos elles ! — Mais livre que Diogenes ? Esta idéa despertava no seio do rapaz altivos sentimentos, não de uma pueril vaidade, que em poucos minutos desaparece. Não, com o tempo elles se sasanavão no coração do mancebo pela simples precisão da natureza, pela comida de uma maçã, por um copo d'agua ; e se roboravão por um laborioso trabalho.

Rosa estava muitas vezes presente ; e o contemplava gostosa : vamos brincar um-pouco, Luiz ! Logo que acabe de semear isto, querida Rosa ! Eu quero ajudarte ; Luiz ! ella pégava do mais pequeno sachó, e brincava com os torrões, e com a sua ajuda estorvava Luiz ; até que este cravava o sachó no chão (depois de o olhar por algum tempo risonho) e de repente corria para ella. Vamos agora brincar ! Brincavão uma hora, e o rapaz ficava muitas vezes no jardim por meia hora mais que os trabalhadores, para reparar o tempo, que perdia brincando.

Outras vezes se sentava Rosa tranquilla a fazer meia, e esperava que Luiz acabasse de trabalhar. Durante o trabalho ella corria a limpar-lhe o suor do rosto com o seu avental, e de tempo em tempo exclamava ; ora, Luiz, estás cansado ? basta ! folga um pouco ! ou ella lhe ia buscar os melhores morangos ; e quando elle tinha

acabado de plantar uma carreira, Rosa lhe mettia os morangos na boca, e olhando-o triste, dizia; tu estás muitissimo cansado.

Como o fazer meia era obra diaria de Rosa, a pobre rapariga trabalhava sem descuido, não estando ao pé de Luiz; mas a seu lado commettia descuidos, ou deixava a meia e agulhas na relva, ou distrahida a olhar deixava escapar muitas malhas. Que he isto, Rosa? lhe perguntou a thia, mostrando-lhe as malhas escapadas — oh thiasinha, he porque estive ao pé de Luiz. Se assim continúas, nunca mais te deixo ir para o pé d'elle. Rosa pediu á prima, que a chamasse de manhã ás seis horas. Porque uma hora mais cedo? — Para contentar Luiz e a thia. — A prima chamou-a, e Rosa disse: — ah! estou ainda com tanto somno! bocejava, fechavão-se-lhe os olhos, e a pequena cabeça lhe caía no travesseiro; bem queria tornar a dormir.

Mas nada, nada, a pé! exclamou ella então: saltou fóra da cama, correo a vestir-se, e poz-se a fazer meia para ter tempo de estar com Luiz sem trabalhar.

Desta arte passava Luiz com Rosa entre amáveis brincos, instrucção e trabalho; sem que em todos estes annos se excitasse a mais leve alteração entre elles. Um puro e constante amor, uma ternura innocente, uma reciproca similhaça, tinhão de tal maneira ligado suas tenras almas, que de nenhuma sorte podia um sem outro ser capaz de ventura, nem ter mesmo idéa d'ella.

Quando tu fores homem, sou eu velho, disse Burckard, então faço-te senhor de todos os bens, Luiz: e tu farás o que eu agora faço: terás a teu cuidado inspectar os trabalhadores. — E virá tambem Rosa comigo? — Respondeu promptamente Luiz. Rosa estava presente sempre a todos os seus pensamentos; e Rosa se fallava com a thia, ou prima, era só de Luiz; nelle pensava, nenhum exemplo seguia, nenhuma virtude citava, que não fossem d'elle, e só reprovava as faltas, que Luiz não tinha. — Com um gosto reciproco de alegria se encontravão todas

F

as manhãs, e quando se apartavão, dizia Luiz com tristeza. Ai! Rosa, adeos! Adeos, Luiz! dizia tambem Rosa, triste. — Detinhão-se com acenos, e olhavão para traz muitas vezes. Se Luiz estava sentado ao pé de Ehrenbreit com a maior attenção, e ouvia a voz de Rosa, um riso angelico apparecia em seu rosto. He Rosa! dizia elle com alacridade, e punha-se á escuta. Ehrenbreit era obrigado a fazer uma pausa.

Ehrenbreit levava ás vezes Luiz á cidade, para lhe mostrar as obras das artes humanas; e Luiz tendo contrahido conhecimento com um marcenciro, este lhe fazia ver com paciencia o uso de seus instrumentos. Ehrenbreit anticipou com uma pequena indemnisação áquelle homem estas visitas, que propoz a Luiz, e que este sem muito rogo accitou. Elle veio pois á cidade, e pela vez primeira sósinho á casa do marcenciro. Elle o achou rodeado de seis crianças. Luiz encostou-se á mesa do trabalho, e poz-se a ver brincar as crianças, e juntou-se com ellas nos brincos; esqueceo-se do fim, para que viera, e brincou um par de horas. O marcenciro deu ao pequeno visitante uma maçã, e Luiz vio-se cercado das seis crianças, que, a pezar da prohibição do pai, lhe pedião um pedacinho d'ella. Luiz repartio-a sem deixar para si nada, e recommçou-se o brinquedo.

Na proxima visita trouxe Luiz um lenço cheio de maçãs; e um grito de jubilo retinuo logo que elle apresentou as maçãs. A gratidão attrahio a elle as crianças, e Luiz a ellas. Ehrenbreit tendo prevenido o marcenciro do modo por que devia haver-se com o rapaz, deixava Luiz ir visital-o as vezes, que elle queria. Um dia brincava Luiz com as crianças diante da porta, quando vio n'um carro vir alguns presos com grilhões. Luiz olhava attentamente; subito deu com os olhos nas cadêas, com que estavam agrilhoados os do carro. Estremeceo horrorisado, e os olhos se lhe encherão de lagrimas. Aproximou-se do ultimo preso, e perguntou-lhe com uma voz maviosa: — que fizeste tu, pobre homem? O

preso, a quem a pergunta azedára, fez uma horrivel carranca, praguejou, e levantava a mão para dar em Luiz. Este recuou, dando um grito. Veio o guarda, e bateo no preso. Luiz poz-se a gritar com força: — deixa-o, deixa-o, não lhe deis. O preso praguejava, e Luiz sahio dahi em altos gritos, e foi correndo para casa.

Entrando no quarto, mãe e avó correrão para elle com anciedade: Rosa exclamou — Luiz! O mesmo pai se assustou. O rapaz estava pallido como a morte. Elle precipitou-se nos braços do pai cheio da mais intima angustia dizendo: — oh quanto eu sou desgraçado! E renovando os soluços, batendo as mãos, contou o seu infausito acontecimento. Elle não podia achar a razão, porque o preso lhe queria bater. Seu pai lhe notou, que provavelmente a sua pergunta foi tomada por escarneo, e produzira por isso aquella irritação. A magoa de Luiz se augmentou ainda mais, vendo que elle tinha sido a innocente causa das pancadas; que levou o preso. Não cessava de fallar no caso, e rogou a seu pai, que lhe dêsse algum meio de reparar o mal, que havia occasionado, e seu pai lho prometteo. Ehrenbreit veio no dia seguinte, Luiz correo para elle com os olhos humidos, e contou-lhe o acontecido. Já o sei, Luiz, replicou Ehrenbreit: toda a gente da cidade diz, que tu provocaste o preso; e lhe atiraste pedradas, até que a final elle quiz dar-te. Vê como a gente falla mal de ti! — Deixal-a fallar; ah! tomára eu soltar aquelle preso. Então Ehrenbreit obteve de Burkard algum dinheiro para o preso, e disse a Luiz, que no dia seguinte viesse ter com elle, para que o levasse ao preso, e assim fizesse as pazes. Mas se eu lhe fallar, tornará elle a querer dar-me? Não ha de ser assim, meu Luiz; e este immediatamente se poz a andar. Ehrenbreit o seguio, e vio-o entrar na prisão. Entrou tambem logo atraz d'elle, e veio a tempo de presenciar a mais tocante scena.

Luiz entrou no quarto dos presos, onde vio um soldado, que reconheceo ser o seu preso, e este tambem o

reconheço : fez-lhe o seu presente ; e elle logo lhe tirou o chapéo muito alegre. Luiz se chegou então a elle , e com as lagrimas nos olhos e a voz tremula , lhe disse : Eu te offendi , bom homem , doe-me o coração de o ter feito ; mas eu nada ruim meditava na minha pergunta. Cessa de estar mal-comigo ! Tu vinhas acolá , e os teus grilhões. — Ah ! isso me affligio tão vivamente ! e nestas palavras deu a-mão ao preso , n'uma especie de embarço. Não fallemos mais n'isso , joven Senhor ! Oh , exclamou outro preso , eu estimaria levar dez vezes mais pancadas por aquelle dinheito ! Luiz lançou uma vista cheia de indizível despeito sobre aquelle homem ; mas bem depressa os seus olhos começaram a enternecer-se ao ver um velho , que tristemente estava sentado n'um canto , e com ar de amargura comia um bocado de pão sêcco. O rapaz observava attento , e chorava maviosamente. Sentes tu , mancebo , disse o velho , ver-me comer pão sêcco ? Não , responde Luiz ; mas ver-te em grilhões , e velho : he só isso o que muito me afflige — chegando-se para o velho , tomou nas mãos as cadêas. São , com effeito , são bem pesadas , disse elle ! Pouco isso me importára , ainda que velho e cansado , se tivera todos os dias alguma coisa para beber. Luiz não podia conceber , como grilhões não fossem para os presos a maior das calamidades ; e com tudo a voz daquelle velho penetrou a sua alma.

Elle já se retirava , e vendo Ehrenbreit , que estava na porta : Oh Ehrenbreit , eu te supplico , dá-me dinheiro ! disse soluçando , dá-me dinheiro ! Ehrenbreit deu-lhe uma mão cheia de trocos. Aqui tens , exclamou então Luiz , aqui tens , meu velho , reparte com os outros. Os presos clamarão altamente , desejando-lhe a benção de Deos ; e Luiz correndo para a porta se lançou com grande choro no seio de Ehrenbreit ; e passarão alguns minutos , primeiro que tornasse a si e pudesse erguer a voz para fallar com Ehrenbreit sobre o estado daquelles homens.

Tambem sobre isso fallou muito Ehrenbreit , mas não pôde persuadir Luiz , de que a perda da liberdade não era

mui dura para os crimes dos presos. Não! exclamou elle com azedume, — grilhões até á morte! Antes morrer, que uma hora em cadêas! Aquella vista tinha feito uma impressão mui forte no coração do rapaz. Não fallou todo o dia, senão dos presos e da sua escravidão; e seu odio ás prisões se tornou mais ardente, e mais entusiastico seu amor pela liberdade.

Este incidente excitou um grande fallatorio pela cidade. Muitos rião, ou fazião galhofa do singular procedimento deste rapaz: mas elle era insensivel aos ataques da maledicencia. O seu assombro cresceu porém, quando ouviu, que quasi todos estes presos estavam ali por crimes procedidos já de urgente pobreza, já de ignorancia, ou má educação. Elle sentio partir-se-lhe o coração, quando Ehrenbreit lhe observou, que os festins e desperdicios, só de uma familia rica, excedião as precisões annuaes de uma familia pobre, e que muitas vezes o pai de uma tal familia se via obrigado a commetter um crime, a fim de procurar pão para seus filhos. Oh meu Deos, exclamou elle, he isso possivel? Burckard lhe expoz então o estado de subsistencia de todos os habitantes conhecidos nas suas duas aldêas, e as preparações, que elle havia feito para fornecer aos pobres trabalho, industria e occupação. O rapaz desejava, que todos os pobres vivessem n'abundancia, e custava-lhe a perceber como esta mesma abundancia lhe seria prejudicial. Com tudo as explicações de Burckard, e um exame mais profundo sobre o estado de felicidade, que gozavão os seus paisanos, e os inconvenientes de uma caridade inconsiderada o fizeram mais eircumspecto.

Via elle um pobre, que lhe parecia miseravel, só por que se lhe lamentava, corria para elle com o coração aberto e compassivo. Pranteava, e pedia a seu pai, a Ehrenbreit e a sua mãe soccorro para os pobres. Davão-lhe dinheiro, e deixavão distribuir-lho, como elle quizesse. Elle dava sem perguntar o estado do pobre, e dava de uma vez tudo o que tinha. Outras vezes empregava mal

o que dava ; porque recahia a esmola não em verdadeiro pobre, mas em quem não tinha vergonha de pedir. Burckard, que espreitava as acções de Luiz e seus effeitos, notou-lhe agora, quanto bem elle teria feito, se tivesse empregado efficaçmente aquelles soccorros. Caro filho, lhe disse Burckard, dar não he o caso, mas he o fazer bem : he facil dar, mas fazer bem he difficil. Não dês, meu filho, porém faze felizes ! — Os beneficios de Burckard nas aldêas, os de Ehrenbreit forão a eschola practica, em que se doutrinou o rapaz. Apprendeo a informar-se primeiro, para conseguir ser bemfazejo ; apprendeo a ser parco para possuir ; seu coração descobria o infeliz, e a sua experiencia o auxiliava.

Burckard sentia um grande prazer em arreigar a beneficencia no coração de seu filho, e buscava ao mesmo tempo utilizar-lhe os effeitos. O conhecimento, que elle tinha dos homens, sem o tornar egoista, o tinha ensinado a ser util aos seus semelhantes. Elle tratava os infelizes justamente, como o medico trata os enfermos. Examinava primeiro as causas e os effeitos de seus males com os desgraçados, e applicava-lhes os meios mais conducentes a remover-lhos. Elle era o Deus auxiliador dos infelizes, que beneficiava. Da sua propria experiencia tirou pois as regras, que deu a Luiz para dirigir a sua beneficencia. Por estes ensaios toda a superfluidade desaparecia da casa e da mesa de Burckard ; e as despesas não diminuião. A avó notava estas alterações em casa, e não as approvava. Houve um dia debates á mesa. Insistia a avó em conservar o prato de meio ; e mencionava os reparos, que faria toda a gente, e em particular os triados. Deixal-os reparar, disse Luiz, esse he o seu costume, e o que só podem fazer ! — Tu nada disso entendes, meu neto ; pansas, como teu pai. — Digo, que he preciso conservarmos o prato de meio. E os pobres, querida avó, tem algum ?

Não houve mais replica da parte d'avó. Burckard, que respeitava cada vez mais a sua idade, calou-se. Luiz,

em cujo coração este negocio pesava, vendo o silencio do pai, levantou-se, e foi fallar-lhe ao ouvido. Oh filho do coração, exclamou entusiasmado Burckard! e o apertou nos braços. A avó perguntou o que Luiz tinha dito. Pedio-me, querida mãe, replicou Burckard, que conservasse o prato de meio, como vós desejaveis; e que elle venderia o seu cavallo Inglez. Eu posso andar a pé, mas os pobres não podem passar sem comer, disse elle. A avó ficou pensativa um momento; cairão-lhe as lagrimas dos olhos, e levantando-se foi beijar Luiz. — Pois faça-se a vontade de Deos, e um só prato, que eu tenha, dispõem d'elle, meu menino. Já não quero prato de meio, tu porém, meu Luizinho, deves andar a cavallo. Ainda quando me enterrem n'um caixão sem coberta, não importa; os pobres devem comer: Sim, meu riquinho: embora os visinhos escarneçam da nossa reforma. « Joanna tinha tomado a mão de seu filho, — um tremor de alegria se communicava da sua mão á d'elle. Meu filho! disse ella. — Uma lagrima cahio de seus olhos, levantou-se, chegou-se para a janella, e olhou para o céu com tão alegre e animado semblante, como se desejasse apparecer ante o bom Deos, como mãe de tal filho.

---

## C A P I T U L O IX.

*A Separação. O Gymazio. Luiz adquire um amigo.*

**M**Adama Seeburg, como dissemos, tinha decidido separar Rosa de Luiz, assustada de seu reciproco amor. Os poucos dias, que precedêrão a esta separação, se passarão nas imaginadas e sempre novas delicias de seu futuro hymeneo. Rosa arrancou-se dos braços de Luiz com soluços, gritos e beijos; entrou na carruagem quasi sem sentidos: a carruagem partio, e Luiz ficou, como estu-

pefacto; a nada respondia direito, não ouvia chamal-o, e se esquecia de todas as suas occupações. No fim de tres dias he que sahio deste estado apathico, quando voltou o coreio, e lhe trouxe uma carta de Rosa. Elle a leo, metteo-a na algibeira, tornou a lê-la, lia-a mil vezes, á mesa e em todos os lugares, até que a carta á força de lhe andar sempre nas mãos, se fez em pedaços.

As mãis buscavão distrahil-o. Deixai-o, dizia Burckard, he bem, que elle experimente o estímulo das paixões; convem que se habitue á contrariedade, pois que está destinado a viver entre os homens. Joanna e sua mãe querião absolutamente, que Rosa voltasse outra vez; e que os vigiassem até que chegassem á idade de esposar-se. Ehrenbreit propoz, que se mandasse Luiz por algum tempo para o gymnazio. Este conselho teve a preferencia. Derão a Luiz tempo de moderar sua dôr, a fim de lhe fazer mais opportunamente esta proposição, que elle acceitou com menos difficuldade, do que se esperava. As palavras de Madama Seeburg forão para elle um raio de luz. Percebeo agora a necessidade de grangear a affeição do reitor Kellner, pai de Rosa. — Este se alegrou immenso com a vinda de Luiz para o gymnazio. No dia, em que elle foi introduzido, fez o reitor exhortações para pacificação e tolerancia com o novo adepto. — Elle he (disse o reitor em Grego e Latim) superior em forças, tem o espirito livre e corpo forte. » Erão estas as qualidades, que elle via reluzir no rapaz, e que os outros estudantes olhavão, como objecto de maravilha.

Apenas passou Luiz alguns dias no gymnazio, foi logo citado com enthusiasmo pelo reitor, como zeloso admirador dos antigos. Se Luiz via nas antiguidades de Montfaucon algum vaso, ou maquina de forma bella, elle a fazia logo ao torno, e a appresentava ao reitor, como homenagem. Ao mesmo tempo, elle havia introduzido uma especie de revolução entre seus condiscipulos. Secretario entusiastico de *Jean Jacques*, imaginou reformas

no vestuario dos estudantes e no modo de viver. Quasi todos adoptarão a sua invenção, e mui particularmente um certo mancebo, chamado Sellhof, que era de uma familia nobre e opulenta.

Se Luiz era amado de seus condiscipulos, não era dos parentes delles, que o consideravão como um illuminado, como um perigoso innovador. O Bourgmestre e sua esposa particularmente lhe tinham tal zanga, vendo que elle havia deitado a perder a cabeça de seu filho Guilherme, que jurarão não perder occasião de se vingar em Burckard, ou seu filho das inauditas refórmas, que este havia introduzido no modo de viver dos estudantes.

Passou Luiz um anno no gymnazio, sem que em todo esse tempo visse Rosa, senão duas vezes; a primeira em Elberg; e a segunda em Brunswick, durante as ferias. A revolução de um anno tinha produzido grandes mudanças na pessoa de Rosa; substituindo ás graças candidas e galhofeiras da infancia os mais arrebatadores encantos d'adolescencia. — Não obstanté os extases de alegria, que o nosso heroe experimentou nesta entrevista, elle sentio uma especie de respeito e de embaraço, que até então lhe erão desconhecidos.

N'uma bella tarde de estio fazia Luiz uma excursão pelo seu mais gostoso passeio, na estrada de Brunswick. Pensava em Rosa, sentia com prazer e saudade, que a cada passo se approximava da sua joven bella; mas forçado a retrogradar, elle maldizia decoros, pará que não achava razão; e que o estorvavão de correr á casa de Madama Seeburg, e surprehender Rosa com uma inesperada visita: Quando vio apparecer diante de si uma rapariga mal vestida, e com uma criança de tres annos nos braços. Atraz della marchava um homem e uma mulher de idade avançada, trazendo esta uma cêsta na mão, e aquelle uma trouxa ás costas. Estas tres figuras olhavão umas para as outras de quando em quando com ar melancholico, e que exprimia ternura e profunda tristeza. Quando o caminho era máo e escorregadio, a rapariga

G

mostrando auidade pelo precioso fardo, que trazia, caminhava com mais cautela; e a mãe, olhando para ella, dizia, — toma sentido, Maria; e esperava até que Maria passasse além com o menino.

Luiz folgava de ver a cuidadosa ternura da mãe; e tanto este espectáculo interrompeo suas cogitações, que passou de lado, para se não encontrar com esta gente. A rapariga olhou para elle ao passar, e Luiz vio um lindo e innocente rosto, e um olhar, que se retirou, logo que attentamente o fitou. Tornou a olhar para traz, e lançou uma olhadella sobre a rapariga, depois sobre a mãe, e a final sobre o pai, que lhe deu as boas tardes; e proseguio o seu caminho até a aldêa visinha. Ao cahir da noite, voltou Luiz pelo mesmo caminho, e achou a mesma familia, sentada n'um restolho, onde estavam a comer. A rapariga, mal que apercebeo ao longe Burckard, puxou a saia para os pés, e voltou-se para o lado, onde estava o menino. Bom proveito, disse Burckard, passando. Fraco proveito pôde fazer o derradeiro pedaço de pão, respondeo o homem. O derradeiro? perguntou Luiz, e parou. Sim, disse o homem, e aprouvesse a Deos o dar-nol-o ainda por alguns dias! pois he preciso andar já esfrangalhado, para attrahir uma esmola. Quem sois vós, perguntou Luiz compadecido? Ah bom Deos! sou marceneiro de officio. Não podia sustentar a minha familia com o que ganhava em qualidade de companheiro, e não tinha dinheiro para comprar a mestrança (Carta de mestre). Fóra do trabalho, fazia alguma obra por minha conta, e isso valeo de alguma cousa; mas veio a companhia do officio, e tirou-me a ferramenta e a obra. Esta catastrophe me lançou na mais horrivel miseria. Tenho até hoje sobrevivido a esta calamidade, mas não sei o que me acontecerá amanhã. Esta narração era acompanhada do lugubre aspecto, com que a mulher olhava. A rapariga não parecia ter parte naquelle conto, toda occupada em agazalhar o menino sobre a palha.

Mas que pretendeis fazer? replicou Luiz. Deveis, sem duvida ter algum projecto. A mãe e a filha olhárão ansiosamente para o pai, e esperavão a resposta com a mesma inquietação, que Burckard. O pobre marceneiro levantou as mãos para o Ceo, e deixou-as cair outra vez, dizendo: — Deos sabe o que será de nós! Mas se eu vos der um escudo? Esse dinheiro uma vez comido, a nossa situação não melhora. Ficou pensativo por um pouco, e encolheu os hombros. Vós tendes trabalhado muito? exclamou Luiz. Meu Deos! replicou a mulher, tem trabalhado tanto, que ás vezes eu me enfadava com elle. Não cessava de trabalhar dia e noite. A rapariga olhou para Burckard com ar, que bem confirmava quanto a mãe tinha dito. Quando se tem amor a mulher e filhos, trabalha-se bem, replicou o pai, afagando os louros cabellinhos do pequeno. A mãe deixou cair um par de lagrimas, que a filha notou, e com olhos mui tristes e sympathicos a acompanhou, humedecendo-lhe as faces o pranto.

Escutai, disse Luiz; achareis vós que fazer na cidade? — Oh, sim; minha mulher he filha da cidade; mas eu não posso ser mestre. — Quanto custará o conseguir-se o mestrado? Pelo menos cincoenta escudos, replicou o marceneiro com o tom da desesperação. — Muito bem; e se eu vos emprestar esse dinheiro sem interesse, até que mo restituais? — Luiz sentia-se perplexo. O homem tirou o chapeo, e começava a mover-se; a mulher olhou para Burckard com uma vista, em que luzia a esperança e a anciedade; a rapariga apertou no seio o menino, avivando-se-lhe as bellas-rosas da face, e lançou sobre o manco uma vista de jubilo.

Eia, vinde pois, disse Luiz, que n'um momento concebeo o plano de soccorrer estes infelizes; vinde comigo. A mulher e a rapariga se levantárão por um movimento espontaneo. Só o velho parecia incredulo. Luiz penetrando as suas duvidas, lhas fez cessar, tirando a bolça, e appresentando-lhe em ouro a promettida somma.

Nada pôde expressar a alegria, que brilhou em todos os semblantes. Pozerão-se a caminho, e Luiz precedia a desventurada familia, reflectindo nos meios mais proprios para segurar a execução do seu projecto.

Chegarão mui tarde á cidade, porque marchavão de vagar. Sellhof inquieto veio ao encontro de Burekard, e ouviu deste o que se tinha passado. He aqui onde eu moro, disse Luiz, chegando defronte de sua casa. — Ah! disse a rapariga muito cançada, não posso mais comigo! Poz o menino no chão, enxugou o suor do rosto, e sentou-se n'uma pedra defronte da casa.

Entra! disse Luiz, e deu a mão á rapariga. Esta o seguiu, e os hospedes se acharão no quarto dos dous mancebos. Alli consultarão sobre o que farião; — e assentarão que por aquella noute Sellhof e Luiz dormissem n'um quarto; e cedessem o outro á pobre familia. Deirão-lhe cama e de comer, e n'uma hora de tempo estava a familia já farta, animada de esperanças e em profundo somno. Sellhof e Luiz não se deitarão, e pozerão-se a deliberar sobre o arranjo, que devião fazer. — Aluguemos um pequeno quarto, disse Sellhof, há um perto d'aqui para alugar. Ponhamos nelle esta boa gente, busquemos para o pai a carta de officio, e repartamos entre nós, como amigos, o prazer de auxiliar uma desgraçada familia.

---

## C A P I T U L O X.

*Generosidade dos dous amigos. Amor infeliz.*

**P**Assados alguns dias se achava o mestre Sievers de posse do seu novo domicilio; e pelas efficazes recommendações dos dous amigos com assás obra que fazer, para esperar avantajados fructos da sua industria. Os mancebos vião com satisfação prosperar a pequena familia, e gozavão da sua dita. No fim de alguns mezes, o bom homem

pôde satisfazer parte da sua divida. Aqui tendes, Senhor! Luiz rio-se. Sellhof pegou no dinheiro, e chamando Maria, lho deu para comprar um vestido. Ella quiz recusar, e os pais igualmente; mas Luiz se interpoz com instancias, para que ella acceitasse. Ah! Senhores, exclamou o velho, pondo a mão sobre o coração, se ao vosso lado se não pôde ser honrado e virtuoso, então nenhum anjo tutelar existe sobre a terra!

Como era natural, este acontecimento se fez publico. A felicidade domestica desta familia se tornou prestes objecto da inveja sempre inquieta e perturbadora. Sievers tinha uma linda filha, que dous rapazes se tinham declarado seus protectores, e sobre isso formavão-se conjecturas insultadoras. Não se duvidou attribuir-se a generosidade de Sellhof e Luiz á complacença do pai, e á immoralidade da filha, mas Luiz estava acostumado por seu pai a desprezar os rumores publicos. Sellhof não os ouvia com menor indifferença. Quanto ao pai e á mãe, nada sabião do que se dizia, porque a calumnia fere sempre ás escondidas, e esconde ás suas victimas as armas, com que as despedaça. Assim os dous amigos frequentavão mais que nunca aquelles, que lhes devião a felicidade e a vida.

Um dia de manhã, estava Maria só com Sellhof; agradecia a seu generoso protector os beneficios sem numero, que lhe devião seus pais. Sellhof enternecido unio a seu rosto um rosto banhado em lagrimas. Pobre Maria, exclamou elle; e fallando assim, a quiz sentar sobre os joelhos. Maria, toda agitada, se voltou para o lado, e neste movimento lhe deu um beijo, sem saber o que fazia; corou, arrancou-se com esforço dos braços de Sellhof, e sahio sem levar o que tinha vindo procurar no quarto. Nunca até ali a vira de tão perto o joven Sellhof. As rosas do seu semblante, seu collo de alabastro, sua boca linda e pequena, a fina pelle, seus roliços e alvos braços, tinhão, pelos seus encantos, pelo seu contacto, produzido nos sentidos do mancebo o effeito do choque electrico,

Elle sentio inflamar-se n'um fogo desconhecido. Pobre Maria, exclamou novamente, ao passo que ella sahia; por que não vivemos nós em os desertos da America! lá não reião prejuizos; nem as leis de uma falsa honra. . . . parou aqui sem mesmo conceber o que queria expressar; lançou-se n'uma cadeira, e ficou longo tempo absorvido em profunda cogitação. Maria, julgando que elle havia sahido, tornou a entrar para tomar o que viera buscar. Sellhof, sem proferir palavra, observava todos os seus movimentos; ella alimpou a mesa, removeo alguns moveis, e tudo sem levantar a vista; e chegou-se para o pé da janella, onde estava Sellhof, para tirar uma garrafa. Pegou della com algum embaraço, fez-se vermelha, e sahio do quarto precipitadamente. Sellhof não sabendo parte de si, incapaz de reflexão, esperou debalde por ancia hora, que Maria voltasse. Cansado por fim de esperar, sahio para ir para o gymnazio, quando as aulas já estavam quasi a fechar-se.

Desde então, ficou sendo Maria mais reservada com Sellhof. Elle mesmo já não ousava fallar-lhe por tu, como d'antes acontecia. Diante dos pais estavam ambos distrahdos, embaraçados e pensativos. Por espaço de oito dias, foi Sellhof obrigado a ir a casa de seu thio, fóra da cidade algumas legoas. Maria era mais melancolica, e via-se mais abatida, que do ordinario. Acontecia-lhe derramar lagrimas ás vezes, sem ter apparente motivo. Porque choras tu? dizião os pais. Não sei, dizia ella, devo ter alguma cousa nos olhos.

O joven Bunckard tomou um dia a rapariga pela mão, em presença de seu amigo. Maria, disse elle, queres dizer-me a verdade? Sim, respondeo-ella. A qual de nós amas tu mais, a mim, ou a Sellhof? Ambos. Não; debes dar a um a preferencia: — responde qual amas tu mais, de todo o teu coração? Sell. . . . Tu o diceste; sim, preferes Sellhof. Há muito tempo que o percebo: teu rosto corando te trahio. Tu mesma involuntariamente acabas de confirmar esta verdade. Mas, Sellhof, porque me tens

ocultado este segredo? porque o tens occultado ao teu amigo? dize-me, ora o teu designio seduzil-a? Confesso-me culpado, exclamou Sellhof. — E tens a mesma culpa para com os pais desta rapariga? Quem te embaraça o expor-lhes teus sentimentos? — Um falso pejo, de que eu mesmo me accuso. Pois bem, se tu a amas, se Maria te ama igualmente, cumpre que seja tua esposa. Teu dever te ordena que avizes o pai, pois que o pai he o primeiro amigo e o principal conselheiro de seus filhos.

Dizendo isto, chama Sievers. Veio este, e olhou com surpresa para Luiz, Sellhof e Maria: estes dous ultimos sobre tudo se mostravão abatidos de vergonha e desesperação. Luiz lhe deu em poucas palavras conhecimento do negocio. Senhores, disse o pai, eu vos devo toda a minha felicidade, mas o annuncio, que me fazeis, me afflige bastante. O Ceo, replicou Luiz, fez Maria e Sellhof um para o outro, devem unir-se, essa he a lei da natureza. Não pôde, por ventura, Sellhof conduzir a sua amada á presença de seus pais, e dizer-lhes: eis a esposa, que eu escolhi? Senhores, replicou vivamente M. Sievers, eu prézo mais que a vida a honra de minha filha; e não penseis que eu tenho a louca ambição de aspirar a uma condição brilhante. Conheço a familia de Sellhof: ella não consentirá, que elle espoze a filha de um pobre marceneiro. Oh! meus bemfeitores, custa-me a prescrever-vos este sacrificio; mas consultaí vosso coração, vossa delicadeza; e pelo que se tem passado, julgareis certamente ser vosso dever o evitar toda a communicação particular com minha filha. Os dous amigos não deixarão de replicar. Maria só respondeo com lagrimas. Em fim o pai insistio no seu proposito, e elles se retirarão.

Desde esse dia, as visitas de Sellhof e Luiz a casa do marceneiro erão menos frequentes: suas conversações respiravão uma fria reserva, — embaraço e constrangimento. M. Sievers não deixava mais sair sua filha sózinha. Sellhof era victima de uma profunda tristeza.

Obstáculos insuperáveis atravessavam a paixão dos dous amantes; em quanto Luiz via seu amor ao ponto de ser coroado pela possessão de Rosa. Madama Seeburg reconduzira para Elberg sua sobrinha, e manifestava intenções de vir allí residir brevemente. Por outro lado, o tempo havia chegado, em que Luiz, já com dezoito annos de idade, devia deixar o gymnazio. As duas familias estavam d'accordo de unir os dous juvenis corações: e nem já lho dissimulavam.

O joven Burckard, todo entregue ao sentimento de amor, passava ao lado de sua querida Rosa o tempo, que lhe era possível. Em tanto esta tinha ouvido do rumor publico, que Luiz e seu amigo erão accusados de comunicação suspeita com a filha de um marceneiro. O verdadeiro amor não he desconfiado. Certa da sinceridade e delicadeza do seu amante, ella não hesitou em refutar essas odiosas imputações; não pôde com tudo resistir á curiosidade de ver esta Maria, de quem tanto se fallava. A occasião para isso se appresentou bem de pressa. Burckard pai convidou para um simples, mas alegre jantar, Sellhof e a familia de Sieyers. Rosa fez conhecimento com Maria, e concebeo a maior idêa de suas boas qualidades. Não deixou todavia de assustar-se ao ver a familiaridade, que parecia reinar entre ella e seus moços bemfeitores; notou sobre tudo a distincção, com que ella tratava Luiz, e o interesse, que por elle tomava. No dia seguinte, fez Rosa observações sobre este objecto ao joven Burckard. Maria, respondeo esto, deve um dia ser esposa de Sellhof; mas isto está ainda em segredo. Ah! querido Luiz, quanto te amo! exclamou Rosa, lançando-se nos seus braços, donde não sahio senão envergonhada um pouco de suas suspeitas.

Debalde tentou Luiz convencer os pais de Maria. Apenas conseguiu d'elles, que os dous amantes gozassem de mais liberdade. Sellhof tambem lhe resistia, e debaixo de diversos pretextos, recusava dar parte á sua familia dos termos, em que estava compromettido com esta

donzella. A estas difficuldades attribuiu o nosso heroe a tristeza sempre progressiva de Maria. Muitas vezes a surpreendia elle só, banhada em lagrimas, e quasi soffocada com soluços. Uma noite, mesmo na presença de seus pais, no meio de uma conversação ordinaria, Maria se entregou de tal sorte á sua dôr, que Luiz lhe perguntou o que tinha. Se tens alguma cousa, que te afflija, deves confial-o a Sellhof, ou a mim. A rapariga suspirou, abaixou os olhos, e as lagrimas lhe corrêrão em maior abundancia. Talvez houvesse alguma querela entre Maria e Sellhof, disse a mãe, e nisto ficou o estado das cousas.

Quando Burckard e Sellhof se retirarão, disse este ultimo: Se eu te confiasse um grande segredo, irias tu dizêl-o a Rosa? A Rosa? Não posso prometter-te que lho esconderia. Tu disseste a Rosa quaes erão as minhas relações com Maria; Rosa o contou a Madama Seeburg, e esta a meu thio: Ah! Luiz, eu serei o mais desgraçado dos homens, se me fazes esta promessa. Pois bem, dou-te a minha palavra, disse Luiz, apertando-lhe a mão; Rosa mesmo não saberá o que tu me vais confiar. A' manhã o saberás, respondeo Sellhof; á manhã terei mais força para contar-to. Foi caminho de casa, e Luiz voltou para Elberg, onde o esperavão para cear. Achou na sala seus pais, Madama Seeburg, e Rosa, sentados juntos: a conversação parecia muito animada. He uma decidida calumnia, dizia Burckard enfadado. Não lhe deis credito, visinha. — Eu tambem o não creio, disse Rosa. A thia se azedou seriamente, e disse; pois eu sustento, que ella está pejada. — Luiz, exclamou Burckard, diz-se, que Maria está prenhe.

Todos fixarão os olhos sobre Luiz, que ficára pallido e immovel. Tudo agora lhe parecia claro. Estas poucas palavras explicavão o segredo de Sellhof, e a inconso-lavel tristeza de Maria. Isso he falso, disse elle com fogo, mas com uma voz mal segura. Apenas disse isto, saudou a companhia, e partio de casa, como um relampago.

## H

Rosa tremeo em todos os seus membros, o velho Burckard franziu as sobrançelhas. Joanna olhou enfadada para Madama Seeburg, e a avó exclamou: Ah! pobre rapaz! vós lhe fosteis tal dizer, sem a menor preparação. Corrámos apoz elle, para que lhe não aconteça alguma cousa. Grande tumulto na casa. Busca-se Luiz, mas elle já tinha desaparecido. Só Madama Seeburg se não tinha mexido. — Eu não pretendo, disse ella, que Luiz seja o auctor da prenhez; mas nada favoravel agouro do seu modo de comportar-se. Eis-aqui o fructo de abandonar rapazes a si mesmos, eis o effeito da imprudencia dos pais. — Pouco faltou para que M. Burckard não rompesse com Madama Seeburg. Conheço assaz o coração de Luiz, para o suppor capaz de acção tão vil, disse elle, e que seduzisse uma rapariga pobre, mas honesta. Se todavia, elle he culpado de similhante falta, não duvido que seja capaz de a reparar. A conversação foi interrompida pelo desmaio de Rosa, a quem este acoontecimento tinha abatido as forças. Custou muito a reconduzil-a a casa de sua thia.

---

## CAPITULO XI.

### *A Gravição.*

**A** Penas Luiz saíu de casa de seu pai; correo a Sellhof: Preciso absolutamente fallar-te, diz elle — Mas... mas. — Dize-me: que he que aconteceu a Maria? He verdade que ella está pejada? A estas palavras, Sellhof caíu nos braços de Luiz, e disse-lhe soluçando. Ah! he muito verdade, não me abandones, Luiz! Era esse o segredo, que me pezava no coração... mas como podeste sabê-lo? Oh, meu amigo, toda a cidade o sabe. — Sellhof estremeceo. Estou perdido, exclamou elle, e Maria tambem. Como perdido! Estás louco? — Ai!

não ha para mim esperanças, não ha recursos. — Não ha recursos? Maria será tua esposa, e tudo se acabará. — Tu não conheces meu thio! Que! Maria será victima de um louco orgulho, de um ridiculo prejuizo, e vãs chimeras! Ah! meu amigo, não ha repouso para nós, se a prenhez da minha amante se descobre. — Já seu pai o sabe? Não; eu queria encarregar-te de lho dizer. — Pois bem, vamos ambos. Luiz, eu to supplico, vai só. Attesta ao Ceo, elle sabe, que nunca alcançarei de meu thio consentimento para esposar a Maria.

Luiz partio como seta, e entrou em casa do mestre Sievers. Achou Maria sentada, com ar mui triste, e occupada na sua obra. A pezar da sem cerimonia, que o caracterizava, sentio que não era prudente explicar-se diante della. Chamou o pai para outro quarto, e principiou nestes termos. — Julgais-me vós bom rapaz? M. Sievers respondeo com um sorriso de approvação. — Tendes a mesma opinião de Sellhof? Outro signal approbativo de Sievers; eu vos considero, respondeo elle, como dous anjos. — Crêdes vós, com tudo, que qualquer de nós possa commetter um erro? Sievers ficou abstracto, e pensativo; e depois de algum tempo disse: — Meu querido Senhor; nós somos todos filhos de Adão. — E Maria? Aqui o velho levou a mão á frente, e teve um presentimento sinistro. Pois sabe, disse Burckard com uma voz trêmula; que Maria... está — aqui um soluço lhe truncou a voz, e foi obrigado a parar até recobrar o alento.

Maria, continuou elle, he á face do ceo, e dos anjos a esposa de Sellhof. Ella está pejada delle! O velho não pôde resistir a este doloroso golpe. Seus joelhos vacillaram, e caio sem sentidos sobre uma cadeira. — Mestre Sievers, proseguio Burckard, he preciso determinar o que devemos fazer. Vinde á manhã ter comigo ao passeio, eu farei que Sellhof esteja presente; e juntos tomaremos a deliberação, que julgarmos conveniente. Crêde, Senhor, que Sellhof he mil vezes mais desgraçado,

que vós, e mais infeliz, que Maria; pois lhe he impossível esposal-a neste momento. Isso esperava eu, replicou amargamente o pai: mas, dizei-me, continuou elle, crêdes vós, que um dia elle será seu esposo? — Não o he elle já? Oh, meu amigo, que horroroso nome vai dar o publico á fraqueza de Maria! . . . Aqui as lagrimas do velho corrião com mais amargura. Pobre filha, desgraçada Maria! exclamou levantando as mãos para o Ceo. Arrastou-se d'alli para ir dar parte a sua mulher deste funesto acontecimento. Mas não tratárão Maria com interpestivas reprehensões: Socorro, e consolação era antes o que ella necessitava. Tinha caído sem sentidos, e custou muito a recuperar-lhe o alento.

Luiz procurou Sellhof, e lhe contou o succedido. Sellhof lhe deo os mais sinceros agradecimentos; mas logo o convenceo de seu extremo infortunio, apresentando-lhe uma carta de seu thio, em que o ameaçava de prisão, e declarava, que havia de perseguir Maria com todo o rigor, que a lei lhe outorgava. Debalde fez Luiz contra esta carta as representações, que lhe dictavão suas idéas sobre o direito natural; debalde tentou persuadir Sellhof a que esposasse secretamente a sua amante, e se expatriasse por algum tempo. Sellhof fez valer todas as razões, que a prudencia oppunha a semelhante medida. Por tanto supplicou a Luiz, que fosse no dia seguinte prevenir os pais de Maria das tenções de seu thio, e os persuadissem a pôl-a em lugar seguro, onde se abrigasse contra o rigor excessivo das leis do paiz.

Luiz voltou para Elberg. A tarde estava adiantada. Avistou Rosa á janella, e subio a casa da thia. Então, disse Madama Seeburg, fostes vêr Maria? Senhora, respondeo elle com gravidade, o desgraçado pai de Maria roga ao Ceo, que ampare sua filha, e defenda a sua reputação contra os golpes da maledicencia. — Oh, sim, sempre esperci, que esta rapariga achasse em vós um defensor zeloso. — Certamente! Ella terá em mim um apoio, em quanto este coração gosar de movimento.

e da vida. — Assim vos negais . . . Eu negat! Não, Senhora. Podia acaso desmentir-se o facto, quando a desgraçada está exposta aos sarcasmos e desprezo do publico, e que todos tem os olhos fixos sobre esta miseravel familia? Mas, replicou Madama Seeburg, se vós a frequentaes, incorreis nesse desprezo, e nesse anathema geral. — Oh! exclamou Luiz, se se tratasse do vosso desprezo, do de Rosa, e do de meus queridos pais, então de certo não lhe sobrevivera; mas a opinião inconstante do vulgo pouco ou nada me importa. Luiz, disse Rosa, vós tendes idéas mui singulares. Mas dizeme, Rosa, qual quizeras tu, que eu fosse um máo homem, ou que o publico mal a proposito me julgasse tal? — Preferiria mil vezes essa ultima alternativa. — Muito bem, qual quizeras tu, que eu passasse por um libertino, ou que o fosse? Podes tu perguntar-mo? — Pois ouve, Rosa: Se eu continuo a visitar esta familia, chamar-me-hão libertino, e com tudo eu faço o que devo. Se eu não a visito, sou um monstro de ingratidão, porque abandonando-a, dou a entender, que Maria he uma mulher corrompida, e sem costumes. Eis o caso que tenho para decidir. — Se he melhor, que obre contra a delicadeza, e principios, ou se me exponha ás invectivas do vulgo ignorante.

Mas por tanto, replicou Rosa, esta rapariga parece ter costumes verdadeiramente . . . Respondei a isto, Senhor filosofo, disse a thia Seeburg com ar de triumpho; Se ella não he uma prostituta. — Como lhe chamareis? — Virtuosa? — Longe de mim tal idéa! He verdade, que ella commetteo uma acção, que n'outras circumstancias seria louvavel e legitima; satisfêz á inspiração da natureza.

Basta de semelhantes discursos, interrompeo a thia; são muito indecentes, e sobre tudo diante de mulheres . . . Luiz pretendeo replicar; mas seu pai impaciente da sua demora, o mandou chamar: e como havia tomado o partido de deixar Luiz obrar livremente, tinha

prohibido ás mãs, que lhe fallassem de Maria. Assim ninguém abrio boca a este respeito, e ninguém de entre elles duvidou, que Luiz fosse o seductor desta joven, e interessante donzella.

---

## C A P I T U L O XII.

### *O Amigo Generoso.*

**O** Joven Burckard dormio a noite com inquietação. Os infortunios de Sellhof e de Maria o affectavão, como se fossem proprios. A's seis horas da manhã, foi a casa do mestre Sievers. Mas qual foi a sua surpresa, ao vêr um magistrado e officiaes de justiça entrar alli ao momento, que elle chegava! A' vista destes, a mãi soltou grandes clamores de medo; o pai ficou immovel na cadeira, em que trabalhava. Maria, a infeliz Maria lançou-se ao pescoço da mãi, e agarrava-se a ella com tanta força, como se d'alli a quizessem arrancar. Que he isto? exclamou Luiz . . . . Que vindes vós aqui fazer, Senhor magistrado? Isso não vos importa; respondeo o magistrado; venho aqui pela queixa, que fez Jeronymo Christovão Sellhof, thio do joven Sellhof — Senhor, isso interessa todo o ente sensivel. Vêde os males, que produz aqui a vossa presença. — Venho preencher o ministerio, que me foi confiado; e examinar se a donzella, que está presente, se afastou dos seus deveres . . . . Espero que não fareis esa verificação: que faz isso á justiça? Calai-vos, mancebo, não me interrompais as minhas funcções; ou sai. Esta rapariga seduzio, sobornou um mancebo de familia nobre, e o subtrahio a seus deveres, esperando sem duvida arrastal-o a uma vergonhosa alliança. Merece um castigo exemplar. — Mas como sabeis vós que ella está pejada de Sellhof? Mas vós tomais muito a peito o interesse desta miseravel. — Além disso, Senhor ma-

gistrado, exclamou Luiz com indignação ; nem o Senhor Christovão Sellhof, nem seu sobrinho tem aqui que requerer. Não me obrigueis a fazer uso da auctoridade, que me foi delegada. Eu vou conduzir sómente Maria Sievers ao hospital. A mãe, e a filha lançarão gritos de desesperação, e estendêrão para Luiz braços supplicantes. Senhor magistrado, disse este ultimo, vós não tendes direito de usar desses meios de rigor, se não tendes uma declaração positiva de Sellhof, ou de Maria : e espero que elles vol-a não dêm. Como? ousarão elles negar? replicou o magistrado. Sem duvida, disse Burckard, pois que não he verdade. Maria Sievers está effectivamente pejada; mas não he de Sellhof: quem he o pai da criança... Sou eu!

Esta declaração inesperada ferio á maneira de raio todos os espectadores. Isso he differente, replicou o magistrado; mas assignareis vós essa declaração? — Sem hesitar — pois eu formo o processo verbal. — Immediatamente o magistrado e o seu escrivão se pozerão a verbalizar o acto. O pai, a mãe, e a filha estavam de tal sorte estupefactos, vendo o que acabava de acontecer; a generosidade de Luiz os havia penetrado a tal ponto, que elles não tiveram força para oppor-se. — Redigido que foi o acto, o magistrado representou a Luiz todas as consequencias da declaração, que elle acabava de fazer; o novo embaraço, em que ía achar-se Maria, se os pais d'elle Burckard fizessem queixa da sua parte. — Luiz respondeo, que nada tinha que recear. Assignou com intrepidez, e forçou Sievers, sua mulher e Maria a pôrem a sua assignatura.

Terminado o negocio desta maneira, não havia mais processo, que fazer. Retirou-se o magistrado: mas grande escandalo por toda a cidade. Por toda a parte se dizia, que Luiz era o pai da criança, que tivera a baixezza de o attribuir a Sellhof, e que só o reconhecêra, quando foi obrigado a isso pela evidencia do facto.

Na sua volta para Elberg recebeu Luiz um bilhete de Sellhof do teor seguinte: —

« Nobre e generoso amigo. Meu thio chegou, e me » reprehendeo com a sua costumada dureza. Elle duvida » do teu ardil magnanimo. Penso que Maria não está » ainda segura. Cuida de que ella escape a todos os pe- » rigos, e crê, que logo que eu possa, me apressarei » a reparar tudo quanto a tua mentira pôde ter de desa- » gradavel para ti. » *E. V. Sellbof.* »

Luiz tendo lido esta carta, deo duas, ou tres voltas no quarto, e reflectio no que havia fazer. Correo promptamente a casa do mestre Sievers, e disse-lhe que a liberdade de sua filha estava ainda ameaçada, que a sua situação pedia além disso um retiro, onde ella estivesse ao abrigo dos insultos da malignidade. Por conseguinte elle tomou Maria, metteo-a na carruagem, e couduzio-a á casa de seu pai. Rosa teve o tormento de o vêr com Maria nos braços entrar mysteriosamente em casa. Este espectáculo lhe causou uma revolução, que gelou seus sentidos de horror. Ella acreditou a infidelidade de seu amante, e vio que para consumal-a dava ainda em sua casa um azilo á sua rival.

Eis-aqui Maria, diz Luiz a seu pai. — Como? Em nossa casa? Sim, dai ordem para que se lhe prepare o quarto verde. Ella passará aqui esta noite; e as seguintes se vós o permittirdes. He do meu dever subtrahil-a á tyrannia dos homens, e á maistemivel ainda, á da maledicencia dos prejuizos.

Posto que o velho Burckard tivesse o costume de deixar sempre seu filho obrar segundo seu motu proprio, esta circumstancia não lhe agradou muito. Não quiz todavia recusar-se, e determinou-se a esperar o resultado. Conduzio-se Maria a um quarto, onde immediatamente se deitou na cama. As revoluções, que passára, a tinham fortemente indisposto.

Mas, meu Deos! disse Madama Burckard, estando só com Luiz: esta rapariga está quasi a parir. — Sim. Deve estar pejada de oito mezes. — Não está casada? — não; mas ha de casar; — e o estado, em que ella se

acha, he de mais um incentivo para a nossa beneficencia. — He verdade ; mas todo o mundo não pensa como tu, e como teu pai. Isso acabará de nos afugentar todos os visinhos, todos os parentes. . . . A Deos, minha mãe, he preciso que eu vá tranquillizar Mr. Sievers, dizer-lhe, que sua filha está em segurança, e que meu pai consente em dar-lhe um azilo.

Mr. Burckard achava a conducta de seu filho inexplicavel. Começava a arrepender-se de lhe haver dado tanta liberdade; mas assentava, que ao menos em contemplação ao amor, que tinha a Rosa, teria prevenido Madama Seeburg, ácerca dos seus designios. Foi nessa idêa a casa desta dama. Achou-a n'uma conversação muito animada com Rosa. Esta estava mui pallida, e parecia quasi succumbir á sua dôr. Estaes doente, Rosa? disse M. Burckard. Oh! não he nada, Senhor, respondeo ella: mas sube cousas extraordinarias. Eu mesma fui testemunha. . .

Na verdade, disse Madama Seeburg, a conducta de vosso filho he intoleravel. Elle se declarou auctor da prenhez de Sievers. Nós o vimos esta manhã introduzil-a secretamente em vossa casa. Não me compete examinar quaes sejam os seus motivos, nem se elle tem ou não intentos de casar com essa rapariga; mas fazei-me o favor de lhe dizer, que não ponha mais pé em minha casa. Eu creio, minha visinha, que não precisamos dar-lhe conselhos a este respeito. Se elle he o pai da criança, he indubitavel, que será o esposo de Maria.

Nisto, entrou Luiz no quarto. Rosa, horrorisada, se levantou, e quiz fugir. Burckard a reteve. Bom dia, Madama; bom dia, cara Rosa, disse Luiz. Bom dia, Senhor, respondeo Rosa. — Como Senhor! Porque me não chamas, Luiz? Já vos disse, Senhor, muitas vezes, que não eramos crianças. O tratamento de tu, não me compete. Eu vos tratarei por *Senhor*.

A thia tomou a palavra com azedume, e sem mais preambulo lhe perguntou, se era verdade o que se dizia; se elle era o reconhecido seductor de Maria, e se a tinha

trazido para casa de seu pai. Não posso, replicou Luiz, responder-vos neste momento. Permitti, que eu guarde silencio. — Mais uma pergunta: sois vós realmente o pai da criança? — Póde a thia de Rosa fazer-me semelhante pergunta? e fallando assim, lançou sobre a sua joven amiga uns olhos, em que se mostrava toda a vivacidade do sentimento.

Senhor, replicou a thia, eu não tenho direito de metter-me com as vossas acções. Mas se vós não retractaes desde hoje a declaração juridica, que tendes feito, eu devo, por minha honra, e pela de minha sobrinha, prohibir-vos a entrada de minha casa. Eu não posso, Senhora, sem ser um monstro, fazer o que me propondes. — Vós conseguintemente daes armas á calurnnia? A calurnnia nunca attinge a virtude. Madama Seeburg não replicou. A conversação afrouxou um pouco, e mudou de objecto. Rosa e a thia se levantárão, e forão para um quarto visinho. Luiz e Burckard se retirárão.

Seeburg, estando só com a sobrinha, não lhe encobrio a indignação, que lhe havião excitado os procedimentos do pai e do filho. Disse, que era preciso renunciar a toda a idéa de alliança com familia tão singular, e a despeito das lagrimas, que Rosa vertia, declarou-lhe, que no dia seguinte partiria com ella para Brunswick. Rosa aproveitou-se de um pequeno intervallo, em que ficou só, para escrever um bilhete a Luiz. Ella promettia perdoar-lhe, se elle lhe fizesse francamente a confissão de toda a sua conducta, e pozesse Maria fóra de casa.

Antes da sua partida, que foi no dia seguinte, ella entregou o bilhete ao jardineiro, encarregando-o de o levar a quem elle era dirigido. No momento, em que lho entregava, olhou, e vio Luiz sentado no jardim ao pé de Maria; elle porém não a via, estando com as costas voltadas para o lugar, onde ella estava. As lagrimas lhe rebentárão dos olhos, enxugou-as com o lenço, e por pouco que não reclamou a carta. Antonio, disse ella ao jardineiro, dirás ao Sr. Luiz Burckard, que eu estava

muito alegre no momento da minha partida, e que ria muito. . . . Mas, Senhora, parece pelo contrario, que vós choraes. Ah! o Sr. Luiz, quando vós estaveis em Brunswick, fallava mil vezes na vossa pessoa, e tambem chorava! Pois bem, não lhe digas, que eu ria; dize-lhe o que quizeres. Nistò, chegou a thia, que procurava Rosa por toda a parte. Vamos, lhe disse ella: Que fazes aqui? Entrarão na carruagem immediatamente, e partirão.

Luiz não recebeu logo o bilhete de Rosa. Apenas o leu, foi rapidamente a casa de Madama Seeburg; mas havião duas horas, que ellas já tinhão partido. Voltou a casa pensativo, e reflectio nos meios de pôr Maria fóra de casa. Foi ter com esta, em ordem a communicar-lhe a sua intenção. Maria penetrando os seus sentimentos, e com ar enternecido, lhe disse: Mr. Burckard, eu reconheço vivamente as obrigações, que devo á vossa familia, por me haverem dado um azilo: mas eu vejo que faço incommodo a vossos pais com a minha estada aqui. Procurai-me outro retiro, e escondi a minha vergonha aos olhos de todo o mundo.

Não; replicou Luiz commovido, pense Rosa, como quizer. O amor te fez desgraçada, a amizade adoçará tuas penas. Fica aqui, querida filha; seria crueldade minha ir depositar-te em mãos de estranhos.

Dizendo isto, correu a seu pai, e não lhe occultou cousa alguma do que se havia passado. M. Burckard não pôde conter as lagrimas; chamou a mulher e a sogra, e contou-lhes, debaixo de segredo, a acção generosa de seu filho. Fez-lhes sentir, quanto elle era generoso e magnanimos; pois que nem os rogos da sua querida Rosa suffocavão em seu coração as vozes da humanidade. Concederão por tanto todos a este respeito, e prestarão a Maria toda a attenção e cuidados, que exigia a sua delicada situação.

## CAPITULO XIII.

*O Criado de Aluguel.*

**A** Usente de Rosa, que estava longe de Elberg, Luiz vivia entregue á mais dolorosa saudade; e com tudo não podia afastar-se do lado de Maria; tanto mais, quanto ella se approximava do parto. Um dia, disse elle a seu pai: — Estou já descansado sobre a sorte de Maria. Oxalá que podesse dizer o mesmo de Rosa. Quero ir a Brunswick, e farei instancias a Madama Seeburg. Ella não tem máo coração. Conhece a inteireza dos meus sentimentos, assim como Rosa. He preciso que voltem para aqui. Burkard não vendo inconveniente, o deixou ir. Tomando a benção dos pais, Luiz montou a cavallo, e apeou-se em Brunswick n'uma estalagem. Correo logo a casa de Madama Seeburg, mas não achou thia, nem sobrinha. Tinhão partido para o campo, e esperavão-se todos os dias. Luiz voltou triste para a estalagem. O patrão lhe perguntou o que vinha fazer a Brunswick.— Ver a cidade, disse elle. O estalajadeiro lhe nomeou tudo o que havia de mais notavel dentro; e nos arrabaldes. Como Luiz não tinha que fazer, tomou um criado de aluguel, para lhe servir de guia. Era um desses lacaios de libré, que de ordinario tem mais que um officio, e fazem serviços ás vezes; que não são dos mais honrosos. Este criado começou logo a causticar Luiz com a sua perpetua bacharelisse; e o conduzio por tanto ao Museu de historia natural, á casa da opera; depois ao passeio publico; e das observações de Luiz concluiu, que tinha que tractar com um manço mui novo e sem experiencia.

Durante que elles caminhavão, elle lhe contava, como em ar de conversa, que vivia em extrema pobreza com uma familia numerosa. Luiz ouvia compadecido

todas as miudezas de seus infortunios. Nisto, passou por pé delles uma linda rapariga. Luiz achou que ella tinha algumas parecências com Rosa, que nunca lhe sahia dos sentidos, fitou nella os olhos, e seguia-a por algum tempo sem os desviar. Gostaes desta rapariga, Senhor? Disse o criado. — Oh! certamente. Ah! Ah! disse entre si o astuto lacaio: Moço amigo de mulheres, e noviço; pôde-se fazer delle alguma cousa.

Tendo voltado para casa, Luiz pagou ao criado muito mais do que elle esperava; e querendo ajustal-o por dias, este não quiz fazer preço, affectando desinteresse. Elle vio nas mãos do rapaz uma bolça cheia de ouro; e logo concebeo a idéa de se apropriar, ao menos parte daquella riqueza. Á noute, uma bella rapariga veio procurar Luiz, e lhe fez as costumadas proposições. Mas qual foi o espanto do criado, quando vio que Luiz a expulsava do quarto a pontapés, e a zurzia com um chicote até ao patamal da escada. Que he isso, Senhor, que quer essa mulher? Disse o criado. Nada, replicou friamente Luiz, pendurando o chicote. He uma má mulher. Por então o nosso hypocrita se poz a fazer eternas lamentações sobre a corrupção dos costumes e imperdoavel negligencia da policia.

Elle contou ao mancebo historias, que o fizerão bramar. Burckard, tendo-o ouvido ter taes declamações, — tanto se indignou contra a desenvoltura e libertinagem, que o criado quasi perdeo as esperanças de realizar seus projectos.

Passados alguns dias, pôde com tudo persuadil-o a ir á opera; finda a qual, elle o foi esperar á sahida, para o reconduzir a casa. Passando por uma rua estreita e escura, Luiz ouviu soluços. Quanto sou infeliz! Dizia em voz baixa uma mulher. Elle parou: o lacaio ia adiante com a lanterna. Espera! gritou Luiz. Que tendes vós, Senhora? Neste momento chegou-se o criado com a lanterna, e Luiz vio uma mulher de assás linda presença, toda banhada em lagrimas. Que tendes, Senhora,

que posso eu fazer em vosso serviço? Nada, Senhor, respondeo ella. A desgraça me tem reduzido á desesperação: sou innocente e virtuosa, mas os meus pais são crueis e inexoraveis. Querem vender-me. Que! zombaes vós? — pois vendem-se mulheres neste paiz? Querem reduzir-me a ser amiga de um rico fidalgo. Antes de chegar a essa extremidade, quizera afogar-me. Como? Vossos proprios pais obrão com vosco dessa maneira? Isso he horroroso. Vinde comigo. Desde este momento estaes debaixo da minha protecção.

Deu-lhe o braço, e caminhando juntos, pararão na rua verde. Luiz disse ao criado, aonde assiste o intendente da policia? Guia-nos a sua casa. A rapariga a estas vezes quiz fugir: o criado ficou surpreso e confuso. Ah! eu não quero lá ir, disse a primeira. Como! a estas horas? disse o criado. — Sim; e se elle recusar fazer justiça a esta infeliz, farei queixa ámanhã ao ministro. Muito bem, replicou o criado; mas isso fará muito mal aos pais da Senhora. Oh, de nenhuma sorte o consentirei; proseguio esta; quaesquer que sejam os escandalos, que delles tenho, não desejo que se faça mal a meus pais. Antes quizera morrer.

Esta repulsa não agradou a Luiz, sem com tudo penetrar os motivos: estava indeciso e irresoluto. Não tendes vós, disse o criado á rapariga, algum parente, a cuja casa vos possam levar? Tenho um, replicou ella balbuciando.— Pois bem, este cavalheiro vos levará ámanhã á noute á policia, ide dormir a casa de vosso parente, e entretanto buscar-se-hão informações. A rapariga esteve por isto, deu a sua direcção, e supplicou a Luiz, que não a abandonasse. Apartarão-se. Custou-me a crer a sua historia, disse o criado: não quiz ir a casa do magistrado: o meu intento foi só vermo-nos livres della. Póde ser que esteja na desgraça, mas fez-me desconfiar o seu modo. — Luiz era quasi desta opinião; mas porque chorava ella, observou elle, n'uma rua, onde ninguem passa? De que lhe serviria isso, se não fosse verdadeira a sua historia.— Ten-

des razão, Senhor Burckard; mas toda a cautela he pouca: sois estrangeiro; e devem-se recear os tratantes.

Na manhã seguinte, Luiz tornou a fallar na desconhecida com o criado. A sua imagem não o tinha deixado toda a noute. Ah! Ah! creio que sois mui sensível. Vejo porém, que deve haver muita cautela com esta e outras aventuras. Todavia, ainda que o caso he suspeito; não deixeis de a ver, se vos parece. Estas raparigas são tão desgraçadas! Haverá quinze dias tirarão uma do rio. A miseravel tinha-se afogado por se achar sem recursos. Mas sêde prudente, joven Senhor; se ella vos fallar de a conduzir a casa de parentes, que tenha na cidade, deixai-a immediatamente; desconfiai tambem della, se vos propozer, que a leveis para a vossa estalagem.

Sendo já noute, foi Luiz ao lugar designado; a rapariga já lá se achava. Ella disse, que tendo reflectido, assentava de voltar para casa de sua mãe em Hanover. Assim rogou ao sensível Luiz, que a conduzisse áquella cidade. Burckard fez pouca resistencia; e ajustarão que na tarde seguinte ella se acharia em uma carruagem de pósta á sahida da cidade, e que viesse ella ali ter com o seu fato.

As sete horas da noute se appresentou Luiz com o seu criado ás portas da cidade, e a rapariga não apparecia. Esperarão longo tempo, até que finalmente ella chegou, toda atemorizada, e quasi sem alento. Luiz a fez entrar na carruagem, e lhe pedio, que tivesse animo. Partirão logo; e haveria uma hora, que marchavão, quando a rapariga começou a gritar. Ah! tenho uma dor; sinto desfalecer-me. Pararão a carruagem. A rapariga não tinha melhoras. Bem de pressa cahio em convulsões horribéis, que assustarão Luiz. O criado foi de parecer, que passassem na visinha estalagem, até ella ter tempo de recuperar as forças. Luiz assentio, e ambos apeárão a sua companheira de viagem, e a transportárão a uma estalagem, que estava ali perto.

*Aventuras da Estalagem.*

Não para Brunswick, mas para Hannover tinha ido Rosa e Madama Seeburg. Esta ultima indignada com Luiz, accitaria instantaneamente outro qualquer partido, que se offerecesse a Rosa. Com tudo no fim de alguns dias, o seu resentimento se tinha acalmado. Já dava attenção ás desculpas de Rosa, que não fazia, senão gabar as boas qualidades de Luiz; e persuadida de seus rogos — assentou voltar para Brunswick, e de lá para Elberg. Os máos caminhos tinham retardado a sua viagem; e não podendo chegar esse dia a Brunswick, pernoitarão justamente naquella estalagem, para onde Luiz transportára a sua desconhecida. Erão nove horas e meia: Madama Seeburg estava já deitada, e dormia profundamente. Rosa ia deitar-se; quando ouviu parar uma carruagem á porta da estalagem; e Luiz dizer em voz alta — trouxe luz. Rosa chegou tremendo á janella, e abrindo-a vio a favor da luz, que havião trazido, descer Luiz da carruagem com uma mulher nos braços, e introduzil-a na estalagem.

Rosa não sabia o que pensasse de tudo isto; quiz acordar a thia, mas fazendo reflexão, poz outra vez o vestido, e o lenço do pescoço; e resolveo-se a verificar a todo o risco, se os seus olhos a tinham enganado. Ella abriu mansamente a porta do seu quarto, e deixou uma pequena greta aberta, donde podesse olhar sem ser vista. Tendes algum quarto de cama, perguntou Luiz ao estalajadeiro. Sim, Senhor, para o servir; e promptamente o conduzio a um quarto, que ficava junto ao de Rosa. Esta vio com sobresalto inexprimivel Luiz trazer nos braços aquella mulher, desmaiada, com o seio todo descoberto, e entrar com ella no quarto. Prestou attento ouvido, sentio movimento no quarto visinho, o qual cessou bem de pressa, e o seu abatimento foi ainda mais desolante. — Quem he esta rapariga? dizia Rosa com sigo? e a sua imaginação se perdia em conjecturas. Ficou

longo tempo immovel, e ferida como de estupor no meio do quarto; e só quando se sentio — enregelada do frio; he que se lançou sobre o leito; mas não pôde achar nelle o somno.

Era meia noite. Batem á porta com grande força. Abre-se a porta. Sobem gente a escada com bulha, e entra precipitadamente no quarto visinho. A rapariga, que estava com Luiz, começa a dar gritos. Scelerado! roubador! são as vozes que soão. O coração de Rosa palpitava violentamente; o tumulto, que se augmentava cada vez mais, a obrigou a erguer-se. Veio de vagar para não acordar a thia, e poz-se a escutar junto ao tabique do outro quarto. Ouvio uma conversação muito animada. A final abriu-se a porta: Luiz sahio; uma voz rouca proferio estas palavras. Dá graças a Deos, miseravel seductor! de sair desta a tão leve custo; tenho compaixão de tua mocidade. Burckard desceo a escada sem responder; chamou o cocheiro com uma voz de trovão, montou na carruagem e partio.

A desgraçada amante de Luiz ficou como ferida de raio. Perfido! disse ella, vio-se já descaramento mais decisivo? Nisto foi maquinalmente abrir a sua mala, tirou um par de luvas, que tinha muito bem embrulhadas em papel, unico presente, que tinha recebido de Luiz, e que nunca trazia, mas que só tinha o prazer de contemplar de quando em quando. Scelerado! exclamou ella, e n'um momento as luvas forão rasgadas, e feitas em mil pedaços. Tendo obedecido aos primeiros movimentos, passou logo a sentir uma dolorosa consternação. Sua alma succumbio ao peso da melancholia. — Indigno! dizia ella entre si, hypocrita! Não me ha de tornar mais a vêr; nem mesmo heide abaixar-me a reprehendê-lo! Quanto o desprezo! quanto o aborreço!

Não fechou olho toda a noite, absorvida inteiramente em meditações desoladoras. A manhã com tudo lhe trouxe algum allivio, com a idéa consoladora de que Luiz podia estar innocente. Tendo ouvido a mulher do esta-

lajadeiro sair do quarto de Luiz, abriu a porta, e perguntou-lhe que horas erão. Tres horas, Senhora. Como! ainda tão cedo? — Presumo que a bulha, que estes Senhores fizerão, vos acordou. — Certamente; mas qual foi o motivo d'isso? Vinde até a minha casa de jantar; se não tendes mais que fazer; e eu vos contarei tudo o que se passou. Rosa a seguiu em silencio, e a patrôa falou nestes termos: —

« Pelas dez horas da noite veio aqui um joven Senhor, » em carruagem com uma rapariga. Esta rapariga estava » indisposta, ou o fingia estar. No nosso modo de vida, » bera vedes que nos não importa saber as circumstan- » cias de quem aqui vêm pousar. Demos-lhe o quarto » ao pé do vosso. O que lá fizerão não he da nossa com- » petencia. Mas vamos ao fio da historia. — Este moço » Burckard . . . . Oh Ceo! interrompeo Rosa suspirando: » Sim, he o nome que elle me deo. Este Mr. Burckard » pois, encontrou em Brunswick esta joven creatura, na- » morou-se della, e trouxe-a consigo ás escondidas de » seus pais. A familia correo atraz d'elle; e o pai da ra- » pariga os surprehendeo juntos: » — Rosa voltou o rosto e poz nelle a mão para encobrir as lagrimas e a perturbação, em que estava. — « Vós tendes dôr de cabeça, » Senhora? — Sim, o ar da manhã — « Em fim, » para vos acabar a minha historia, eu fui dar com a » rapariga de joelhos aos pés do pai, jurando que Mr. » Burckard a tinha seduzido. O pai com uma pistola na » mão, queria deitar os miolos fóra a este rapaz. Mas; » que fazia o mancebo? Os que acompanhavão o pai, o » agarravão pelos braços, e custava-lhes muito a segu- » ral-o. Elle escumava de raiva. Eu intercedi por elle. » Pedirão-me que me retirasse. Presumo todavia, que » se arranjarão: por que um delles veio dizer-me. Se- » nhora, nós vamos partir. Não vos scandalizeis pelo » ruido, que aqui fizemos; mas minha sobrinha está » deshonrada; e meu irmão, pai desta infeliz, está quasi » louco. Se não fosse eu, teria havido sangue derramado. » Felizmente segurei o braço de meu irmão. »

Neste momento, vio a estalajadeira que Rosa estava quasi a perder os sentidos. Mas que he o que tendes, Senhora? — Nada; he o ar da manhã. — Oh! ide promptamente deitar-vos; e procurai dormir ainda um pouco. Rosa seguiu o conselho da estalajadeira; foi-se deitar, e ensopou dous lenços com as lagrimas, que derramára. Madama Seeburg acordou ás oito horas da manhã. Rosa quiz esconder-lhe o motivo de sua pena, e queixou-se de ter soffrido toda a noite uma violenta colica. A thia lhe deo credito, pela vêr tão abatida e desfigurada, como se estivesse por oito dias ás portas da sepultura.

---

## C A P I T U L O   X I V .

*Explicação da aventura da estalagem. — A mascarada.*

**P**obre Rosa! A historia, que tinha ouvido, era um pouco desfigurada: era em parte falsa, e em parte verdadeira. Toda a intriga, em que Luiz se vira envolvido, tinha sido manejada pelo perfido criado. A rapariga fingio-se indisposta, para ter o pretexto de parar na estalagem, que estava na estrada real. Quando Luiz entrou no quarto, ella se lançou sobre a cama instantaneamente, buscando restabelecer-se. O criado ficou em baixo, para expor o nosso heroe ao perigo de ficar só com uma bella, e meia despida rapariga. — Luiz porém deixou só a bella deitada sobre o leito, e sentou-se á janella, e olhando para os astros, cuidava vêr Rosa em cada estrella, que o Ceo lhe mostrava, Rosa, objecto de todos os seus pensamentos.

A' meia noite em ponto, apparecêrão os actores do ultimo acto, assim como havião entre si ajustado. O laçao mostrou-lhes o quarto de Luiz. A rapariga começou a dar gritos, a penas ouviu as conhecidas vozes.

Luiz cuidando que era algum forte ataque da sua indisposição, correo para o leito, e segurando a rapariga com ambos os braços, se debruçava sobre a cama. Neste momento abriu-se a porta com precipitação, e os actores entrarão de tropel no quarto. Eis-aqui o seductor de minha filha! exclamou um homem baixo e grosso. Luiz quiz correr para elle, mas a complice destes scelerados o segurou nos braços. Dous, ou tres homens da caterva o agarrão tambem de maneira, que não pôde livrar-se delles. O pretendido pai tinha uma pistola na mão, e o eriado, que tinha acudido á bulha, lhe segurava o braço, fingindo querer arrancar-lha: do outro lado, a rapariga se tinha precipitado da cama, queixando-se de haver sido violada. Tal era o estado das cousas, quando acodio a estalajadeira. O velhaco, que se havia encarregado de fazer o papel de pai, fez gestos furiosos, e jurou dar cabo de Burckard, se não assignasse promptamente uma promessa de casamento. O perfido laçao se lançou de joelhos e intercedeo por seu joven amo. Contou a historia da maneira, que lhe era mais favoravel, fez com que saísse a estalajadeira, e disse que o Senhor Burckard antes queria arranjar o caso, dando algum dinheiro para satisfação da injuria feita ao pai.

Nisto, elle tomou Luiz á parte, e representou-lhe, que toda a defeza era inutil; que a rapariga tinha a seu favor, não só essas falsas testemunhas, mas tambem a estalajadeira. Que era melhor accommodar o negocio, fazendo algum sacrificio. Luiz olhou friamente para estes scelerados, reflectio um pouco, e disse depois para o criado: — Insensato! e qual he a somma, que tu esperaste arrancar-me por meio desta pistola, que está descarregada? — Esta pergunta embarçou algum tanto os assistentes. O pai quiz recommear o seu papel, mas representou-o como actor apupado. Todavia entrou-se em negociação. O pai pedia uma somma exorbitante. Luiz pôz tranquillamente quatro Luizes de ouro sobre a meza, e disse: se lhes não pegaes de pressa, não tercis nada. Triste.

do primeiro, que se atrever a tocar-me, eu o estriparei com esta faca.

O sangue frio, e intrepidez daquelle, que elles supunhão surprehender facilmente, os aterrou: olharão uns para os outros. A final o pretendido pai foi pegando das quatro peças de ouro. Luiz caminhou para a porta com a faca sempre na mão, desceo prestes, e metteo-se na caruagem, e como vimos, acompanhado sempre do aleivozo criado. Este não cessava de soltar invectivas contra tão desafortada ladroeira: Luiz lhe ordenou, que se calasse, porque tal conversação lhe desagradava. Corria-se de haver caído em tão grosseiro logro. Por fim adormeceu na sege de posta, e ao romper do dia se achou em Brunswick diante da porta da sua estalagem.

Rosa em todo o caminho não tinha cessado de chorar; Madama Seeburg lhe perguntou qual era a razão, por que chorava, e se era pena de estar ausente de Luiz. Madama Seeburg gracejava, e este gracejo penetrava o coração de Rosa. Não me falleis mais desse rapaz, disse ella com dolorosa expressão. Oh! nós tornaremos a vê-lo bem de pressa. A' manhã estaremos em Elberg. — Oh! minha thia, cu vol-o peço, fiquemos em Brunswick. — Eu não quero ouvir mais fallar de M. Burckard. — E porque, Rosa? Pensava que tu lhe tinhas perdoado. Creio, que ha mais imprudencia, que verdadeira offensa na sua conducta. Vamos, não sejas criança; o teu enfado não será de longa duração.

Luiz não tardou muito em saber, que a sua querida Rosa tinha voltado para Brunswik. Foi logo á casa de Madama Seeburg. Ah! Graças a Deos, que sois chegada, Senhora, disse elle, beijando-lhe a mão. E Rosa onde está? Foge ella de mim? Pois que! não o mereceis? perguntou a thia sorrindo-se. Creio que ella tem razão para estar enfadada com vosco. Isso não he possível. . . . Neste momento, Rosa entrou na sala, foi esconder-se atraz de uma cadeira, e voltou o rosto para o outro lado. Querida Rosa! exclamou Luiz, com as

lgrimas nos olhos . . . e quiz correr a abraçal-a. — Senhor Burckard, tende a bondade de não vos chegardes a mim. Luiz ficou suspenso, caídos os braços, e os olhos fixos. Rosa, disse elle com accento da desesperação! Sou eu, he Luiz, quem tu trataes assim desabrida! Sim, Senhor; e se algum dia tivestes por mim a mais pequena consideração, peço-vos que me deis uma prova — não vos apresenteis mais diante de meus olhos.

A estas palavras seu rosto se inflammou, e corarão-lhe as faces. A thia não ficou menos surpresa, que Luiz; Rosa, disse ella, que tens tu? Nada, minha thia, mas se M. Burckard não quer ter a bondade de retirar-se, irei de pressa para o meu quarto. — Ah! Rosa, tu me espedaças o coração! e quiz de novo approximar-se. Rosa correo para o seu quarto, e se fechou á chave.

Mas, Luiz, disse Madama Seeburg: — Que lhe tendes vós feito? Nada absolutamente; e não sei o que isto quer dizer. Luiz supplicou-lhe que intercedesse em seu favor, e retirou-se, protestando pela sua innocencia e chorando. — Voltou para a estalagem, e quiz ficar só todo o dia.

Debalde fez Madama Seeburg todo o possivel para saber de Rosa a causa destes arrufos. Nada satisfactorio pôde tirar della. Pelo contrario, protestava ella, que nada a obrigaría a esposar Burckard filho. Luiz não se deo por vencido; fez nova tentativa: mas ainda com menos proveito, que a primeira vez. Não hesitou por tanto a voltar para Elberg. Pouco tempo lhe foi preciso, para fazer suas preparações, e mui de pressa se achou restituído á casa paterna.

Subio ao seu quarto sem dizer palavra a ninguem. Seu pai sabendo que tinha chegado, o mandou chamar por um criado. Elle entrou no quarto do pai com sombrio semblante. Boa noite, disse elle, abraçou seus progenitores, e apertou a mão a Maria. A tua viagem foi

boa? perguntou-lhe o pai. Eu cheguei de saúde. Fallaste a M. Seeburg? Sim. Recebeo-te bem? Muito bem! Fallaste tambem a Rosa? Tambem! Que te disse ella? Oh! meu pai, não fallemos nisso. Todas as mulheres são o mesmo. Nisto retirou-se com as olhos humedecidos, e dando suspiros.

Oh! disse Burckard, terá elle tambem causa para estar arrufado? Tu não sabes, disse elle a Luiz n'outra occasião, porque está Rosa mal contigo? Creio, disse Luiz, com riso sardonico, que está mal comigo, por não ter queixa alguma contra mim. Contou-lhe então as circumstancias passadas na ultima entrevista, que teve com ella.

Passados alguns dias voltou Madama Seeburg a Elberg, mas sem conduzir Rosa comigo, que não quiz vir. Ella disse a M. Burckard, que não tinha podido penetrar o segredo de sua sobrinha; mas que ella soffria tanto como Luiz. Era dôr vêl-a sempre pallida, e banhada em lagrimas. Ah! e que dirá toda a cidade desta mudança? A thia escreveu a Rosa, fallando-lhe de Luiz, mas Rosa respondeu com muita amisade, sem dizer uma só palavra ácerca de Luiz. Luiz leo esta carta, e escreveu uma a Rosa, que foi inclusa n'outra de Seeburg. No correio seguinte, voltou a carta de Luiz sem ser aberta. A thia porém observou que a carta estava amarrotada; como que se houvesse tentado lêl-a. Luiz passou todo o dia a experimentar se Rosa teria, ou não podido lêr as passagens mais tocantes da sua carta.

Depois de quatro semanas, voltou elle a Brunswick. Foi logo a casa de Rosa, e dicêrão-lhe, que ella tinha ido para a mascarada. Tomou promptamente uma mascara e um *dominó*, e partio para a opera. Entrou como um furioso, seguia toda a mulher, que tinha o talho de Rosa, e mettia a cara a todas, a vêr se descobria Rosa. Teve escarapellas com mais de vinte mascaras, por olhar mui fito para as suas damas. Passou revista a todos os camarotes, quando, oh Ceos! descobrio a sua Rosa, sen-

tada n'um camarote, conversando com outra dama! Saio da sala, subio a primeira escada, que encontrou, chegou a um corredor sem saída, atropellou algumas pessoas na sua passagem, perguntou a final, onde se assentavão os espectadores? Aqui nos camarotes. Bateo então á porta do primeiro com impetuosidade. Abrio-se; elle entrou, encarou com todas as damas, e não achando quem buscava; saio sem dizer palavra. Bateo ao segundo, e depois ao terceiro camarote, e fez uma bulha terrivel. Chegando em fim ao quarto, o mascara, que lho abrio, perguntou-lhe o que queria. Em vez de resposta, Luiz correo com os olhos á sala e avistou Rosa no camarote fronteiro. Quiz contar os camarotes para não se enganar. O que lhe fez a pergunta, poz-se diante d'elle. O joven Burckard enpurrou-o; o outro zangou-se, e pondo-o fóra fexou a parta. Luiz praguejou, e todos se pozerão a rir dentro do camarote. Então deo volta a todo o corredor buscando o camarote de Rosa, bateo a todas as portas, sem atinar com elle, e pela sua impetuosidade attrahio querela sobre querela.

Finalmente apercebeo Rosa não mui distante. Correo ligeiro, e indo a bater no suspirado camarote, foi por um mascara agarrado da parte de traz, que lhe disse estas palavras. Que diabo de louco he este, que faz tanta bulha, como se estivesse aqui só! Luiz buscava desprender-se, mas seu antagonista o segurava pelo *dominó*. Luiz puxava com toda a força para o camarote de Rosa, e o outro o puxava para traz com outra tanta força. A seda do *dominó* não pôde resistir aos puxões, e fez-se em dois, e o adversario caio no chão com a metade, que lhe ficou nas mãos. Luiz nem por isso correo menos com a outra metade do seu *dominó* para o camarote de Rosa. Mas ainda outro engano! No calor da bulha enganou-se em um numero. Bateo n'um, que não era o de Rosa. Abrirão-lho, eis novo tumulto. Juntarão-se a isto os guardas dos camarotes, e o agarrarão, como furioso, ou maniaco. Ellé se desengalfilhou porém de

suas mãos, e continuava a correr os camarotes; mas por toda a parte lhe atravessavão o caminho; até que obrigado a salvar-se pela escada abaixo, entrou novamente na sala. Seu *dominó* rasgado excitava um riso geral. Todos os mascarados o rodeavão. Elle queria sair pela porta fronteira. A multidão não o deixava romper. Ia crescendo o barulho, e o major, ou o magistrado da terra appareceu, e perguntou a causa desta desordem. Disserão-lhe que era um louco, que queria arrombar as portas dos camarotes sem outro fim mais, que perturbar os que estavão dentro.

O major perguntou a Luiz. — Quem sois vós, Senhor? — Um estrangeiro, cuja infausta sorte tem attraído apoz si todos os patetas de Burckard. — Porque bateis todos os camarotes? Procuro fallar a uma dama, que está em um delles: já o tinha descoberto, quando fui embaraçado por aquelle impertinente, que tem metade do meu *dominó*. — Qual he o camarote, onde está a dama? Acolá! — E apontou para o undecimo camarote. O major olhou, e todos os mascarados dirigião a vista para o camarote, e dizião: — Ah! Ah! he aquella dama, que tem *dominó* roxo. Rosa assustou-se, vendo que se occupavão della, e cuidou em sair. O major conduzio Luiz para fóra da sala, e ordenou aos guardas dos camarotes que lhe abrissem o camarote, que pedia, pois indicava ter perdido o juizo.

Luiz, que ainda conservava metade do seu *dominó*, chegou ao camarote, mas não achou já nelle as damas, que acabavão de sair d'ali. Estupefacto e enraivecido deu um bofetão em um dos guardas dizendo, — velhaco, tu me enganaste! Olhando então para a escada, que ficava ao lado, apercebeo o *dominó* de Rosa. Quiz correr e ir alcançal-a, mas o homem, que levára o bofetão, o agarrou pelo meio do corpo. O nosso heroe conseguiu por fim livrar-se de seus braços. O guarda vencido lançou mão do seu *dominó*, e Burckard, qual outro José, largou a capa, com a differença de que este fugia de

L

uma mulher, e aquelle corria atraz de outra. Precipitando-se pelas escadas com risco de fazer-se em pedaços, chegou a final á porta da opera; e perguntou, se tinham visto sair tres damas. Entrarão agora na carruagem, lhe responderão. Luiz correo para a carruagem, onde com effeito apercebeo tres damas, das quaes uma estava vestida de roxo. Para não perder Rosa de vista, montou na trazeira da carruagem, onde ia o lacaio. Este lhe perguntou o que queria. Como vêdes, acompanhar a carruagem, replicou Luiz. O lacaio não se contentou com esta explicação, e quiz deital-o abaixo; nova rixa começa, cujo exito seria fatal a um e outro combatente, se a proximidade do lugar, onde parou a carruagem, lhe não pozesse um termo. Luiz desceo então promptamente; as damas apearão-se, e vendo um homem com mascara, e sem *dominó*, deitarão a fugir de medo. O Criado, vendo-se então de poleiro, sentio renascer o animo, e atirou com Luiz á lama, empurrando-o pela porta fóra. O nosso heroe não desanimou, deo algumas voltas, e ganhando outra vez a porta, subio pela escada; e dirigido pela voz de Rosa, abriu uma porta, e entrou no quarto, onde se estavam despindo Rosa, e a sua amiga. Derão ambas um grito terrivel, ao vêr entrar este fantasma mascarado e cheio de lama.

Não podendo explicar o terror destas damas, Luiz tirou cortezmente o chapeo, e a mascara lhe caio por terra. Oh, Deos! he Luiz, exclamou Rosa. Ah! reconheces-me tu finalmente? disse elle. Madama Rehberg irmã de Madama Seeburg, em cuja casa estava Rosa, acodio aos gritos de sua sobrinha. Que he isto? disse ella; M. Burckard a estas horas! Ide para casa, e voltaí amanhã.

Oh minha cara Senhora Rehberg, replicou Luiz com tom magoado, se vós spubescis, que briguei hoje com mais de duas duzias de insolentes, só para vêr Rosa, não me porieis tão duramente pela porta fóra. Madama Rehberg deatou a rir. Como! disse ella, pois ereis vós,

o que corrieis, como estouvado, com a metade de um domo? — Ah! sim. — E aquelle, que disputava com os guardas dos camarotes? Era eu mesmo. E quem tinha querelas com todos os mascarados? Era eu tambem. Mas quem era o que fazia tanta bulha atraz da carruagem? Era eu só, como vos digo; e tudo isto por amor de Rosa, tudo isto só pela vêr um momento! Não queiraes que eu perca o fructo de tantos trabalhos. Estas explicações erão todas tão comicas, que Rosa mesmo não pôde deixar de rir. Ah! querida Rosa, continuou Luiz, não sejas menos condescendente que o guarda dos camarotes, e o major desta terra: Escuta-me. Rosa olhou para elle com ar serio, e sem dizer uma palavra.

Eu tenho-te amado de todo o meu coração; eu arriscaria de boamente a vida por ti, tu o sabes. Desde a nossa mais tenra infancia, eu te dei o meu coração. Os olhos de Rosa começavão a molhar-se com lagrimas; ella suspirava, lançava a furto os olhos sobre elle; seu coração se enternecia; seu enfado se evaporava, e se convertia em amor. Rosa, Rosa! proseguio elle, eu te amo ainda com a mesma ternura; e tenho-te sido fiel, como nenhum homem o he sobre a terra.

Apenas proferio estas palavras, Rosa se recordou então da aventura da estalagem, e da rapariga, com quem o seu amante fôra surprehendido. — Miseravel embusteiro! exclamou Rosa indignada, ide-vos embora, retiraí-vos; por vós só tenho desprezo! Nisto correo para o seu quarto. Luiz ficou bem como petrificado, olhando fito para a porta, por onde ella desaparecêra. Franzio a testa, e disse com ar sombrio. — Embusteiro! Eu embusteiro! Isso não sou eu! Adeos, Rosa! Partio rapidamente, e vagou uma boa hora pelas ruas. Na manhã seguinte montou a cavallo, e voou para Elberg. — Está acabado! exclamou elle, logo que chegou á presença do pai. Mandai-me para as Indias, para Kamschatka, ou para onde quizerdes! Tudo está acabado! e para sempre acabado! Uma torrente de lagrimas entrou a correr de seus olhos.

Os olhos de Rosa derramarão ainda muitas mais. Sua thia Seeburg lhe escreveu, dizendo-lhe, que Luiz ia viajar, e que ella o ia perder. Ella banhou de lagrimas esta carta fatal; tirou do seu buffete a mascara, que Luiz deixára cair em a noite da mascarada, e que ella guardou cuidadosamente; beijou a hedionda mascara, banhou-a com abundantes lagrimas, e exclamou — Ah! eu triste o perdi!

A thia mandára esta carta só para causar susto a Rosa. Ella esperava, que Luiz mudasse de resolução; mas bem de pressa se desenganou, vendo-o fazer os preparativos para a sua viagem. Onde ides vós, meu caro Luiz? lhe perguntou ella. — Vou, respondeo elle, á Suissa; depois á Italia, e de lá vou á Albania, e á Grecia. He o unico meio de esquecer os males, que aqui soffro. Mas, meu amigo, isto he um capricho da parte de Rosa, que não pôde durar muito. — E que he um capricho? He uma fantazia, um arrufo, que não tem motivo determinado, e que por isso não he para temer.

Ah! o que vós me dizeis de um capricho, replicou Luiz, me parece mais perigoso, que a malignidade. He possivel buscar defeza contra os máos, mas os caprichos são como o raio, que fuzilasse no meio de um ceo sereno. — Não digo tanto: mas se vós partís, e Rosa se arrepende, como he de esperar, do seu procedimento, vós fazeis pela vossa precipitação a desgraça de ambos. — Mas, Madama, se Rosa fosse minha esposa, teria muitas vezes caprichos? — Oh, meu amigo, que posso eu sobre isso dizer-te; vós sabeis que Rosa tem muita bondade. Luiz não podia conceber esta bondade. Era-lhe impossivel comprehender, como Rosa sem motivo algum tivesse o direito de lhe procurar rixas dez vezes ao dia. Abanou a cabeça, e nada respondeo.

Com tudo, elle vacillava, e estava irresoluto. Umaz vezes, queria ir á Italia, outra vezes á Inglaterra, e outras vezes sómente a Cassel. Cada um buscava desvial-o do seu projecto. Sua mãe e Maria lhe fazião supplicas, e a avó

lhe contava casos de coches quebrados, de salteadores, e de viajantes assassinados: queria vêr se com isto lhe metia medo. O velho Burckard nada fazia para influir na determinação do infeliz mancebo, que a final se decidio por Cassel, como lugar mais visinho. Tu vais a Cassel? lhe perguntou o pai; e que vais lá fazer? Não sei — Bem de pressa te enfadarás. — Irei vêr a galaria das pinturas, as obras das artes, a sala da muzica, e as antiguidades. . . . Pois bem, parte, e volta com boa saude: — Mulher, podes descansar. Elle não vai muito longe.

Luiz partio com effeito para Cassel. Madama Seeburg escreveu a Rosa, que Luiz ia decididamente correr as quatro partes do mundo. Se lhe acontecer algum desastre, accrescentou ella, he por tua culpa; terás disto um eterno remorso, e o mal não terá remedio. Esta noticia acabrunhou a nossa heroína; reviveo o seu pranto; e apezar da sua altivez, a poz em via de reconciliar-se com ella.

---

## CAPITULO XV.

*O Botequim. — O Perguntador.*

**C**Hegado a Cassel, Luiz foi aposentar-se n'uma das melhores estalagens da Cidade. Mandava todos os dias ao correio a vêr se tinha cartas. Recebia algumas da sua familia, mas nenhuma de Rosa; pelo que já começava a desesperar de reconciliação. Como elle tinha imaginado que a sua amante o chamaria de seu voluntario desterro, esteve oito dias sem fazer uso das suas cartas de recommendação. Resolveo-se por fim a ir entregal-as ás pessoas, a quem vinhão dirigidas. Passando em seu caminho pelo correio, foi vêr se havião cartas para elle; e como lhe dissessem, que o correio ainda não tinha chegado, mas que não podia tardar uma hora, julgou que devia esperar, e para isso entrou no Botequim visinho.

Havia alli um profundo silencio ; e alguns homens sentados á roda de pequenas mezas parecião estar entregues ás mais sérias abstracções. O botequineiro estava sentado dentro do seu balcão com os braços cruzados ; os rapazes nem se movião , e este profundo silencio era apenas interrompido por gemidos queixosos , ou risadas de alegria ; e algumas vezes pelos monosyllabos , *Rei* , *Dama* , *Cbeque* , e outros termos do jogo do Xadrez.

Luiz sentou-se , todo pensativo , n'uma cadeira , que achou desoccupada , e lançou com indifferença os olhos sobre a meza do Xadrez , que lhe ficava a um lado. Levantou-se logo , e passando pela casa , gesticulava , e olhava para todos os lados com os olhos espantados. — *Rosa , Rosa !* exclamava elle , que mal te fiz eu ? Assim pagas minha constancia , e os sacrificios , que eu . . . Mas nisto foi interrompido pelos jogadores , que lhe pedirão se callasse. — Senhor , lhe disse um delles , vós acabaes de fazer-me um prejuizo irreparavel : tinha disposto um ataque , que daria inveja ao mesmo Philidor. O diabo da vossa exclamação fez-me tomar a dama pelo cavalleiro , e tenho *chegue* e *mate*. Senhor comediante , accrescentou outro , vá representár seu papel a outra parte : aqui requer-se silencio.

Luiz pediu perdão aos jogadores , e tornou a sentar-se tranquillamente na cadeira. Soube ser tão senhor de si , que lhe não escapou um só monosyllabo , nem um só ai. Entregava-se a uma doce contemplação , e imaginava mil quimeras. Lisongeava-se de que Madama Seeburg viria procural-o , acompanhada de sua sobrinha ; e só saía deste extasi agradavel , quando ouvio os estalos do cliçote , e a bulha do correio , que chegava.

Inflamado de esperanças correo precipitadamente á janella , e derribou dous taboleiros de Xadrez , havendo dividido duas damas na diligencia , e suppondo logo que erão Madama Seeburg e a sobrinha. Todos os jogadores caíram sobre Luiz , tirão-no da janella , e o tinhamo agarrado. — Que he isso , exclamou Luiz , que até alli

ignorava o prejuizo, que tinha causado? Vós pagareis a partida, lhe replicarão alguns. Um homem então de pequena estatura, e mais affavel que os outros, quiz separar-o de seus antagonistas. Não, M. Selters, disse um dos aggravados, deixai-nos pôr este comediante pela porta fora . . . .

M. Selters ! disse friamente Luiz ; oh eu tenho uma carta para elle. Nisto tirou uma da sua carteira, e deu-lha. M. Selters correo-a com os olhos, e abraçou Luiz. Senhores, não he comediante. — Então he doido? Não, he filho de um dos meus antigos amigos. — M. Selters tirou-o com alguma difficuldade do meio da chusma. Vinde comigo, meu caro Senhor Burckard, diz elle : por que razão me não tendes ha mais tempo procurado? Quem vos disse que me acharieis no Botequim? Foi minha Esposa? Dizci-me, qual he a causa deste tumulto.

Luiz nem uma só syllaba respondeo a estas perguntas, e a muitas outras, que rapidamente se succedião. Vendo-se defronte do correio, pedio licença a M. Selters, para ir tirar as suas cartas. Este teve a bondade de ficar esperando. — Não havia carta alguma para Luiz. Elle voltou com ar sombrio, e veio ter com o amigo de seu pai, que o levou para sua casa. Chegando, achou alli algumas damas de companhia. Minha mulher, disse M. Selters, eis aqui o Senhor, que tu mandaste ao Botequim: sinto que o não conhecesses; tu o terias feito entrar, e me haverias mandado chamar: mas, accrescentou elle, como me reconhecestes vós, Senhor Burckard? Ouvi pronunciar o vosso nome. — foi de certo fortuna, sem o que terieis uma escarapela . . . A proposito, que diabo de papel era o que vós recitaveis, e que vos procurou a disputa? Essa Rosa he alguma dama de comedia?

Senhor ! replicou Luiz n'algum embaraço, o que eu dizia não he tirado de peça alguma de theatro. — Mandizei-me, eu vos rogo, recebestes algum golpe? Estaca ferido? Tendes precisão de alguma cousa?

Em quanto M. Selters, que tinha costume de fallar constantemente por interrogação, acabrunhava o nosso heroe com perguntas, a sociedade o examinava com uma curiosidade pouco própria para o animar. Minha mulher, continuou M. Selters, o Senhor disse-te que era filho unico do meu antigo camarada Burckard?

Eu ainda o não tinha visto, respondeo a mulher. Concebeis vós cousa mais galante? replicou Selters. De certo este mancebo deve ter alguma dama sua amante, chamada Rosa, porque passeava por toda a casa exclamando! Rosa, Rosa! Que te fiz eu? Não sou modelo da constancia? Não he assim, Senhor Burckard?

Luiz estava em pé e immovel, tendo os olhos fixos sobre o dono da casa. As damas cochichavão entre si, e olhavão para elle com expressivo sorriso; eis um bello rapaz; que gentil garbo! falta polil-o, e não está ainda formado. Taes erão suas observações; das quaes ao desejo caritativo de o doutrinar, de certo já não havia mais do que um passo. — Senhor, replicou Luiz com vivacidade, vós me puniz mui severamente pela minha distracção, e por alguns desgraçados incidentes. — Não me perdoareis vós, respondeu M. Selters, por ter dado parte a minha esposa da singular circumstancia, que occasionou o nosso encontro? Espero que me faças a honra de vir assistir com nosco, e de olhardes como vossa esta casa. — Permitti, Senhor, que eu não me aproveite da vossa obrigadora offerta: além disso, não quero importunar-vos. — Mas esse he precisamente o desejo de vosso pai: Eis aqui o que elle me diz: — « Vós achareis em meu filho um rapaz, bom e sensivel, mas que corre perigo de passar por louco, pois faz a todo o instante cousas, que não se encontrão nos usos geralmente recebidos. » Concebo agora, continuou Selters, a aventura do botequim; mas . . . .

Senhor, interrompeo Luiz, não sentis vós, que eu tenho no vosso conceito reputação de um furioso, ou de um louco? Essa carta acaba de confirmar talvez a vossa

primeira impressão. Consenti pois, Senhora, que eu me não aproveite da bondade de M. Selters, e que me despeça de vós. Senhor, replicou Madama Selters, segurando-o pela mão, vós vivereis conforme as vossas idéas; meu marido tem igualmente suas originalidades, e suas extravagancias . . . . Mas vós em pouco tempo vos acostumareis um ao outro. Devemos obrigações a vosso pai; e elle ficaria mal com nosco, se não vos recebessemos em nossa casa. Eu vos peço isto, como um obsequio da vossa bondade.

Ella lhe pediu isto com tom de voz tão doce, que Luiz não pôde resistir: apertou por tanto a mão de Madama Selters, e disse-lhe, que accitava. Tomou logo uma cadeira, sentou-se, e unio-se á conversação. Fez brilhar com tanta vantagem o espirito e graça, que lhe erão naturaes, que a má impressão, occasionada pelo conto de Selters, brevemente se dissipou. Em poucos dias se considerou como o filho da casa.

Apezar do seu furor interrogativo, M. Selters era aliás um excellente homem; e sua esposa, bem que um pouco falladora, era tambem uma guapa mulher; de sorte que Luiz se accommodava mui facilmente com os caprichos deste bom cazal. O que mais contribuiu para o seu bom humor, foi que Madama Seeburg lhe escreveu, dizendo, que a sua profecia se tinha realizado; porque Rosa fallava nelle muitas vezes, e sentia a sua repentina partida; n'uma palavra estava disposta para uma reconciliação.

---

## C A P I T U L O X V I .

*Arrufos de uma jovèn amante. — A criada grave.*

**R**osa, com effeito, fazia todo o esforço para esquecer as aventuras da estalagem. Era este o unico motivo

M

de queixa, que tinha contra Luiz; porque ácerca de Maria já estava inteiramente desenganada. Ella consentio mesmo em voltar para Elberg, na esperança de alli achar Luiz. Tinha com tudo seus receios sobre o objecto da sua viagem; e bem de pressa ficou cruelmente convencida da verdade, tocante ao que lhe tinha escripto sua thia.

Mas, querida Rosa, lhe disse um dia M. Burckard, quaes são teus grandes motivos de queixa contra meu filho? Ah! Senhor, respondeo ella, não falleis nisso. Não podeis imaginar o quanto me afflijo as vezes que ouço fallar de Luiz. — Como! tens ainda desconfianças ácerca de Maria? — Oh! não; já não he de Maria, que se tracta. Mas crede, que vosso filho me offendeo, e me trahio da maneira a mais ultrajante! — Rosa, isso não he possivel: se tu soubesses como elle te ama! — Eu vos supplico, não me falleis mais nelle: he um segredo, que a ninguem heide revelar.

Assim não o revelou ella a pessoa alguma, nem mesmo a sua thia, posto que esta lhe mostrasse todas as cartas de Luiz, em que o nome de Rosa se achava em cada linha. Ella mesma recebeo uma carta, que elle lhe dirigio. Teve-a na mão uma boa hora, sem abril-a. Aventurou-se finalmente a isso, leo-a, chorou, e rio alternadamente: desfez-se em nomes contra Luiz, e acabou por se vituperar a si mesma pelo estado, em que estava. Não quiz porém responder-lhe, a pezar de todas as instancias de sua thia.

Sua colera, com tudo, diminuia diariamente. Elle póde estar innocente, dizia Rosa... Como! innocente! Mas não devia elle dar então os primeiros passos? Que está fazendo em Cassel?

Luiz começava tambem já a enfasiar-se desta cidade, e tinha vivas tentações de voltar para Elberg. Um dia passeava elle no jardim do Duque, e olhava tristemente para uma das sahidas, que ia dar na estrada para casa de seu pai. Sentou-se n'um banco de pedra, e

escrevia com seu bordão na areia o nome de Rosa muitas vezes. Um rapaz, que teria dez annos de idade, se chegou a elle; e disse-lhe; quereis comprar isto? Ao mesmo desembrulhou um papel: era um desenho de pintura, muito bem feito. Não preciso, respondeo elle. — Ah! Senhor, lêde pelo menos o papel, que ahi vem junto. Tomou o papel, e leo o seguinte, que estava escripto por mão de mulher. « O preço deste desenho retardará a morte de uma infeliz! » — D'onde vem este desenho, perguntou elle ao rapaz? he-me prohibido dizê-lo. Tu sabes, por tanto, de quem o recebeste? — Sem duvida. — Queres tu levar um bilhete da minha parte á pessoa, que to deo? — Com muito boa vontade. — Pois bem; tu me trarás a resposta a este mesmo lugar. Deo ao rapaz alguns trocos, e escreveo estas palavras com lapis: — « Um homem, que preza ser util aos infelizes, mas que deseja conhecer aquelles, a quem faz serviços, pede mais explicações ácerca da infeliz, de que se tracta. Elle se limita por ora a enviar o preço do desenho, mas tem intentos de fazer mais. » Embrulhou um Luiz de ouro n'um papel, e mandou o rapaz. Ficou sentado tranquilamente no mesmo banco, esperando pela resposta. O rapazinho não tardou muito, e entregou-lhe um bilhete, concebido nestes termos: — « Senhor, Mil agradecimentos pela vossa generosidade. Se quereis conhecer de mais perto esta desgraçada, não o podeis fazer, senão pela minha mediação. Eu chamo-me Henriquetta Dilling. Moro em casa da Senhora Conselheira Reiss. Mas como meus amos são muito desconfiados, he preciso que vos finjaes ser meu irmão de Hanover, que alli occupa o lugar de secretario na Chancellaria. Sem isto não podeis fallar-me; pois que o meu pequeno portador me disse, que sois ainda joven. Espero que venhaes vêr-me amanhã exactamente ás dez horas. *H. D.* »

Luiz não faltou ao convite. Embrulhou-se n'uma sobrecasaca azul para melhor disfarçar-se, mudou igualmente de penteado, e foi a casa da conselheira Reiss.

Subio uma pequena escada, e tocou a campainha. Veio um criado, perguntou-lhe quem era. Dilling, respondeu elle, secretario da chancellaria de Hanover. Quero fallar a minha irmã. Uma linda rapariga de dezoito annos apparece então; e lançou-se nos braços de Luiz, dizendo: — Ah! meu querido irmão, quanto folgo de vêr-te! Como es amavel, por me dares esta gostosa surpresa! Ella o fez entrar, e Madama, a Conselheira, deu os parabens a Henriquetta de ter tal irmão, e acrescentou, que podia convidal-o para jantar, se elle quizesse. Henriquetta fez uma misura, e conduzio seu pretendido irmão para um quarto, que deitava para um pátio.

Apenas fechou a porta, Henriquetta desatou a rir, e pediu a Luiz perdão de o abraçar sem o conhecer. Vós tendes, disse ella, representado bem ao natural embaraço e acanhamento. Mas depois de uma pequena conversação desta natureza, o engraçado semblante da joven donzella começou a entristecer-se. As faces se lhe descorarão, e os olhos se lhe arrazarão de lagrimas. Generoso estrangeiro, disse ella com vozes de dôr, e piedade, he tempo de fallar da infeliz, que vós quereis soccorrer. He uma pobre senhora, que está na maior desesperação, e que não tem no mundo outra amiga, e outro apoio, senão eu; mas ai! as minhas posses me não deixão fazer por ella quanto desejava! Quem he ella! onde assiste? Não tenho licença para revelar o seu asylo. A natureza do seu infortunio pede que ella se esconda dos olhos de todos. Nada tem que recear de mim, disse Luiz, sou homem de bem, e estou disposto a servir-a...

Um criado os interrompeo para dar a Henriquetta um recado. Muito bem, meu irmão, disse ella então, como fica mamã? Muito boa, Deos louvado. Logo que o criado sahio, Henriquetta quasi que estoirou de riso. Luiz trouxe outra vez a conversação ácerca da infeliz, e a joven rapariga desfez-se outra vez em lagrimas. O nosso heroe não pôde tirar em tanto outras luzes a respeito desta mulher, senão que estava mui precisada;

que a venda dos quadros era fraco negocio; e que de ninguém queria ser conhecida. Passou-se toda a manhã deste modo sem nada se aclarar. Henriquetta não podia deixar de rir, todas as vezes que chamava Luiz seu irmão, e não podia deixar de chorar, quando fallava do objecto desta visita.

Pelas duas horas, a conselheira mandou chamar Henriquetta, e o seu pretendido irmão, e fez a este perguntas, a que elle respondeo com intrepidez. Henriquetta mordia os beiços para não rir; porque Luiz não cessava de fazer anachronismos, e de cahir em contradicções, que a Conselheira de certo perceberia, se conhecesse um pouco melhor a familia de sua criada grave.

O nosso heroe vio-se obrigado a jantar na casa, porém na copa, o que não lhe agradava muito. Henriquetta tinha jovialidades de toda a especie, e deo muito prazer a Luiz, que depois da sua estada em Cassel, ainda não tinha tido encontro tão divertido. No momento de retirar-se, elle abraçou cordialmente Henriquetta, e dizendo-lhe — adeos, acrescentou: — Eu voltarei outra vez, e espero, que logo me conheças melhor, e obriegueis a desgraçada a conceder-me a sua confiança. Eis aqui a minha direcção, e dez peças de ouro. Henriquetta pegou d'ellas chorando. Sim, disse ella, vós a conheceis, mas não haveis de trahil-a. Ah, bom Deos! que prazer não terá ella, quando eu lhe disser, que está salva! Ella ha de permittir-me, que eu vos conduza a sua casa. Adeos, meu caro Senhor. Adeos, encantadora Henriquetta. Adeos, meu irmão Henrique. Ella o abraçou, e deitou a correr ás gargalhadas de riso. Luiz ainda a ouviu rir no patamal da escada. Tornou a disfarçar-se no dia seguinte, para ir vêr Henriquetta, e a achou ainda mais alegre, e mais galhofeira, que na vespera. Deo a Luiz mais circumstanciadas noticias ácerca da sua familia, porque tinha ordem de o apresentar a seus amos, que não deixarião de fazer-lhe um mui serio interrogatorio. Mas o pretendido Henrique decorou mal a

lição. Attribuirão com tudo a timidez o seu embaraço, que logo cessou, assim que se acabou a conversação, acerca da familia de Dilling. Vossa irmã, disse a Conselheira, he uma tôla, e uma estouvada; sacrificaria tudo para ter occasião de se rir. Eu a considero, como filha minha. Madama, replicou Luiz, eu vol-o agradeço em nome de toda a minha familia. Os costumes, continuou a Conselheira, estão tão depravados nas grandes cidades, que he preciso exercer para com toda a gente moça uma vigilancia maternal. Henriquetta chorava como criança, em quanto durou este sermão, de que ella nada comprehendia. Mas quando Luiz com tom mui grave lhe recommendou, que nenhum segredo tivesse com Madama, e que nenhuma de suas acções lhe encobrisse, rompeo em taes risadas, que ia deitando a perder toda a farça.

---

## C A P I T U L O XVII.

### *Historia de Luiza.*

**E**Não, Henriquetta, disse Luiz estando só com ella, poderei vêr a desconhecida? Sim, respondeo ella. De um homem tão generoso, como vós, nada tem a triste que recear. Vós a vereis, meu caro irmão, hoje á noute. Vou agora dizer-vos como fiz conhecimento com ella. Não assiste longe. Podeis vêr d'aqui a sua janella; pois habita nestas mesmas casas. Eu não a conhecia, nada sabia d'ella. Tinha-a visto algumas vezes sentada á sua janella. Todavia concebi interesse por ella. Tão moça e tão bella; sempre pallida, e vertendo lagrimas, quando a via, tocou-me o coração! Aqui os olhos de Henriquetta começavão a turvar-se. Eu a saudava da minha janella com toda a cortezia; e tinha cuidado de não rir, e cantar alto, quando a via; pois julgava que o riso devia

ser doloroso a um coração triste. Luiz enternecido apertava a mão de Henriquetta, cuja mobil physionomia pintava gradualmente as suas emoções.

Quando eu a saudava, passava muitas vezes tres dias sem apparecer. Percebi então que ella não queria ser conhecida. E com tudo eu desejava conhecê-la. Por aqui bem vêdes, que se não deve rir, quando se chora a dez passos de distancia, e não se sabe o porque. Um dia pois, em que meus amos não estavam em casa, resolvi-me a ir vel-a: vesti o peor fato, que tinha, por quanto ella estava tambem pobramente vestida, e apresentei-me em sua casa. — Mas a proposito, como vos chamaes vós, Senhor? Ainda não sei o vosso nome. — Henrique Dilling, irmão da boa e sensivel Henriquetta, responde Burckard.

Henriquetta desatou outra vez a rir, tomou-lhe o braço e poz-se a dançar com elle pelo estreito quarto. — Foste pois, Henriquetta, ter com ella? Sim. Bati á porta, e como ninguem respondia, abri, entrei, mas não sabia o que havia de dizer. Disse-lhe em fim que a tinha visto, que eu estava só muitas vezes, assim como ella, e que desejava visitá-la — ficamos desde logo amigas. Eu tenho-lhe dado tudo o que posso poupar do meu ordenado, que não he muito grande. Ah! sou igualmente pobre, como aquella triste Senhora. Nada mais tenho, e ella de mui pouco vive.

Boa alma! exclamou Luiz, tu nada mais tens, mais nada para contentar ao teu bello coração? Pois, Henriquetta, teu irmão tem por ti; e se eu fosse principe, estimaria mais que as grandezas do sceptro o chamar-te minha irmã. Elle apertou-a nos braços, e unio seus labios aos d'ella. Dá-me a tua bolça, Henriquetta. — Ella tirou d'algibeira uma bolça de seda verde sem cordões. Erão de prata, disse Henriquetta, foi presente de minha mãi esta bolça, quando a deixei para vir para aqui. Vendi os cordões, e os meus brincos de ouro. Produzirão com que sustentar aquella infeliz por quinze dias.

E tu não trazes brincos desde então? Ella tirou a touca e mostrou, que não tinha brincos nas orelhas. Luiz metteo a sua bolça na de Henriquetta. Esta não queria acceital-a. Sou teu irmão, cara Henriquetta, e teu irmão te dá com que soccorras os desgraçados. Toma, aqui tens: Henriquetta fez uma cortezia; e o jantar veio. Jantarão ambos, e Henriquetta fez doudices como uma criança.

Finalmente Luiz retirou-se, depois que ella lhe disse, que viesse ás nove horas em ponto encontral-a no pátéo, a fim de irem vêr a infeliz. Veio a noite, e ás nove em ponto se achava Luiz no pátéo. Henriquetta deo-lhe de olho, e elle a seguiu subíndo por uma das escadas trazeiras. Ella abriu uma porta, e elle entrou. Henriquetta fechou a porta sobre si, e deixou-o só com a desconhecida.

Perdoai-me, Senhora, disse Luiz. O desejo de vos ser util, he quem aqui me traz. Oh meu generoso bemfeitor? replicou a mulher com tom de voz tão triste, que lhe traspassou o coração. Eu tenho desejado ver-vos, não para salvar a minha vida, mas salvar a deste innocente, que uma estrella funesta envolveo com meus soffrimentos. Nisto levantou a criança do berço, e apertando-a na face, lha appresentou. Luiz no meio da sua emoção fitava attentamente a desconhecida. Era uma joven e bella mulher, de nobre figura, e mais bella ainda pela pallidez do semblante, e pelas tocantes feições de uma profunda dôr, que o tempo parecia ter convertido em branda resignação. Seu vestido era simples, e pobre, — e com tudo, ou fosse pelo bem talhado, ou pela elegancia da figura, não lhe parecia mal. Uma candêa sobre a meza era apenas a luz, que havia no seu pequeno quarto, e que mostrava os pobres tarcos. Luiz beijou a criança. Senhora, começou elle de novo, se os vossos infortunios são taes, que os soccorros humanos, — dinheiro, tempo, esforço, e amigos possão alliviar, cobrai alento; tudo isso tenho para empregar por vós. Ella repoz a criança no berço, vio o fixo olhar

de Luiz, e disse: quem sois vós, Senhor? Não sabeis como eu sou desgraçada? Um momento basta para perder-me. O mais occulto retiro só pôde salvar-me. Quem sois vós, Senhor? Sou um estrangeiro, e chamo-me Burckard. Moro cousa de trinta legoas daqui. Querida Senhora, não pergunteis qual seja a minha distincção, e minha qualidade. Não sou mais que um homem sincero, que deseja servir-vos; e que se nada mais pôde fazer, pôde pelo menos procurar-vos um asylo, onde vivaes tranquilla e em segurança. Um asylo! disse ella — longe de Cassel? Sim, Senhora: e ireis para elle, quando, e como quizerdes.

Luiza levantou os olhos para o ceo, um ligeiro rubor correo sobre as suas pallidas faces, e deo um profundo suspiro. E não posso eu saber aonde, aonde? . . . . oh Deos! eu devo relatar-vos o que ainda ninguem sabe, — a minha deploravel historia! Luiz sentou-se, e escutou em silencio.

Eu sou, disse Luiza, filha de um pintor. Perdi meu pai de idade de dezeseite annos, que me deixou totalmente sem recursos. Elle tinha despendido com a minha educação todo o fructo da sua economia. Fui posta na qualidade de governante em casa de M. de Stralo, perto de Cassel. Vivi alli por espaço de um anno na mais perfeita tranquillidade. Neste tempo um filho chamado Felix, que M. de Stralo teve do seu primeiro matrimonio veio para casa de seu pai, depois de ter feito algumas viagens para sua instrucção. Eu ensinava aos pequenos a lingua Franceza. Elle gostava de fallar comigo naquelle idioma, que sabia perfeitamente. Quiz que eu lhe desse mesmo algumas lições de Desenho. Tal foi a origem de uma intimidade, cujos progressos se augmentavão de dia em dia. Ai! e deverei eu dizêl-o? Esta amizade se converteo no amor o mais vehemente. Tremi com a idéa da desproporção, que havia entre a nossa condição, e a nossa fortuna. Fiz-lhe parte dos meus temores; quiz fugir da sua presença, e desterrar-me de casa de seus pais.

N

M. de Stralo he um homem de caracter violento, e entusiasta de seus prejuizos de nobreza. Havia tudo que reccar do seu furor, se elle viesse a descobrir nossa amizade. Uma só lagrima de Felix foi com tudo mais poderosa que todas as minhas razões. Fiquei em casa; e viviamos tão acautelados, que seu pai de nada se apercebia. Assim vivemos dous annos, que forão os mais bellos da minha vida.

Não visitavamos ninguem; viviamos para nós sómente. Felix assistia a todas as lições de seus irmãos, e irmãs; ajudava-me na instrucção, que lhes dava; tinha parte nas minhas lições de desenho, e eu nas que elle me dava de Italiano.

Oh quantas vezes suspiravamos nós por viver juntos, longe do mundo, longe de todo o risco, e de todos os receios! Ah! o destino tinha designado o termo da nossa ventura. Um dia estava eu sentada no collo de Felix. Abre-se de repente a porta. M. de Stralo entra com os olhos chamejando de raiva. Levantámo-nos espavoridos. Donzella, gritou o pai, entrouxai immediatamente o vosso fato. Eu não vos recebi na minha casa para seduzirdes um mancebo de familia nobre.

Succumbi de confusão. Fiquei sem falla, e sem movimento, e o pai me agarrou no braço com violencia. Começou uma grande altercação entre o pai e o filho, de que nada percebi: tal era o meu anniquilamento. Vierão criados, e me conduzirão pela porta fóra. Eu ouvia o meu amante dando gritos atraz de mim. Fizerão-me entrar precipitadamente n'um coche, e atarão-lhe na traqueira um caixão. O coche partio rapidamente, e trouxerão-me aqui para Cassel.

Um dia, que eu me achava na ponte, passava a meu lado uma carruagem, e ouvi uma voz exclamar. — Bella Luiza! volto os olhos; era Felix, era o meu amante! A'manhã á mesma hora, disse elle. Hesitei no outro dia, se acaso deveria, ou não ir ao lugar aprazado. Depois de uma longa deliberação, assentei de não vir.

Deixei-me ficar em casa, mas fiquei sobressaltada, vendo-o entrar no meu quarto. Lançou-se a meus pés desfazendo-se em dolorosos clamores, e exprobrou ternamente a minha crueldade.

Elle sabia o lugar da minha habitação, e eu não lhe podia estorvar suas frequentes visitas. Instou-me para um casamento clandestino, que eu recusei com firmeza. Mas só fui inflexível, em quanto tinha tempo de reflectir. Bem de pressa me vi obrigada a ceder a seus votos: — O amor lhe havia concedido direitos, que só o altar lhe devia ter dado . . . . Não pude resistir a ser sua esposa. Casámos, e fizemos todo o possível por escapar á vigilância do pai.

Foi neste escondrijo que me poz meu marido, e onde tinha a prudencia de só vir raras vezes. A fortuna todavia foi ciosa dessa pouca felicidade; que ainda gozavamos. M. de Stralo quiz casar seu filho, que recusou obstinadamente. Mas fez-lhe tantas instancias, que Felix foi constrangido a declarar-lhe o seu casamento comigo. Figurai agora o furor de seu pai. Na mesma noite veio meu esposo vêr-me, lançou sobre a meza uma bolça cheia de dinheiro, e disse: Talvez antes que a noite acabe, seremos separados um do outro. Esconde-te, querida esposa, aos olhos de todos. Que ninguem te veja. Meu pai está furioso; elle quer perder-te. Já tem ordem de prisão contra ti. Eu mesmo não ousa mais vêr-te, receoso, que espiem meus passos. . . . Nisto lançou-se em meus braços, entregue á mais violenta desesperação. Desde esse tempo, nunca mais o tornei a vêr. Onde está? Qual he a sua sorte? Oh! por piedade, correi, informai-vos, interrogai todos os habitantes de Cassel. Fazei que eu saiba, se elle respira, se está doente, se preso! Ah! eu vol-o rogo; dai a Luiza novas de seu esposo, do pai de seu filho. Henriquetta, a minha estimada, e primeira bemfeitora, nada satisfactorio tem podido descobrir. Em nome do ceo, pela dôr maternal vos peço que indagueis d'elle, que busqueis noticias; eu

só quero noticias. Eu estou em segurança; aqui fui deixada pelo meu marido, aqui sómente pôde elle vir buscar-me. Tentai descobri-lo e fallar-lhe. Dizei-lhe, oh dizei-lhe. — Aqui poz ella as mãos sobre a frente, e as lagrimas lhe corrião em fio pelos braços abaixo. Mas se elle he feliz, continuou ella, oxalá sempre o seja! Então, Senhor, concedei-me um asylo, um tumulto na mais occulta solidão.

Luiz beijou com lagrimas de compaixão, e interesse a mão de Luiza. Vossas circumstancias mudarão, disse elle, eu vos dou toda a segurança; mas entretanto, que marcho a servir-vos; peço-vos que acceiteis em penhor da minha palavra, que eu tornarei a reclamar. Nada, nada, Senhor! tenho já recebido bastante! — Nas vossas circumstancias não podeis ter bastante, querida Senhora. Não he possível prever tudo. Em casos extraordinarios, recorrei a mim sómente; o meu nome, e o vosso, ou mesmo o da boa Henriquetta escriptos n'um papel, bastarão para que eu vos em vosso soccorro. Descançai, Senhora. A vossa commissão vai preencher-se. Vossos infortunios são mortaes, como a vida do vosso tyranno. Vós me tendes interessado, e bem de pressa darei conta de mim. Ficai com Deos. Henriquetta vos participará o que de boa mente vos quizera noticiar.

Luiz saíu. Henriquetta esperava ainda atraz da porta. Boa noite, irmão Dilling, disse ella a Luiz, que corria ancioso. Ah! es tu querida Henriquetta! Deos te abençoe, minha minina, pelo conhecimento, que me procuraste desta Senhora, amavel Henriquetta. Tive uma bella noite. Os meus olhos ainda estão molhados: apalpa. Henriquetta pôz uma das mãos no hombro, e com a outra apalpou-lhe os olhos. Elle tinha-a cingida entre ambos os braços.

Nesta situação estavam ambos á porta, quando passou por pé delles o Senhor Selters, com uma lanterna na mão. Por algum tempo lançou a luz sobre os dous

vultos, reconheceu Luiz, e passou adiante, abanando a cabeça. Henriquetta rompeo n'uma risada, segundo o seu costume, quando Burckard lhe chamava irmãa. Luiz despedindo-se d'ella, entrou em casa um instante depois de M. Selters. Bravo, Senhor Burckard! Que fazieis vós á porta do Conselheiro Reiss? Oh! tomava o fresco. — Sim, mas não fallaveis com alguém? Era uma bella rapariga! não pude vêr-lhe a cara, mas tinha bella figura, esbelta, pouco mais, ou menos, como a da minha Mariquitas (sua filha). Póde saber-se quem era essa dama, disse então a Mariquitas, cuja curiosidade se tinha excitado.

Era, respondeo Luiz, a criada grave da Conselheira. Mas, replicou Selters, que lhe dizieis vós, no momento, em que eu passava? Não estaveis vós n'uma postura bem singular? Não era nada, disse Burckard; eu tinha o que quer que era nos olhos, e ella mos estava alimpando. — Oh! isso he galante, mas vós vos beijavêis de veras. E a rapariga não dava gargalhadas de riso? He verdade. E como fizestes vós este conhecimento? Por acaso. — Conheceis vós a Conselheira Reiss? Jantei lá ontem, e hoje. Mas como he isso possível? respondeo Selters, se eu jantei lá ontem, e não vos vi? — He que eu jantei na copa. — Selters cruzou os braços, e olhou fixamente para Luiz. Este continuou. Peço-vos, Senhor, que isto fique entre nós.

Mas, Senhor Burckard, interrompeo a mãe, vós contaes isso em presença de minha filha? E porque não? Perguntão-me; respondo. Que mal póde haver em ir a casa da Conselheira Reiss? Protesto-vos, que não fiz outra cousa, senão rir, comer, e fazer-me alimpar os olhos.

Madama Selters e sua filha não poderão deixar de rir ás gargalhadas. — Senhor Burckard, disse gravemente Selters, não he da minha competencia dar-vos regras de bom procedimento; mas a amizade, que me une a vosso pai, me obriga a dizer-vos, que ha imprudencia no

vosso modo de obrar. Por que acaso encontrastes vós esta Henriquetta? — Pelo mesmo que vos encontrei. Sem duvida, tendes tido conversas particulares com esta rapariga? Seguramente. As apparencias são contra vós. E que me importão as apparencias? replicou Luiz. Que fallaes vós de decencia? Se eu vir estar ardendo uma casa, e nella houver uma mulher em termos de ser devorada pelas chammas, não irei soccorrel-a só porque me dizem que está nua? Todos se calarão, ceou-se tranquillamente, e cada um foi deitar-se.



## C A P I T U L O XVIII.

*O Mediador. — O Cão mais justo que o Ministro.*

**L**UIZ comprou um par de brincos de ouro, e foi visitar Henriquetta. Logo que se vio em liberdade com ella, offereceo-lhe o seu presente. A innocente Henriquetta deixou pôr-lhe os brincos nas orelhas, e Luiz deo-lhe um beijo em cada face. Declarou-lhe depois, que ia ausentar-se de Cassel por alguns dias, e pediu-lhe que dicesse á desconhecida, que brevemente daria conta de si. Deixou-a, depois de a abraçar com a costumada cordialidade, foi logo informar-se donde era a habitação de M. de Stralo, montou a cavallo, e á noitinha apeou-se na estalagem visinha ao seu solar. Soube do patrão, que o joven Stralo estava debaixo de prisão a mais rigorosa, que ninguem tinha permissão de fallar-lhe, excepto um criado antigo da casa, e que seu pai tinha jurado não dar-lhe a liberdade sem a condição de revelar-lhe o retiro, onde se occultava Luiza.

Luiz pensou toda a noite no que devia fazer para tocar o coração de M. de Stralo. No outro dia de manhã, foi direito á sua habitação. Depois de anunciado, foi

introduzido n'um quarto, onde o velho estava almoçando com uma dama. Em que posso eu servir-vos? disse friamente M. de Stralo. A mim; em nada, Senhor, replicou Luiz. Para mim nada tenho que pedir-vos: venho fallar-vos sobre um negocio, que vos diz respeito. Mas cumpre que me deixeis acabar sem interromper-me. — Muito bem, fallai.

Venho, prosequio Luiz, da parte da esposa de vosso filho. A' palavra esposa o semblante do velho se accendeu de furor, os seus olhos flammejavão, tremião-lhe os beiços. Esposa! gritou elle. Maldita! descarada prostituta! Esposa! Ah! ponde-vos fóra! fóra! Luiz conservou intrepidez e sangue frio. Aproveitou-se da primeira pausa, que fez a explosão do velho. Quereis vós escutar-me, Senhor? Senhor, fallai mais circumpecto. Meu filho não he casado. Eu annullarei seu pretendido casamento, eu o annullarei. Que quereis mais? Eu não conheço as leis positivas, mas ignoro que se possa annullar um vinculo, que o amor formou, e a razão approva. Se tal fosse a mente do legislador, seria cruel que a razão se curvasse ao jugo de miseraveis prejuizos de nobreza. O velho quiz interrompel-o, mas a raiva lhe tinha suffocado as palavras. Luiz continuou. Que mais podeis vós desejar? Vossa nora he bella, he bem educada, tem talentos, um bom coração, e he mãe. Se tudo isto não basta para sancionar um casamento, ainda que fosse com um principe, então tendes transtornado todas as leis da natureza; e as feras tem mais sentimentos que vós. O velho batia com as mãos e pés. Eu vi a vossa nora, fallei-lhe. Como he possível, Senhor, que as lagrimas de seus bellos olhos vos não toquem o coração? Como podeis desprezar o amor paterno, a natureza, a razão, e a humanidade, a ponto de encarcerar vosso filho, por amar uma digna mulher? O vosso gentil neto, nascido de uma boa, sadia, e intelligente mãe, possui mais nobreza, do que se uma genealogia quimerica traçasse de muitos seculos a existencia de seus passados. Como podeis vós? . . . .

O velho saltou aqui da cadeira, e tocou com tal força a campainha, que n'um momento os criados entráram no quarto. Elle apontou para Luiz, com gestos de um furor implacavel. Os criados não entendião. Conduzi esse insensato a casa do ministro da Justiça, gritou elle a final. Agarráram Luiz, que em vão resistio, foi obrigado a ir a casa do magistrado, e o seu bello sermão foi inutil. Elle contou o caso ao magistrado. Este não sabia o que fizesse, quando recebeu um bilhete do velho Stralo, no qual lhe rogava, que inquiresse do mancebo o lugar, aonde se havia refugiado a malvada, segundo elle dizia, que seduzira seu filho. O magistrado buscou logo satisfazer á recommendação, e começou a tentar Luiz por meio da conversa; vendo porém que não tirava partido, recorreo á imposição. Ameaçou Luiz com um processo mui serio, se persistia na negativa.

Senhor, replicou Burckard, por pouco versado que eu seja no direito publico, sei pelo menos que se não enforca um homem sem formalidades. Eu não vos direi pois o asylo de Madama de Stralo. Dizei porém a seu esposo, que seus infortunios cessaráo brevemente, que achará segurança e protecção, e que poderá altamente declarar sua inulher e seu filho. Levai esta resposta a esse velho orgulhoso e insensivel, idolatra de seus pergaminhos. — Deixai-me sair agora, quando não, vos accusarei por detenção arbitraria.

Os olhos de Luiz fusilavão de raiva, e o magistrado não ousava retel-o. Neste momento entra o velho Stralo. Não, não, disse elle, não consentirei, que elle saia para fóra deste sitio, sem ter declarado aonde reside a prostituta. Luiz lançou-se n'uma cadeira. Pois bem, Senhor magistrado, quereis permittir-me que eu mande chamar o meu criado á estalagem? Quero escrever ao ministro de Cassel. Estou eu aqui como na Tartaria? Quem quer que sejaes, disse o velho, sabei, que he dever de todo o homem de bem declarar, onde se escondem as pessoas mal procedidas, que a policia procura,

e contra as quaes existe uma ordem de prisão. Vós por tanto, não sahireis daqui sem fazer a dita declaração.

Fallando assim, mostrou a ordem de prisão, que trazia, e para a qual Luiz não se dignou mesmo de olhar. O magistrado querendo proceder regularmente, começou a lê-la; mas o nosso heroe o interrompia a cada momento. M. de Stralo furioso arrancou das mãos do magistrado o papel, que lhe cahio no chão. Mas em quanto elle se abaixava a apanhal-o, um grande cão, que havia em casa, o abocou n'esse instante, e foi metter-se com elle debaixo da mesa. Debalde se enxotava, e se davão pancadas no cão. Não foi possivel tirar-lhe o precioso papel, sem lhe dar um pedaço de carne. Então elle o largou, mas todó qujo e espedaçado. O diabo leve o vosso cão; e a vós todos, gritou o velho, e saío escumando de raiva.

Rasgada a ordem, não houve mais pretexto para reter o joven Burckard. Senhora, disse elle, voltando-se para a mulher do magistrado. — Eisaqui um Luiz de ouro, para dar ao vosso cão um pedaço de carne todas as terças feiras, em memoria da bella acção, que acaba de fazer. O cão he mais justo, que o ministro, que passou a tal ordem.

---

## C A P I T U L O   X I X .

*Beneficencia d'um Ministro. Indiscrição innocente.*

**V**oltando para Cassel, Luiz reflectia com amargura pelo caminho, que elle antes havia empecido, que melhorado o negocio dos dous esposos. Graças com tudo ao bom rafeiro, a ordem de prisão já não existia, mas era facil obter-se outra. Chegado que foi a casa de Selters, perguntou-lhe logo: o vosso ministro he homem de nobres sentimentos, e generoso? He homem sensivel? Porque,

O

tendes negocios com elle? Tenho, replicou Luiz, um caso que propor-lhe. Desejo saber, se uma mulher casada, e que tem um filho de seu esposo, se pôde olhar como má mulher. He isso o que desejaes propor-lhe? Espero que tal não façaes. — He de facil accesso vosso ministro? Pôde fallar-lhe qualquer? Julgae vós, replicou M. Selters, que o nosso principe escolhesse um ministro, que não merecesse a sua confiança e a de seus vassallos?

Nada mais quiz ouvir Luiz, correo a casa do ministro, que achou no seu gabinete. Sua esposa, que estava com elle, se retirou. Excellentissimo, lhe diz elle respeitosa-mente, não he para negocio meu que venho consultar-vos. O que venho pedir-vos he justo e decoroso. Contou-lhe então a historia de Luiza e seu esposo, a sua infeliz tentativa, e a catastrophe da ordem de prisão. — Uma risada, que escapou á esposa do ministro, trahio sua curiosidade, e esse a chamou. Venho, continuou Luiz, perguntar a Vossa Excellencia, se este pai injusto e barbaro pôde obter nova ordem de prisão contra sua nora? — Não, respondeo o ministro, se o caso he tal, qual vós dizeis. Mas respondereis vós pela veracidade dessa relação? Affirma-a-heis debaixo de juramento? Sem hesitar, Excellentissimo, replicou vivamente o nosso heroe. Se o que Luiza me disse, fosse falso, nenhum juramento mesmo eu acreditaria. A verdade tem o seu tinete, como a innocencia. — Sim; mas a imaginação daquelle, que escuta, pôde algumas vezes allucinal o. Com tudo não vejo incoherencia no caso. Podeis tranquillizar-vos. Se a vossa exposição he exacta, como creio, a amavel Luiza está em segurança; todavia não vos prometto de lhe restituir seu marido.

Como! Senhor meu! E serão tão desabridas as Leis? As mulheres, mais que as outras creaturas, merecem que se relaxe em seu favor a severidade das Leis. A natureza, o coração e a humanidade, tudo o que he sagrado para o homem, falla por ellas. Ah bom Senhor, fazei que as Leis sejam uma vez tão humanas, quanto for possivel. — Ah! Senhor e Senhora, se a caso vos quizessem separar?..

Luiz deixou escapar esta pergunta, que alias podia ser indiscreta. Mas felizmente o ministro e sua esposa se amavão. Ella apertou-lhe a mão, o ministro surriro-se, e disse-lhe: amo a vossa candura; o que há de excesso em vosso character, vos livrára do excesso opposto. Respondo pela minha palavra, vinde alem de amanhã, ou, se vos parece tarde, vinde amanhã pelas quatro horas da tarde saber a resposta. O ministro levantou-se, Luiz com os olhos scintillando de prazer caminhou para elle. Benefico Senhor, eu muito vos estimo; como me chamastes vosso filho, permitti-me que tambem vos beije a mão paterna. O Ministro apertou-lhe a mão. Boa noite, meu filho! boa noite, disse igualmente a Senhora. Luiz desceo de dous saltos a escada, e em dous minutos estava em casa do Conselheiro Reiss. Vio luz no quarto de Luiza, subio pela sua escada, bateo á porta, abriu, e entrou para dentro.

Luiza assustou-se, vendo entrar um desconhecido no seu quarto. Luiz não vinha com o seu vestido do costume. Boa noticia, exclamou elle, minha querida e triste Senhora, estaes em segurança. O ministro me disse, que podicis esperar. Luiza se levantou inflamada pela esperança, e estendeo os braços para aquelle, que olhava já como seu libertador; e o sentimento da gratidão e o da miséria a lançárao de joelhos a seus pés. Luiz queria levantá-la. Não era possível. O prazer a tornou como esttua. Elle ajoelhou tambem junto d'ella, tomou-a entre os braços, imprimia seus labios nos della, pedia-lhe que descansasse, até que a ergueo de todo nos braços.

Sentarão-se então junto um do outro. Luiz começou a contar-lhe o acontecido daquelle dia. Luiza chorou, tocante á prisão do seu esposo; tremeo ás iras do velho seu sogro; rio da justiça do cão; e mal podia conter o gosto, que lhe causava a resposta esperançosa do ministro. Ella chamava a Luiz seu anjo, seu Deos tutelar. Prostrava-se ante o berço do seu menino, beijava-lhe as faces, fallava para elle dormindó, e jurava por elle amar

o seu bemfeitor. Assim passou Luiz uma bella noite entre as delicias e o amor de um coração agradecido.

Deu meia noite, Luiz despedio-se, e saio levando um ceo no coração. Luiza fechou logo a porta, não osando acompanhá-lo á escada para não ser vista: Luiz chegou sem obstaculo ao portão. Quiz abri-lo. Debalde, porque não havia porteiro, nem elle quizera ser visto. Não sabia que fizesse. Tornou para o Pateo. Reinava um profundo silencio. A noite era fria. A luz de Luiza estava apagada; e fechadas todas as portas. Corria em torno com os olhos, e apercebeo ainda luz no quarto de Henriquetta. Vio mesmo a sua sombra pelo postigo da janella. Bom, não está ainda deitada, disse elle, e subio de vagar pela grande escada, para o não sentirem.

Chegando á porta do quarto, disse em voz baixa, Henriquetta, abre a porta, abre ao teu irmão Henrique. Ella ía gritar, mas conhecendo a voz suspendeo-se. Que quereis? disse ella. Oh minha querida irmã, estou fechado, disse Luiz. Não posso sair. Por onde entrastes? — Pela porta. — Pois saí tambem por ella. — Deixai-me dormir no teu quarto. — Estaes brincando! — Eu estava em casa da pobre Luiza; esqueci-me das horas, e não posso sair. — Pois bem, voltaí para a pobre Luiza. — Oh meu Deus! Ella está deitada. Não tens já vontade de me ver? Henriquetta abrio a porta, e recebeu Luiz com ar arrufado; mas um beijo sobre os seus beiços de rosas fez renascer nelles um doce sorrizo. Muito bem, disse ella, espero que passaremos a noite a rir e a conversar. Faz bastante frio, disse Luiz. — Oh! tendes as mãos geladas! respondeu Henriquetta, e entrou a aquecer-lhas nas suas: depois foi lançar alguma lenha no fogão. Todavia, accrescentou ella, dando-lhe chasco, estou um pouco scandalisada: sim, sim, vós gostaes mais de estar acolá defronte, do que aqui. Que dizes, Henriqueta? Reprovas tu que eu leve consolação a esta infeliz? — Sentarão-se ao pé um do outro. Luiz fez a Henriquetta uma nova relação de tudo que acontecera neste memoravel dia, e sem custo se advi-

nhará qual foi a passagem, que mais excitou as gargalhadas da amavel Henriquetta.

Entretanto o fogo ía-se apagando, e o frio augmentava-se. Henriquetta lançou o seu chale nos hombros de Luiz. — Mas tu, disse elle, tens mais precisão de cobertura, e lançou-lhe uns olhos bem significativos. Oh meu Deos! disse Henriquetta corando, como sou tonta! Foi buscar um lenço do pescoço, e cobrio os hombros e peito, que tinha inteiramente nus. Até este momento estas duas creaturas, não menos innocentes, e não menos ingenuas uma que a outra, não tinham reparado que ao tempo da chegada de Luiz, Henriquetta estava meia despida: tinha apenas o espartilho e uma só saia; o seu lenço do pescoço já estava pendurado sobre o espelho, e só quando veio abrir a porta, poz o chale, que a cobria desde a cabeça até aos pés.

Escuta, Henriquetta, disse Luiz, he melhor que te vas deitar: tens de te erguer pela manhã cedo, e eu posso dormir até quando quizer. Henriquetta não queria estar por isso, mas finalmente cedeo ás instancias de seu irmão. Foi deitar-se, e voltou a cara para elle, fitando-o com os seus dous olhos brilhantes e abertos. Tomára ver, disse ella, qual de nós dorme primeiro.

Luiz tinha mais precisão de comer, que de repousar. Disse a Henriquetta, que tinha fome. Ella saltou fóra da cama, e disse que não tinha senão uma maçã, que estava na algibeira. Procurou-a longo tempo entre o seu fato, que estava todo embrulhado, e achou-a; mas a maçã tinha caído. Pegou da luz para a procurar, e lembrou-se que tinha ainda um pedaço de torta no almario, foi buscá-la. — Passando defronte do espelho, reparou que estava quasi nua, e tomou com pressa outra vez o lenço do pescoço. Luiz devorou a torta e a maçã em um instante; e para festejar a cea, recommçou a historia do cão em casa do ministro. Henriquetta ria ás gargalhadas; de repente disse espavorida: oh meu Deos! calemo-nos. Não me lembra-brava, que o irmão do conselheiro Reiss, que chegou hoje, dorme aqui no quarto immediato!

## CAPITULO XX.

*O Descuido.*

**T**Riste Henriquetta! Oh desgraça! O mesmo, que ella receava, aconteceu: o irmão do conselheiro Reiss dormia no quarto visinho. A novidade da sua habitação, a continua garrulisse dos dous jovens, não lhe tinham deixado fechar olho. Levantou-se enfim, e olhou da janella para o quarto de Henriquetta, que fazia angulo com o seu. Com grande admiração apercebeo elle um homem com Henriquetta, que tinha o seio descoberto, e se achava quasi toda nua. Julgou que era alguma intriga amorosa, e como o fallatorio o não deixava dormir, quiz ver a cousa de mais perto. Saio de vagar do seu quarto, collou-se com a porta de Henriquetta, olhou pelo buraco da fechadura, e poz-se attentamente a escutar.

Com que, foste preso? perguntou Henriquetta a Luiz. De certo, respondeo elle, e custou-me bastante a limar-me. Meu Deos! mas não te obrigarão a confessar, onde ella estava? Eu não o declararia, ainda que me pözessem a tormentos. E tu viste a ordem de prisão? Como te vejo agora a ti, minha querida. — Felizmente, replicou Henriquetta, tu não te perturbaste; o que teria causado uma desordem terrivel em casa. Se a justiça aqui viesse, eu seria obrigada a fugir. Pensas tu, que elles te seguirão? Não sei se o fizerão; mas o meu cavallo Inglez corria a galope: era preciso que elles fossem bons galgos. — Mas a proposito, meu caro Luiz, a tua bolça continha trinta Luizes. Se alguém nos visse, assim como os brincos das orelhas; isso causaria suspeitas. — Bello! não há que temer. Quem he que tos havia de ver? O essencial he que ninguem saiba, que Luiza assiste em casa. Que alegria não hei de ter, quando ella poder sair com segurança, e quando se vir livre do que se chama justiça! Espero,

voltou Henriquetta, que isso se decida amanhã. Tu sabes que tens de ceiar aqui. Madama Reiss crê, como artigo de fé, que tu es meu irmão. . . . Ah! ah! se ella viesse a descobrir a verdade, eu me veria n'um lindo embaraço.

O velho militar, que escutava estes discursos, tremia de susto. Oh, meu Deos! dizia consigo, há em casa um bando de ladrões: quem sabe se até são assassinos? — Retirou-se acauteladamente, acordou o criado, e o poz de sentinella, com uma pistola na mão, á porta de Henriquetta. Foi logo ao quarto de seu irmão, que elle despertou, e informou do que tinha julgado haver descoberto. O conselheiro rio do susto de seu irmão. Eu ouvi tudo, continuou este. Há no quarto de Henriquetta um homem, que ella faz passar por irmão, e que não he outra cousa, senão um capataz de ladrões. Já esta manhã foi preso; evadio-se e proseguirão-no, mas a velocidade do seu cavallo o salvou. Tu não sabes tambem, que há uma certa Luiza, escondida ha longo tempo em tua casa. Fallarão de uma ordem de prisão, e de trinta Luizes, que Henriquetta havia recebido, provavelmente como o seu quinhão no espolio.

Estes factos erão tão positivos, que a irresolução do conselheiro se desvanecce. Saltou fóra da cama, e dirigio-se com seu irmão á porta de Henriquetta, aonde acharão o criado, que alli estava de sentinella, tremendo como varas verdes. Uma vez; dizia Henriquetta, que se não expeça nova ordem contra Luiza. . . . Bello! replicou Luiz, nunca a prenderão, e se a prenderem, eu me encarrego de a tirar da prisão. Uma escada de corda, limas para cortar as grades, e com audacia, tudo se consegue. Que atrevido e scelerado, disse o conselheiro entre os dentes, que julgava já ter a faca na garganta! Retirarão-se a passos lentos e tremendo á menor bulha, que fazião. Forão incontinentemente a casa do ministro da policia, para lhe pedir mão armada. O magistrado ordenou logo, que uma escolta cercasse a casa de M. Reiss.

Em tanto que se preparava esta tempestade, Henriquetta consultava com Luiz sobre o modo de sair de casa, sem ser percebido. Luiz não cuidava ainda nisso. Henriquetta suggerio algumas lembranças, que erão totalmente burlescas. Se tu fosses mais pequeno, dizia ella, entre outras loucuras, tu punhas um dos meus vestidos. Esta idéa jocosa pareceo tão estranha a Luiz, que Henriquetta desatou a rir; e poz-lhe na cabeça uma das suas tôcas. Luiz deixou-a pôr, e não pôde mesmo conter as ruidosas gargalhadas da sua alegria.

Neste momento, o conselheiro bate á porta, e diz o seu nome. Henriquetta fica pallida como a morte; e não sabe que faça. Luiz, com a touca na cabeça, escoo-se para dentro de um almario, cujas portas fecha pela parte de dentro. Continuão as pancadas na porta. Henriquetta apaga a luz, e vai abrir a porta, esfregando os olhos, como quem acabava de levantar-se. O conselheiro entra com a escolta. Onde está esse melro? diz o commandante da guarda. Henriquetta estava tão espavorida, que não tinha forças para responder. Abre este almario, replicou a mesma voz. Abre-se o almario, e Luiz sãe socegradamente com a tôca de Henriquetta, que ainda tinha na cabeça. Agarrão-no logo. Fica descançada, minha Henriquetta, disse elle, amanhã nos veremos. Levarão-no preso, e deixarão uma guarda no quarto da rapariga.

Luiz foi conduzido perante o magistrado da policia: o escrivão com o barrete da noite na cabeça, tinha a penna na mão, que lhe estava tremendo. Quem sois vós, amigo? Chamo-me Luiz Burckard. — Como se chama vosso pai? — Luiz Burckard, como eu: — Donde sois vós? — D'Elberg. — Quem sois, e que fazeis? — Nada sou, e nada faço. — Quaes são os vossos meios de existencia? — Nenhuns. Sois por consequencia um vagabundo. — Chamão-se por ventura vagabundos todos os que não tem estado? — Quem he vosso pai? — O Senhor de um lugar, ao pé d'Elberg. — Como! que he isso que dizeis? — Comprou um sitio senhorial. Ah! ah! logo he pessoa

de qualidade? Mas d'onde vindes vós? De um almarior.  
— E onde pretendeis ir? — Deitar-me.

Onde está a parte? prosoguiu o escrivão. Appresen-  
tou-se então o conselheiro. Está bem, continuou o official  
de justiça, e voltando-se para Luiz, não vos fizestes,  
disse elle, passar por um certo Dilling? Sem duvida. Por-  
que? Tinha precisão de fallar a Henriquetta, e fui obri-  
gado a usar desse subterfugio, para não dar suspeita a  
Madama Conselheira. Vós fostes preso já hoje, ou hon-  
tem de manhã. He verdade; mas espero que isso não  
passe a ser habito. Por que motivo fostes preso? Isso não  
vos importa. O que importa, he que eu saiba os motivos  
da minha detenção actual. Porque trazeis essa touca de  
mulher? Luiz levou a mão á cabeça, e deu uma grande  
rizada. Trago-a, respondeo, porque a tenho na cabeça.  
Onde moraes? Em casa do banqueiro Selters. Ide, disse  
o official a um dos guardas, a casa de M. Selters, rogai-  
lhe, que venha aqui promptamente, porque um sujeito  
aqui o dá por seu abono. Continuou o interrogatorio.  
Quem he esta Luiza? Qual Luiza? — A que mora escon-  
dida em casa do Senhor Conselheiro. Como! diz Luiz  
ao Conselheiro, há uma dama escondida em vossa casa?  
Pergunto-vos, replicou o magistrado, se conheceis uma  
dama chamada Luiza, e se existe contra ella ordem de  
prisão?

— Conheço, sim; replicou Luiz, mas esse negocio está  
commettido ao ministro. E quem he, que a quer livrar  
da prisão? Torro a dizer-o, isso pertence ao ministro;  
mas he cousa extremamente ridicula. . . Não tão ridicula  
como vós pensaes. Vós tomaes um nome supposto, en-  
traes ás escondidas em uma casa alheia, e tendes uma  
conversa suspeita. Quero crer, que não passa de uma  
intriga de amor, com tudo não se deve seduzir uma rapa-  
riga em casa de pessoas de bem. Oh! Senhor Magistrado,  
replicou Luiz com energia: Eu tanto não quero seduzir  
uma rapariga, como roubar, ou matar em uma estrada  
publica! Créde que sou innocente, assim como Hen-

riquetta: Vós vos deixaeis enganar por falsas apparencias.

Ao dizer estas palavras, entrou Selters. Oh, bom dia, M. Selters, disse o mancebo! Bom dia, meu caro Burckard. He pois em casa do magistrado da policia, que eu vos encontro? Que he isto? Conheceis vós este mancebo? diz o magistrado. Elle passou esta noite no quarto da criada de Madama Reiss; e acharão-se alli cousas suspeitas; ouvi o processo verbal. Leo-se o processo. Selters affiançou o joven Burckard. Luiz depois, voltando-se para o Conselheiro disse, Senhor Conselheiro, eu fui causa de passardes uma muito má noite; espero em poucos dias satisfazer-vos com a minha completa justificação. Sabei em tanto, que respeito muito a vossa casa, para seduzir nella uma rapariga, e uma rapariga tão amavel e innocente, como Henriquetta. Todos os assistentes se retirárão quasi a cair de somno.

Luiz tinha ainda que recear um novo interrogatorio da parte de M. Selters; e por isso marchava diante d'elle, e dizia a cada passo; estou tão cansado, que mal posso abrir a boca. Mas Selters não tinha desejos de o interrogar; deliberava consigo, se devia, ou não dizer-lhe; que seu pai era chegado a Cassel.

---

## CAPITULO XXI.

### *Comportamento de Rosa.*

COM effeito Mr. Burckard e Rosa havião chegado a Cassel na vespera á noite. Sem lhe fazer muitas instancias Mr. Burckard teve a destreza de avivar no coração de Rosa toda a sua ternura por Luiz; pintando-lhe a dôr do joven amante, e a perda irreparavel, que a sua ausencia motivava.

Tendo Rosa tornado de Brunswick, e indo ver Mr. Burckard, abraçou ternamente Maria. Esta com tom de voz o mais tocante lhe rogou, que não fizesse a desgraça de toda a familia; e ella, a avó e Madama Seeburg reunindo os seus esforços conseguirão movel-a. Assim Rosa instada de todas as partes, e mais que tudo atormentada por seu proprio coração, foi impellida a revocar Luiz do seu desterro. Nada havia ainda dito, mas já não respondia ás representações, que lhe fazião, e que dava esperanças a uma proxima reconciliação.

M. Burckard acabou de rendel-a. Depois de lho fallar de Luiz por mais de uma hora, vio que ella se enternecia. Rosa, disse elle, eu vou a Cassel; vem comigo. Rosa ergueo-se com alvoroço, e exclamou com aquella candura infantil, que a caracterizava, e que o sombrio ciume por momentos eclipsava: Sim, sim, irei com vosco. Devo este passo á constancia de Luiz: estou della convencida, a pezar. . . . Sim, irei com vosco.

M. Burckard fez os preparativos com a sua celeridade ordinaria, e mandou pôr incontínente a carruagem. E onde ides vós? perguntou a thia. A Cassel, se vós o permittis, respondeo Rosa. Tão repentina e inesperada mudança deixou estupefactas todas as pessoas de casa.

Em tanto a carruagem partio, e seguiu a estrada de Cassel. Pelo caminho adiante, fazia Rosa as suas reflexões, e vacillava pensando, se havia demasiado excesso nos passos, que dava para com Luiz. No meio destas irresoluções, chegarão porém a casa de Madama Selters. A amavel filha de Kellner sentia sua respiração precipitar-se. Um vivo rubor tingia e inflammava suas faces. Ah! M. Burckard, exclamou ella descendo da carruagem; se vós soubesseis! Crêde-me, eu faço mais do que devo: he elle que devia dar este primeiro passo. O velho poz-se a rir. Querida Rosa, disse elle, tracta, se queres, meu filho com frialdade; mas não retardes muito a reconciliação. Rosa deu graças ao Ceo; quando soube que Luiz não estava em casa. Nos lanços difficultosos da vida,

quando nos aliciámos sobre o futuro, por uma pasmosa inconsequencia do coração humano, nós gostamos de differir o termo, que deve decidir da nossa sorte. Desta arte folgava Rosa de ver retardar-se uma entrevista, que o fervor de seus passos tornára inevitavel.

Todas as vezes que se abria a porta, ella sentia um doloroso aperto de coração. Logo estas palavras lhe escapavão involuntariamente: Elle não vem! não hé elle! como! dez horas! onze horas! onde está pois? Admirame, respondeo Selters, porque o rapaz ainda não ficou fóra uma só noite. Deu meia noite, e como os viajantes estavão cansados, forão deitar-se. Rosa não pôde fechar olho: sua agitação era extrema, e estava banhada em suor. Prestava o ouvido ao mais pequeno rumor, e nada acalmava a sua inquietação.

Finalmente, batem á porta. Rosa levanta-se, escuta: era o expresso enviado pela policia. Ella ouve dizer, que um mancebo se havia preso, que assistia em casa de M. Selters. Ah! meu Deos! disse este ultimo, he seguramente o joven Burckard. Vestio-se outra vez, e saio apressado.

Bem quizera Rosa seguir Selters a casa do magistrado. Ficou todavia na antecamara á espera que Selters voltasse. Esperou assás longo tempo enregelada, até que a final ouviu que Selters e Luiz entravão. Selters que havia então tomado o partido do mancebo, não quiz, a seu pezar, revelar-lhe a chegada de seu pai; mas em desfórta buscou satisfazer a sua curiosidade ácerca do que acabava de passar-se.

Chegado á porta de seu quarto, Luiz dava as boas noites ao dono da casa, desejando escapulir-se. Este o agarrou pela aba do vestido. Uma palavra antes de separar-nos, meu caro Burckard, disse elle. — Nisto Rosa chegou-se para a porta, e applicou o ouvido attentamente.

Então passastes a noite em casa de M. Reiss, acrescentou elle. — E no quarto da bella criada? Sem du-

vida. Tinheis por acaso ainda alguma cousa nos olhos? Não. Mas tinheis tenção de passar toda a noite com ella? Sim. como entrastes no seu quarto? Às escondidas. Vós devieis ficar bem assustado, quando o Conselheiro interrompeo a vossa conversa? Certamente. Mas para que tinheis uma touca de mulher na cabeça? Tinha-ma posto a rapariga, para que eu me escapasse vestido de mulher. Sem duvida vós estaveis deitados? E a rapariga; segundo me disse Reiss, estava quasi nua! He verdade. Vós fazieis tal bulha rindo, que acordastes o irmão do conselheiro? Boa noite, Senhor, não posso de cansado que estou. A proposito, não julgaes vós que tomem isto por caso de namoro? Apesar de vossos subterfugios, não me enganareis desta vez. Eu não pretendo enganar-vos. . . . Adeos. Mais um instante. Quem he esta Luiza? Uma joven e bella mulher. E vós fazeis-lhe tambem visitas nocturnas? Estive com ella hoje até á meia noite. Vós querieis dizer hontem? Sim, e de lá fui para casa de Henriquetta. Que diabo! os vossos namoros vão complicar muita gente. Henriquetta será despedida. Eu tomarei isso a meu cuidado. Vós, sim, eu! E Luiza? Que ha de ser della? A manhã se decidirá. Vós tendes bellos conhecimentos: Uma rapariga, que recebe as vossas visitas nocturnas meia nua; e outra; a quem persegue a justiça! Mas onde estivestes vós hontem? — A quatro legoas d'aqui, em casa de M. de Stralo. — Uma só palavra, e não foi tambem por amor d'uma dama? — Sim; Senhor. Mas nunca vi cousa alguma que mais indique quanto sois amigo das môças, do que o caso daquella noite, em que vos encontrei em uma posição mui jocosa com a rapariga na rua. . . . Na verdade, meu caro Burckard, eu quizera que deixasseis por uma vez semelhantes practicas. — E eu quizera já ver-me na cama. — Boa noite. — Desta vez não pôde mais Selters retê-lo.

Apenas Luiz desapareceo, acordado talvez pela bulha appareceo o pai. Então aconteceo alguma cousa a meu filho? perguntou elle a Selters. — Nada, felizmente,

respondeo Selters sorrindo-se. — Mr. Luiz foi surpreso no quarto da criada grave da Conselheira Reiss. — Como! meu filho!... vós zombaes, isso não he possivel. — Por que não? Ella he uma linda rapariga, e de mais, não he desde hoje, que elles se conhecem. Parece que se lhes ouvio conversações equivoças, que assustarão o dono da casa. Vosso filho foi tomado por ladrão, e conduzido ao ministro da policia. Se não fosse mais que uma pequena intriga amorosa, podia passar; mas a par desta inda há duas, segundo o meu conhecimento, e já hontem de manhã foi preso por uma historia semelhante.

Como! disse M. Burckard. He tudo isso verdade? — Como vos digo, meu amigo. Vosso filho o declarou mesmo no processo verbal, assignando a sua vergonha á face da justiça. — Escutai, meu amigo. Peço-vos um favor. Fazei que a menina, que vem comigo, não saiba nada disto. — Eu vol-o prometto. Ella não saberá nem palavra. Derão-se as boas noites, e forão deitar-se outra vez.

Recordai-vos, amigo leitor, que Rosa escutava á porta do quarto, onde estas conversações se passarão, e que dellas nem uma só syllaba perdeu. Figurai-vos qual seria a raiva, que a devorava, convencendo-se, pelo que ouvia, da indignidade de Luiz, e do triumpho que lhe occasionava a sua vinda a Cassel. Indigno! exclamava ella, fechando as mãos e mordendo os beiços. Mas a sua raiva se converteo logo n'uma torrente de lagrimas, e depois de as enxugar, continuou ella, elle não merece uma lagrima; he o mais abjecto e detestavel dos homens! Não merece mesmo que pense n'elle. Nunca serei a sua esposa. Nisto poz-se a considerar no que devia fazer. Ella não podia deixar de o ver, nem partir sem pretexto; devia alem disso circumspecção ao velho. Nestes termos resolveo-se a não mostrar a Luiz o quanto o detestava, a tractal-o com reserva, e aproveitar-se da primeira occasião, que tivesse, para se livrar da sua presença.

Este plano pareceo tão facil a Rosa, que já ella desejava ver Luiz para o pôr em practica. Na manhã seguinte, ella se adornou de proposito com mais elegancia. Parecia a mais meça das graças. Mostrava no elhar um certo despeito, que o seu riso não podia encobrir, e que a tornava mais bella. Emfim ás nove horas abriu-se a porta da sala, e Luiz entrando achou-se defronte de Rosa. Elle córou. Ella tremeo. Elle correo para ella, e dando um grito: Ah Rosa! exclamou elle; emfim torno a ver-te!

Rosa ficou muda, um pouco pallida, e um pouco tremendo; e com uma voz, de que não era bem senhora, titubiou dizendo: — A vossa presença, Senhor Burckard, tornou-se tão rara e difficil, que he preciso emprender viagens para vos ver. Sua affectada alegria concordava tão pouco com o seu tom de voz, que os circumstantes tiverão compaixão de Rosa. Luiz parecia absorto. M. Burckard esperava algum arrufo entre os dous amantes; mas nunca suppoz na filha de Kellner tão forte resentimento. Luiz tomou a mão de Rosa. E fizeste tu a viagem, Rosa. Só para atormentar-me? disse ella. — Atormentar-vos? Ah, não! Espero estar aqui satisfeita com vosco. Vós deveis dirigir-nos, Senhor Burckard; vós deveis... a pobre rapariga não pôde dizer mais. As lagrimas, que se lhe accumulavão nos olhos, cairão por terra, e a voz se lhe prendeo. Lançou sobre Luiz os olhos ainda turvos de pranto: lia-se n'elles mui bem o que ella soffria interiormente. — Amargura, e um coração em pedaços.

Luiz a este olhar deixou cair da sua mão a da sua amante; enrugou a testa, olhou para seu pai, que estava ao pé d'elle, e o cerrou nos braços. E he Rosa o vosso nome? disse a filha de Selters, e he por vós que M. Luiz esteve em termos de brigar com os jogadores do xadrez? Ella lhe contou então muitas outras das suas distrações: — M. Burckard distrahe-se muitas vezes, dizia Rosa. Eu fui criada com elle; passámos juntos a nossa infancia;

e daqui vem o tom de familiaridade, com que elle me honra. Luiz tinha quasi perdido o espirito, e fallava como quem não sabe do que se tracta; e aproveitou a primeira occasião, que teve de fallar á parte com seu pai. A conducta de Rosa era um enigma para o velho, assim como para Luiz. Ah! Ah! dizia M. Burckard, isto tem seu ar de affectação? Eu não gosto, Luiz, de te ver tyrannizado. Faze o que quizeres. Em tanto, meu filho, tem cuidado de Rosa.

O velho o interrogou depois sobre as aventuras da noite e dias precedentes. Luiz narrou-lhe o acontecido com a sua costumada franqueza. O pai o abraçou com toda a effusão de ternura paternal. Mas esta conversação trouxe á lembrança de Luiz a pobre Henriquetta; e saõ immediatamente para ir vê-la. Perguntando-se então a Mr. Burckard aonde tinha ido seu filho: — A casa do conselheiro Reiss, respondeo elle. Rosa ao ouvir estas palavras, levantou-se immediatamente, cheia de confusão, e retirou-se para o seu quarto.

---

## C A P I T U L O XXII.

### *Novo motivo de Ciúme.*

**L**uiz voltou a casa dentro d'uma hora. Elle havia contado á Conselheira Reiss toda a sua aventura com Henriquetta. Examinarão-se os dous réos; e a Conselheira, longe de se enfadar com a sua criada, tomou um vivo interesse por Luiza. Conveio-se, que Luiz conduziria a casa do ministro esta desgraçada esposa.

Rosa comportou-se ao jantar, como antecedentemente, reservada e fria com Luiz. Ella não correspondia a nenhuma das inquietas vistas, que elle lhe lançava. Depois do jantar ficarão sós, — Rosa, disse, Luiz com a sua costumada ternura. . . . Mr. Burckard, interrompeo ella

com vivacidade; vós me chamaes sempre Rosa, não percebeis, que isso não nos fica bem? — Como! Grande Deos! isso não nos fica bem? — Vós podeis pensar d'outro modo; mas fazei-me o favor de me tractar, como tractaes as mais pessoas.

Luiz abanou tristemente a cabeça. Dize pois, que te fiz eu? respondeo elle; porém, meu Deos! Será preciso que se odêem as pessoas para se tractarem civilmente? Neste momento entrou a filha de Selters. Ouvi, Mr. Burckard, disse ella, Rosa, e eu vos embargaremos hoje de tarde, para nos acompanhardes a vêr Cassel, e irmos á noite á comedia: Luiz fitou Rosa. Rosa rio-se, e elle recordou-se do que tinha que fazer. Infelizmente, disse elle, não posso hoje acompanhar-vos; tenho de estar ás quatro horas precisas em casa do ministro. Deos sabe, quanto isso me custa. Bons dias, Sr. Burckard, disse Rosa fazendo uma reverencia, os negocios estão primeiro que tudo. Nós iremos sós. Sairão ambas saltando, e Luiz ficou como petrificado. Meu Deos! disse elle, cravando tristemente os olhos no tecto, he possivel? . . . .

Em tanto, elle devia partir. Luiza o esperava. A Conselheira lhe havia emprestado vestidos decentes, que lhe servião. O joven Burckard deo-lhe o braço, e passarão pelo jardim regio. Luiza rogou-lhe, que a deixasse descansar um pouco. Elle se assentou com ella, animou-a, e advertio-lhe, que respondesse com firmeza ás perguntas do ministro. Vossa ventura, disse elle, está mais proxima do que pensaes. Luiza vacillava temerosa de apparecer ante o ministro. Elle lhe deo alento apertando-lhe a mão, e chamando-lhe seu amor, e sua cara Luiza com toda a sensibilidade de um infeliz, que sympathisa com os males de outrem. A filha de Selters tinha conduzido Rosa ao mesmo jardim, e ambas estavam sentadas em pequena distancia d'elles. Já Rosa tinha visto ao longe vir Luiz com uma Senhora de braço dado. Ah! isto he de mais, disse então a companheira de Rosa.

Q

Elle nos logrou com o seu ministro. Eis um gentil ministro, na verdade ! uma bella figura ! Luiza olhou para traz, e Rosa, não obstante ficar mais indignada, confessou tambem, que era uma bella figura, a que se havia voltado. Ambas estavam por traz d'elles. Rosa via com o coração espedaçado a doçura, com que Luiz tractava aquella gentil mulher. Ella ouvia chamar-lhe meu amor, minha cara Luiza. Isto era muito forte. Seus olhos começavam a cegar-se. O pobre leque he que o pagou : foi feito em dous pedaços. Felizmente a filha de Selters olhava tão attenta para o bello par, movida de curiosidade, como Rosa de ciumes. Levantarão-se finalmente Luiz e Luiza, e Rosa achou logo defeitos que pôr em Luiza, á proporção que a sua socia a gabava.

Entretanto Luiz e a esposa de Felix chegarão a casa do ministro. Excellentissimo, disse o primeiro, eis aqui a infeliz, de que vos fallei : ella mesma vos convencerá da justiça da sua causa. — Luiza não pôde usar da palavra. Uma torrente de lagrimas lha suspendia. O ministro buscou animal-a. Sua esposa, que quiz assistir á conversa, conseguiu um pouco mais socegal-a, lastimando-a sinceramente, e offerecendo-lhe a sua amizade : Luiza contou então a sua historia com aquelle tom inalteravel de verdade, que bastaria para persuadir o ministro, se elle não estivesse ainda convencido do caso. Com effeito, elle havia tirado informações ácerca de Luiza, e todas ellas coincidião. Tinha sabido, que a Luiza, para ser a digna esposa de Stralo, só lhe faltava fortuna e consideração. — Vosso esposo, disse o ministro com brandura, commetteo uma falta; e vós fizestes outra. Um casamento sem o consentimento dos pais he contra a Lei, mas creio, que estaes sobejamente punida. Tendes razão, Sr. Burckard, a Lei não foi aqui moderada, nem ousou sê-lo. Espero todavia, Senhora, restituir-vos o esposo, que um prejuizo, talvez rigoroso, vos arrancára. Descançai, e amanhã vinde aqui com vosso filho ; sim, com o vosso filho. Eu vos mandarei a minha

carruagem. Onde moraes? ámanhã antes do meio dia. E vós, querido mancebo, conduzi a vossa bella infeliz, digna de melhor sorte. Luiza disse, onde morava, e nisto hia lançar-se aos pés do ministro. Este a suspendeo, e a beijou na face. Até ámanhã. Não vos esqueçaes de trazer vosso filho, como vos disse. Achareis aqui companhia. — Companhia? Senhor, mas pensai . . . . A condição, que exijo de vós, he que descanceis em mim. Podeis ir-vos agora. Devo retirar-me. — Até ámanhã.

Sahirão ambos de casa do ministro, tocados da sua benevolencia. Apenas Luiz reconduzio a esposa de Felix a casa de Madamã Reiss, e de passagem deo um bejo em Henriquetta, desceo a escada precipitadamente, e correo direito ao theatro, onde suppunha achar Rosa. Ella não estava lá. Debalde olhou elle em todos os camarotes; veio para casa ás nove horas todo triste. Mas onde tens tu estado todo o dia? perguntou M. Burckard, surprezo da sua ausencia, e tendo notado o desprazer de Rosa. No theatro, respondeo elle com tom melancholico. — O ministro he um bello homem, disse a filha de Selters rindo: vosso pretexto era mui bem fundado. Com que, estivestes no theatro? E dizeis isso tão seccamente? Meu Deos! tornaes a cahir em distracções. De certo, já vos não lembra o ministro. Luiz nada respondia; tinha os olhos fitos em Rosa, que estava amuada a um canto, e nem para elle olhava. Muito bem, continuou a mesma; e tendes tenção de hir ámanhã ao ministro? Sim ámanhã, ao meio dia, mas ás cinco horas estarei desembaraçado. — E o ministro vos ama bastante, pois que se disfarça em mulher para . . . . Fóra! exclamou Rosa, isso he tractar muito de ridiculo sua Excellencia! As duas raparigas desatárão a rir, e Luiz, que não sabia a quem ellas chamavão ministro, não comprehendia uma palavra do que ellas dizião. O velho Burckard perguntou a causa daquellas risadas e da confusão de seu filho. As raparigas não responderão, e sahirão juntas. Luiz não

as seguiu. Ficou com seu pai, e contou-lhe suspirando a historia de Luiza. Queixou-se depois de Rosa, cujo comportamento era inexplicavel. Se ella estivesse sómente arrufada, disse o pai, ainda haveria esperança, mas ella parece escarnecer-te. Na verdade, Luiz, a sua estada em Brunswick a mudou totalmente. Luiz suspirou. Se eu estivesse no teu lugar, faria de observador indifferente, e não me importava, que ella me tractasse de tonto. Luiz suspirou. Depois da manhã vou partir, queres vir? Sim. Penso que quando estiver só com ella, poderei . . . caro Luiz, a rapariga . . . Deos sabe, o que ella tem . . . Toma sentido! Luiz suspirou, mais profundamente ainda, quando ouviu no outro quarto as risadas de Rosa, que brincava com a filha de Selters. Pouco tempo depois pai e filho se forão deitar.

Luiz porém, entrando no seu quarto, se lançou sobre uma cadeira, e ficou por algum tempo absorvido nas suas melancolicas reflexões. De repente occorreu-lhe uma idéa, que o tirou da sua apathia. Por Deos! exclamou elle, cumpre que saiba tudo: Vou desatar este nó gordio. Nisto, com firme passo foi direito ao quarto de Rosa. Chegando á porta, abriu-a de vagar, e entrou dentro. Rosa já dormia. Elle ouviu o som da sua respiração. Como ella dorme! disse elle. E eu! . . . não posso gozar um instante de repouso. Como tem a cabeça escondida! Parece que sonha fugir-me. Elle toma-lhe a mão, a dormiente acorda sobresaltada. Não te assustes, disse elle, sou eu, minha doce amada, escuta-me, eu to rogo, oh! escuta-me; tu sabes com que respeito, com que ternura te amo. Elle a cerrou nos braços; mas um grito penetrante, e que não era da voz de Rosa, o ferio de terror. Cala-te! cala-te! exclamou elle, pondo a mão na boca daquella mulher, para a fazer calar; enganai-me. Porém quanto mais elle supplicava, mais horríveis erão os gritos; de maneira que o quarto em pouco tempo estava cheio de todas as pessoas de casa, que virão, com grande surpresa, Luiz engalfilhado com a

criada de Madama Selters. Luiz ficou absorto, e com a boca aberta; Mas porque gritaes vós? disse Selters enfadado. Meu Deos! respondeo ella chorando: O Senhor Burckard veio ter comigo á cama, e queria beijar-me á força. Que diabo! caro Burckard, exclamou elle, vós sois furioso amador de criadas. Perdoai, Senhor Selters, respondeo Luiz corando de vergonha: foi um miseravel engano. Mas esse engano repete-se muitas vezes. Não he este o quarto de Mademoiselle Kellner! — Ah! ah! percebo. Então esta gritadora devia ter-vos perguntado onde querieis ir. — Rosa fez-se vermelha até ao alvo dos olhos. Peço-vos perdão, Senhor Selters, disse ella com vehemencia, se pensaes que esta visita me era destinada, Mr. Burckard sabe perfeitamente que este não he o meu quarto, pois eu lhe disse que dormia com vossa filha. Fallando assim, cravou os olhos em Luiz. Este percebeo que a sua indiscrição podia occasionar suspeitas; e posto que Rosa não lhe houvesse dito o lugar, em que dormia, eu bem sabia, disse elle, que este não era o quarto de Rosa. — Então onde querieis vós ir? replicou Selters, pois que devieis ter algum fim. — Hia passear. — Boas horas para passear. Ah! deve-se confessar que sois um homem bem singular. Esta louca diz, que vós quizestes beijal-a. — Sim, certamente, exclamou a criada: elle me chamava a sua querida amante, e beijou-me, a pezar meu. Eis aqui, tornou Selters, o que se chama um curioso passeio. — Luiz abria os olhos sem saber o que dissesse. Todos se rirão; Mr. Selters tomou o braço de sua mulher, e cada um se retirou. Luiz ficou ainda, e sentou-se n'uma cadeira. A criada, vendo que elle não sahia, tornou a dar gritos. Luiz levantou-se, e de um pulo se metteo no seu quarto, maldizendo a sua sorte.

## CAPITULO XXIII.

*A Reconciliação.*

**P**Osto que Rosa devesse alguma gratidão a Luiz pela sua generosa mentira, com tudo este doce sentimento desapareceo ante a colera, que lhe tinha inspirado a pretendida infidelidade do seu amante. — No dia seguinte ella se levantou na firme resolução de mostrar a Luiz a mesma indifferença, que havia mostrado na vespera. Ella propoz á filha de Selters o irem passear ambas cedo. Luiz desejava fallar com ella em particular, mas ella já tinha sahido; elle não pôde vê-la; e sendo meio dia partio para casa de Luiza. Elle achou-a já preparada. Partirão ambos, levando a criança, bem como o ministro havia recommendado, mas sem adivinhar, qual fosse o seu plano. Chegando a casa do ministro, forão introduzidos n'um quarto, onde havia uma meza com dous talheres. Veio a esposa do ministro: vós jantaes hoje comigo, minha querida amiga, disse ella a Luiza; e vós, Senhor Burckard, passai onde está meu marido. Ella o conduzio por varios quartos até uma sala; onde estava o ministro com uma pequena companhia, na qual estava tambem M. de Stralo. O ministro tomou Luiz pela mão, e o appresentou aos seus convidados com estas palavras: Eis-aqui um mancebo, que estimo muito; seu nome he Burckard. Stralo corou. Pozerão-se á meza, e converaou-se geralmente. Luiz reconheceo, que o esposo de Luiza tambem estava presente; e a seu lado na meza. Este joven dizia poucas palavras. Uma profunda tristeza se via impressa em seu rosto.

Depois de jantar a companhia se espalhou pelos quartos visinhos. O ministro, e o velho M. de Stralo ficarão sós. Um signal de olhos do primeiro reteve igualmente Luiz.

Senhor de Stralo, disse o ministro com dignidade, por mais custoso que me seja causar dissabor a qualquer, sou obrigado hoje a fazê-lo. Vós estaes implicado n'um caso grave. Vós tendes arrancado a meu predecessor por surpresa uma ordem de prisão contra uma pessoa virtuosa e estimavel debaixo de uma falsa accusação. Tendes além disso abusado da auctoridade paterna, retendo vosso filho em prisão. Eu quizera arranjar este negocio amigavelmente. Eu quizera poder achar-vos justo. Eis aqui, Senhor, o vosso processo. Elle contém uma accusação calumniosa contra a esposa de vosso filho. Estou persuadido que não podereis provar um só factó. Estou de mais a mais inteirado de todas as circumstancias. Não busqueis pois justificar-vos, dizendo que vós não as sabeis, que a indignação sómente dirigio vossa penna. Confessai francamente a verdade. — M. de Stralo encolheu os hombros, e balbuciou esta resposta. — Senhor, a justa colera, que provei, deve escusar-me toda a exaggeração, que usei neste processo. — Quando se tracta de reclamar a protecção do Soberano e das leis, a colera de nenhuma sorte desculpa falsas accusações. Vós pedis indulgencia pelos delirios, a que a paixão vos arrastou; e vós, Senhor de Stralo, não tendes a mais pequena indulgencia pela paixão de vosso filho; paixão, que as leis da humanidade, e da natureza tem sagrado, que a mocidade desculpa, e que a belleza, e os excellentes dotes do objecto amado justificão. As leis mesmo do paiz não são inteiramente a vosso favor. Vós lhes tendes dado uma latitude que as torna barbaras: tendes privado vosso filho da liberdade por espaço de um anno, e tendes entregue uma infeliz á mais horrivel miseria: Tendes arrancado um marido a sua esposa, um filho a seu pai. E por que motivo? porque esta esposa não possui as vantagens, que dá o acaso, mas que possui tudo quanto confere o amor, a dignidade e a honra, que milhares da nossa condição não gozão, por serem dons adquiridos. Quando porém o amor de vosso filho fosse um prejuizo,

um sonho, um delirio, esse prejuizo he tão humano, tão innocente e contrario ao vosso de hediondo e desnatural orgulho, que nenhum direito vos daria contra vosso filho. De mais, esta esposa achou amigos, que tem feito retinir suas queixas até ao throno. Quereis vós que se traga á luz este processo? ou que quereis? Sr. de Stralo, reflecti na vossa accusação.

Não creio, replicou M. de Stralo, que me possam forçar á baixa aliança de uma mulher sem nascimento. — A vós não; mas será concedido a vosso filho o fazer uma livre escolha; porque felizmente elle he livre, por que he vosso filho, e não vosso escravo. Na vossa narração tendes denegrido a reputação de sua esposa, tendel-a indignamente calumniado. Luiza he uma inestimavel Senhora, que eu tenho a honra de conhecer. Fazei bem as vossas reflexões. Vamos. Minha mulher me espera.

Sahirão; e acompanhados das mais pessoas, que estavam no quarto immediato, passarão ao da esposa do ministro. Luiza ficou branca ao vêr o seu perseguidor; e a sua perturbação seria maior, se a não tivesse prevenido a generosa dona da casa. O ministro caminhou para a esposa de Felix. Eis-aqui, disse elle, uma das minhas amigas: Senhora, eu vos agradeço a complacencia, que tendes tido, de acompanhar minha esposa. Mr. de Stralo beijou a mão da mulher do ministro, e a de Luiza. Os mais fizeram outro tanto. Então, Senhor, disse a primeira, dirigindo-se a M. de Stralo, que mal vos fez a minha amiga? Não quereis reconciliar-vos com ella? Stralo vacillava. Olhou attentamente Luiza, e reconheceo-a. Seu embaraço crescia. O ministro tirou então o processo d'algibeira. Senhor, lhe perguntou elle, que devo fazer deste papel? Deixar-se-ha no esquecimento este padrão de uma injusta colera? M. de Stralo nada respondia. Nisto, a Senhora da casa tomou nos braços o filho de Luiza, e o appresentou ao velho. Vêde, disse ella, vede o vosso neto. — Luiza approximou-se

tremendo. Ide, minha filha, disse o ministro a Luiza, beijou-a, e conduzio-a para o velho. Com ar sombrio estendeo elle a mão a Luiza. Excellentissimo, he vossa filha, seja tambem a minha.

A esposa de Felix cravou os beiços sobre a sua mão, e a regava com lagrimas. Luiz testemunha desta scena, lançou um grito de alegria, foi buscar Felix no quarto vizinho, e o trouxe á sua esposa. Logo que ella o apercebeo, derramou um grito penetrante, e cahio desmaiada em seus braços. — Obedeço ás ordens do Senhor magistrado, proseguio o velho M. de Stralo, e unio a mão de Luiza á de Felix. O joven de Stralo voltou-se para o ministro. — Generoso Senhor, disse elle, que posso eu dizer, para-vos expressar o meu reconhecimento? A mim, nada; se quereis agradecer, aqui tendes a quem, (mostrando Luiz). Eis aqui quem descobrio Luiza no seu retiro; quem lhe tributou os maiores serviços: eu fui só o seu instrumento. — Sim, querido esposo, foi este generoso mancebo, que me salvou da mais profunda miseria. E a mim, disse o velho, foi quem me deu em minha mesma casa os mais judiciosos conselhos. — Toda a companhia se reunio em felicitar os ditosos consortes. Luiz abraçou alternadamente o esposo e a esposa, beijou depois a mão do Ministro, vertendo lagrimas de ternura. Emfim, exclamou elle, *achei um grande, que tambem he bonem!* Seu coração he sensivel á amizade e á natureza. — Depois de haver cuidado da ventura dos outros, toca tambem cuidar da minha. Saudou a companhia, e voou á casa de Selters, afim de ver Rosa. Erão já cinco horas da tarde. Entrando a filha d'aquelle, lhe entregou um bilhete lacrado. Elle abrio-o, tremendo, e reconheceo palpitando a escriptura de seu pai.

« Meu filho, dizia nelle o velho, fallei com Rosa a teu respeito. Tudo está acabado entre vós ambos. Eu a reconduzo a Brunswich: chora, mas sê homem... Eu quizera ver-te em Elberg. Rosa me incumbe de fazer-te as suas despedidas. Prova-me que tens coração. Vem promptamente reunir-me. »

R

## CAPITULO XXIV.

*Sombria Desesperação de Luiz.*

**E**Isaqui o que se passou entre Burckard pai, e a filha de Kellner. Depois de jantar, elle foi dar com ella afoxada em lagrimas. Rosa, lhe disse elle, isso não vai como deve ser, sêde sincera comigo. Se Luiz entrasse neste momento para te conduzir ao altar, quererias tu ser a sua esposa? Não, meu pai, não — Nem d'aqui a um anno? Não; nunca, já mais. — Tens tu reflectido bem no que diceste? Sim, tenho assás reflectido. — Mas, minha cara, dize-me, pelo amor de Deos, quaes são teus motivos? — Não posso revelal-os, são mui fortes. . . Nunca serci a esposa de Luiz. — Rapariga, tu me affliges; tenho-te amor; cuidei . . . tu devias . . . Rapariga, fallas serio? Deos me he testemunha; não posso sêl-o, quizera antes a morte! Pois bem, vai-te c'os diabos! Seja assim; vou participar-lho. Sentou-se para escrever a Luiz. Rosa apertou as mãos, e soluçou, como que se ia assignar a sua sentença de morte. Ah! fazei-lhe a minha ultima despedida, disse ella ainda soluçando. — A tua ultima despedida! . . Mas, rapariga, disse Burckard anternecido: tu o fazes desgraçado, e te fazes desgraçada a ti mesma. Que fructo pôde ter toda essa relação? Queres tu, ou não voltar para Brunswick?

Maldito Brunswick, disse Rosa entre dentes, foi lá que tudo começou . . . Como! que he que alli começou? O que eu não posso dizer. — Pois então vem para Brunswick, porque em Elberg vos atormentareis um ao outro, renovando sem cessar o que deveis esquecer. Rosa suspirou. Mas, minha filha, accrescentou Burckard, se eu te fizesse outra proposição? Eu quizera que reflectisses mais oito dias. Promettes-me isto? Ella o prometteo.

Elle despedio-se dos donos da caza , fez pôr a carruagem e partio. Estavão já a uma legoa de Casset , quando o bilhete foi apresentado na mão tremula de Luiz.

Meu Deos! querido Burckard , vós estais branco como a cal , disse Mr. Selters : acazo he Rosa vossa amante ? Sim. — E vós estais arrufados ? — Sim. — E não ha meios de reconciliar-vos ? Não — Se a amais , deveis tental-os.

Por tres dias Luiz não foi capaz de consolação. Henriquetta com toda a sua jovialidade , não pode arrancar-lhe um sorrizo dos labios. Luiz lançava a miudo os olhos sobre o bilhete da mão paternal. Acabou-se tudo , dizia elle , cumpre que eu volte para Elberg . . . Sê homem ! me escreve o melhor dos pais. Ah ! Sim , eu o serei. Foi despedir-se de Henriquetta , que suspirou ao abraçal-o pela ultima vez. Despedio-se de Selters , e de sua familia , montou a cavallo , e seguiu o caminho d'Elberg. — Não tardou muito , que se não visse na casa de seus pais. — Então , meu filho , disse Mr. Burckard , es tu homem ? — Sim , meu pai , apprendo a soffrer. Bravo , meu filho : apprenhes a mais util de todas as artes.

A avó de Luiz , e Madama Seeburg se revoltayão contra o comportamento de Rosa. A terna mãe do primeiro não podia encobrir o disgosto , concebido contra aquella joven caprichosa , quando via seu filho triste , melancolico , os braços cruzados , passear silenciozamente no meio das neves , que o inverno amontoara nos campos vizinhos , e olhar muitas vezes para a janella , onde Rosa só ía sentar-se a trabalhar. Então abanava elle tristemente a cabeça , retirava-se de vagar , e voltava ás suas occupações , que consistião em ler , montar a cavallo , ou caçar.

## CAPITULO XXV.

*Melhoramentos Campestres.*

**L**UIZ continuava nas suas occupações, trabalhava, lia, montava a cavallo; ia á caça, como dissemos. Não fallava em Rosa; não se ouvia mais o seu nome em toda a aldea d'Elberg. Graças a Deos, dizia a avó de Luiz, passou a tormenta! Pobre rapaz! quem me dera, que ella o amasse tanto! receberia agora a paga do seu despreso! Quem me dera isso tambem! replicou Burckard, eu faria dois entes felizes; e ella seria minha filha. Luiz não falla mais em Rosa, he verdade, mas a sua imagem está tão profundamente gravada em seu coração, como se ella nos deixasse hontem. Crêde-me, seria para dezejar, que Rosa o amasse tanto!

A avó de Luiz julgava do amor, como a maior parte da gente, que o tracta de um modo ordinario; ou como esses romancistas, que descrevendo-o pomposamente com lugares communs, ignorão os segredos desta paixão indefinida, e immensamente variavel. Cuidão alguñtel-o descripto magnificamente, quando representam os crentes do amor com a mesma realidade, que os crentes dos espectros. Para aquelles a crença do amor dura tanto, como a crença da Religião para estes. Outros ha chamados espiritos fortes, que não crem n'uma, nem n'outro. Estes mesmos se contradizem: pois assim como o incredulo da Religião treme de noite com a idea dos phantasmas, que escarnecêra de dia, assim o incredulo do amor cahe no extremo opposto, na voluptuosidade; e corre de noite atraz desse mesmo amor, cujas delicias puras motejara de dia. Muitos outros, e aqui entra muita gente seria, tem o amor por deshonra; e ao passo que fallão, e proclamão milhares de cousas vagas e sem

realidade entre os homens, esquecem totalmente este grande movel da existencia humana; e se o mencionão, he qual outra ave Phenix, só para objectos de comparação. Nada he tão miseravel, como o artigo de azedume e rancor, que estes fazem, quando moralizão sobre o amor. Na opinião destes, um romancista deve ser considerado como um homem, que estabelece um Lupanar; e um romance, como a donzella caritativa, que poem cor para engodar o coração do inexperiente mancebo. Outros julgão que o amor he semelhante a uma luva, que se deve pôr de parte, quando parecer conveniente, e que se devem dar graças a Deos, se o amor se conservou depois do casamento, assim como aquella depois da primeira lavagem. — Há ainda um milhão de erros á cerca do amor; e cada romancista faz quanto pôde para persuadir ao seu leitor, que a paixão do amante, que elle descreve, não tem por fim, senão o laço conjugal, para não parecer ridiculo. Assim rematão quasi todos os romances em casamento, depois do qual começão de ordinario as desavenças entre marido e mulher.

N'um destes erros estava a avó de Luiz, quando suppunha a tormenta passada, vendo que elle não fallava mais de Rosa. Elle enmudecia, mas o seu amor por ella se tornava mais ardente em seu seio. Deve aqui reflexionar-se, que o habito, o tempo, a mocidade, a pureza de coração, a amizade, a confiança, e a boa indole tinhão nutrido a paixão de Luiz e Rosa; e esta paixão não tinha o character dessas affeições temporarias, que rezultão de attractivos superficiaes.

Luiz tinha promettido a seu pai que seria *homem*! eis aqui a razão do seu silencio. Muitas vezes ía elle ao jardim, passava meia hora ou mais com os braços cruzados, extatico e pensativo. Luiz, que he isso? deixa-te do que se não aproveita; lhe dizia seu pai. Nisto desenscrespavase-lhe a frente, sua vista se animava, elevava suas mãos á testa, e a esfregava, como se pudesse deitar fora os seus pensamentos. O velho Burckard empregava-

se com seu filho no melhoramento de suas fazendas, e na felicidade de seus camponeses. Ehrenbreit era o terceiro, que entrava nesta bemfazeja união. Todos tres estavam convencidos, que a felicidade da vida depende da educação. — Burckard fez construir uma espaçosa eschoia. Ehrenbreit enviou-lhe um mestre ainda moço, cheio de bondade e conhecimentos. Burckard segurou-lhe uma decente renda, tirada dos aforamentos das suas terras; e instaurou-se a eschoia. Com esta eschoia de educação se ligou outra de industria. — Duas horas erão consagradas ao ensino da religião, da historia natural do paiz, arithmetica, ler e escrever. Grande parte destas ideas se ensinavão no grande jardim, como eschoia practica. — Na outra parte da casa, as raparigas erão dirigidas e amestradas em occupações mulheris por Maria e pela mãe de Luiz. Muller, este era o nome do mestre, ensinava a religião, a ler e a escrever. Havia um tecelão, que ensinava as raparigas a tecer, e um premio de quinze a vinte *thalers* annual, para aquella que se distinguisse naquelle ramo de industria. Então apparecia ella vestida toda com o panno, que ella havia fiado, branqueado, tingido e tecido.

Luiz instituiu uma festa á virtude, que em parte se assemelhava ás festas dos antigos Gregos. Era celebrada em Junho. Juntavão-se todos os rapazes e raparigas, e seus respectivos mestres desde Madama Seeburg até Luiz. Abria-se um livro, onde se havia assentado a conducta de cada um d'elles; e o rapaz e a rapariga, que mais se tinham distinguido, erão chamados dentre todos publicamente; e perguntava-se á communidade se tinham alguma cousa a dizer contra a opinião do mestre. Então a beneplacito de todos, recebia cada um uma coroa de rosas. Sentavão-se ambos juntos a par dos mestres á meza; e erão nomeados para inspectar no anno seguinte sobre os outros rapazes. Ambas as suas coroas erão levadas no outro dia em procissão para o salão da eschoia, onde se penduravão com os nomes escriptos dos

dous premiados. Cada um d'elles tinha além disso vinte *ibalers*, que Burckard tomava a juro até elles çazarem.

Desta arte celebrava Luiz a festa da sementeira, da colheita, do apanho dos fructos, e a festa das artes no principio das quatro estações, com todos os rapazes d'aldea. Nestas appareição elles com os utensis dos seus varios trabalhos: Muller fazia-lhes uma pequena falla sobre este objecto, depois do que comião todos juntos; e uma dança alegre, que representava as quatro estações, rematava o dia festival.

Ao principio erão raras taes festas n'aldea; e os seus velhos se regozijavão agora nellas a par dos seus filhos. As raparigas adultas, envergonhadas de se verem excedidas pelas mais novas em habilidade, rogarão a Madama Burckard a sua medeação para entrarem no trabalho, e assim a industria, a ordem, e o progresso dos bons costumes passava desde as crianças até aos velhos.

Não se creia porém que isto se fez tão de pressa, como se pôde ler. Burckard teve muitas difficuldades, que vencer, muitos prejuizos, que contrastar; não obstante a sua actividade, perseverança, e o seu dinheiro produzirão o effeito desejado. Foi preciso alterar muita cousa, omittir outras muitas, e renovar outras. Um baptizado não era já uma festa de familia, mas uma festa geral; e da mesma sorte um casamento, e um funeral. — Um baptizado era a festa das crianças, e ellas se juntavão todas na Igreja. Baptisada a criança, o inspector, ou inspectora, que havião tido a ultima coroa triumphal, escrevia o nome do baptizado no livro dos assentos. Elles erão exhortados ao amor, e amizade do recém nascido, que era sempre um irmão, ou irmã, com quem tinham ligações; e assim era a criança reconduzida por todas as crianças aos braços de sua mãe. Era como um deposito sagrado, que se entregava aos cuidados maternos, até que estivesse em estado de entrar para a sociedade das mais crianças. Erão estas divididas em classes, segundo as diversas idades, e cada gráo para

uma classe mais alta , começava por uma solemnidade. Aos quinze annos cessava a idade de crianças , e entravam nas varias repartições trabalhadoras d'aldea. Um noivado era negocio de toda a aldea , todos estavam de festa ; e todos se vestião de luto pela morte d'algum da communitade ; e acompanhavão o corpo ao lugar do jazigo. Aqui o sacerdote fazia um pequeno discurso , em que lhes lembrava , que a rapidez da vida se devia passar na concordia , e no amor ; e que o melhor luto , que se podia trazer pelos finados , era o exercicio de todas as boas obras e virtudes.

No fim do anno , celebrava-se em Elberg a festa da Concordia , que fora instituida segundo o plano de Luiz. Era celebrada pelos velhos. No ultimo de Dezembro se juntava toda a communitade na grande Sala da casa de Burckard. Muller fazia uma curta falla sobre a brevidade da vida. Então os velhos entravão um a um , e com tom de voz alto e solemne , vão nomeando todos os que a morte arrebatára d'entre as suas familias naquelle anno. As lagrimas corrião dos olhos a muitos dos circumstantes. Depois de se nomearem todos os mortos , levanta-se Burckard , e exhortava á concordia seus amigos e camponeses. — Se havia alguma querela n'uma familia , todos alli se combinavão para reconciliar os partidos. A dureza dos mais asperos em condição era amaciada pelo pensamento da morte. No meio do luctuoso silencio , no meio das lagrimas , e dos leves suspiros , que como espiritos se exhalavão pela casa , nenhuma inimizade podia ficar encoberta no coração. — Tudo se reconciliava ; e o primeiro dia do anno nascia em Elberg sobre uma multidão de homens , que todos se amavão. Uma cea tranquillã rematava o dia ; e no seguinte á noite , uma dança festival saudava o novo anno.

Assim o espirito da lavoura medrava todos os dias nos habitantes d'Elberg ; e a sua prosperidade crescia a par d'elle. Os campos em torno parecião jardins. As cabanas começavão a resplandecer com o aceio e commodidades.

Os habitantes d'Elberg erão mais acciados, e vestião a menos custo, que os habitantes das aldêas visinhas. No meio d'aldêa havia um botequim acciado e simples; onde nunca se ouvia algazarra, nem motim, e onde só soava doce-murmurio de um sincero e puro contentamento. Não se vião rapazes brincando nas ruas; e só a côr da saude, e alegria da innocência, attrahião a vista do passageiro. Crescia a povoação, como os incentivos de amor; e na maior effusão dos dous sexos não se notava a mais pequena lubricidade. A natureza os ensinava a sentir, e a educação a brincar. — Em parte nenhuma se vião, como em Elberg, tão lindas e encantadoras camponêzas. A cidade visinha começava a imitar o seu bello modo de vestir. Assim em poucos annos se tornou esta aldêa a habitação da ventura, da innocência, e dos brandos costumes; e os viajantes admiravão, não só a belleza, como a innocência, e modestia das suas mulheres, e raparigas.

---

## CAPITULO XXVI.

### *Delirio de Amor.*

**E**M quanto se fazião em Elberg estas progressivas mudanças, não se esquecia Luiz um só momento de Rosa. Seu coração gozava sim de repouso, partilha sempre da verdadeira, e bemfazeja virtude, mas este repouso era mesclado com uma terna melancholia. Pouco mais fallava elle de Rosa; mas todos os objectos, que o cercavão, lha recórdavão tão vivamente, que rompia em altos queixumes contra ella. Cançado de não ouvir fallar nella, desejou ter noticias suas, e saber se ella ainda se lembrava d'elle. Mas ai! a correspondencia de Rosa com sua thia se tinhã grandemente diminuido, e as suas cartas erão mui curtas. Além disso, ella nunca o men-

cionava, tanto que elle já não ousava perguntar mesmo, se ella escrevia, ou não. Limitava-se a contemplar com semblante melancolico os sobrescriptos das suas cartas. Muitas vezes os beijava com ancia, ou as mettia no seio, por terem estado nas mãos lindas de Rosa. —

Rosa pela sua parte não era mais feliz. Ao principio, Madama Seeburg lhe escrevia mais vezes, fallava-lhe sempre de Luiz, e ralhava-lhe, por não responder a este artigo das suas cartas. Rosa lia com o coração sempre palpitante as passagens, em que se tractava de Luiz, mas bem de pressa estes artigos se tornarão mais laconicos, e a final desapparecerão, o que a consternou. Entretanto, a thia rompeo o silencio, para lhe dar parte de uma anecdotá, que devia interessal-a. Todas as raparigas d'aldéa tinham concornado para o premio na festa da virtude instituida por Luiz. Este o deo a uma das mais bellas paisanas do lugar, chamada Rosa. Felizmente não tinha sido elle o unico juiz; pois que a parcialidade, que elle mostrava por todas as mulheres, que tinham o nome de Rosa, teria influido naquella decisão. — Madama Seeburg fallava de mais a mais a sua sobrinha nas attenções, com que o joven Burckard tractava a gentil camponéza. — Quanto sou desgraçada! exclamou Rosa com as lagrimas nos olhos. O perfido já se esqueceo de mim! vejão lá, se elle me escreve! e se vem pedir-me perdão da sua inconstancia! Escreveo no dia seguinte a sua thia perguntando-lhe, como por curiosidade, quantos annos tinha a camponéza, chamada Rosa. A thia respondeo-lhe, que ella tinha quatorze annos, que era a mais bella d'aldéa; e que se parecia com ella Rosa, principalmente nos olhos e cabellos. Que Luiz a visitava a miudo, que lhe fazia presentes, e se esmerava em promover os seus progressos! — Que Burckard pai olhava esta assiduidade em Luiz, como disposição ou possibilidade d'ella vir a ser sua esposa; e que o seu proprio parecer tomava já por certeza aquella possibilidade. Tal era o contendo amargo da cátra, que Madama Seeburg lhe escrevêra.

Rosa leu, Rosa ficou branca como a cal; sua mão tremia, seus bellos olhos azues se turbarão; batia-lhe o coração aos salavancos. — Voar a Elberg, lançar em rosto ao seu amante a sua monstruosa infidelidade; praguejal-o, dar-lhe a morte, lançar-se-lhe aos pés; supplicar-o; eis-aqui o que passou n'um instante pela sua pequena cabeça. Mas estes pensamentos cairão com a mesma pressa, com que forão concebidos: — ella desatou a chorar, leu a carta dez vezes, e dizia não ha duvida: será sua esposa. Nisto soluçava, torcia as mãos, e batia em si punhadadas. Luiz, Luiz! gritou ella mil vezes. Correo a escrivaniinha, e poz-se a escrever. He pena, que perdessemos tudo o que ella escreveo! Era uma mistura de pragas, de rogos, de maldições, de mofas, de ternura, de raiva, de amor, e de odio. Não tinha ainda porém acabado, quando rasgou tudo o que tinha escripto. Quebrou de raiva a penna sobre a meza, atirou fóra com o tinteiro, e quanto estava na escrivaniinha, depois lançou-se vestida sobre a cama, e poz-se a gritar que estava doente e a morrer! De repente deo-lhe vontade de levantar-se; juntou os pedaços dispersos da sua carta, metteo-os na algibeira, e disse que queria ir passear no jardim. — Tu estás louca, Rosa, disse a prima Rehberg! chove, como se as eataractas do ceo estivessem abertas! Rosa poz-se a chorar amargamente, disse que a thia Seeburg estava doente, e que queria absolutamente ir a Elberg. — A thia Seeburg escreveo-nos esta manhã, e estava boa, Rosa! Que he pois isso? Ai, pobre de mim, desgraçada! exclamou Rosa. Com o pretexto de ir lêr o que talvez omittisse da carta, subio ao seu aposento, e tornou a lêr o que já lêra dez vezes. A prima a seguio, e repetio-lhe que estava louca. Rosa affligio-se, chorou, e pedio á prima que a escusasse, que não podia com as dores de cabeça, e que se ia deitar. Tirou nisto a touca, e o vestido, quebrou o cordão do espartilho, poz a camisa de dormir, e foi para a cama, antes que

a prima lhe fizesse pergunta alguma. Mas, porque te deitas, Rosa? Rosa resonava já, como em profundo somno.

Apenas a prima saíu, tomou outra vez a carta, e relendo-a, observou uma circumstancia, que não tinha notado; e era que Rosa, a camponêza, que Luiz amava, tinha só quatorze annos de idade. Com a mesma presteza, com que se havia deitado, tornou a vestir-se, e correo ao quarto de Madama Rehberg. — Mas ella aqui outra vez, disse Madama Rehberg. Não sei como isto he, pois não ha ainda minutos, que se deitou, disse Rehberg filha. Rosa excusou-se, dizendo, que estava melhor, e que lhe aborrêcia estar na cama. — Pozerão-se a conversar; e Rosa trouxe com disfarce a conversa sobre cazamentos. — Minha rica thia, perguntou ella com timidez: Póde uma rapariga cazar-se aos quatorze annos? Porque perguntas isso? He por fallar sómente. Nessa idade, minha sobrinha, convem mais uma boneca, que um marido. — Mas se assim acontecesse? — Não he possivel; he preciso ter quinze annos. — Mas para que queres saber isso? Rosa não respondeo, e queixou-se outra vez de dores de cabeça. Retirou-se todavia contente, porque as raparigas não podião cazar, sem ter quinze annos completos. Madama Rehberg deixou-a ir, e foi escrever a Madama Seeburg sobre um objecto, de que vamos dar conta aos nossos leitores no capitulo seguinte.

---

## C A P I T U L O XXVII.

*Projecto de Cazamento. Estalagem encantada.*

**U**M bello mancebo, por nome Lauter, tinha feito conhecimento com Rosa, em casa de Madama Rehberg. Rosa lhe agradou, e elle desejou esposar-a. Seu amor

era com tudo mais uma branda inclinação; que uma paixão violenta; pelo que o Senhor Conselheiro Lauter se dirigio primeiro a sua mãe, em ordem a obter o seu consentimento, antes de offerecer a sua mão a Rosa. A mãe escreveu sobre isto a Madama Rehberg, e rogou-lhe, que no caso de lhe agradar a proposição, viesse com Rosa encontral-a nos banhos de Pymont, onde se achava com seu filho, para que os dous jovens podessem contrahir mais intima ligação; mas que nada-disto declarasse a Rosa, antes de saber, se ella gostaria; ou não de seu filho. Madama Rehberg não tinha que objectar a esta proposição. O mancebo tinha boa figura, educação, riqueza, boa fama, e além disso talentos e modestia. Rosa havia mostrado não regeitar suas attentões. Sua correspondencia com Luiz, por meio de Madama Seeburg, tinha cessado inteiramente. Nestes termos Madama Rehberg escreveu a Seeburg, dizendo-lhe que ia partir com Rosa para Pymont, e que provavelmente Rosa voltaria esposa do Conselheiro Lauter.

A carta chegou a Elberg no dia depois, que Rosa e Madama Rehberg saíram de Brunswick. Esta viagem agradava infinitamente a Rosa. Havia-se-lhe prometido que na volta virião a Elberg visitar a thia Seeburg. Com tal promessa Rosa até viajaria contente no inferno. Madama Seeburg estava justamente em casa de Burckard, quando recebeu a carta. Abrio-a — Luiz estava presente. — Rosa, começou Madama Seeburg a lêr, vai ser esposa . . . . assim me diz Madama Rehberg . . . . Esposa! disse Luiz, dando um pulo. Esposa! exclamou elle com voz terrivel. Pelo amor de Deos! Esposa, dizeis vós? Elle abria os olhos de uma maneira horrida. Tremia tão convulso, que se lhe ouvião tremer os queixos. Luiz, exclamou o pai, sê homem! Meu filho, tu me assustas. Sê homem! Cavallos! gritou Luiz, cavallos! e prestes! Pelo amor de Deos! onde está ella? — Meu Deos! Luiz! disse Seeburg. — Sua mãe lançou-se-lhe nos braços: — meu querido filho, socega. Cavallos! Cavallos! gri-

tou elle da janella. Esposa? de quem? Oh, Deos! Desceo de um salto ao páteo. Cavallos! exclamou terrivelmente: o pai seguiu-o. Meu filho! socega e parte. Aqui tens dinheiro; escreve-me pelo amor de Deos. Mas eu te acompanho. Ella deve ser tua, Luiz; um velho já branco, e teu pai, to roga: sê prudente, e vai primeiro a Brunswick. Apromptai a carruagem. Eu vou contigo, meu filho! — Luiz deo a mão a seu pai. — Pai, fica descançado! Eu vou dizer-lhe que a amo; que não posso ser feliz sem ella; se assim mesmo me não ouve, então volto, para morrer nos teus braços. Deixa-me ir só, preciso voar, e tu me estorvarias! Abraçou com ternura seu pai, montou a cavallo, e galopou tão rapido pelo caminho de Brunswick, que o criado não o pôde acompanhar. Saltou do cavallo, apenas chegou defronte da casa de Madama Rehberg. — As damas tinham já partido. — Para onde? A criada, que ficára em casa, não o sabia, mostrou-lhe porém o cocheiro, que as tinha levado. Luiz chegou-se a este homem, interrogou-o, e soube d'elle o lugar, em que Madama Rehberg, e Rosa tinham ficado a noite passada. Era quanto elle sabia. Accrescentou, que ellas d'ali tinham tomado cavallos de posta. — Foi preciso, que Luiz esperasse algumas horas em Brunswick, porque o criado não quiz arrebenatar os cavallos. Pela meia noite, montarão para seguir a marcha, e de manhã chegarão á primeira pousada de Rosa. Luiz inquirio ácerca das damas. Disserão-lhe, que deverião então estar na proxima posta. Elle se assentou a descançar, olhava para o seu relógio, e tinha duvida, se elle andava. Bramia de colera contra o criado, e contra o cavallo. Pelas duas horas da tarde se pozerão de novo em marcha. Chegarão á posta seguinte; mas as damas acabavão de partir daquelle lugar: tinham ali jantado. — Querido Jacques; mais uma posta... e tu dormirás depois quanto quizeres. — Mas, meu caro Senhor; e os cavallos? Bem; os cavallos ainda podem continuar a jornada. Descançarão á noite.

Tirarão-se os cavallos: um estava côxo, e outro abaixava as orelhas. — Os pobres animaes, disse o criado, não estão capazes! Tomemos cavallos de posta. — Não os havia. — Finalmente, offereceo-se um homem, para conduzir o mancebo n'um cavallo d'aluguel á primeira posta sómente. Jacques devia seguil-os, como podesse . . . Luiz montou, vio vir um postilhão e quatro cavallos. — Amigo, disse elle ao postilhão, sois vós, que conduzistes quatro damas? Sim. — Aonde? A M. . . Que estalagem? — A Aguia. — E passarão lá a noite? creio que já estão na cama. Luiz correo a toda a brida, e prometteo pagar dobrado. Chegou por fim ao lugar, e apeou-se na estalagem da Aguia. Pagou os cavallos, e entrou na estalagem, que se ia fexar, por ser já muito tarde. He aqui que chegarão quatro damas? — Sim. — Oh, pelo amor de Deos! Estão ellas cá? — Sim. E que tendes com isso? Cá estão; e ali está tambem a sua carruagem. — e onde se achão ellas? — Na cama, ha mais de uma hora. — Quando partem? — A' manhã ás oito horas. — Dai-me um quarto. — Não ha: estão todos occupados. — Ah! continuou Luiz n'um tom de supplicante, dai-me ao menos uma cadeira, em que passe a noite. — Não he possivel. — Toda a sala está cheia de gente, — ide a outra estalagem. — Não; he preciso que eu aqui fique. — Nós o veremos, disse o patrão (homem membrudo e forte); e nisto pegando-lhe por um braço, o empurrou para fóra, e fexou a porta. — Luiz poz-se a bater a ella. O estalajadeiro tornou a abril-a, e disse: se continuaes a perturbar os meus hospedes, eu vos ensinarei. Já vos disse, que a minha casa está cheia. Se não houvesse outra estalagem, seria obrigado a recolher-vos. Ide pois para onde quizerdes; e se acordaes estas damas, dou-vos cabo da pelle. — Que damas, exclamou Luiz! mas lembrado de Rosa, tornou a instar ao estalajadeiro, que lhe desse ao menos um lugar na cosinha, fosse por que dinheiro fosse; mas a porta se lhe fexou de novo. Não ousou bater, receoso de

perturbar o socego de Rosa; e foi metter-se dentro de uma sege, que ali estava, defronte da janella do quarto, onde dormia a sua amante.

O silencio, a fadiga, e o ar frio da noite, acalmam pouco a pouco a sua imaginação. Os seus olhos já não podião abrir-se. Correo então as cõrtinas da sege; fez travesseiro de um dos cochins, e encostou-se para o lado, na firme resolução de fallar com Rosa pela manhã, custasse o que custasse. Entre os doces sonhos, em como lhe fallaria, e tocaria o seu-coração, em como Rosa se lançaria em seus braços, e elle a reconduziria a Elberg, caio mui ferrado no somno. Havia trinta e seis horas, que não ferrava olho, e tinha corrido a galope mais de quarenta legoas. Dormia profundamente, e o maior estampido de trovão não o teria acordado, e menos ainda a bulha, e cantarola do postilhão, que veio pôr os cavallos de posta na sege, onde elle dormia, a fim de a levar para a ultima posta, donde trouxera um passageiro. —

Abrio-se a porta da cocheira, e o postilhão dando estallos com o chicote, marchou pelo mesmo caminho, e para o mesmo lugar, donde o nosso heroe tinha partido. Nunca dois homens se acharão tão visinhos um do outro, sem o saberem, como Luiz e o postilhão. Este conduzia Luiz sem suspeitar que levava alguem, e Luiz era levado, sem saber tambem, que o conduzião. Chegou a B —, o postilhão tirou os cavallos, e deixou a sege no pátéo, segundo o costume, sem de nada se aperceber. — Pelas cinco horas da manhã, acordou Luiz. Seu primeiro movimento foi olhar á direita para a janella de Rosa, mas a janella tinha desaparecido. Olhou para o outro lado, onde havia arvores, e não as vio. Acolá era o quarto. Póde ser me enganasse! Nisto saltou fóra da sege, bateo á porta, e perguntou, se as damas já estavam a pé. Disserão-lhe que sim. Onde he o seu quarto? Numero 8. Elle voou pela escada acima; vio a porta; e bateo. — Entre quem he! Elle abrio a porta tremendo.

Qual foi o seu pasmo, vendo duas damas, bellas na verdade, mas que elle não conhecia ! Perdoai, engance-me, disse elle, fazendo uma cortezia, e fechou a porta. Bateo n'outra, e uma voz de homem lhe perguntou o que queria. Abri. — Abrirão ; e elle vio só negociantes, que estavam empacotando fazendas. — N'uma palavra, em nenhum quarto achou Rosa. Desceo, e perguntou onde estavam as damas, que tinham chega do ontem. Numero 8. — Nada. — Eu fallo das quatro damas do coche vermelho. — Partirão ontem ás quatro horas da tarde. — Não he possivel, vi ontem á noite aqui o seu coche. — Grande querela entre Burckard e o estalajadeiro. Nisto apparece Jacques. Bons dias, Senhor meu amo, disse elle, já de volta ? Os cavallos estão descansados. — Donde vens, Jacques ? — De dar de comer aos cavallos. — Das-me noticia das quatro damas, que passarão aqui á noite ? — Aqui ! Não, Senhor. Partirão ontem ás quatro horas. Como sabes tu isso ? — Vós mesmo mo dicestes. — Estás louco ? — Quando he que eu te vi ? — Senhor Burckard ! . . . Jacques ! . . . Graças a Deos, eu ainda não perdi a cabeça. — Nem eu ! — Vamos. Quero sabê-lo. Onde forão ellas ? O coche estava aqui ás dez horas. — Senhor meu amo, creia-mo, desde ontem ás sete horas ainda me não tenho tirado do pé desta porta. — Tu me fazes desesperar ! Hontem pelas dez cheguei eu aqui, e tu ficaste em B. — Meu Deos ! Senhor Burckard, aqui he B. — e este lugar he B. — Nisto o estalajadeiro, sua mulher, e criadas desatarão n'uma interminavel risada. Todos os hospedes sahirão dos seus quartos. Sim, Senhor, meu amo, continuou Jacques, nós estivemos aqui ontem. Aqui a menina Kellner tomou café. Ali está a estrebaria, onde os cavallos estropiados se metterão. Senhor, vós estaes sonhando. Tu es um pateta ! — Não vistes que parti ontem para M. ? — He verdade, que sim, mas voltaes agora. Luiz enraivecido quiz dar no criado. O estalajadeiro se oppoz. A estalajadeira já começava a resmungar, mas todos os mais espectadores rião.

T

Mas, Senhor, continuou o patrão, espero que me não disputeis em que Cidade está a minha casa. Disputai com quem quizerdes, mas o vosso criado tem razão. Voltou-lhe as costas, e rosnando dizia, que Luiz era um doido, que merecia ir para a casa dos Orates! Pois bem; onde está esse bolas, que pretende ter-me conduzido a M. — ? Voltou esta manhã, respondeo Jacques, e ordenou-me da vossa parte de vos ir encontrar na Aguia. — Pois eu não estou na Aguia? Chama-me esse homem. — Como não assistia longe, veio o homem. Então, disse Luiz, onde me levastes vós ontem? — A M. — Então como estou aqui? — He porque certamente voltastes esta noite. — Burckard, julgando que todos se tinham fallado para o escarnecer, quiz vingar-se no pobre conductor; mas o estalajadeiro se lançou entre ambos, e alguns dos criados agarrarão Luiz. . . Que pateta tu es? dizia este ao conductor. — Não fizeste, senão correr pelos campos, e depois voltaste para o mesmo lugar. Não he esta a estalagem, onde me conduzistes? Não, Senhor, replicou o conductor com ar triumphante. Que he do poço, que estava defronte d'Aguia, onde me vistes dar de beber aos cavallos? Onde está a torre, que vos mostrei, quando me perguntastes, onde era a Aguia. Muito bem, disse Luiz, vamos ver essa torre, e sahio furioso de casa. Toda a gente o seguio. Elle ficou confuso defronte da casa, não vendo poço, nem torre. Assim he, exclamou elle então, mas só pelo diabo se pôde saber como isto hé! — Ah! ah! disse então por galhofa o estalajadeiro; este fidalgo achou bom o vinho de M. — Luiz estava absorto, e não dava attenção aos sarcasmos, que chovião sobre elle.

Mas, Senhor meu amo, aonde he que vós passastes esta noite? — Neste coche, replicou Luiz. — Aqui as risadas forão universaes. — No coche? exclamou o estalajadeiro. Então pagai para cá o aluguel. — E a minha gorjeta, disse o postilhão, pois que vos trouxe esta noite de M. para B. — As risadas forão outra vez universaes;

e todos os passageiros quizerão ver o nosso heroe. O rumor desta singularidade tinha corrido de quarto em quarto, e de janella em janella. O mesmo Jacques, a pesar do amor, que tinha a seu amo, não pôde deixar de dar tambem a sua gargalhada. — Luiz todavia não cessava de fazer ainda mil perguntas. Não podia familiarizar-se com a idea de não estar na Aguia.

Neste tempo as duas damas do N. 8 estavam a partir para M. —; e rindo, como os outros, perguntarão a Luiz se queria que lhe guardassem um quarto na Aguia. O estalajadeiro foi quem tirou todo o lucro desta aventura, porque nunca vendeo tanta agoa ardente, como naquella occasião. Toda a gente da Villa tambem acodio, para ver o passageiro, que não sabia onde estava, Luiz conservava-se tão distrahido, que nem sequer percebia, que era a causa de toda esta galhofa. Almoçou, e continuou a estar pensativo, bem que precisado de descanso, não tinha na idea, senão Rosa, a distancia que os separava, e como poderia encontral-a o mais de pressa possivel. Só deo graças a Deos de todo o seu coração, quando se vio outra vez a cavallo.

---

## C A P I T U L O XXVIII.

### *Chegada ás agoas de Pymont.*

**R**Osa entretanto continuava em sua viagem, pensando sempre em Luiz. Ella ouvira ontem á noite a sua voz, e a sua conversação com o estalajadeiro d'Aguia. Ella se havia chegado á janella para ver se descobria alguma cousa. Percebêra sómente, que Luiz perguntava a que horas partião as damas, e o estalajadeiro responder que ás oito da manhã. Ouvio depois uma grande contestação, de que não pôde comprehender o motivo; por quanto sua thia vendo-a levantada, lhe disse: Rosa,

que fazes erguida? Vem-te deitar. Fexou-se no entanto a porta da estalagem; e tudo ficou em silencio. Um momento depois, Rosa ouviu passadas ligeiras de alguem, que subia. — He elle! Abrio-se um quarto ao pé, ella sentia o ranger do leito, e não duvidou, que fosse o seu querido Burckard. Na proximidade do seu amante, não lhe foi possível dormir. De manhã mui cedo, se tornou a abrir a porta visinha. Rosa saltou fora da cama com tanta vehemencia, que a thia e prima acordarão sobresaltadas. Levanto-me, disse ella. E para que incomodas os outros, logo que te levantas? Rosa vestia-se á pressa, cantava e ria. Mas, rapariga! Rosa, estás dou-da? Ah, thia! exclamou ella com os braços estendidos, e os olhos scintillantes, estou-me vestindo.

Levantada, e vestida que foi, Rosa não pôde ficar no quarto. Rosa desceo, subio a escada muitas vezes, fez tanta bulha, que a thia seriamente enfadada lhe disse: — Rosa, que loucura te deo hoje? Rosa não tinha socego. Ella fóra, ella dentro! — Mas Rosa? — Thia, vou só uma vez. Ouvio fallar, correo, e deixou a porta tão aberta, que a thia e prima forão obrigadas a fechar as cortinas. — Porém, meu Deos, Rosa? — Thia, ouvi gente. E he porisso que deixas a porta aberta? Que te importa quem he? Rosa entrou confusa, menos pelo seu estouvamento, que por ver frustradas as suas esperanças. — Veio o almoço, Rosa tomou café sem sentar-se. Ella entrouxava a sua roupa de dormir, e lançou o seu lenço na chicara do café da prima: thia, quem vem lá? dizia estremecendo a cada toque de relógio, porque se approximava a hora da partida. Finalmente Luiz não vinha. Ella não pôde esperar mais; desceo e procurou fallar ao estalajadeiro. — Senhor patrão, lhe disse ella com timidez e bom modo; onde está o Senhor, que perguntou ontem á noite por nós? Dizei-lhe que nós vamos partir; ouvis, meu bom patrão? He um parente nosso. Bem sei, bem sei, de quem fallais, respondeo o estalajadeiro, que não queria ser incivil com tão cortez e

polida Senhora. — Não foi elle que dormio no quarto ao pé de nós? — Sim justamente . . . mas elle . . . já partio. Elle sabe porém que nós devemos partir-ás.oito horas? He o que eu respondo; e elle me disse, que se tivesse tempo, voltaria a ver-vos. Foi fallar com alguém na Villa. Mas elle ninguem conhece aqui. Então foi de certo passear. Passear! repetio Rosa suspirando, e subio outra vez.

Vierão os cavallos, e Luiz não veio: pagou-se a conta, e Luiz não chegava. — Então Rosa! O teu Chale! — Ai minha rica thia! Rosa suspirou, e olhou para ella com tristissimo semblante. — Avia-te. Porque esperas? Es uma tonta. Rosa pegou no Chale, como se elle fosse de chumbo. — Abrio-o de vagar, pôl-o nos hombros, levou tempo em arranjal-o, e poz-se á janella a olhar tristemente. A prima impacientada tomou-lhe o braço, e descerão ambas a escada. Havia um pobre no patamal. — Rosa parou, e poz-se a buscar n'algibeira; nada podia achar. — Então, quando acabas? exclamou Madama Rehberg — ahi vou; quero dar alguma cousa a este pobre . . . De nada estas demoras servirão. Cumprio montar na carruagem, sem que Luiz chegasse. Thia, exclamou Rosa, dizei ao cocheiro, que toque a trombeta. — Para que? — Gosto de a ouvir tocar. Ella olhava de continuo pelo postigo do coche, já de um lado, já d'outro. Finalmente, renunciando a esperança de vêl-o, poz-se n'um canto do coche, e se enfadava nos pensamentos com Luiz, com a thia, com a prima, e com todo o mundo; não dizia palavra, não olhava, excepto se quia algum cavallo. Então deitava fóra a cabeça com tanta pressa, que sempre lhe cahia o toucado. Pobre rapatiga! Elle não vinha — tambem não ficou elle descançado na sua estalagem encantada; durante que ella se impacientava por vêl-o, e o praguejava no seu interior.

Sem poder achar socego em suas reflexões, umas vezes mostrava ella no gesto melancholia, outras india-

gnação. Entanto Luiz voava pelo caminho de M. — chegou á Aguia. — Já partirão as damas? — ás oito horas. — Para onde? Pela estrada da posta vizinha. Uma das damas perguntou por vós. — Como? Sim; disse que vos esperava. He possível? — Qual d'ellas! A mais moça. Uma, que ouvi se chamava Rosa. — Jacques, Jacques, exclamou Luiz. Vamos depressa! Galoparão continuamente até a posta proxima. A mesma pergunta, e a mesma resposta, excepto que o estalajadeiro não pôde dizer para onde tinham ido. — Luiz continuou a correr com o mesmo ardor; achou alguns vestigios da passagem de Rosa, mas logo os perdeu totalmente. Chegou assim fatigado e moido á ultima posta.

As duas damas de B. — já lá se achavão? Luiz foi complimental-as; e narrou-lhes todas as circumstancias do seu infortunio. Mas não sabeis, pouco mais ou menos, onde estas damas pretendião ir? disse uma d'ellas — Aos banhos; mas não sei a quaes. — Nesse caso não podem ser, senão os de Pymont. Vossos cavalloos estão cançados: se a nossa sociedade vos não desagrade, accetai um lugar na nossa carruagem, e mandai vosso criado seguir-vos com os cavalloos. — Luiz acolheo gostoso esta proposição. Partio á noitinha com as duas damas. Passarão uma noite em caminho, e no outro dia chegarão a Pymont. Durante a viagem, as duas damas procurarão dissipar a melancholia, e inquietação de Luiz, riudo e cantando, mas debalde. — A sua inquietação permanecia. Quasi ao pé de Pymont se poserão as damas a consultar perante Luiz, debaixo de que relação com elle devião entrar na Cidade. Escutai, Senhor Burckard, disse uma, vós passareis por nosso primo: habitaremos na mesma estalagem, e assim teremos a vossa protecção. — Luiz ficou contentissimo com este arranjo; e foi posto na lista dos visitantes dos Banhos (segundo a pratica em taes lugares) da maneira seguinte. — « Chegou hoje, o Senhor L. Burckard, e as Senhoras Dupuis, de Elberg. Habitão na *arvore de ouro*. »

Luiz, com os olhos scintillantes, foi logo ler a lista, correo-a toda; e não achou o nome de Rosa, nem de Madama Rehberg. As duas primas lhe nutrirão a esperança de que as damas ou não tinham ainda chegado, ou tinham vindo debaixo de outros nomes, não querendo talvez ser conhecidas. Com effeito assim era; Madama Lauter, a mãe do joven Conselheiro, tinha ido esperar Madama Rehberg á posta vizinha, e todas cinco se achavão inscriptas debaixo do nome de Madama Lauter e familia. Rosa nem por isso folgou muito, que a velha Conselheira a distinguisse tanto; nem reparou nos grandes cumprimentos, com que o joven Lauter a recebeu á entrada de sua casa: ella não viu, que era a deusa do festim, que ali se lhe tinha preparado. Ella só tinha Luiz na cabeça, só nelle pensava, se elle viria a Pymont, se a descobriria. Assim, quando o Conselheiro estava com Rosa á janella, e lhe apertava ternamente a mão; ella innocente, como um cordeiro, sem a retirar, surria, e o ar de amizade, com que o acolhia, era interpretado, como expressão de reciproco sentimento. As mães se acenavão, rião, cochixavão; e a pobre Rosa de ordinario não escutava o que o Conselheiro lhe dizia. Ella tinha olhos, ouvidos, e pensamentos todos empregados na voz, e na figura de Luiz. Ella arrancou sem cerimonia das mãos da thia a lista dos estrangeiros chegados a Pymont, ouvindo que os nomes de todos se inscrevião nella; leo-a com sofreguidão, e não encontrou o nome de Luiz. — Leo tambem a da manhã seguinte. — « O Senhor Burckard d'Elberg. « O seu rosto se inflammou todo. « As Senhoras Dupuis! « isto a sobresaltou. Quem são ellas? disse comsigo. Depois com tocante affabilidade rogou em segredo ao Conselheiro Lauter, que indagasse, e lhe dicesse ás escondidas da thia, quem erão aquellas duas damas. Lauter, cheio de prazer, tendo uma incumbencia de Rosa, foi, correo, perguntou, informou-se, e voltou ao meio dia. Fez signal a Rosa com animado semblante, que expressava a sua satisfação de merecer a confidencia de Rosa.

Rosa correo para elle. — Então, Senhor Lauter; sabeis quem são? — As duas damas não são dignas de que o seu nome seja pronunciado por labios tão innocentes, como os labios de Rosa. — Meu Deos! Como assim? — são duas . . . duas . . . n'uma palavra, são o escandalo do seu sexo; são duas torpes e dissolutas mulheres. — Rosa ficou branca como a cal. — Senhor, que dizeis? Isso não he possivel: então . . . nada, isso não pôde ser. Isso fôra abominavel. Vós, oh alma innocente, não conheceis o mundo. Parece-vos impossivel, porque julgaes pela vossa innocencia. Mas he verdade — tenho exactas informações. Todos os officiaes, que aqui estão, conhecem há muito estas duas mulheres. — Mas, Senhor Conselheiro, podem ser outras Dupuis! — São as mesmas. Encontrei-as no passeio: e já fizeram a conquista de um mancebo selvatico, que no caminho encontrarão? Elle vive com ellas na mesma estalagem, passa por seu primo, e as mantem. Não posso enganar-me, porque apenas apparecêrão no passeio, forão rodeadas de uma chusma de officiaes, que renovarão seu antigo conhecimento. Olhai, lá vem ellas! Rosa poz-se atraz da gelosia, e vio, oh dor! vio as duas damas, uma pelo braço de Luiz, e outra rodeada de uma chusma de mancebos. Rosa cerrou as mãos. Oh Deos! disse ella; e uma verdadeiramente inflammada, queimadôra, uma do coração partido, brotada lagrima lhe correo pela face. Oh Deos!

Neste momento, entrou no quarto a patrôa, onde estava Rosa á janella com o Conselheiro. Não achais bella esta vista, rica Senhora? Sempre d'aqui ha que ver. Rosa seguia com sua dor ardente o querido joven. Oh la! continuou a patrôa; as Dupuis já de volta! Como vem casquilhas! Muitos pagarão para o seu bolicinho. Rosa cobrio os olhos com as mãos. Oh Deos! exclamou terceira vez; e uma torrente de lagrimas lhe corria pelos dedos abaixo. O Conselheiro estava pensativo, Deos! que bello coração! Nada mais sabia... tomou

a mão de Rosa, e a unio a seus labios, depois de lhe perguntar o que tinha. — Rosa nada respondeo, desmaiou, e achou-se tão doente, que foi preciso deitar-se. Todos rodearão seu leito, para lhe fazer companhia; e ella antes quizera sósinha entregar-se á sua dor. Desejava, quaes infante, a vinda da noite, para ficar só. Mas não dormio um minuto. Ah! elle me deixou partir, sem me vêr, exclamava ella, e escondia de raiva e dôr as incendiadas faces no travesseiro. Ella ignorava mesmo, se o que sentia por elle, era aversão, ou amor. Oh Deos! exclamou, e devo eu amar este homem? O desasocégó a fez saltar fóra da cama, e na profundidade da sua dôr, da sua compaixão, do seu despeito, e do seu amor se prostrou de joelhos no quarto; e orou a Deos, para que salvasse o perdido, e desgraçado Luiz. He possível, exclamou ella outra vez, que elle ainda me ame! Como pôde elle ainda ousar a pôr em mim os olhos. Assim passou ella a noite entre as tempestades do amor, da raiva, da piedade, e do ciuisme.

Na manhã seguinte, Madama Rehberg, sua filha, e a Conselheira voltavão a casa do passeio. Com turvado semblante veio a prima ter com Rosa, ainda doente na cama. Sabes, querida Rosa, quem cá está? O teu antigo amante. E, cara amiga, pondéra em que companhia? Com duas detestáveis mulheres! Rosa, cumpre que escrevas sobre isto á thia Seeburg. He impossível que o pai de Luiz soffra tal. Hontem brigou elle com outro libertino... Deos! eu tremia só de imaginar, que elle nos visse, e viesse fallar-nos. Eu, e mamã corriamos, pois que o feio inimigo vinha attraz de nós. Felizmente não nos apercebo. Havia muita gente á roda d'elle; e fazião grande bulha. Receio que fosse outra pendencia. — Rosa se petrificava de horror, e parecia quasi defunta.

## CAPITULO XXIX.

*Comportamento de Mulheres astuciosas.**Duello singular.*

**A** Prima tinha razão. O que ella disse, era fundado na voz publica. O facto era verdadeiro; mas os motivos diversos. Na estalagem encantada de B — tinham as duas lindas irmãs já formado projectos sobre Luiz. Meu amo he de uma bondade extrema, e immensamente rico, dizia Jacques. O acaso as favoreceo, procurando-lhe a companhia de Luiz. Além disto ellas presencião, que este joven trazia uma grande bolça cheia de ouro. Na mesma noite, em que chegarão a Pymont, pozerão em pratica todas as artes da sua refinada subtileza, para excitar a sensibilidade deste mancebo; mas com pasmô seu virão pela primeira vez, que um mancebo rico, vigoroso tinha uma pureza tal de costumes, uma tão delicada sensibilidade, que nem mesmo suspeitava os embustes, que lhe tecião. — Era a mais moça que ambitionava a conquista do joven: ella se vestio da maneira a mais elegante e attractiva, mas seqs artificios crão baldados. Luiz conservava-se frio, e insensivel, quando no calôr da conversação, ella com a sua mão macia apertava a delle, e lha chegava ao seio palpitante. Os olhos lascivos, e concupiscentes, que ella lhe lançava, ora como se cahissem sobre uma estatua. — Mas, meu Deus! Senhor Burkard, dizia ella, achando-se só com elle, e apertando-lhe a mão ternamente, De certo, nós temos grande confiança em vós. Viajamos nós com um homem tão gentil, e tão moço. Pernoitamos na mesma estalagem; vivemos debaixo do mesmo tecto presentemente. . . Os nossos quartos se tocão; vimos ao vosso com os vestidos da

cama . . . Vêde a imprudencia de minha irmã; foi-se deitar, e deixou-me só com vosco no meio da noite. De certo, isto he confiar muito . . .

Oh não, disse Luiz, de um tom mui serio. Seria preciso ter uma alma mui vil, e corrompida para abusar de tão bella confiança, para conceber mesmo um pensamento ultrajante. Crêde-me, cara prima; eu não sou desprezível, e abominável até esse ponto. Podeis estar tranquilla a esse respeito. Sim. . . . Mas que pensarão de nós? — São todos os homens tão . . . virtuosos, como o nosso primo Burckard. — Assim he: eu já vos propuz separar-me, e vós não consentistes. — He verdade, replicou a Dupuis, que importa finalmente o que diz o mundo? Não sois vós o nosso querido primo? Não he assim, querido Burckard? Nisto, lançou-lhe os braços e apertou-o com ternura ao seu scio. Luiz ria: sim, eu o serci; se isso pôde fazer a vossa segurança. — A nova Circe retirou-se, desconcertada em seu plano; e confessou a sua irmã, que um tal joven era ave raríssima sobre a terra. Confiarão todavia no tempo, e na oportunidade.

Na manhã seguinte, correu Luiz ao passeio, a vêr se encontrava Rosa, e não a viu. Havia ainda pouca gente. Era cedo. Elle esperou com paciência. Vierão chusmas, e Rosa não vinha. Finalmente, apparecêrão suas bellas primas. Foi para ellas, e passava com ellas. Uma caterva de mancebos as rodeava. A mais moça, que tinha sempre o braço de Luiz, lhe dizia ao ouvido, que erão conhecidos seus do anno passado. Elles lhe erão desagradaveis, acerescentava ella, e apertava a mão de Luiz. Luiz, que nunca tinha estado em lugar de Banhos, nada achava de extraordinario no que via. As duas damas forão finalmente para casa, e Luiz ficou até o meio dia. Toda a gente saía para jantar, e elle foi tambem jantar n'um café, porque esperava ali ouvir fallar de Madama Rehberg. Nada ouviu. Depois de jantar, foi para casa, a fim de escrever a seu pai. Ouvindo rir, e galhofar no quarto das primas, entrou.

As duas primas tinham companhia. Eram dous mancebos de bom humor. No momento, em que Luiz abriu a porta, ambas se levantarão, e vierão para elle. Ah! bom dia, primo! — Bem vindo! disse a mais moça, e sentou-se ao pé d'elle. Luiz perguntou-lhe em segredo, se nada sabia de Madama Rehberg. — Nisto, a outra irmã, que estava atraz d'elle, gritou, — accommodai-vos! deixai-me! Luiz olhou, e vio que um dos mancebos agarrava a outra irmã, e a queria assentar no collo. Deixai essa dama, Senhor, disse Luiz com tom imperioso. — Que vos importa esta dama? respondeo rindo o mancebo. — Vós estaes em minha casa, Senhor. — E que tem isso! — Deixai-a, vos repito! Não quero! — Não, exclamou Luiz? Sahi já no mesmo instante, quando não, vos lanço pela porta fóra? Como? a mim? pela porta fóra? Sabeis com quem fallais? Aqui chegou-se para Luiz. Este o agarrou, e ia empurrar-o pela porta fóra. O companheiro acodio. — Eis grande motim. As damas gritavão; veio o patrão; mas já Luiz tinha posto ambos a empurrões pela porta fóra! — Vamos, exclamou um d'elles; mas não lhe ha de valer a força. Estupido ciume! Ha de pagal-o.

Como relampago, correo logo esta noticia de boca em boca: Os dous Senhores de — forão hoje postos fóra de casa das Dupuis por um seu adorador. — Mas quem he esse mancebo? perguntavão. Ninguem o conhecia. He um tal, que passa por seu primo. — Na manhã seguinte, apenas Luiz appareceo no passeio, foi logo rodeado de gente. Eil-o lá está! dizião de toda a parte, apontando com o dedo. De repente chegarão os dous offendidos cavalleiros, acompanhados de varios amigos. Quem sois vós? disse um dos dous, acceso de colera. — Luiz, sem mover-se, disse tranquillamente. — O meu nome he Bürckard — Vós insultastes-me hoítem. — Eu? Tal não ha. Puz-vos sómente pela porta fóra. — Como? com mil diabos! e não he isso um insulto? Charnal-lhe como quizerdes, isto não me importa. — Vós me de-

veis uma satisfação. — Nada vos devo, mais que a advertencia, que vos dei, de não molestar aquellas damas, quando não, tereis que fazer comigo. — Pois bem! Quero ter que fazer com vosco. Vinde comigo. — Aonde? — Ao bosque. — Para que? — Para vos baterdes comigo. — Já hontem vos bati, respondeo Luiz friamente. — Oh raiva! Vinde já. — Não quero. Não quereis? Pois declaro-vos um indigno, um covarde. Fazei o que quizerdes. — Heide dar-vos uma bofetada. — Sereis zurzido. — Por quem? Por mim. — Ouvi, não me tracteis de bagatella, vinde, quando não, tomò estes Senhores por testemunhas, e vos declaro o maior covarde, que existe sobre a terra. Vós sois rontò, disse Luiz; rindo. Declarai muito embora que eu sou um covarde; não o serei por isso. — Então, aconselho-vos, disse um dos espectadores, que deixeis Pyrmont. — Porque? Não soffremos cobardes entre nós. — Senhores; disse Luiz, vós pareceis ignorar o factò. Este Senhor veio hontem a minha casa. Começou a insultar uma Senhora de bem, que está debaixo da minha protecção. Roguei-lhe, que se accomodasse. Não quiz. Eu o puz pela porta fóra. Eis-aqui toda a historia. Pergunto, se algum homem viesse a vossa casa, e insultasse filha, esposa, ou Senhora alguma de vossa amizade, e pozesseis tal homem pela porta fóra, serieis por isso cobardes? Não? Mas deveis dar satisfação a quem vol-a pede. — Ora, queixe-se lá, como quizer. — Adeos, meus Senhores. — Não sahis daqui, disse o aggravado mancebo, não sahis daqui, sem me dardes uma satisfação formal. — De que? De me haver posto pela porta fóra. — Voltai outra vez, farvos-hei o mesmo, se não preferirdes ir pela janella fóra.

Neste momento, um dos mancebos investio com Luiz por diante, outro agarrou-o por de traz; mas com dous sócos elle se desengalfilhou dos que presumião segural-o; e vendo que um d'elles puxava da espada, arrancou a de um official, que se achava ao pé d'elle, chegou-se para uma arvore, e disse: o primeiro, que se mover, morre.

Nisto se approximou um velho, que era pai de um dos aggravados. — Quem faz aqui tanta bulha? Esse extravagante, que teve uma disputa aqui com o Senhor vosso filho, responderão alguns dos que ali estavam. Este Senhor he vosso filho? disse o joven Burckard. — Sim, Senhor. — Luiz poz-se então a contar-lhe o succedido em poucas palavras; mas ficou admirado, quando o velho respondeo. — Não he n'um passeio publico, que taes querelas se accommodão. Vós conheceis as leis. He n'outro lugar que se decide todo o caso de honra. Como! exclamou Luiz; chamaes vós isto um caso de honra? — Certamente. Vós insultastes meu filho, e deveis dar-lhe a satisfação, que vos pede — de o encontrar no bosque vizinho. — Com mil vontades, replicou Luiz. Chegados ao bosque, n'um lugar competente ao fim projectado, obrigarão a Luiz a pegar d'uma espada. O mancebo, filho de — tirou a sua, e exclamou, defende-te, cobarde. Luiz, em menos de cinco minutos, desarmou o seu adversario. Os espectadores gritarão — bravo. Um official, que estava presente, disse em voz alta. Nunca vi brigar com tal destreza, e sangue frio. Miseravel! exclamou Luiz para o seu antagonista, quem me estorvaria de agarrar-te e conduzir-te a um magistrado? A um magistrado! e porque? perguntou um dos officiaes. — Porque? disse Luiz com vehemencia. Não me expoz este insensato a commetter um homicidio? Se eu soubesses jogar menos as armas, têlo-hia poupado, como fiz? Como infame deve ser uma vida, que se poem na ponta de uma espada! Dizendo estas palavras, os seus olhos lampejavão de colera e aversão.

Mas, Senhor, replicou o official, vós o obrigaes a pelear de novo. Soia de certo um homem singular. Brigaes, como um diabo, fallaes, como se vivesseis de duellos, e olhaes o duello, como assassinato! — Se este mancebo vos desafiasse á pistola, de que vos serviria a superioridade nas armas? — Este cobarde brigar á pistola? disse Luiz com desprezo. — Sim, disse o outro irritado

com esta linguagem. Vinte vidas, que eu tivesse, as arriscaria contra este insolente. Devo eu deixar-me escarnecer? Vós dizeis que me poupastes. Bem. Aqui estão pistolas. Luiz tomou uma das pistolas sorrindo. E que-reis, disse elle, expôr-me a um assassinato certo? Olhai, mostrou-lhe um ramo d'arvore a quarenta passos, apontou, deo fogo, e fez saltar pelos arés o ramo da arvore. Todos admirarão a certeza do tiro. O mancebo, que blasonava, estremeceo, não quiz mais despicar a sua afronta, e se foi escapulindo. Cada um se retirou. Dentro de uma hora, este duello singular, occasionado por uma das Dupuis, era o objecto de todas as conversações.

A noticia chegou aos ouvidos de Rosa por uma criada de Madama Rehberg: Rosa a ouviu palpitando, e com as lagrimas nos olhos. Sim, dizia a criada, Mr. Burkard tem duas amigas; e acaba de ter por ellas dois combates; uma d'espada, e outro de pistola. Grande Deos! exclamou Rosa, levantando os tristes olhos para o ceo. Primeiro, infiel, e depois assassino! — Grande Deos! acrescentou, sem dúvida estas mulheres devem ter sido maltractadas... Nada disso, rica senhora, — lá estão mui frescas no passeio com Mr. Luiz. O que mais fazer o publico, he que estas mulheres de tal sorte não sabido illudir o pobre moço, que elle as tem pelas mulheres mais honestas e virtuosas do mundo. Ah! se seu pobre pai soubesse tal! — Cada palavra da criada era um punhal, que atravessava o coração de Rosa. He possível, dizia ella, assim patencar a sua vergonha! passear em publico com taes mulheres! He este o mesmo Luiz, o bom, o virtuoso Luiz, nos dias felizes da nossa infancia! — Deixou rapidamente a criada, foi para o seu quarto, atirou consigo sobre uma cadeira, cobrio os olhos com as mãos, e logo se tornou a levantar. — Não! disse ella altamente, tu poderias estar annos a meus joelhos, monstro odioso, e nunca obterias o teu perdão! Poderias supplicar-me toda a vida um riso, uma só palavra, que te salvasse... debalde supplicarias! Nisto, levou

levou a mão ao seio, como se sentisse uma grande dôr. Pranteou, gemeo, e sentio, a pesar de toda a raiva, que ainda amava o indigno. Ah! se d'aqui longe! Deos! se elle abandonasse estas abominaveis creaturas! Ellas o seduzirão, elle não era assim! Elle . . . . No mesmo instante lhe occorreo Luiza, e a criada da Conselheira Reiss. — Sim! Elle he tão detestavel, como ellas! Quem sabe, se he elle quem as seduzio! Envergonhava-se com siigo, que a thia e a prima soubessem, que ella havia sido relações tão estreitas com homem tão dissoluto. Com prazer se ia pois afastar de um homem, cuja infamia seria a punição da sua sensibilidade.

Luiz era objecto da curiosidade de quantos se achavão nos banhos de Pyrmont. Um mancebo de vinte e um annos, que tinha duas amigas, que montava soberbamente a cavallo, que brigava com intrepidez, quer fosse com espada, ou pistola, sem fazer caso de raes vantagens; além disso com uma figura interessante, e com a elegancia de Adonis, unida á robustez de Hercules; de mais nada carecia para fazer a admiração geral, e principalmente das damas. Só as duas primas he que não estavam contentes com elle. Sua sisudez, sua leal franqueza erão cousas novas para ellas; e o que mais sentião era, que a sua presença lhes tinha espanrado os seus numerosos adoradores. Sua habitação se tinha tornado tão casta, como o templo de Vesta. Tendo em fim perdido as esperanças de desmamar Luiz, como ellas dizião, ou mais de pressa de o entontecer, lhe propozérão separar-se, com o pretexto de que tão grande intimidade dava que fallar ao mundo. Luiz accedeo sem repugnancia, e ordenou ao seu criado, que passasse os seus trastes para outra estalagem. Nessa noite mesmo, as duas Alsacianas ficarão livres do seu valente cavalleiro.

No dia seguinte ouvio Luiz fallar indirectamente de Madama Rehberg. Fez indagações, e a final conseguiu descobrir a morada da querida e inconstante Rosa. Foi immediatamente procural-a. Ella o recebeu friamente,

mas a thã, e sua filha o acolherão com affabilidade. Ficárao por extremo surpresas de ouvir fallar este gentil moço, que tinha a fama de um libertino, e fallava como um livro de moral. Ellas attribuirão a sua linguagem á hypocrisia, e dissimulação.

Infelizmente não teve tempo o nosso heroe de se explicar com a sua amada, cuja partida estava irrevogavelmente determinada para dahi a dous dias. Deo-se na vespera um grande baile. Luiz foi a elle, mas bem de pressa se enfadou de ali estar. Não sabia dançar, e conservava-se na inação, com grande desprazer de algumas damas, que desejarião ligar conversação com este singular mancebo. Elle estava a ponta de sair, quando deo com os olhos n'uma mulher, que estava á porta, cujo ar annunciava uma simples camponeza, e que de quando em quando enxugava os olhos com um lenço. Contemplando-a com attenção, elle notou, que ella fitava um certo Senhor Camarista, sentado a uma meza de jogo; o qual de tempos em tempos olhava tambem para ella com todas as demonstrações de colera.

Finalmente o Camarista se levantou, veio á porta, e disse a esta mulher: Retirai-vos, já vos disse as minhas ultimas proposições. A'manhã será já tarde. Ceos! exclamou a pobre mulher, derramando uma torrente de lagrimas, e escondendo o semblante. Ella se retirou a passos lentos, e atravessou o pátco. Luiz a seguio longo tempo, e perguntou-lhe porque chorava. Ella nada respondeo. Luiz continuou a seguil-a, e a instal-a. Que vos magôa, minha querida mãi? perguntou elle com tom de voz brando. A mulher olhou para traz: oh! Deos! e foi andando. Ouvi, proseguio Luiz; aquelle Camarista — Sim, eu talvez vos possa servir, se me attendeis. A mulher parou outra vez, olhou para elle, e abanou a cabeça, como quem desconfiava. Mãi, eu sou um homem de honra! Se outra pessoa, que não seja o Camarista, vos pôde valer, contai comigo. Ella suspirou profundamente. Ah! Excellentissimo-Senhor, se Deos

assim o permitisse, eu vol-o agradeceria de joelhos. Eu não sou Excellentissimo Senhor, minha boa mãe, mas sou um homem de bom coração. O meu nome he Burckard. Mãe, permiti-me que vos acompanhe a casa. Ella consentio a final que Luiz a acompanhasse a sua casa, para ouvir a narração dos seus infortunios; do que daremos conta no capitulo seguinte.

---

## C A P I T U L O   X X X .

### *A Walsa Interrompida.*

**A** Triste mulher conduzio Burckard a um pequeno quarto n'um segundo andar; onde um velho estava sentado a coser, e uma linda rapariga, que escondia o semblante, chorava. O alfaiate tirou o barrete, quando vio entrar Luiz, e olhava ora para este, ora para a mulher. He este o vosso homem? perguntou Burckard. Sim, disse a mulher. — Pai, eis-aqui venho com vossa esposa, e se for vossa vontade, estimarei valer-vos. Senhor, disse então o pobre Walter (este era o seu nome): Nós somos mui desgraçados. A rapariga passou do pranto aos soluços, levantou o rosto; e Luiz vio um semblante encantador, que tinha impressos os attractivos de uma nova virtude. — Elisa, cessa de gemer, continuou o pai. De nada isso serve, senão de nos amargar mais a vida. Aqui vedes, Senhor, minha filha unica, que eduquei, como homem pobre, na humildade do meu estado, e no temor de Deos. Nada mais. Cresceo, e como vedes, tem um semblante, que não he desagradavel, graças a Deos! e tambem, sim . . . he verdade — ella achou, graças tambem a Deos por isso! achou um bom, sisudo e bello moço, que a estima. Conhecerão-se n'umas bodas, que houve em a nossa aldêa de Herberg. Desde então ficarão namorados. — Um dia, entrou-me o rapaz pela porta

dentro, e pediu-me Elisa para cazar. Mostrou-me trinta florins, que já tinha junto do seu trabalho. Economico e honrado! disse eu comigo, e dei-lhe minha palavra de que havia cazar com Elisa.

Mas veio, Deos me perdoe, a maldita guerra Americana. O nosso Principe deve fornecer para ella tambem o seu contingente. Fez prender de noite mancebos para soldados, e entre estes se acha Antonio, o amante da nossa Elisa. Facilmente podereis julgar, como isto nos affigiria. Mas não ha mais remedio. Elle tem de ir. Elle nos enviou os trinta florins, para vêr se por esta sômma podiamos grangear a sua soltura. Acontece algumas vezes, que por algum dinheiro, e com empenhos conseguimos muitos pais resgatar seus filhos. Mas nós ninguem conheciamos . . . fomos obrigados a desistir do Projecto. Murmura-se deste modo de prender e soltar. Mas o Principe precisa de gente, e dinheiro. Elle marcha e seus filhos; isto pôde justificar o. Assim não temos mais para onde appellar. Antonio deve partir em dous dias. Elisa e nós quizeramos ainda vêlo uma vez, e encomendal-o nas mãos de Deos. Ah! exclamou Elisa, elle deve partir; e certamente para nunca mais voltar: e disse isto n'um tom de voz sentidissimo. Luiz estava sentado, mudo e triste, com os olhos fitos na rapariga, e o pensamento nas circumstancias, que ouvia relatar. — Mas disse elle de repente, porque não imploraes vós a protecção do Camarista, que parece vosso conhecido? Ah! replicou a boa mulher, nós lhe fallamos. — Que disse elle? A mulher emmudeceo. A filha soluçou de novo. — Bom Deos, disse então o mestre Walter; o Camarista tinha aqui estado dous annos no tempo das agoas. Pensei que podesse valer-nos. Fui supplicar-lhe, que livrasse o amante de Elisa. Não foi essa a vontade do Ceo. Malogrou-se todo o nosso esforço.

Mas, disse outra vez Luiz para a mulher, eu ouvi dizer-lhe, amanhã será já tarde. Que queria elle dizer nisso? A mãe córou. — É não ha entre os homens quem

vos soccorra? Nenhum meio... Sim, ha um meio, com tudo. — Explica-te, pai — Ah! tresentos escudos não se achão ao pé de uma parede! Como? tresentos escudos! Não he mais que isso? O pai, a mai, e a filha olharão com ar estupefacto, não sabendo o que elle queria dizer. — Encantadora Elisa, continuou Luiz, ámanhã terás o teu amante. Eu tenho tresentos ducados para dar pelo seu livramenro. — Elisa deo um salto. As lagrimas lhe parárão. Queria fallar; mas os beijos convulsos lhe não permittião. Ergueo as mãos, e as estendia tremulas para Luiz. Luiz levantou-se; descança Elisa; sim, has de tornar a possuil-o.

Como pasmados estavam os tres á rodá de Luiz: Elisa o fitava n'um extasi mudo. A mãe balbuciava agradecimentos, e benções de Deos sobre elle. O pai atrou com o barrete ao ar, e beijava a filha. Elisa não arredava os olhos de Luiz. Oh Deos!: disse ella a final, chorando, cuidaes vós já tudo concluido? — Tens razão, Elisa. — Tendes vós, Senhor, dusesentos escudos? — Trinta florins tenho eu, e um ducado, e uma cruz de ouro de pescoço. Não será bastante? Luiz despejou a bolça sobre a meza. Eis-aqui, disse elle, mais do que he preciso para o resgaste do mancebo, o resto servirá para o dote da noiva.

He difficil deserever o contentamento desta pobre gente. Sua alegria era tal, que os punha fóra de si, e não sabião que fizessem. Luiz era quem só guardava mais presença de espirito. Vamos; disse elle, onde está este mancebo? Qual he o nome do seu capitão? Esta pergunta acalmou o regosijo da pobre familia. Benefico Senhor, respondeo o pai, os acantonamentos são duas leguas daqui; mas eu ignoro o nome dos seus officiaes. — O Camarista deverá sabêl-o. Eia, corre, Elisa vai sem demora perguntar-lho. — As faces de Elisa córarão de novo.

Ah! replicou o pai. Ha uma circumstancia particular com o Camarista. Sim, caro Senhor, nós não podemos occultal-a. Ha um anno habitava o Camarista nesta

casa. Como homem rico, comia, bebia bem, não tinha que fazer; e se entregava a illegitimos desejos. Elisa lhe agradou, elle concebeo o projecto de seduzil-a. Ella cuidava lhe da sua roupa; elle pagava ricamente, mas vindo que Elisa se não deixava deshonrar, sahio desta casa. Chegou a hora de recrutar soldados. O Camarista veio então visitar-nos. Elisa, disse eu, o Camarista mostra-se ainda teu amigo; roga-lhe que empregue a teu favor uma palavra. Um poderoso tem longos braços. Elisa não quiz. — Porque chora sempre Elisa? Perguntou elle uma vez: disse-lhe então, Senhor, vós tendes sido sempre bom para Elisa, valci-lhe. Contei-lhe as circumstancias, e elle prometteo mundos e fundos. Escreveo quatro ou cinco vezes sobre isto, e a final obteve em resposta, que Antonio seria solto pela quantia de duzentos ducados, e o Camarista prometteo pagal-os. Eis-aqui a circumstancia. Mandou chamar Elisa. Ella foi, e voltou chorando. Depois de muitas perguntas, contou á mãe, que o Camarista lhe propozéra que sem que ella primeiro satisfizesse seus desejos, não pagaria pelo resgate do seu amante. — Elisa supplicou de joelhos, rogou-lhe, que lhe dicesse ao menos o nome do General: de balde. Nada menos que a deshonra de Elisa podia livrar Antonio de soldado, e provavelmente da morte. — Eis-aqui as nossas esperanças perdidas. — Hoje, disse elle, que era o ultimo dia; e que amanhã seria já tarde, accrescentou a mãe do outro lado.

Luiz saltava, seos olhos fuzilavão, e erguia os braços para o Ceo. Oh! Deos! exclamava: são assim os homens? Tomou então Elisa nos braços. — Soçega, Elisa, elle será livre: dou-te a minha palavra. E esse indigno sabia o nome do capitão, e não quiz dizer-to? — Pois, eu vou ainda uma vez tental-o? Mas, pai, porque não feristes de morte esse monstro, como um cão damnado? Ah! querido Senhor, que póde um fraco contra os poderosos? Damos graças a Deos, se elles não entendem com nosco. Contra os ricos nunca acha o pobre justiça.

Luiz pulava. — Eu já volto, socega Elisa. Elle será livre. Sahio rapidamente, e foi outra vez a casa do baile. O Camarista *walsava* com uma linda e joven Senhora, quando Luiz entrou. — Uma palavra, Senhor Camarista, disse elle sem mais cerimonia. — Eu vos fallo, Senhor, logo que acabe a dança. — Qual dança, nem meia dança: já, Senhor Camarista. O caso não soffre demoras. Elle vos toca, e a uma infeliz. Attendei, Senhor Camarista. Nisto agarrou-o pelo braço, e tirou-o do circulo dos que dançavão, deixando a dama sem par, cheia de assombro. — Que diabo me quereis? Senhor. Não podeis esperar? Não tenho tempo para isso, quando se tracta de soccorro! vós podeis tê-lo, — O Camarista enfureceo-se. Eu vos ensinarei a ser civil. E eu humano. A minha lição vos fará tremor, se ainda vos resta um vislumbre de honra. — Como? Que dizeis vós? A verdade.

Entretanto os dançadores se ajuntarão á roda dos altercantes. O Camarista olhou com desprezo para Luiz, e disse arrogante: Sois um desattencioso, que eu punirei como devo. O official, que estivera presente ao duello de Luiz, chegou-se a elle, e lhe disse ao ouvido: Accommodai-vos, que he um vivo demonio, tanto á espada, como á pistola. O Camarista medio com a vista o seu homem. Ah! ah! sois vós? tenho ouvido fallar das vossas singularidades. Que quereis de mim? Joven Senhor? — De vós nada, quero só o nome do General, ou Capitão daquelle mancebo, cuja noiva vós quereis fazer victima da vossa sensualidade. — Não entendo o que dizeis; e nisto deu um pulo para se escoar. Burckard o reteve. — Que insolencia he esta? exclamou o Camarista. Quem sois vós? Sois fidalgo? — Não. — Nesse caso, não posso brigar com vosco. — Quem vos falla de brigar? O caso he mais claro. — Este homem he doudo, replicou o Camarista; hospital com elle! De mais, não me compete brigar com um homem, que não he fidalgo. Neste momento, um velho respeitavel se chegou ao Ca-

marista, pegou-lhe da mão, e disse vivamente. — Dai uma resposta áquelle mancebo, Senhor, quando não, eu vos provarei que sou homem nobre. Abriu o vestido, e deixou vêr a decoração de uma ordem militar. Eu não tenho nada com vosco, replicou o Camarista tremendo. Em que posso eu servir-vos, Senhor? Nada posso recusar a um homem nobre. Estimo muito. Então, ou brigai comigo, ou respondei ao mancebo; e voltando-se para Luiz lhe disse: Senhor meu, quereis fazer-me um favor? Sou já velho, e ninguem levará a mal que não brigue. Estas mãos já tremem. Quereis vós em meu lugar ter um duello com o Senhor Camarista? Brigando vós em meu nome, a sua honra não soffre. O Camarista ficou como a cal, sobre tudo ouvindo dizer a Luiz: Com muito gosto, querido Senhor, então mato de certo o Camarista. Esta asserção feita com sangue frio e segurança acabou de aterrar o Camarista. De boa mente vou satisfazer-vos, exclamou elle. Meu rico Senhor, aqui estou prompto a servir todo o homem nobre; e por tal já vos reconheço, joven Senhor.

Tanto melhor, disse o velho; he o meio de conservar a vida, e lembrar-vos do exemplo. Muito bem, replicou o Camarista. Que deseja que eu faça este joven Senhor? Desejo saber os nomes dos officiaes ambos, em cujo poder está o mancebo, cuja noiva vós... Sim, sim, bem percebo. O nome dos dous officiaes o General de — o Capitão de — eu lhos escrevo. Veio o tinteiro: elle escreveu n'uma folha de papel os nomes, que Luiz desejava. Quanto he preciso pagar para o livramento de Antonio? Cem escudos — Mas vós fallasteis de tresentos. He verdade; mas... Percebo: era para mais facilmente constrangerdes a pobre mulher a entregar-vos a sua filha. Eu pago essa somma por Antonio. Recebeo o papel das mãos do Camarista, e retirou-se com grande contentamento e applausos de toda a sociedade. Montou logo a cavallo. Foi de galope a Waldék, onde estava o Capitão do mancebo. Pagou os cem escudos,

obteve a baixa do noivo de Elisa, e voltou para Pyrmont.

## CAPITULO XXXI.

*Falsas apparencias. Os esponsaes.*

**E**Ntretanto estava Rosa em grande anciedade : o Conselheiro Lauter se mostrava cada vez mais sensibilizado, a Conselheira mais familiar, a thia ambigua, e a prima galhofeira com Rosa. As delicias conjugaes erão constante objecto da conversação, e bons dictos. Rosa percebeo com terror, que se tractava d'ella. Desde esse instante ella se mostrou mais fria com o Conselheiro, mas era já tarde. Este ultimo fez-lhe muito amargo queixume da sua frialdade, e rematou n'uma solemne declaração de amor, pedindo-lhe a mão de esposa. Rosa havia perdido toda a resolução. A um homem tão attencioso, e cortez, ella não podia dizer que não. Dizer sim, tambem lhe não era possivel, pois ella não o amava. Um vivo rubor, um profundo silencio forão toda a sua resposta. Lauter, que não era tambem o mais ousado dos homens, ficou igualmente enlcado, e sem saber, se ella accitava ou não a sua offerta, beijou-lhe a mão em silencio, e retirou-se. Rosa ficou só. Bella occasião para vingar-se de Luiz. Ella assás o percebeo, e se elle estivesse presente, quem sabe o que ella faria. Mas elle não estava ali, e isso foi a sua felicidade. Rosa sentou-se n'uma cadeira, e começou a reflectir. Esposa de Lauter? abanou com a cabeça. Meu Deos ! exclamou rindo, isso não he possivel. Como poderia ella chamar por *tu* a um homem tão circumspecto? Estar sem cerimonia na presença do Senhor Conselheiro? Elle era mui polido, agradável, e cheio de decoro. Era preciso tractal-o sempre de comprimento. Occorreo-lhe Grandison e

Henriquetta Byron. Grande Deos! nada! exclamou com angustia e pejo, só com a idea de ser sua esposa. Mas Luiz? isso fôra outra conta! Nada de cerimonia, nada de constrangimento! Braço á roda do pescoço e todo o dia em *desbabillé* com elle. Isso era differente! Não foi por diante. O degenerado Luiz se lhe appresentou á idea com as mais odiosas cores. Nesta anciedade, não sabia que fizesse. Aos rogos da Conselheira, como diria que não? Rosa se agitava cada vez mais, sem saber como sairia do seu embaraço.

Chegou nisto a thia. — Então, Rosa, tens reflectido? Pensa, filha, que se não acha todos os dias homem tão sisudo e virtuoso para casar. Responde, menina, que dizes? confia em mim. — Querida thia, eu não tenho que dizer contra o Senhor Conselheiro, senão... — Senão que? — Senão, que he muito civil, para que eu possa ser sua esposa! — Isso he novo! Um homem muito civil para esposo! — He por tanto verdade, thia; olhai, não me julgueis tão severamente. Quizera um homem como Luiz, por exemplo. — Sim, esse não tem muita civilidade, nem mesmo muita honra. — Não, thia, não quero dizer isso. Ponho sómente o caso; se Luiz não fosse tal, se elle se arrependesse, se viesse procurar-me, e se lançando-se em meus braços, me dissesse: Querida Rosa, perdoa, eu não serei mais infiel; sê minha esposa; então apertando-o em meu seio palpitante, me deixaria enternecer, e exclamaria: Sim, Luiz com todo o meu coração! A estas palavras as lagrimas lhe borbulhavam nos olhos, e tinha os braços estendidos, como se o fosse abraçar. Mas ai! thia, disse com profundo suspiro; isto não passa de idea. Vejo as attensões, he verdade, o respeito, e as vistas de honra do Senhor Conselheiro. Sim, querida thia, mas não leveis a mal, que eu não caze com elle. Não de certo. Nunca pela eternidade, thia, poderei ser sua esposa. Não, não; ai! porque he elle tão perverso! — Vejo muito bem, Rosa, que Luiz está ferrado em teu coração; mas adverte rapariga, que he um perdido, que

só pôde fazer a tua desgraça. — Pois bem, querida thia, se o permittis, ficarei toda á vida solteira. Temos tempo ainda para reflectir sobre isso.

A thia disse ao Conselheiro Lauter, que Rosa dezeitava alguma demora para fazer as suas reflexões; e que esperava da assiduidade d'elle Conselheiro, e da confiança, que ella tinha em Rosa, que a final obterião o pleno consentimento. Durante esta conversação grande movimento sôa pela rua. Rosa chegou á janella a ver o que era. Vio muita gente rodear uma donzella, que não ousava de perplexidade levantar os olhos. A Condessa de Grostein a conduzia pela mão; muitas donzellas lhe beijavão as incendidas faces. Um velho Official se appresentou no meio da turba com o chapeo na mão; de toda a parte chovia dinheiro no chapeo. Aqui tens, cara Elisa, disse o velho, e despejou o dinheiro no avental de Elisa: isto não he a recompensa da tua virtude; ella a tem no teu coração. He mera prova de que nós estimamos a virtude, quando ella apparece, como a tua, e que dezeitamos não ficar muito atraz do teu heroico libertador. Logo que chegue teu esposo, celebraremos o teu noivado na casa do baile.

Neste momento deo a donzella um grito. Um maneebo penetra pela multidão, e se lança em seus braços. Elisa! Antonio! forão as unicas palavras, que se lhe ouvirão. Ficárão por algum tempo mudamente abraçados, e derramando lagrimas de contentamento. Todos os circumstantes sympathizavão com elles. Oh quanto somos felizes! exclamou Elisa; o Ceo nos abençôa. Vede a beneficencia desta generosa companhia. Abrio o avental, e mostrou a Antonio o dinheiro dos que ali tinhão contribuido para a sua felicidade. Oh! dobradamente felizes! gritou tambem Antonio. Nisto tirou da algibeira uma mão cheia de ouro (presente, que lhe fizera Luiz no momento da sua soltura). Vê, disse com enthusiasmo, tambem as bençãos do Ceo! e da mão, que lhe tremia de gosto, entornou aquelle thesouro no regaço de

Elisa. — Grande Deos ! disse ella. Donde houveste tanta riqueza , Antonio ? — Do anjo que me resgatou. Elisa poz-se a olhar para o ouro , e as lagrimas de gratidão , que sobre elle lhe cahião das faces , sanctificavão aquelle presente.

Não digais , exclamou o velho Official , vendo aquelle ouro , que nós somos uns miseraveis á vista do vosso redemptor. Contai o vosso dinheiro , Elisa , e sobre elle mais cem dollars , que eu lhe addiciono. — Basta , benigno Senhor , basta , já temos bastante. Graças á generosidade desse anjo em figura humana , que nos remio da nossa afflicção e pobreza ! Deos , Deos o encha por isso das suas bençãos. Nisto partirão todos ao meio de aclamações para a sala do festim.

Rosa , que não podia perceber tudo quanto da janella presenciava , buscou informar-se do acontecido. Ouvio contar o caso em geral , e a bella acção daquelle homem , que nella tinha a maior parte , sem se dizer o seu nome. Que generoso homem ? exclamou Rosa entusiasmada ! Eu tambem quero contribuir com a minha pouquidade. Descoo , e o Conselheiro Lauter foi levar a sua contribuição ao velho Official , como um tributo devido á virtude. O velho Official , que regia a festa , convidou então todas as damas e cavalheiros para a celebração do consorcio dos dous amantes , a qual se devia fazer , logo que chegasse o seu libertador. Vamos , disse elle , fazer que o esquecimento não sepulte , como costuma , todas as bellas acções. Mostremos á incredulidade , que o que se chama virtude , não he só o nome. Tenha tambem a virtude a sua partida em Pymont. Applauso geral : todos querem ter parte no festim ; riem , folgão pelo incidente de um só homem , como se um regimento fora salvo , e zombão da sorte do Camarista , que d'ali fugira envergonhado. Os noivos não fallão , senão de seus passados soffrimentos , e da beneficencia do seu anjo tutelar.

Mas elle tarda, não chega ainda. Os pés do-amante de Elisa são mais ligeiros, que o cavallo de Luiz. O amor, o contentamento, a esperança lhe derão azas. Luiz não chegou, senão dahi a uma hora. Voltou para Pyrmont de vagar. Elle vinha pensando em Rosa, duvidoso se a encontraria ainda ali; e nestes pensamentos se abandonava a uma profunda tristeza. Vinha a cavallo com as mãos caídas sobre o arção da sella, e a cabeça toda inclinada sobre o peito. Nesta posição entrou na Cidade por uma estrada mais solitaria, que ia ter ao passeio, e nem vio Rosa, que tambem procurando o retiro, se tinha posto a uma janella, que dava para aquelle sitio; e onde pensando em Luiz, suspirava de tempo em tempo. Ella o vio. Era Luiz, que vinha pensativo e sem olhar. Ella se debruçava pela janella, e apertava as mãos. Todas as doces ideas se lhe renovávão de outr'ora, quando em Elberg o esperava cheia de contentamento á janella; e ambos se acenavão com reciproco sorriso. Ai! esse tempo era acabado. Agora cumpria não rir-se para elle; e até mesmo evitá-lo. Os olhos della voavão d'elle para o Ceo. Então, dizia ella comsigo, vinha elle a cavallo em todo o lustre da sua figura; suas tranças de ouro cobertas de poeira, e o seu semblante fresco e luzidio recebia novo esmalte do movimento. Agora não ousava ella nem mesmo tossir; ainda menos chamar por Luiz! Nisto, oh consternação! quiz ella retirar-se para esconder o seu pranto, mas ouviu uma voz dizer: — Ah! sois vós priminho! — Era a maldita Dupuis, que vinha do passeio. Luiz apou-se de um pulo. Sim, rica prima, exclamou Luiz, e beijou-lhe a face. Segunda vez os olhos de Rosa voarão para o Ceo. Luiz tomou a prima pelo braço; e no mesmo instante apereebo Rosa. Com inexpressivel alegria no gesto, e gritando rijamente — Oh graças a Deos! elle correu com precipitação do braço da prima, direito a casa de Rosa.

Rosa deo um grito, e correo tambem com palidez mortal no semblante para a sala, onde estava a companhia. Eil-o ahi vem! eil-o ahi vem! exclamou ella palpitando de ansiedade. Quiz esconder-se atraz da thia; faltarão-lhe as forças, e caio sem alento sobre a cadeira. Acodirão todos, pergunta-se-lhe que tem, quando uma voz sôa de fora: Rosa! Rosa! onde estás tu? — Eil-o ahi vem, exclamou a thia, e exclamou a prima! Lauter e sua mãe olhavam para as tres com assombro. Neste momento abriu-se a porta; e Luiz entrou precipitadamente na sala. — He ella, he ella finalmente! — Correo para Rosa, agarrou-lhe as mãos ambas, e caio de joelhos ao pé da cadeira, sem poder fallar de agitado. Elle lhe apertava uma das mãos no scio, na boca, nos olhos, olhava fito para ella, e ria; mas este riso se convertia logo em amargoso pesadume. Rosa conservava-se sentada, seu scio tremia, e seus olhos estavam arrazados de lagrimas. Ella olhou para elle, depois para o tecto, em torno da sala. — Luiz! gritou afinal com o penetrante accentto da mais profunda dor. — Tornas em fim a conhecer-me, Rosa? Oh pelo amor de Deos! Rosa! Rosa! Quanto me tens tu amargurado! Rosa! eu não posso viver sem ti! Oh querida, oh possuidora do melhor coração, Rosa! Com mil vozes quizera eu perguntar-te, porque me tens amargurado tanto! Ah! quanto me tenho anciado em teu alcance! Oh Rosa! dize, pelo amor de Deos! dize, que ainda te lembras de mim! — A estas palavras não pôde resistir o coração de Rosa. Ella se inclinou para elle, e olhou-o com lagrimosos e afflictos olhos. — Querida, amante Rosa! repetio elle, e a beijava na face, e a cingia com o braço direito: sim, Rosa, estou innocente!

Innocente? disse Madama Rehberg! innocente, Senhor Burckard! E a Senhora Dupuis! . . . A este nome saltou da cadeira Rosa. — Sim! exclamou ella, bem vos conheço! Retirai-vos! O ciume apagou n'um momento toda a ternura do amor. Não o tinha ella visto dar um

beijo na face da prostituta ? Seus olhos chamejavão de cólera. — Retirai-vos ! exclamou ella outra vez. Nisto correo para Lauter, pegou-lhe na mão, e disse com inexpressivel amargura : — Eis o homem, de quem sou esposa ! Retirai-vos, vós sois um homem, que eu desprezo ! Luiz deo um salto, e ficou immovel. — Esposa ! gritou elle ; com effeito, esposa ? e soltando um amargo, e terrivel riso, abanava com vehemencia a cabeça. Deo logo alguns passos, e punha as mãos na cabeça. — Com effeito esposa ? disse elle de vagar, e consigo. Tornou a rir, movia a cabeça, e acenava com as mãos, como se quizesse fallar. Parou então, e ficou pensativo. — Grande Deos ! He possivel ? De repente, fez um gesto de aversão, levantou as mãos, e fexou-as. Caminhou um pouco para Rosa, e retrocedeo. Sahio sem tino, buscando a porta ás apalpadelas, como se a sala estivesse em trevas. Deo ainda um riso á sahida, e ouviu-se-lhe exclamar : — Esposa ! e desapareceo. Rosa apertava ainda a mão de Lauter com força, e tinha a face encostada no hombro da prima. Sua respiração se atropellava, e tinha no rosto a côr da morte. Um silencio sepulchral emmudeceo tudo ; ninguem se movia, ninguem levantava os olhos : era verdadeiramente uma scena de terror.

Luiz foi para casa maquinalmente, sem saber para onde ia. Subio ao seu quarto, e ali passeava inquieto, batendo com a mão na testa, e abanando de tempo em tempo com a cabeça. Não vio entrar o velho Official ; nem ouviu o que elle lhe dizia. O velho finalmente o tomou pela mão de um modo affectuoso, e perguntou-lhe o que tinha. — Ella tre esposa ! disse Luiz. — Isso sei eu ; mas onde está o noivo ? — Com ella. — Isso não he verdade. — Eu a vi lançar-lhe os olhos cheios de ternura, e de amor. A perfida se encostava ao seu braço. — Pelo amor de Deos ! que estais vós dizendo ? — Sim crede-me ; o mundo he cheio de falsidade. Não há senão enganos. Eu não daria um real pela palavra humana. Eu não confiaria em meu pai mesmo, posto que

seja o melhor dos homens ; sim , o melhor dos homens. — Presado Senhor , pelo Ceo vos rogo , dizei em que estais philosophando. Luiz levantou a cabeça , e apercebeo M. Berghern (este era o nome do velho) : — Ah sois vós ? disse elle. — Como ? vós me fallais ha uma hora , e não me viciis ? — Póde ser , perdoai. Estava distrahido. — E qual he o motivo dessas distracções ? — A infidelidade das mulheres. — Meu filho , não conheceis o mundo. Uma mulher publica não póde ser fiel. — Uma mulher publica ? Senhor ! senão fosse o respeito por estes cabellos brancos. — He o que vos digo. — Como ? Rosa uma mulher publica. — Quem vos falla de Rosa ? fallo das *Dupuis* , dessas mulheres dissolutas. — Senhor , creio que zombais comigo. — Como ? duvidais vós do que he notorio por todo o Pymont ? Estas mulheres vem aqui aos banhos de proposito para fazer o trafico dos seus encantos. Luiz extremamente surpreso do que ouvia , contou ao velho como as havia conhecido. Custava-lhe a crer , que fosse tão longe a impostura , e a infamia das duas Alsacianas. — Mas , querido Senhor , eu vos amo , como se fosseis meu filho. Dizei-me a verdade. Não tinheis intento algum sobre estas mulheres ? — Nenhum , e nunca. Porque ? — Quem vos via passear de braço dado com duas mulheres reconhecidamente deshonestas , como havia saber , que vós ereis um homem de honra ?

Neste momento Luiz cahio em si. Recordou-se de que Rosa o havia visto com as *Dupuis* , e reconheceo a causa do seu enfado. — Oh que infortunio ! exclamou elle. Quem nunca tivesse visto taes mulheres ! Agora he tarde ! Não tem remedio ! Estou perdido ! — Perdido ? Com o vosso coração ? ... Que incoherencia ! Tendes valor , e despresais a humanidade ? Sabei , joven Senhor , que só o crime póde fazer desgraçados ; que um nobre coração , como o vosso , jámais foi escravo do infortunio. Ficai em casa. Á manhã ás dez horas virei buscar-vos , para me ajudardes a consummar a ventura de dois infelizes ; e a dar o premio á virtude. Luiz conveio ; e elles se separarão.

A perturbação de Rosa não acabou também logo. Ella ficou encostada aos hombros da prima sem mover-se, e apenas de fraqueza tinha deixado cair a mão de Lauter. A prima a levou lentamente para a cama. O Conselheiro vio bem que este incidente requeria uma explicação; mas elle a dezechava tanto, quanto a temia. A declaração publica, que Rosa havia feito de ser sua esposa, e que o seu amor proprio attribuia mais ao seu merito, que ás circumstancias, não o contentava com tudo isso. Em tanto a Conselheira exigia da thia a satisfação da palavra de Rosa. A thia achava-se perplexa. Ella tinha penetrado um pouco no coração de Rosa, e o que nelle descobria, não era muito favoravel ao Conselheiro. Com tudo ella seguiu a sua mãe, que Rosa estava inteiramente livre. Mas as suas observações á cerca de Rosa, fossem, ou não, feitas com sinceridade, podião aqui tomar-se como illusorias pelo Conselheiro e sua mãe. Se n'ausencia destes tivesse Luiz apparecido, e a thia observado melhor o coração de Rosa, não há duvida, que teria consentido na felicidade dos dous amantes. Ella sim percebia, que Rosa ainda amava Luiz, e que não era para ella a suprema dita ser esposa de Lauter; com tudo julgou do seu dever continuar seu projecto. Consequentemente entendeu-se com a Conselheira Lauter e seu filho.

O Conselheiro queria ir lançar-se aos pés de Rosa, e agradecer-lhe o consentimento dado em satisfação de seus dezechos; mas Madama Rehberg lho estorvou, julgando mais prudente dirigir-se ella mesma a sua sobrinha. Foi pois ter com ella, e recordou-lhe a declaração, que tinha feito a favor de Lauter. Rosa ficou espantada, quando ouviu dizer-lhe, que ella havia declarado ser esposa do Conselheiro. Esta declaração fôra feita n'um movimento de angustia e colera, e já lhe tinha esquecido. Por tanto á intimação da thia, sentio-se despenhada em novo abysmo de miseria; e torcendo as mãos de consternada, disse que lhe não era possivel ser esposa de

Lauter. A thia lhe representou, que não era já tempo de retratar-se. Que o Conselheiro e sua mãe tinham a sua palavra, e negal-a não era possível, sem faltar ao decoro, que competia ao seu sexo. Rosa tornou a dizer, que lhe era impossível. Pois bem, disse a thia seccamente: Dá tu essa resposta á Senhora Conselheira, que eu não me atrevo, depois dos obsequios, com que nos tem tratado.

Impossível era também a Rosa dar aquella resposta. Buscou evasivas, e a final vio-se obrigada a entrar em negociações. A thia, que a todo o custo queria sustentar a sua palavra, se afastou um pouco dos principios de honra; que ella suppunha defender. Exigiu por tanto de Rosa, que ella contrahisse esponsaes com o joven Lauter; accrescentando, que isso não passava de mera formalidade, que era uma satisfação dada ao Conselheiro; e que finalmente nada tinha de obrigatorio. Rosa, que, no estado em que se achava, se agarraria a uma tã de aranha para suster-se, accceitou a proposição. Ella julgou que a thia tinha já *in petto* algum plano, com que se libertasse do odiado consorcio. Ella comprometteo-se a ficar mais alguns dias em Pymont, e depois a retirar-se com a thia. Esta conveio; mas projectava partir quanto antes.

O nome de esposo, cuidava a thia, e o habito de viver com Rosa, darião animo ao Conselheiro; e por isso meditava em segredo recolher-se a casa, o mais de pressa possível. Rosa por outro lado, promettia ser complacente, escrever ao Conselheiro, logo que partisse, e receber agradavelmente em Brunswick as suas visitas; mas o seu intento secreto era retirar-se a casa da thia Seeburg, ou de seu pai; e ali esconder-se, até o Conselheiro se desenganar das suas esperanças. Assignou-se em fim este contracto de Cazamento. Mas ambas as partes se enganavão. A thia pedio de mais a mais a Rosa, que confirmasse diante de Lauter quanto havia prometido. Rosa o prometteo, e prometteria tudo quanto a

Z

thia quizesse, uma vez que se não effeituaſſe a ſua promeſſa. O facto era, que ella nunca entendeu bem o que a thia lhe propozera.

Dir-se-ha talvez, que Madama Rehberg não era tão boa, como se tem deſcripto; pois que he claro, que ella fazia a deſgraça da pobre sobrinha! Reſpondemos ao leitor, que eſſas pequenas delicadezas na ſociedade, que ſe reputão indiſpensaveis, tem feito mais mal, que a perversidade e malicia! Toda a differença conſiſte, em que o máo conhece claramente o damno, que faz; entretanto que as pessoas de boa fé, fazem mal, pensando obrar bem. Não obſtante eſta conſideração, a thia de Rosa deſejava ſinceramente a felicidade de ſua sobrinha.



## C A P I T U L O   X X X I I .

### *A Festa Nupcial. O Beijo.*

**R**Osa não ſahia do ſeu quarto; levava o tempo a pensar ſobre os meios de fazer manifeflar a innocencia de Luiz, para ſe poder ligar com elle. Pensava, e repensava, e não achava meio; nem ſabia, no caſo de Luiz ſer culpado, porque o coração lhe batia com tanta anciedade. Pobre rapariga! Não penses como te has de unir com Luiz; pensa como te has de livrar do Conſelheiro! E era iſſo o que ella deixava ao cuidado de ſua thia. Rosa ergueoſe, e a iſtancias da thia ſahio do quarto, como ſe foſſe arrastada. Ella devia finalmente vir ter com a companhia no quarto do almoço. Os pés lhe pezavão como chumbo. Seu roſto ſe afogueava; não erguia os olhos. O Conſelheiro lhe foi ao encontro, beijou-lhe a mão, e agradeço-lhe com entuſiaſticas expreſſões a ſua promeſſa de hontem. Rosa não percebeo palavra do que lhe ouviu; e diſſe á prima, logo que ſahio com ella: Meu Deos! não ouvi palavra do que o Conſelheiro me diſſe: mas a

minha consciencia está salva. Ella respondia só com uma cortezia ás civilidades do Conselheiro, e de sua mãe, sem lhe dar sentido algum; até a podião ter desposado com o Conselheiro, sem que ella dêsse fé disso.

A thia, que já começava a ter receios pela singularidade destes esponsaes, deixou a companhia, e sahio para o passeio. Rosa sahio tambem correndo com a prima, para evitar o braço do Conselheiro. Deo graças a Deos, por se vêr fóra de casa, e receava ainda assim, que Luiz a encontrasse no passeio com o Conselheiro. Oh prima, lhe dizia ella baixo, pelo amor de Deos, dá-me sempre o braço, para que o Conselheiro me não veja só. — Toda a gente corria para a sala do baile. Rosa, e a prima forão tambem. O Conselheiro, a thia, e a Conselheira ficarão ainda no passeio. A sala interior se abriu. Apareceo logo um mancebo, e exclamou: Senhoras, vinde, e arranjai-vos todas em meio circulo. As damas se pozerão todas a um lado, e os cavalheiros a outro. Os noivos estavam no meio, elegantemente vestidos. Elisa tinha uma corôa nupcial na cabeça. A disposição da festa era devida ao velho Official. O noivado de Elisa celebrava-se naquelle dia. Ninguem faltava, senão Luiz, o heroe da festividade. O Official foi buscal-o, segundo a promessa, que elle havia feito. Custou-lhe todavia muito a persuadir a Luiz, que sahisse de casa. Representou-lhe como todos estavam á espera, e como lhe pertencia consummar a felicidade dos dous esposos, que exigião a sua presença: sahio finalmente, silencioso, e mergulhado em profunda tristeza. Palidas tinha as faces, sombrios os olhos, e a vista prostrada. Nesse estado foi maquinalmente com o velho até ao passeio, e de lá a casa do baile. Um mancebo fez signal com a mão. — Silencio! Silencio! Ahi vem. Todos olhárão, a porta abriu-se; e Luiz entrou na sala pela mão do velho Official. — Oh meu Deos! exclamou Rosa, a penas o vio, e escondeo-se atfaz de uma dama, que estava a seu lado. Tremia tanto, que a prima vio-se obrigada a sustel-a.

Luiz lançou, como estranho, os olhos em torno do círculo; e encarando o Official, surriro-se. Finalmente a Condessa de B . . . conduzio os noivos e Luiz. — Querido Burckard, disse ella enternecida, vós tendes feito a ventura destes dois entes. Sois um homem magnanimo, um heroe. A vista da felicidade, de que sois auctor, seja a vossa recompensa. Tomai a corôa de flores, que este ditoso pár vos offerece, em nome de nós todos, como um tributo devido ás vossas virtudes. Elisa com as mãos tremulas, e os olhos humidos appresentou a Luiz a corôa. Vós tendes, começou ella um pouco turbada, vós tendes . . . Ah! Esquece-me o que hei de dizer . . . mas eu nunca cessarei de rogar a Deos por vós, querido Senhor. Luiz a tomou nos braços, e lhe deu um beijo. Virtuosa Elisa, disse elle; sim, roga por mim, e Deos te ouça! Fez logo uma cortezia á Condessa. Nada, disse esta. Querido Burckard, nós vos devemos todos o dia de hoje, e sua consequente festa. Assim começo eu a pagar-vos. Abraçou-o, e deu-lhe um beijo. Levou-o então ao círculo das danças. Queridas damas, quem ama a virtude, disse ella, deve pagar-lhe, como eu fiz. Ella o conduzia de dama em dama. Ellas o beijavão. Vamos, menina! disse a Condeça, e tirou Rosa pelo braço, de traz da dama, onde ella se escondia; o innocente pranto de vossos olhos assás mostra, que tambem amaes este nobre manço. Vinde, beijai-o!

Rosa tremia, Luiz tremia. Elle a fitou com olhos humidos e tristes; Rosa! disse elle manso, e podes tu? . . . Rosa se lançou em seus braços, e o beijava com ardentes e devorantes beijos. A Condessa attentava nelles com brando surriso. Querido Senhor, podeis retirar-vos, sem cerimonia! Luiz moveo-se para sahir; a prima conduzio Rosa a um quarto visinho, e pediu-lhe pelo amor de Deos, que se tranquillisasse, e não servisse de riso a toda a sala. Como Luiz partia, a Condessa lhe disse baixo: Ide fazer tambem a felicidade da encantadora e da interessante bella, que vos ama, e que será a vossa

recompensa. Luiz olhou em torno; Rosa e a prima haviam já desaparecido. Elle he rodcado pelos circumstantes, que o cobrem de louvores e parabens. Não achá tempo para responder ás mil perguntas, que lhe fazem, nem para pensar no acontecido. O que elle percebe, e o que só sente, he o ardente e devorante beijo dos lábios de Rosa. Surdo a tudo quanto o cercava, era só machina, que se curvava para aquelles, que o cortejavão. Tudo quanto se dizia era para elle vago susurro, que não tinha significação.

Rompeo a orchestra; Elisa foi outra vez appresentada a Luiz, para que este começasse o baile. Tomou o lugar, que lhe assignarão, deo um passo pela mão do seu par, e parou logo. Fez uma cortezia geral, e foi pela sala fóra. O Official dançou em seu lugar, e rogou á Condessa que a deixasse ir. Luiz queria ainda uma vez falar com Rosa. Desceo ao passeio, mas perdido dentro em si, errou o caminho, e achou-se nos campos. A thia, que o vio passar, voltou logo para casa, e achou Rosa banhada em ardentes lagrimas, e fazendo exclamações ácerca de Luiz. A pobre Rosa tinha ido para casa aos tropeções com a prima. Ali se lhe lançou ella ao pescoço, gemeo, soluçou e repetio mil vezes, que nunca seria a esposa do Conselheiro! O beijo de Luiz tinha arrancado até aos fundamentos o edificio da artificiosa thia, e se o Conselheiro apparecesse neste momento, leria melhor no coração de Rosa. Sim, thia, exclamava ella, elle he innocente! Eu lhe tenho feito injustiça. Elle he o melhor dos homens. Tudo com as *Dupuis*, com Luiza, com a criada do quarto, tudo he falso! Como podia elle ser tão generoso, tão nobre, tão magnanimo? A thia arregalava os olhos. Não sabia o que ella expressava, fallando de Luiza, e da criada do quarto. — Sim, thia, exclamava ella ainda; por mais que digão, elle he innocente; elle he innocente; e eu nunca, nunca cazarei com o Conselheiro: antes mil vezes a morte. — Senhor Deos! Menina, não grites assim! Quem

te diz que cazes? Socega. — Pois eu não cazarei com elle? disse Rosa enthusiasmada, e cahio de joelhos. — Oh mui querida, oh generosa thia! Ai! Graças a Deos! Sim Luiz está innocente!

A thia exigio de Rosa, que se tranquillisasse, que ella não lhe fallaria mais em cazamentos. Rosa prometteo tranquillisar-se, e ficou só entregue ao seu coração, e com o beijo de Luiz impresso nos labios. Bem quizera a thia não se ter mettido em tão desagradavel negocio. Bem via ella, que Luiz, a pezar de todos os seus artificios, tinha ainda poder bastante para os desfazer. Ella não representaria mais contra elle, se não se visse na scena; tão movida estava ella das lagrimas da sobrinha; mas encarava ainda o objecto debaixo de côres differentes. Não queria, he verdade, tyrannisar os dois amantes, com tudo não desistia do projecto de ligar Rosa com o Conselheiro. Depois de longas ponderações, escreveu um bilhete a Luiz, em que lhe rogava, que deixasse Pymont, porque motivos particulares o exigião. Estes motivos não são talvez bem elucidados. Ella não queria tirar de todo a esperança a Luiz, nem comprometter-se com o Conselheiro. Por conseguinte era preciso adivinhar o sentido particular das suas palavras. Dizia o bilhete: — « Rosa tem contrahido voluntariamente esponsaes com o Conselheiro. Lauter; ella he por tanto propriedade de outrem. Se vós sois homem de honra, não podeis ter sobre ella pertençaes, em quanto não cessarem a respeito d'ella os direitos do Senhor Conselheiro. » As ultimas palavras davão a entender um pouco a mente da thia. Mas Luiz, que não era, como nós sabemos, grande interprete de palavras, pois que tomava tudo ao pé da letra, deo um sentido inteiramente contrario ao teor do bilhete. *Propriedade d'outrem!* exclamou elle bramindo, e fazendo em estilhas o papel, que apertava na mão. Bem! E tanto tempo tem podido illudir-me? Deos! Que maldita velha alcoviteira! He tudo obra d'ella. *Propriedade d'outrem!* Nestes transportes, que a raiva e a dôr mil vezes

lhe interrompião: — 'Poem a sella nos cavallos, Jacques, gritou elle, partamos. Escreveo á thia. « A filha de Kellner he propriedade d'outrem! Eu parto. Não a tornarei mais a vêr. Adeos. *Luiz Burckard.* » — Luiz montou a cavallo, levava o bilhete para o deixar em casa da thia.

Rosa estava por de traz da gelosia, e ella o vio vir. Tremia de gosto. Eis outra vez porém a *Dupuis* lhe sáe ao encontro. Ah! bom dia, meu caro! Rosa estremeceo, e quiz retirar-se, para mais nada presenciãr. Senhora, disse Luiz friamente, o velho Official me disse hontem, que vós e vossa irmãa sois duas mulheres corrompidas; eu não o sabia. Fui vosso amigo, mas isso acabou. Eu não sou amigo de prostitutas. Adeos! Voltou-lhe as costas, e deixou como petrificada a *Dupuis* no meio da rua. Rosa bateo as pequenas palmas de contentamento. A reconciliação estava effectuada. Ella correo á porta, abrio-a, e poz-se á espera d'elle. Tinha os braços estendidos para o receber. Persistia assim, esperava, batia-lhe o scio, seus beiços docemente murmuravão: — Fiel e mui querido Luiz! mas elle não vinha. Esperou um quarto d'hora á porta; desceo meia escada. Ninguem vinha. Tornou outra vez para a janella. Vio ainda Luiz a cavallo, o velho Official, e Jacques, e ficou triste quando desapparecêrão. A idêa porém de uma proxima reconciliação, e a idêa da innocencia de Luiz, de tal sorte a arrebatavão, que se esquecia de todo o resto. Veio para a meza cheia de estranha alacridade. Sentou-se com o semblante alegre, comia com mais appetite; e de quando em quando desprendia dos labios um sorriso de satisfação.

O Conselheiro, sentado defronte d'ella, sorvia os encantos daquelle sorriso. Revendo-se no semblante de Rosa, se julgava o homem mais feliz do mundo; e como ella evitasse o encontro dos seus olhos, cuidava elle que era timidez virginal, e alegria de ser sua esposa. Pobre homem! Elle se contava mui satisfeito, sem ter cabal motivo para isso! A thia deixava ir as cousas, como ellas

ião. Ao levantar da meza o Conselheiro tomou a mão de Rosa, e a beijou cheio de novo enthusiasmo. — Minha adoravel esposa! disse elle, quão ditoso me faz vossa alegria! Rosa córou. Sentio vivamente a injustiça de fazer por tanto tempo a illusão do pobre amador; e com uma profunda cortezia, disse o quer que era, que parecia escusar-se.

Passou-se o dia na scena do contentamento, veio á noite finalmente a catastrophe . . . . A thia não quiz de proposito mostrar logo o bilhete de Luiz a Rosa. Contava que este bilhete seria um novo motivo de guerra entre elles, e projectou contrastar a alegria de Rosa com a repulsa de Luiz. Depois de cêa disse a thia: Tens estado hoje muito alegre. — Sim, tenho estado, he verdade. — Tanto melhor; pois elle fez o que devia. — Como assim? — Luiz partio. — Partio? exclamou Rosa; e a alegria do rosto se lhe converteo subito em amargura. Deos! Elle foi-se? — Sim, esta manhã deixou elle este bilhete ao porteiro. Deo-lhe o bilhete de Luiz. Rosa leu, e ficou petrificada. Tornou a lêr, e mais se petrificava. Não havia no bilhete palavra, que dêsse esperança, que consolasse. — Tão repentina e inconsequente repulsa! — A thia teve o malicioso cuidado de que ella não notasse no bilhete palavra alguma, que indicasse, que elle era resposta; e como visse que Rosa começava a tomar este bilhete como insulto, soprrou arditosamente o fogo da discordia. — Não o disse eu, Rosa, não se vê claramente, que elle só queria passar tempo comtigo, e recusar-te? Sempre isso acontece, quando o homem percebe ser amado. — Rosa tornou ainda a lêr o bilhete: « Eu parto, eu não a tornarei mais a vêr. » E isto escripto á thia, e não a mim! O sentimento do aggravado amor, a illusão, a escarnecida ternura, seus annos juvenis, sua vaidade, tudo isto operou com tanta força no seu espirito, que apezar da sua ardente paixão, ella não derramou uma lagrima. Thia, disse ella, rogo-vos, que me não falteis mais nesse homem detestavel! Acabou-se! Elle não

merêce, que eu me lembre mais d'elle. Eu vou deitar-me, e dormir em socego. — E a sua sociedade com a *Dupuis*, Rosa? Bem se vê o que a thia queria significar-lhe. — Thia, disse Rosa, não me importa a *Dupuis*. Todavia elle está innocente. A thia abaixou a cabeça. Rosa contou-lhe o que presenciára de manhã. — Pois crês tu, Rosa, que elle esteja innocente? Elle pensava ser só o possuidor da *Dupuis*, ouvio que ella tinha muitos; zangou-se: prova isso a sua innocencia? Esta observação foi um novo punhal para o coração de Rosa. Ella se recordou da scena da estalagem de Brunswick, de tudo o mais, que acontecêra até a entrega do bilhete; e exclamou afinal: Sim, he um homem inteiramente detestavel. Não quero saber mais d'elle. Aqui não pôde ella suster o pranto, que ainda depois de se deitar, continuou pela noite adiante.

Tu tens, pobre Luiz, a culpa da tua sorte. Eis aqui dois desgraçados, não por força do destino, nem por malignidade; mas por falta de explicações, e por meras formulas da sociedade. No dia seguinte ficou pasmado o Conselheiro de vêr o semblante de Rosa, e a sua profunda amargura. Ella estava mui pallida, e suspirava de quando em quando. A thia attribuiu isso a dores de cabeça; occasionadas talvez pela saída de hontem. Rosa confirmava isso mesmo; e tudo ia maravilhosamente. O Conselheiro era esposo de Rosa, e Rosa sua esposa. Comportavão-se ambos como amigos; mas á excepção de passear de braço dado com ella, de lhe furtar escassamente algum beijo, não fazia maiores progressos o Conselheiro. Finalmente começou elle a apertal-a pela sua promessa. Ella estremeia, quando ouvia fallar de casamento. A thia não cessava de lhe representar a obrigação, que tinha contrahido pelos esponsaes. Rosa affligia-se e chorava. — Rosa, hê culpa tua; não tens tu já publicamente dado o consentimento de ser sua esposa? Não o podes negar. — Thia, pelo amor de Deos, vamo-nos embora de Pymont. Rogou isto tantas vezes, que a thia dispoz-se a partir.

Aa

Antes da partida presenteou o Conselheiro a Rosa com um relógio, e um anel de preço. Rosa recusou acceital-o. O Conselheiro não ficou pouco suspreso, quando ouviu dizer á sua futura, que não, que não acceitaria delle cousa alguma. E não era isto brinco em Rosa. Esta tremia dizendo não, e punha as mãos atrás das costas. Pensava que se acceitasse algum presente seu, contrahia a indelevel obrigação de ser sua esposa. O pobre Conselheiro rogou, pediu, representou, mas debalde. Rosa foi inflexivel, e ficou no seu não. Elle lho poz accretamente no quarto. Ella o achou, e pegando-lhe a tremar, e com as pontas dos dedos, o foi levar outra vez ao Conselheiro. Este se assombrou de todo, ao ver a repugnancia, que Rosa mostrava pelo que era delle. Estudou mil modos de fazer-lhe este presente, mas em nenhum foi feliz. Rosa abraçava-o, baixava-o, mas receber d'elle a mais pequena cousa, nem mesmo um par de luvas, não lhe era possivel. Na vespera da partida, tornou Rosa a achar o terrivel presente na sua caixa. Foi anciosamente pôl-o no bahú da thia, jurando diante d'ella, que não precisava de provas, mas que bem sabia, que o Conselheiro destinava só para ella aquelle presente. A thia enfadou-se, insistia, que era d'ella, e que o tomasse. Rosa obstinou-se, contradisse a thia, de maneira, que esta vio-se obrigada a ficar com o presente, e Rosa não ficou satisfeita, em quanto não chamou as pessoas de casa, para serem testemunhas de que o presente era propriedade da thia. Tentou esta ainda uma vez no caminho pôr o anel no dedo de Rosa; mas esta apenas vio o que era, atirou com elle pelo postigo do coche com tal aversão, como se fosse uma cobra. Amou-se de veras, e a thia não pôde deixar de rir, e de se enfadar ao mesmo tempo.

A partida de Rosa não foi de feliz agouro para o Conselheiro. Nesse dia ás cinco horas da manhã já Rosa estava de pé. Via-se no seu rosto um excessivo contentamento. Apenas veio annunciar-se, que a carrua-

gem estava prompta, já estava vestida, e desceo rapidamente pela escada, e quando o Conselheiro lhe ia a dar o braço, já ella estava no coche. O Cocheiro deo com um estalo o signal da partida, e ella rompeo nestas successivas expressões de alegria: — Graças a Deos! Graças a Deos! Graças a Deos! A Conselheira que tudo observava, disse; Não, meu filho, tu não possues o coração de Rosa!

Esta indiferença com tudo era contrabalançada pelas seguranças da thia. Tinha-se ajustado entre esta e a Conselheira, que seu filho appareceria em Brunswik, e que estando ali o Reitor Kellner, pai de Rosa, e a thia Seeburg, todos conspirarião a seu favor, e que elle então indubitavelmente conquistaria Rosa. Tudo isto se havia concertado ás escondidas de Rosa. A Conselheira abanava-lhe a cabeça, e não dezejava Rosa para seu filho, compellida de qualquer motivo, que não fosse o amor, por quanto o mesmo filho lhe havia expressado, que não podia ser feliz sem Rosa. — Chegadas a Brunswik, contou logo a thia Rehberg ao pai de Rosa, e a thia Seeburg as circumstancias, em que Rosa se achava comprometida com o Conselheiro Lauter, mas calou tudo quanto podia culpá-la, e produziu o bilhete de Luiz. A vista do exposto, todos forão de commum parecer, que Rosa devia preencher a sua promessa. Luiz não se achava presente, o que Rosa ouviu com terror, mas quando o fosse, o seu bilhete era uma prova decisiva da sua repulsa. Ninguem reparava, que Luiz renunciava Rosa, só porque era propriedade d'outrem. — Rosa porém não devia ficar solteira. A pertença de Lauter era um vantajoso partido. Todos consideravão a opposição de Rosa, como um capricho pueril, que prestes se desvaneceria, Rosa emtanto obstinava-se cada vez mais a não ser esposa do Conselheiro, offercia palliativos ás representações das thias; e quando a instavão mais vivamente a que cumprisse a sua palavra, não tinha senão lagrimas, e rogos para responder; e era constante na sua

negativa. A thia trouxe a campo o contracto de casamento, o relógio, o anel, mas de balde. A thia foi obrigada a recolher outra vez estes documentos, sem ter obtido a mais pequena alteração na perseverança de Rosa. Esta saltou de contente, tomando o braço da prima, que lhe disse: Tu trabalhas mais para te não cazares, que todas as raparigas para cazar.

Prestes começou Rosa a perguntar por Luiz. Ninguém sabia onde elle estava. A thia repetio o que sabia d'elle até á sua saída de Pymont. Nada mais. As cartas do velho Burckard pouco mais dizião: accrescentavão, que elle se ausentára desgostoso; que Rosa e Luiz não concordavão, e que devião ter ambos as suas razões; mas elle não as sabia. Rosa ouvia todas estas noticias com uma anciedade, que não podia esconder, e não quiz mais nada indagar. Elberg lhe era odioso, o velho Burckard, e sobre tudo Luiz; e estas circumstancias com tudo lhe custavão ainda lagrimas. Se eu soubesse ao menos aonde estava! dizia ella consigo. Ella perdia o gosto a tudo. Tinha-se tornado inteiramente apathica. Encontravão-na muitas vezes banhada em lagrimas. Porque choras? lhe perguntavão. Eu não choro; pelo contrario estou hoje muito contente. Nada porém a consumia tanto, como o não saber onde estava Luiz. Foi obrigada nesse meio tempo a partir para Elberg. O velho Burckard a recebeo, como sempre, com prazer e affecto, e deo-lhe de conselho, que recebesse o Conselheiro Lauter, o que ella não esperava. Menina, lhe disse elle, ainda que não sejas minha filha, nem por isso te amarei, com menos ternura. Não te guardes para a idade do lucto. Rosa, em quanto dura o rubor das faces, póde uma rapariga ter attractivos para um homem; mas quando passa a frescura do rosto feminino, então nem o mais miseravel se captiva d'elle. Este sermão não abalava a pobre Rosa. Pai, exclamou ella com intima afflicção, não penseis mal de mim! Se soubesseis o acontecido!... estou innocente. Sim, pai, estou innocente. — Tanto me-

lhor para ti, querida menina! Então recebe o Conselho, e não faças zombaria de nenhum homem. Eisaqui toda a consolação, que ella obteve do homem, de quem tudo esperava no mundo. Com os outros ainda foi peor. A avó e mãe de Luiz a tractavão com frieza. Assim o seu coração começava a fechar-se com esta familia. Passeava só no jardim; parava em todos os lugares, onde tinha brincado com Luiz, e os banhava com lagrimas de mais pungente amargura. Ella escondia estas lagrimas; pois ninguem achava; que tivesse parte nellas. Tornava-se melindrosa, sombria, e de máo humor. Luiz era o unico objecto, que assim affectava a sua sensibilidade. Ella ria-se, mofando um pouco, quando ouvia louval-o, particularmente diante da avó. Diante do velho Burkard era o contrario: fazia a sua defeza. Mas onde está elle? Que faz elle? perguntava ella então. He feliz, lhe respondia o pai, viaja com um amigo seu. A pobre rapariga sentia-se abandonada de todos os entes vivos, abandonada mesmo de Luiz; e começou a abandonar-se de si mesma. Seu coração não era partido pela dor, mas oppresso pela magoa. Seu seio parecia como obstruido, o que se manifestava pelo seu tom dissaboroso, pela indifferença a tudo, e por uma mui sensível delicadeza. Gracejava ás vezes, como se o não fizesse. Muitas vezes porém a sua natural doçura era supprimida pelo pesadume do seu coração. Mil vezes reclinava a cabeça sobre os braços, sobre a meza, e desfazia-se em doces lagrimas. Mas estas lagrimas não tinham testemunha. — Dezejou finalmente deixar Elberg. Na vespéra da sua partida foi ainda uma vez ao jardim. A sua sensibilidade foi por extremo profunda. Lançou-se sobre os lindos berços verdejantes, onde tantas vezes estivera sentada com Luiz. Estendeo-se sobre a relva, dava-lhe beijos, e humedecia-a com lagrimas. Adeos, exclamava ella, enternecida, e abrindo os braços. Adeos scenas da minha ventura! Adeos para sempre! Adeos tudo! No mesmo instante outro sentimento lhe veio

abafar as lagrimas. Cruéis ! exclamou então. Não fazeis senão atormentar-me ! Cedo me lançareis na sepultura ! Oh mortaes ! as lagrimas mais amargas são aquellas, que um coração amante e abandonado derrama na solidão.

Rosa despedio-se das pessoas d'Elberg mais friamente, que do jardim. Partio alegre para Brunswick, posto que nenhuma felicidade ali esperasse. Custou-lhe porém a despedida do velho Burckard. Elle disse-lhe : — Rosa, tornarás tu brevemente ? — Não, jámais, replicou ella com promptidão. — Nesse caso adeos para sempre. Rosa ! sinto-me avizinhar á sepultura. Adeos Rosa ! Vem cá, menina, não sejas tão apressada comigo. Estas palavras espedaçarão o coração de Rosa. Ella lançou os braços ao pescoço do velho. Meu pai, exclamou ella, sou muito infeliz ! Vós me aborreceis todos, e eu nada tenho feito ! — Pois bem, minha filha, se estás innocente, consola-te. Deixa-te de penas. A innocencia, filha, não deixa succumbir o coração. Rosa foi-se. A sua despedida da avó, e da mãe de Luiz foi curta. Abraçou ternamente Maria, e disse-lhe : Dá saudades minhas a Luiz : sou desgraçada : não te esqueças, dá-lhe as minhas saudades !

Rosa chegou a Brunswick. Saio do coche com tranquillo semblante. Todo o seu ser estava transtornado. Era fria e incommunicavel. Se a thia fallava do Conselheiro, já se não zangava, ouvia pacificamente, mas era como se ouvisse fallar do homem mais estranho do mundo. Chegou o Conselheiro : ella assustou-se um pouco, mas tornou logo a tranquillizar-se. Saia muitas vezes com o Conselheiro, recebia parabens do casamento, e nem uma syllaba dava em resposta. O Conselheiro era assiduo e fervoroso com ella. Rosa, recebia-o sem repulsa, mas sem amor. Todo o seu coração se tinha convertido em amargosa apathia. Toda a manhã estava no seu quarto, e nunca saia sem ser chamada. O Conselheiro notou-lhe uma vez a sua indifferença. Ella rio-se um pouco. Senhor Conselheiro, disse ella, a minha sorte me tem

feito assim indifferente. Mas, crede-mê, eu hei de pre-  
 encher os meus deveres! Se soubesseis a escandula, que  
 tenho, e do homem, que tanto amava! Seus olhos se  
 enchião de lagrimas. O Conselheiro queria saber as cir-  
 cumstancias. Nada, deixemos isso, dizia Rosa, não  
 quero pensar, e ainha menos fallar nisso. Neste estado  
 de cousas se approximava o dia do casamento. Rosa vio  
 então, que a sua situação era séria. Cada vez se fazia  
 mais pallida. Passava as noites a chorar. Luiz se lhe  
 tornava mais caro, ao ponto de separar-se d'elle para  
 sempre. Ella julgava, que o seu coração succumbiria ao  
 peso da dor. Tudo conspirava para lhe fazer sentir todo  
 o rigor da sua desventura. Calava, mas o seu mesmo  
 silencio attrahia; mostrava-se com tudo meiga, civil, e  
 attentiosa com o Conselheiro. Via-se porém, que isto  
 não vinha do coração. Ella era como uma sombra. A  
 thia propoz-lhe ir receber-se a Elberg. Rosa disse fria-  
 mente: Thia, quereis vós enterrar-me no mesmo dia do  
 noivado? — O vestido para o dia nupcial já se estava  
 apromptando. Vio a mostra da seda para dizer se lhe  
 agradava. Rosa queria que elle fosse de côr desmaiada,  
 e disse á prima de vagar: — Como o do defunto, que  
 vimos ha pouco tempo. A prima tremeo, e começou a  
 chorar. Rosa, disse ella, não dêis tanto que sentir aos  
 outros. Não brinques assim. Assás pallida já te vemos!  
 — Veio o vestido para provar-se: Rosa não se oppoz.  
 Todos disserão, que Rosa parecia um anjo com aquelle  
 vestido. Oh! thia, exclamou Rosa, vós terieis razão,  
 se eu não fosse mais que anjo! — O terrivel dia estava  
 imminente. Rosa o esperava com lagrimas devorantes.  
 Então, Rosa, ámanhã? disse a thia. — Eu, ámanhã?  
 pois tão longe estou eu! replicou Rosa, e quiz rir-se;  
 mas o movimento do seu gosto só exprimio a sua ancie-  
 dade. Se eu o visse ainda uma vez! exclamou ella, aper-  
 tando as mãos; oh! uma só vez ainda! — Pobre Rosa,  
 em vão exclamas tu! Elle não te ouve!

Luiz tinha deixado Pymont com o velho Official. Durante a viagem, que fazião juntos, Luiz contava ao velho todas as suas particularidades com Rosa. — Querido Burckard, disse o ultimo, quereis, que vos diga o que penso á cerca de Rosa? — Luiz olhou para elle. — Digo-vos francamente o que penso. Tenho a rapariga por uma namoradeira, que põe todo o seu prazer em trazer muitos peraltas á trella, e que nunca dezejou fazer a felicidade de um homem de bem. — Caro Senhor, se vós a conhecesseis . . . — Conheço-a bastante. Se ella vivesse comvosco, terieis razão para assim fallar. Mas Brunswick a deitou a perder. Há muitos peraltas ali, que lhe hão de ter mettido na cabeça, que he uma deusa, uma encantadora. Tu, meu filho, com o teu modo de sentir honrado e justo, deves ser uma fraca cousa para ella. Tu não ajoelhas a seus pés, não lhe beijas a mão, não es seu escravo, porque es homem; e as mulheres da moda não querem homens, querem escravos. Hoje, meu filho, não se busca o merecimento das cousas, mas só apparencia. Maneiras, isto he, exterioridades, he o que se quer no homem. Não importa que elle seja mais invejoso, que o cão, mais rapinador, que o lobo, mais lascivo, que o gallo da montanha, mais feroz, que o tigre: maneiras, e nada mais, senão maneiras. Assim um casquilho, um paroleiro terá sempre mais acceitação, que vós. Não digo que o Conselheiro Lauter seja um peralvilho; conheço-o muito pouco. Mas não he homem, que se possa comparar comvosco. Elle apresenta-se com lenço e meias de seda, fivellas de pedras, e alfinete de brilhantes; e tu, pobre rapaz, com botinas, calças de linho, e chapeo redondo, que has de fazer ao pé d'elle? Ella deve ter vergonha de passear pelo teu braço, podendo ter o de um casquilho, recamado de ouro. Eis aqui o segredo.

Aqui principiou Luiz uma viva contestação com o velho, affirmando que elle não tinha razão de culpar Rosa; pois que não tinha cabal conhecimento d'ella,

que era impossivel, que Rosa fizesse em Brunswick uma figura semelhante á que elle descrevia. — Póde ser, replicou o velho, mas a sua conducta em Cassel não teve todo o ar de *coqueterie*? Não o disse assim teu pai mesmo? Suppunhamos, que ella veio com sincero intento de se reconciliar comtigo; porque se ausentou de repente, e ás escondidas? Caro amigo, isso para mim he mais claro, que o dia. Se ella fosse sincera, innocente, e da honra, que vós dizeis . . . . N'uma palavra tendes sido logrado. Deixai-vos disso. Dai graças a Deos de que vos custe só um par de lagrimas o que vos custaria o socego de toda a vida, se ella viesse a ser vossa esposa.

Luiz ouvia tudo isto de um homem experiente, que conhecia o mundo, e que de mais a mais se mostrava seu amigo. Naturalmente este objecto repetido muitas vezes nas conversas da viagem, fez grande impressão no entendimento de Luiz. Rogou-lhe o velho, que fosse com elle até uma fazenda, que tinha junto de Brandenburg. Luiz acceitou o convite de boamente.

No estado, em que se achava, não era o seu maior desejo voltar para Elberg. Da primeira cidade, em que pousarão, escreveu Luiz a seu pai, dizendo-lhe, que Rosa ia ser esposa do Conselheiro Lauter. Que o seu coração estava tranquillo, porque os pequenos caprichos, que tinha descoberto em Rosa, lhe fazião supportavel a sua perda. Na mesma carta lhe rogava tambem a permissão de viajar um pouco ainda com o seu amigo, em ordem a procurar distrahir-se; O tom pacifico desta carta, e o socego, com que fallava do caracter de Rosa, tranquillizarão Burckard sobre o estado de seu filho. — Ah! elle começa a achar-lhe defeitos, então está diminuto o seu amor. Todos erravão, como se vê; e a desventura, a perpetua desventura deste mancebo, deste bello mancebo, parecia ser inevitavel.

## CAPITULO XXXIII.

*Nova entrevista. O Delirio.*

**L**uiz, o desditoso Luiz, e seu amigo, o velho Senhor de Berghorn, chegarão á casa de campo deste ultimo, nas fronteiras da Prussia. Luiz, achava no retiro, e na conversação deste velho inestimavel algum allivio em seus males. Não podia com tudo perder a idéa de Rosa. Nunca escrevia a seu pai, sem que lhe pedisse novas da sua amante. Mr. Burckard não se alargava muito a este respeito, nem suppunha Luiz impaciente d'ellas, como outr'ora. Finalmente n'uma, que lhe escreveo sobre este objecto, lhe mandou dizer que Rosa tinha effectivamente contrahido esponsaes com o Conselheiro Lauter; e que seu casamento estava a ponto de concluir-se. Luiz já o sabia, e com tudo esta noticia obrou nelle, como se fosse dada de novo. A sua vivacidade não mostrou, he certo, movimentos tumultuosos, e como tinha de costume, mas deo lugar a uma especie de abatimento, ou apathia, até então desconhecida. O velho o foi achar no seu quarto, corridas as cortinas da janella; e elle sentado com a cabeça encostada sobre a banca, os olhos arrazados d'agua, e n'uma vehemente inquietação. Que he isto? meu amigo? disse o velho; montar, montar a cavallo! uma viagem até Magdeburg, ou a Brunswick te fará bem, e deitará as penas a voar. Sim, exclamou Luiz com transporte, essa era a minha idéa. Vós penetrastes no fundo da minha alma!

Luiz teria ficado inertemente entregue á sua dôr; teria só pranteado pelo casamento de Rosa, sem a exclamação de Berghorn — *ou a Brunswick!* Sua alma deo um novo galão, como se ella se desprendesse de mil cadêas.

Quero lá ir! disse elle, vou montar a cavallo. Quero lá ir! Montou a cavallo, e no dia seguinte chegou a Brunswick, justamente na vespera do casamento de Rosa. Apeou-se na estalagem, e correo á casa de Madama Rehberg. Uma criada saía; e elle olhou anciosamente para a porta. — Não tenho tempo, dizia a criada a uma mulher, com quem fallava. Temos amanhã casamento em casa! A'manhã! exclamou elle com angustia, e quasi nos transes da desesperação. A'manhã! repetio surda e lentamente; e passeava pela rua abaixo, e acima. Parou de novo defronte da casa. Voltou a criada. — Pois he amanhã? perguntou elle attonito, e pondo a mão na testa. — Sim, amanhã, disse a criada. — E que he d'ella a noiva? — Está lá em cima, onde está aquella luz. — Elle olhou para cima, vio uma figura de mulher sentada á janella. Abrio a porta, sem saber o que fazia, subio a escada maquinalmente, e por acaso veio á porta do quarto de Rosa: abrio-a de manso, e entrou. Ao vêr Rosa, ficou petrificado, ficou immovel na porta, e olhando fixamente a sua amante. Rosa estava sentada á janella, c'o braço encostado n'uma banca, e a mão nos olhos. A frente carregada de tristezas lhe pezava sobre a mão, e uma torrente de lagrimas borbullhava ao longo de seu braço. Estas lagrimas consolavão Luiz, sem elle saber o porque. Contento de a haver visto, elle quiz retirar-se, e involuntariamente disse — Rosa!

A esta palavra, Rosa levantou o rosto, para vêr quem a chamava, e como o quarto estivesse escurecido pelo guarda-luz, que escondia a véla, não reconheceo quem era. Tirou o guarda-luz, e reconheceo Luiz. Palhida, tremendo, e muda estendeo para elle ambos os braços abertos. Elle se approximou passo a passo, e parou ao pé d'ella. Rosa, repetio elle manso, e com doloroso accento. — Luiz! queria ella dizer: abrião-se-lhe os beijos, e a palavra lhe espirava n'elles. Luiz permanecia estatico diante d'ella, e ella c'os braços estendidos para

elle. Apenas porém a tocou com um só dedo ; elle se precipitou nos seus braços. Suas lagrimas, seus beijos, seus suspiros se misturavão. Seus nomes — Luiz! e Rosa! se misturavão tambem sobre seus labios, e suas almas se confundião. Ah! torno a vêr-te! exclamarão ambos ao mesmo tempo! Oh Deos! quanto te amo! Quão grande he a minha dita! ambos suspirando repetirão.

Elles permanecião com intimo aferro abraçados; abraçados com toda a sofreguidão do amor. O mais ruidoso trovão, a trombeta mesmo do juizo final, não os acordaria do seu extase! Elles tinhão perdido todo o pensamento, e sentião a penas: a sua vida se tinha concentrado n'um ponto; e essa mesma não passava nelles de um confuso atordoamento. Esposa! proferirão os beijos de Luiz maquinalmente. Esta palavra pelo seu reconhecido tom fez saír Rosa do seu assombroso encanto. Vai-te pois, e deixa-me expirar! disse ella com uma voz agonizante: pude ainda vêr-te uma vez! Fervidos, e avaros ardêrão ainda uma vez seus beijos sobre os beijos d'elle, e seus braços se desprendêrão dos d'elle brandamente. Rosa! exclamou elle, e foi tropeçando, como bebado, para a porta. Saio, sem que o vissem, e correo a casa. Disse ao criado de um ar estupefacto: — Partamos; respiro aqui um ar empestado: voltemos para a casa de campo de M. Berghorn. Não tardarão a pôr-se a caminho.

Rosa ficou á porta do seu quarto sem movimento, como uma estatua! Vai-te pois! repetio ella por uma hora de espaço a espaço. Vai-te, dizia ainda, e bem o tinha visto partir. Ella chorava, torcia as mãos, supplicava; e no seu delirio lançava-se de joelhos, fallava de joelhos com Luiz, pedia-lhe perdão da sua infidelidade, e lançava-lhe em rosto a d'elle. Passou a noite nesta perturbação. Ninguem a veio vêr: tinha pedido, que a deixassem só. Era uma fria noite de Janeiro. O amor, a anciedade, o vehemente abalo de suas forças vitaes, e o frio extremo, acabarão finalmente de a prostrar.

Na manhã seguinte, foi a prima achal-a na cama com os olhos inflammados, a vista turva, o seio palpitante, e um calôr terrivel. — Oh Deos! Rosa, que tens? — Creio estar indisposta. A prima foi a baixo. Vierão as thias, veio o Conselheiro Lauter, e veio o Medico. Este tomou-lhe o pulso, e capitulou uma febre ardente, perigosa. — Perigosa? disse Rosa com bastante cansaço, e rio-se. Pois se he perigosa, então dou graças a Deos! acabárão meus tormentos! O seu delirio continuou por cinco dias. Sem nomear, fallava da ultima entrevista, que tivera com elle; e fallava da *Dupuis*, de *Luiza*, de *Henriquetta*, de *Lauter*. Accusava um por um. Os seus monologos erão uma linguagem inintelligivel para os circumstantes, que nada do acontecido sabião. Finalmente a força do seu temperamento triunfou. A sua doença foi acalmando pouco a pouco; mas a sombria tristeza, em que ficára, se oppunha a seu total restabelecimento. A morte, e os sepulchros erão o constante objecto das suas conversações. Arrufava-se, quando lhe dizião que estava melhor; disputava, e mesmo contradizia o Medico; e sustentava, que bem sentia chegar-se o seu termo. Um dia lhe appresentou a prima um espelho; ella vio, com pezar violento, que as rosas das suas faces tornavão a apparecer.

Tinhão-se todos até então abtido de lhe fallar em casamento. Recomeçarão as sollicitações, recaio logo no seu estado de languor, mas não com o perigo antecedente. Não duvidava ella já de ser amada por Luiz, e ardia impacientemente por se reconciliar com elle. Para melhor repellir as proposições; que lhe fazião a favor do Conselheiro, ella fingia estar mais doente, do que realmente estava. Queixava-se da febre ainda, e de varias outras indisposições. Em prova disso passava de cama a maior parte do dia. A cada instante cuidava ella vêr Luiz reaparecer. Perguntava por elle, mas de balde. Ninguem sabia onde elle estava. M. Burckard, que só conhecia o lugar da sua residencia, não o dizia a ninguem.

Não obstante à indulgencia de Madama Rehberg, o comportamento de Rosa se fazia cada vez mais insupportavel. Ella não queria esposar o Conselheiro Lauter, e com tudo não ousava exprimir uma positiva repulsa. As razões, que allegava em sua escusa, erão tão vagas e extravagantes, que excitavão continuas querelas entre a thia e sobrinha. A primeira reprehendia Rosa de se portar com o Conselheiro, como logradora namoradeira; e que fazia muito mal em o indispor, quando não tinha a certeza de recuperar o amor de Luiz. O Conselheiro, que era tanto, ou mais amante de si, que de Rosa, se escandalisava destas interminaveis delongas. Tomava por insulto este comportamento da sua futura. Cansado de esperar, lhe rogou um dia, quasi de joelhos, que mudasse de systema, que consentisse em fazer a sua felicidade. Rosa seguiu-lhe que isso não lhe era possível. O Conselheiro propoz-lhe mais quinze dias para resolver-se. Ella acceitou de bom grado, olhando esta promessa, como uma condescendencia, que ella devia ás suas attentões. Julgava offendê-lo, rompendo inteira e repentinamente com elle; mas por outra parte persistia em declarar a todos os seus parentes, que nada a resolveria no mundo a esposar o Conselheiro Lauter. A familia de Rosa, e sobre tudo suas thias, não podião levar á paciencia esta obstinação da rapariga, e por isso a contrariavão em todas as suas vontades e expressões. A falta de sinceridade tem feito a miseria de muitas familias, que por bagatellas se atormentão infinitamente. As tempestades, os terremotos, a perversidade, a sede de sangue, não perturbão tantas vezes o socego do homem; como a inobservancia destas miudezas, que inderrompem a confiança, unico apoio da felicidade domestica! Se Rosa tivesse dito: — Eu amo Luiz, eu o vi, e eis aqui a causa da minha doença; elle me ama, e eu não posso viver sem elle! as thias entenderião melhor os sentimentos de Rosa, e não se opporião á sua ventura! Seu amante teria sido chamado; e feitas as explicações.

de parte a parte, o casamento teria terminado as suas penas, e esta historia já teria acabado. Mas não aconteceu assim; as thias continuárão a zangar-se com Rosa, Luiz a desolar-se; e nós continuamos tambem a dar conta ao leitor do mais, que aconteceu.

Findou o prazo dos quinze dias, mas não findou a teima de Rosa em não querer acceitar a mão de Lauter, nem findárão os dissabores, que motivou tal procedimento entre as thias Rehberg e Seeburg, e a familia de Burckard. Este ultimo, que unicamente podia accommodar os partidos, vio-se obrigado, por má intelligencia de Madama Seeburg, a retirar-se da sua communicação, que sérias altercações tinham interrompido acerca do caracer e conducta de Luiz e Rosa. Madama Burckard, e Madama Walkers, que attribuião os pezares de Luiz aos caprichos de Rosa, sustentavão, que esta não era digna de um homem de tão bellas qualidades, como Luiz. Por outra parte a thia Seeburg sustentava o partido de sua sobrinha com demasiado calôr. Tractava Luiz de louco, extravagante e libertino, alludindo ao seu comportamento em Pymont. Finalmente as altercações se tornárão tão vivas, que Madama Seeburg se retirou da casa de Burckard, jurando nunca mais lá pôr pé, e fexou as portas da sua á familia de Burckard, como se aferrolhava, em tempos de guerra, o templo de Jano n'antiga Roma.

---

## C A P I T U L O XXXIV.

*Principio de Inconstancia. — Agradavel Altercação.*

**O** Velho Burckard não tomava parte activa nestes caprichos feminis, e deixava ao tempo a cura delles. Entre tanto não esquecia os melhoramentos d'Elberg. Maria e

Muller erão agora as pessoas, com quem elle passava as suas mais doces horas, por quanto elles se occupavão mais effizadamente na execução dos seus planos de beneficencia. Maria passava quasi todo o seu tempo na companhia de Burckard e Muller, e medrando diariamente em conhecimentos e bellas qualidades, se havia tornado a mestra de todas as raparigas da aldêa, de quem gozava a confiança e o amor. Ella assistia constantemente ás lições de Muller; e era sem duvida a sua melhor discipula. O seu prazer era repetir com proveito ás mais raparigas tudo quanto ensinava Muller. Este da sua parte ouvia com enthusiasmo sua instructiva conversação. Saía muitas vezes, estando ella presente. Maria cõrava. Elle lhe assegurava que Mr. Burckard podia dispensar seu proprio ensino; e lhe rogava que emprehendesse ella só, pois que já o podia fazer, a educação das raparigas. Maria se escusava com modestia, porém Muller apertava com Maria, e fez tanto com Burckard, que alcançarão d'ella o consentimento, mas com a condição de que ella ouviria primeiramente as lições de Muller, e depois as propagaria ás outras suas condiscipulas.

Por meio desta familiaridade, cresceo naturalmente a confiança entre Maria e Muller. Elle era seu mestre; e que muito era, que a sua encantadora discipula recebendo as suas doutrinas, houvesse tambem o seu coração? Elle sabia a historia de Maria, e desejava no fundo da sua alma, que Selhof fosse um inconstante, como as apparencias indicavão. Maria sentava-se ao pé de Muller, quando lia com elle algum livro. Muller fitava seu rosto, sem ouvir mais palavra. Maria o notava, e se confundia, gaguejando o que estava no livro, sem lhe dar sentido. O velho Burckard ria, vendo-os assim juntos. Oxalá! dizia elle, que em todas as casas de educação os mestres fossem tão intimos, como vós sois! Esta observação embaraçou Muller, fez cõrar Maria, e interrompeo, ao menos por vinte e quatro horas, a sua habitual familiaridade. Esta affeição reciproca não produzia

porém não effeito na educação das meninas. Elles passariam de boa mente todo o dia na eschola. Podião ali ver-se a toda a hora, e em casa de Burckard não podia Muller visitar a toda a hora Maria. Desta arte o amor, o habito, e occupações identicas apertavão diariamente os laços de dous corações puros. O velho Reitor Kelner vinha de tempo em tempo visitar o velho Burckard, que elle chamava o *bomem admiravel*. Elle o comparava ao velho Socrates, á excepção de não ter uma *Xantippe*; e isto dizia elle, não por lisonjear Madama Burckard, mas pelo seu amor da verdade. N'uma das suas visitas, ao ver a harmonia, que reinava entre Maria e Muller, não pôde deixar de enthusiasmar-se. — Meu caro collega (assim chamava elle a Muller), nada pedira a Deos com tanto fervor, como ver-vos esposo de Maria. Vossos filhos serião educados nessa antiga simplicidade, que a depravação dos nossos costumes fez desaparecer. Muller guardou silencio e suspirou. O Reitor repetio a mesma expressão de desejos, voltando-se para Burckard. — Querido Reitor disse o ultimo, eu sou do vosso sentimento; mas o receio, que tenho de penetrar no coração humano, hé fundado nas suas contradicções, e em sentimentos, que parecem oppostos á razão. O exemplo do meu Luiz basta para fazer-me acautelado. — He verdade, lhe tornou o Reitor, mas essas contradicções são mesmo da natureza. Eu considero em vosso filho um grande espirito, e um coração nobre. Tito, a gloria da especie humana, teve extravios na mocidade. Muita luz, muita sombra, Senhor Burckard; e como diz Platão (e repetio isto em grego) *as grandes virtudes brotão sempre das grandes paixões*. Deixemos o fallatorio das mulheres, que não passa da superficie das cousas. Duas amigas a um tempo, que vosso filho teve, como ouvi ás Senhoras Seeburgs, não são de certo cousa boa, mas a sua energica benevolencia apaga inteiramente essas faltas.

Burckard, que até ali não tinha ouvido fallar das duas amigas, perguntou pelo caso, e ouviu de sua mesma sogra, o que não julgava possível, que Luiz estava culpado daquella accusação. Elle defendeo seu filho, e mostrou como a sua franqueza e liberalidade, que muitas vezes o tinham compromettido na opinião publica, bem longe de ser crime, provavão antes a sua nobreza d'alma. — Assim o creio, replicou o Reitor Kelner. As mulheres não ouvem, senão o que he falso, só julgão por apparencias; e uma vez solta a lingua, não cessão de dar á trella. Há com tudo excepções, caro amigo: temos o exemplo do contrario em Maria e Muller. Se elles aqui não estivessem, ou se embora se fossem, toda a ordem deste bello systema de educação passaria, como passou o latim e o grego no mundo literario. Deos os conserve aqui por muitos annos.

Essa era a mente de Burckard. Elle dezejava reter Maria, pelo menos, todo o tempo que lhe fosse possível, em Elberg. Elle reconhecia a importancia de uma educadora tal como Maria, e necessaria por isso no seu estabelecimento. Não era só a cultura physica, mas tambem a cultura moral, que Burckard procurava estabelecer para a mocidade de Elberg. A sua grande philantropia, que o movêra a formar, e pôr em practica o seu extenso plano de educação, tinha exaurido grande parte da sua fortuna; e sem o auxilio de sabios e virtuosos mestres, a sua grande obra ficaria imperfeita ou abortaria. Penetrado deste sentimento, he que elle dezejava ardentemente conservar Maria; e pensava que se ella cazasse com Muller, seria o melhor meio de a reter. Elle fallou sobre isto com sua mulher; e rogou-lhe que sondasse Maria a este respeito. A esposa de Burckard se incumbio com prazer deste negocio; e um dia estando só com ella, fez cair a conversação á cerea de Muller. Maria fez-lhe toda a casta de elogios. Querida amiga, replicou Madama Burckard, quem vos ouvisse fallar desse modo, diria que já vos tendes esquecido do pobre Selhof. — Ma-

ria não respondeu. Madama Burckard continuou a conversação sobre o mesmo objecto, em ordem a dispor-a para o que lhe queria dizer. Mas, minha Maria, proseguio ella, eu não te encobrirei, que o meu homem deseja ardentemente ver-te esposa de Muller. — Já vos não lembraes, que sou mãe? respondeu Maria chorando. — Socega, replicou Madama Burckard, isto não passa de uma idea de meu marido. Tu bem o conheces. Elle se deixará d'isso facilmente. Maria calou-se. Esta conversação a perturbou, mas não lhe foi desagradavel. O que a mortificava, era ver que uma passada fraqueza estorvava sómente a sua união com Muller, Madama Burckard julgando magoal-a, cessou de fallar neste objecto; Maria porém quizera ardentemente que ella continuasse a fallar do joven mestre, para o que se deixou ficar mais de duas horas a trabalhar a seu lado. Foi de balde: Madama Burckard não pensou haver fundamento para esperar o bom exito deste negocio.

Até esse momento não tinha Maria aberto uma só vez o seu coração a Muller. Desde então experimentou ella em sua presença a mais viva agitação. Uma vista, que elle lhe lançasse, um aperto de mão, a enchia de confusão e vergonha. A confidencia, que lhe havia feito a esposa de Burckard, contribuia para dar mais força a seus sentimentos. A imagem de Muller estava tão profundamente gravada na sua imaginação, que não podia expulsal-a d'ali: seus sonhos mesmo lhe appresentavão este encantador mancebo. Muitas vezes ella o via cheio do mesmo ardor, que ella, fazer-lhe a confissão do seu amor; e outras vezes ella encontrava em seus olhos a expressão da frialdade ou do desprezo. Todas estas chymeras affectavão sua alma, como se fossem realidades. Sonhos dolorosos vinhão tambem atormental-a de quando em quando. Era Selhof, que se justificava, que a reprehendia de inconstante. Grande Deos! exclamava ella, acordando sobresaltada: eu o accuso de infiel, e eu he que sou a infiel! — Nestas agitações via ella muito bem

ser-lhe impossível esquecer-se de Muller. Ser sua esposa tambem lhe parecia impossível. Ella olhava seu filho como impedimento insuperavel para esse passo.

Impellida pela paixão, que a dominava, ella corria para Muller; e apenas o via, forcejava por se furtar a seus olhos. Não era já tempo, era forçada a ficar; e sem ser senhora de seu coração, achava-se sem forças para responder ás suas doces palavras. Elle fallava com ella, e apertava-lhe a mão suspirando. Perguntava-lhe a causa do seu desassocego. Ella continuava a estar muda, e procurava retirar docemente a mão, que lhe tremia na d'elle. Ella suspirava, e se perdia no mais profundo encio. Nada disto elle notava: sentia sómente a dita de amar, e ser amado.

No labyrintho das suas perplexidades vio Maria agora um raio de luz, que lhe aclarava alguns arcanos, que o seu coração ainda não tinha penetrado. Percebeo claramente ser amada de Muller. Mas porque dezeja Burckard que eu seja sua esposa? dizia ella consigo. Que interesse pôde elle ter nisso, senão he que intenta consolar-me, e dispor-me talvez para ouvir que estou esquecida por Selhof? Esposa de Muller! Oh Deos! Sim Burckard o dezeja. — Nisto começava a folgar com a idea da infidelidade de Selhof, e logo se envergonhava consigo da falsidade do seu coração. Ella encobria o semblante com as mãos, e a phantasia lhe voava então para Muller. — E querer-me-ha elle por esposa? amar-me-ha elle? Sim, elle me ama . . . he verdade . . . mas querer-me-ha elle? deshonrada! . . . com um filho! . . . Estremecia, apertava com ternura o filhinho no seio materno . . . Assim o teve elle esta manhã nos braços, continuava ella, cobrio-o de beijos, e chamou-lhe seu filho! Deos! se eu podesse um só momento adivinhar! . . . Mas ai! Ainda quando elle me perdoasse a minha fraqueza, poderia sempre perdoar-me? Não seria o seu primeiro olhar de tristeza, qualquer que fosse o motivo, uma acerba reprehensão da minha infamia?

Um dicto em sociedade, um gracejo mesmo daquelles, que me não conhecem, não bastaria para roubar-lhe o socego, e para roubar-me o seu amor, porque eu fui capaz de lhe roubar a honra? A este pensamento ella saltava com vehemencia, estendia com força os braços, e exclamava com tom forte e doloroso: Não! não! Estou condemnada á miseria! Não, Muller! Meu Deoz, valei-me! não, não! Está decidido! Não serei tua esposa! Por quanto ha de mais sagrado, não serei tua esposa, Muller.

Ella deixou cair o semblante sobre a mesa, e se abandonava ao exasperado sentimento da sua deshonra, e do seu amor. Banhada em lagrimas, considerava no filhinho, e tremia com a lembrança da fraqueza, que o gerára. Um novo pensamento veio ainda exacerbar a sua dor; — o pensamento de Selhof. Maria lhe era infiel, amava outrem. Ella ajoelhou diante do filhinho, beijava-lhe as mãosinhas! — Meu filho, exclamava ella, um desgraçado amor te deo a existencia cheia de vergonha, outro amor ainda mais desgraçado de tua mãe faz eterna a tua vergonha! O menino surria, e lançava os bracinhos ao pescoço da mãe, dizendo: Mãe, não chore! Eu estou bom, estou de saude! Ella escondia as lagrimas, que derramava, e que as mãos infantís ajudavão a enxugar-lhe. Tomou então seu filho nos braços; e bem de pressa sentio, que não podia ser esposa de Muller, nem de Selhof. De Muller, porque o fazia infeliz; de Selhof, porque o enganava. Nesta resolução parecia tranquillizar-se. Parecia-lhe, que renunciando ao seu novo amor, expiava a falta do primeiro. Reanimada um pouco por esta idea, desceo ao jardim, aonde a poucos passos encontrou Burckard. Querido pai, disse ella instantaneamente, vós tendes mostrado a Madama Burckard dezejos de que eu fosse esposa de Muller. Sem duvida, meu pai, foi vosso amor para comigo, que vos inspirou tal dezejo. Muller he um homem de bem, um homem de muita honra; e por isso mesmo merece uma

mulher de igual honra, e . . . — Por isso he que eu de-  
zejava, que fosses sua esposa, respondeo Burckard.

Vosso amor, meu bom pai, vosso amor para comigo  
vos torna injusto para com Muller. Dizei o que quizer-  
des, para desculpar-me, estará o mundo por isso? Um  
homem de bem soffre tudo, soffre os tormentos, e o de-  
castre; mas não pôde soffrer a deshonra. Muller pôde na  
sociedade gloriar-se de tudo, menos de ser meu esposo.  
Minha falta pesaria sobre elle; minha deshonra seria a  
sua; e tanto maior, quanto mais elle me amasse! — Tu  
debras, minha querida Maria; elle não pensa assim; já  
o tenho sondado a esse respeito. — Pôde assim ser por  
ora. Vós todos me amais, vós tendes todos esquecido  
quem eu sou, e a falta que commetti. Muller a esquece  
a meu lado; mas acaso a tem o mundo esquecido? Di-  
zei? Se o mundo a lembrasse a Muller; se um gracejo,  
uma zombaria picante, intempestivamente lha lembras-  
se; e elle, da sua parte, crêsse participar da infamia  
de uma esposa sem honra, e escarnecida; se com este  
veneno no seio elle se visse obrigado a viver comigo;  
e se eu então com vezes mais infeliz, mais miseravel  
que d'antes, dezesasse a morte, pelo ter feito infeliz!  
dizei: quererieis vós ter sido o instrumento de tal con-  
sorcio? — Pois bera! casa então com Selhof, ou com  
quem quizeres: não digo mais palavra; e retracto o meu  
dezejo. Pensava que vós vos amaveis. — Por isso mesmo,  
se nós nos amassemos, ou eu o amasse mais ternamen-  
te, que Luiz tem amado Rosa, he que eu devia recusar-  
lhe a minha mão; pois todo o mundo . . . — Deixa zom-  
bar todo o mundo. O que aqui se chama decencia,  
differe a'Asia, n'Africa, e n'America. Há centenas de  
nações, em que uma gentil e bella rapariga não julga-  
ria insultar um bello mancebo, por casar com elle, ain-  
da que tivesse tido dous ou tres filhos antes. Ouve,  
Maria, tu tens mais honra, e mais dignidade, que mi-  
lhares d'outras, que se tem por honestas, e se jactão  
de ter sangue nobre nas veias. Deixa pois fallar o mun-

do: olha; em a natureza só o que he universal; he verdadeiro; e os principios do honesto e do justo são os mesmos em Elberg, que na China; e na China os mesmos, que entre os Hotentotes. A paz domestica he certamente mais preciosa, que o ouro, e que as perolas; mas o seu verdadeiro valor, não he conhecido, senão por aquelles, que a gosão. Tu tens, como Muller, segundo creio, assás discernimento para conhecê-lo. De mais, o meu estabelecimento não póde ir adiante sem mãi para cuidar d'elle. — Isso he verdade, meu pai, mas eu assistirei aqui em Elberg, em quanto vós, ou Luiz me não mandarem embora. — E não te distrahirá Selhof? Maria não respondeo, baixou os olhos, e foi andando na firme determinação de não receber Selhof, nem Muller.

O Reitor Kelner vòltou, passados dias, a casa de Burckard. A sua primeira pergunta foi, se havia alguma cousa de novo a respeito de Maria e de Selhof. O velho Burckard abanou com a cabeça, e disse: Já fallei com Maria, mas nada de novo; seu filho illegitimo he o seu grande obstaculo. Que filho, e que illegitimo? disse o velho Reitor com admiração. Se Muller tambem assim pensa, muito me tenho enganado com elle? Pensei que tivesse mais sã philosophia. Não era preciso que folheasse muito. Já Sophocles disse... e repetio aqui um grande texto em grego, e outro em latim... Mas eisahi o que acontece, quando se não sabe grego, e não se tem lido Sophocles, que sabia o que dizia. Mas, Senhor Reitor, disse a avó, permitti-me, que vos faça uma observação. Esse M. Soph... não lhe sei dizer o nome... pode-se grosseiramente enganar neste ponto, porque nós todos sabemos a ligeireza, com que os Francezes tractão as cousas mais graves. Nunca o Reitor teve accesso de colera, como então, a ouvir tractar Sophocles de Francez. Exclamou enfurecido contra a velha dama, e disse: — Porque não haverá tambem na Alemanha um *Gynecœu*, como havia na Grecia, onde se encerrem as mulheres, para que não

maculem com suas más línguas as melhores virtudes da especie humana! Teve razão Isocrates fallando d'ellas, quando disse: Estando sós, são preguiçosas, e na companhia só sabem dizer mal. E voltando-se para Madama Walkers, continuou: Como podeis vós chamar Francez ao mais sensato dos auctores Gregos? O poeta illustre, que sobre o theatro Atheniense desenvolveo em todo o seu lustre os maiores principios de moral? Aqui a velha dama, que ao principio cuidava que o tal sujeito, de quem não podia pronunciar o nome, era alguma grande personagem, ouvindo fallar em theatro, replicou mui espeditada: e que temos nós, Senhor Reitor, com o que disse esse comediante? Por melhor que fosse, sempre era comediante; e não he por tal texto que se devem dirigir as pessoas de bem. O Reitor esteve aqui a cair apopletico de raiva; e depois de lançar uns olhos inflamados de colera sobre a pobre Senhora, voltou-se para Burckard, e proseguio dizendo: — Agora vejo que sois um verdadeiro Socrates, e nem mesmo vos faltão as tempestades casciras. Quiz immediatamente sair pela porta fóra, mas Burckard teve mão nelle, rindo-se, e disse-lhe que Muller não recusava ser esposo de Maria, mas que era esta quem se oppunha; e expoz-lhe as circumstancias, em que Maria fundava a sua queixa. Ah! Ah! disse o Reitor abaixando a cabeça de quando em quando: agora isso he outra cousa. Os fundamentos são justos; Maria procede com causa sufficiente: sim, sim, isso he outra cousa! Louvo a rapariga, Senhor Burckard; todavia he preciso sabermos se há n'ella paixão forte por Muller, e se a muita paixão lhe offusca as luzes da razão, e lhe paralyza as acções d'alma; porque nesse caso são precisos remedios, e o melhor de todos elles he casarmol-a logo com Muller. Este negocio passou-se todo assim, pouco mais ou menos, entre o Reitor e a familia do seu amigo Burckard, sem que Maria nem Muller, que estavam ausentes, podessem então adivinhar, que havião sido causa de tão serias contestações.

## CAPITULO XXXV.

*Reciproca infelicidade.*

**M**As, que he feito de Selhof? perguntaráõ os nossos leitores. Contra todos os preceitos da arte, ha longo tempo, que não fallamos d'elle. O que vamos agora dizer a seu respeito, se reduz a pouco.

Selhof tinha partido para Magdeburg, onde residia com seu thio. Escreveo duas, ou tres cartas affectuosas a Maria, mas esquecco-se de as deitar no correio. Sua paixão se esfriou mui de pressa; e não tornou mais a pensar na infeliz, que seduzira. Poucos dias depois da sua chegada foi introduzido em casa de um Conselheiro de guerra, onde o receberão muito bem, e lhe mostrão toda a amisade. Posto que saído apenas do Gymnasio, Selhof tinha maneiras agradaveis, e possuia o espirito de convivencia. Era mui divertido. Sabia mil jogos, e dizia gracejos, com que era applaudido na sociedade. Anna era a filha mais velha do Conselheiro, e não tardou muito tempo, que não fizesse uma viva impressão no susceptivel coração de Selhof. Tambem empregava elle, para agrada-lhe, seus taes, ou quaes talentos. Trazia as algibeiras cheias de bagatellas curiosas, para fazer a exhibição das suas habilidades. Mostrava a lanterna magica; fazia empalmações e caretas. N'uma palavra era objecto de recreio para todos aquelles, que fazem alarde de ser metade da sua nação, metade Francezes, e que não conhecem outro prazer, mais que as excessivas gargalhadas de uma alegria tumultuosa.

Desta arte Selhof se tornou facilmente o idolo de toda a familia do Conselheiro Reimann. Sua filha mais

Dd

velha o distinguia particularmente. Elle ia com esta e com suas irmãs ao passeio, aos bailes. Elle tinha por grande honra passear de braço dado com este mancebo, cujo garbo, e cuja figura erão de tanta elegancia. Sellhof já não escrevia á sua antiga amante; mas em troco disso, mandava a seus novos amores cartinhas cheias de affecto e ternura. Quando se achava só na presença de Anna, desenvolvia maximas e conceitos philosophicos. Fallava de amor, como Platão. Indignava-se contra os profanos, que não vêem nesta paixão, senão a rapida satisfação de um instincto animal e grosseiro: e deste modo acabou de conquistar o coração de Anna, que folgava de ouvir taes discursos.

O Conselheiro Reimann era um homem ordinario, isto he, não tinha virtudes, nem vicios. Era um desses homens, que a ninguem fazem mal; mas que são incapazes de dar um só passo em soccorro de seus semelhantes. Elle tinha muitos amigos, porque tinha meza franca. Não tinha dividas, nem se mettia com a educação de seus filhos: deixava isso inteiramente entregue a seus mestres. Lia mui pouco, e isso não passava de algum romance; e como tinha assentado na maxima, que as crianças se não devem constranger, e que a innocencia corre perigo, quando a vigião com zelo, deixava Anna livre em todas as suas acções. Este bom homem não via, que aquella maxima tinha limites. Que se a razão, e a humanidade condemnão justamente tudo o que he rigor e violencia, nem por isso approvão, que se abandone a mocidade a si mesma no meio das intrigas e desordens occorrentes na sociedade. — Apezar com tudo desta illimitada liberdade, os maldizentes não citavão contra Anna senão dous, ou tres galanteios, que não tinhão feito muito estrondo.

Anna gostou pois de Sellhof. Deo parte disto a seu pai. Reimann via neste mancebo um excellente partido para sua filha, e approvou a sua inclinação. A bella enamorada fez quanto pôde para segurar a sua victoria.

Suspirava a proposito ; baixava os olhos, quando olhavão para ella ; pronunciava palavras truncadas e expressões sem seguimento ; e como Selhof da sua parte fazia todo o esforço para agradar-lhe , não tardarão muito em perceber ambos elles , que ião muito bem nos seus planos. Em tanto os remorsos vierão assaltar Selhof. A lembrança de Maria veio perturbar-o no meio das suas agradaveis illusões. Uma sombria dôr succedeo á sua vivacidade e gracejo. Maria , exclamou elle n'um dos seus afflictivos monologos , he um obstaculo ao complemento de meus desejos ! Sou pai de seu filho , não devo ser esposo de outrem . . . Mas eu não posso ser feliz com Maria . . . Porque ? A minha idade de emancipação está chegada. Prestes , serei senhor da minha pessoa e dos meus bens . . . Mas o mundo ! . . . mas a maledicencia , os prejuizos ! . . . Não , eu não serei o esposo de Maria.

Estas reflexões erão uma mistura amarga para seus prazeres : não era com tudo menos arrastado pelo seu turbilhão. Elle acabou por se afazer á idêa de sua perfidia. De mais Maria , já cançada de escrever-lhe inutilmente , tomára o sabio partido de guardar silencio. Elle teve mesmo a injustiça de accusal-a por este silencio , e de julgar-se por elle auctorizado a romper todos os vinculos , que tinha contrahido com ella. Finalmente Selhof tendo suffocado todos os seus remorsos , fez pedir por seu thio a filha de Reimann para casamento. O Conselheiro de guerra ouviu com prazer esta proposição ; mas exigio , que antes da celebração das nupcias o joven Selhof tivesse o cargo , ou emprego , que a sua familia sollicitava para elle , para o que se fazia precisa a protecção de M. Berghorn. Selhof por tanto foi procural-o á sua casa de campo : ia-lhe recommendado , como um activo , e intelligente mancebo , e adornado dos mais preciosos conhecimentos.

Selhof e Berghorn se agradarão um do outro. O ultimo prometteo ao primeiro , que faria tudo quanto podesse , para obter-lhe o lugar , que elle desejava ; rogando-

lhe de mais a mais, que lhe repetisse as suas visitas. Luiz não se achava ali naquella occasião: tinha ido fazer uma excursão por aquelles contornos. Quando de volta soube, que durante a sua ausencia Selhof tinha ali estado, sentio muito não estar presente, para abraçar o amigo da sua infancia. Passado algum tempo, voltou Selhof de novo. Os dous amigos voarão para os braços um do outro. A primeira pergunta, que Luiz fez ao seu amigo companheiro de escola, foi ácerca de Maria. Selhof ficou algum tanto confuso: respondeu vagamente; e á sua vez perguntou a Burckard se era esposo de Rosa. Luiz só respondeu com um suspiro. Meu amigo, replicou Selhof, vejo que ambos temos sido infelizes com os nossos primeiros amores. Não vamos por indiscretas perguntas reabrir feridas apenas cicatrizadas . . . .

Bem que Luiz desejasse saber as razões de queixa, que Selhof tinha contra Maria, julgou não dever ir mais longe com suas interrogações, receoso igualmente de tocar no objecto principal das suas penas. Elle tinha por certa a sua desventura. Ignorava a doença de Rosa: ignorava as delongas indefinidas do seu casamento. Nem duvidava, que ella já estivesse nos braços do Conselheiro Lauter; e se a sua paixão o não fazia desesperar, era porque á sua effervescencia succedêra uma profunda apathia, e uma indifferença e desgosto para tudo quanto o cercava. O grilhão unico, que o prendia á existencia, era o prazer de espalhar beneficios, e consolar o infortunio dos seus semelhantes.

Este silencio todavia não foi de muita dura. Um dia passeando no jardim explicou Selhof a Luiz a razão da sua viagem. Meus pais, disse elle; não querem que eu caze, antes de ter emprego, que me dê alguma consideração no mundo. Grande Deos! exclamou Luiz, quanto felicito a pobre Maria! Parece que a mão da Providencia te guiou aqui a casa de M. Berghorn, para que possas, por meu intermeio, recuperar Maria. Ah! Se

Selhof, quam feliz serás! Quanto prazer me dará a tua felicidade! A este discurso, que não esperava, e que indiscretamente prooveu, foi Selhof ferido, como de um raio. Ficou mudo e pensativo. Luiz cravava novos punhaes no seu coração; pintando-lhe a felicidade, que elle gozaria com sua esposa, e o character amavel e bem-fazejo da joven Maria. Fallou mesmo com enthusiasmo da cultura de espirito, e dos progressos, que ella fazia na educação, de maneira que Selhof sentia estar tão adiantado com a filha de Reimann, e sentia renovar-se o ardor de seu primeiro affecto. Seu embaraço e perturbação crescião. Elle não ousava levantar os olhos para Luiz. Pensava nos meios de se desfazer de Maria, e não achava expediente para isso. Quiz começar suas desculpas, e gaguejou algumas palavras; mas Luiz estava tão cheio do seu objecto, que não lhe deo tempo a fallar; e bem que os discursos deste ultimo lhe não fossem muito agradaveis, davão-lhe ao mesmo tempo a resfolegar, vendo retardada uma explicação, que tanto receava.

Mas uma prova, ainda mais terrivel, estava guardada para Selhof. M. Berghorn, para satisfazer ao seu empenho, devia escrever a alguns amigos seus em Magdeburg; e como ali tivesse tambem outros negocios, resolveo antes ir, do que escrever. Levou consigo Burckard e Selhof, não desejando separar os dous amigos. Selhof se houve muito bem com o seu antigo companheiro de escola. Appresentou Luiz a seus pais, e levou-o a casa do Conselheiro Reimann. — O nosso heroe, assim como Berghorn, forão convidados a jantar com elle. No meio da conversação á meza disse o Conselheiro Reimann para o velho Berghorn: — Não posso assás expressar-vos, Senhor Berghorn, a obrigação, em que vos estamos pelos passos, que quizestes dar em favor de Selhof. A esperanza, que temos, de concluir-se o negocio, apressará o seu cazamento com minha filha. Selhof ficou branco como a cal, e Luiz surprezo; mas assentou não ter bem reparado no sentido das palavras; a confusão

porém do seu amigo lhe tirou toda a duvida. He possível? exclamou elle todo perturbado. Anna lançou sobre Selhof uns olhos, que denotavão a sua inquietação e surpresa. Luiz attentou no semblante da filha de Reimann, e descobriu n'elle algumas apparencias com Rosa. Esta observação o poz um pouco estatico, e o distrahiu da sua primeira idéa. Não pôde reter um suspiro. O velho Berghorn, que muitas vezes tinha visto Luiz na sociedade de mulheres, e observado a sua frieza para com ellas, espantou-se mais que os outros da sua emoção. He possível? repetio elle, tornando ao primeiro pensamento, e indignado pela inconstancia de seu amigo. Mas apercebendo-se do effeito, que tinha causado a sua indiscrição, levantou-se repentinamente da meza, e saio a correr. Mas quando se vio fóra de casa, não sabia, que partido tomasse. Umaz vezes queria voltar á casa do jantar, e exprobrar a Selhof a sua ingratição; outras abandonal-o á sua propria torpeza. Assentou finalmente não se embaraçar com o caso, e partio para a estalagem. Não tardou muito, que não chegasse Berghorn. Meu caro amigo, lhe disse este: Que he o que tendes? He seriamente desta maneira que vos conduzís? — Tenho as minhas razões, replicou Luiz. Anna parece-se tanto com Rosa, com aquella, que amei! . . . . Vamos. . . . estou mais tranquillo; voltemos para a sociedade, farei as minhas escusas, e pretextarei uma indisposição.

Taes forão as razões, que elle deo. M. Berghorn, que julgava conhecer a verdadeira causa de seu procedimento, o fez sentar ao pé da joven Reimann. Esta, prevenida, por Selhof das singularidades de Luiz, o observou com curiosidade. Quando Berghorn vio, que Luiz tinha tornado de todo a si, assentou que devia explicar um procedimento, que a pezar das suas desculpas, não parecia satisfactorio. Disse então que a Senhora Reimann era assim parecida com a filha de Kelner, antiga amante de Luiz; e que esta semelhança lhe despertára dolorosas lembranças. Este mancebo, accrescentou

elle, recebeu uma educação muito diversa dos outros homens. Está acostumado a não esconder o menor sentimento do coração. Anna ouvia com prazer uma exploração, que tanto a lisonjeava. Selhof porém não ficou mui contente: receava, que a conversa sobre este objecto trouxesse uma descoberta, que devia pô-lo em grandissimo embaraço.

Luiz retirou-se tristemente para o seu quarto. Não passou uma hora, sem que Selhof viesse ali ter com elle. Apenas este entrou, Luiz cruzando os braços, e olhando para elle com vista fulminante: Selhof, disse elle, he possível? — Burckard, exclamou Selhof, eu tô rogo, se es meu amigo, não falles sobre a minha passada aventura. O máo genio, que me persegue... — Máo genio lhe chamas tu, Selhof? Eu tô rogo, sê homem de bem! Recorda-te do juramento, que fizeste ao pai de Maria, de nunca abandonarés sua filha, debaixo de qualquer pretexto que fosse! Recordá-té, esquecido! Grande Deos! — Luiz, eu ainda o repito, nunca a hei de abandonar... Sim Maria nunca terá precisões; e antes eu me privarei do necessario, para que ella não viva em necessidade. — Homem deshumano! Necessidade! Miseravel! Sabes tu o que pensas? Necessidade nunca ella terá, ainda mesmo que a deixes! Em quanto estes braços poderem ganhar um pedaço de pão, estará Maria ao abrigo da necessidade! Cruel! da-lhe só o que irrefragavelmente lhe deves, e sem o que o seu fiel coração será despedaçado! Da-lhe a tua mão! Homem, não assassines Maria! Grande Deos! — Luiz, que devo eu fazer! eu to supplico. Pondera só, se isso he já possível? — Não he possível? Como? Oh bom Deos! He isso de homem? Pelo amor de Deos! Como não pôde isso ser? Maria he tua esposa; Maria he mãe; e tu es pai! Selhof, não me constranjas, pelo amor de Deos, não me constranjas a defender contra ti os sagrados direitos de Maria! Eu sou teu amigo, mas não me constranjas, ingrato! . . . tu deves tremer! Selhof! pensa como te

libertei das mãos do teu inexoravel tutor, e a Maria da mais horrorosa infamia; e como (tu me forças a dizê-lo) como por teu respeito me tornei o mais infeliz dos homens, attrahindo sobre mim o odio de Rosa! Oh Deos! Selhof! e tudo quanto eu fiz será perdido? Será inutil o sacrificio da felicidade da minha vida? Quando eu por ti, Selhof, fui obrigado a descobrir ao pai de Maria a sua prenhez, cravando assim um agudo punhal em seu coração, tu chamaste Deos por testemunha de que nunca, nunca serias infiel a Maria. Selhof, Selhof, ouve, recorda-te disto! Não sejas tão perverso, tão abominavel! — Que devo eu fazer? gaguejou Selhof. — Vai ter com a filha de Reimann, e dize-lhe: Eu estava a ponto de fazer-te infeliz, e a mim tambem, sacrificando a mais fiel esposa. Eu tenho uma esposa, e eu sou pai: tenho-vos offendido, Senhora, mas tenho honra assás para confessar minha culpa, e reparal-a. Dize isto: he custoso, confesso, mas he teu dever o dizel-o.

Selhof sentou-se com agitação. He impossivel, exclamou elle, he impossivel! Queres tu por esse modo, que eu deixe macular a minha honra? — A tua honra! disse Luiz, a tua honra! Tens tu ainda honra, que perder? Não a ganhas tu por esse modo? Eu to rogo. Selhof! Impossivel! Pois bem, faze o que quizeres; faze-me infeliz; faze-me miseravel; e arrasta-me á desesperação! Mas isso não he possivel? Pois escreve-lhe, se não tens coração para dizer-lhe, que a tens indignamente enganado; e que desejas tornar a ser homem de honra. Escreve-lhe. — Isso he para mim igualmente impossivel! Pensa Luiz, que estou em publico compromettido a cazar com ella. Deverei eu declarar-me um indigno? — E queres antes sê-lo? replicou Luiz friamente. Selhof poz-se a reflectir. — Tem paciencia ainda um pouco, querido amigo. Eu quero temporizar: talvez as circûnstancias. . . — Tu queres temporizar? E pertendes enganar Anna, assim como Maria? Espera, sim; terás tempo para tudo isso. Oh Deos! tu me martyrizas,

Luiz ! — Miseravel homem ! exclamou Luiz com aversão : e he no momento , em que o teu coração devia succumbir ao peso das suas torpesas , se tivesse ainda um resto de humanidade , que tu tens o despejo de me dizer : — *Eu quero temporizar ?* Quero commetter novos enganos ? Que miseravel sclerado ! Quiz então sair do quarto , e Selhof o reteve. — Espera , Luiz , eu to rogo ; ouve-me : Confesso que me tenho portado de uma maneira indiscreta , miseravel e indigna ; mas , Luiz , não dás tu desculpa á vehemente paixão do teu fervoroso amigo ? — Como ! Deve uma paixão desculpar o teu procedimento ? Se eu te quizesse assassinar , ser-me-ia desculpa o estar enraivecido ? — E como assassino eu Maria ? He Maria minha esposa ? — Luiz olhou para elle mui serio , e disse : responderei a essas duas perguntas , quando o pezar pela tua indignidade tiver morto Maria , e eu te trazer o filho , que tens d'ella. Mas , por Deos ! eu to juro , homem inteiramente sem honra , a mim não me has de tu tornar a enganar ! Saio , e deixou-o n'uma grande fluctuação.

Luiz retirou-se penetrado de um sentimento de aversão , como nunca experimentára em sua vida. No dia seguinte foi a casa do Conselheiro Reimann , segundo o convite , que recebêra. Achou ali uma numerosa companhia. Quiz retirar-se ao principio , mas ficou , porque tinha em vista fallar particularmente com Anna ; dar-lhe parte das circumstancias , em que se achava Selhof ; e mostrar-lhe , que elle não podia ser seu esposo. Depois de jantar , elle teve a oportunidade de sentar-se ao pé d'ella. Lançando-lhe os olhos com ternura , apertou-lhe a mão , e disse-lhe mil cousas agradaveis. Anna extremamente lisonjeada destas atencões , imaginou ter feito a conquista de Burckard ; e consentindo n'uma conversação particular , passou com elle para outro quarto. Alli esperava ella uma declaração de amor , tanto mais gloriosa para ella , quanto era proclamada a insensibilidade de Luiz para com o bello sexo. Ella porém ficou admira-

Ec

da, quando Luiz com ar mui serio lhe dirigio estas palavras : — Senhora, vós estais promettida a Selhof? — Ella não deu resposta. Luiz tomou este silencio por uma affirmativa. Pois bem, continuou elle, vejo com pezar que vós ides ser sua esposa. — Mr. Burckard, replicou ella, que quer isso dizer? — Elle he esposo de outrem. — Isso he uma calumnia, uma impostura, disse ella; e fazendo-lhe uma cortezia, tornou a ir para a sala. Luiz correo atraz d'ella, e conduzio-a para o mesmo quarto. — Sim, eu vol-o repito, Selhof está compromettido n'outros laços. — Deixai-me ir, Senhor. — Não vos deixarei. Mas ella repetio em alta voz, deixai-me ir, e entrou na sala. — Luiz seguiu-a, e continuou dizendo: — Selhof he um perjuro, e um traidor! Esta exclamação attrahio a attenção de toda a companhia. Que he isso? perguntarão todos ao mesmo tempo. Luiz expoz o caso em poucas palavras. — Um sorriso maligno se mostrou nos semblantes dos assistentes. — Vós sois um máo homem, exclamou a filha do Conselheiro Reimann: Sabei, que Selhof está inteiramente livre. Senhor Burckard, disse o Conselheiro, sabeis vós que por isso podeis procurar-vos uma scena desagradavel? — Senhor, o filho de Selhof vive; e se quereis, amanhã estará aqui sua mãe. He uma das mulheres mais respeitaveis, que eu conheço. Oh! mui respeitavel, replicou Anna, com uma risada. Vós nos dais um bella idea da sua pessoa! — Nada de equivocos. Foi Selhof quem seduzio Maria. Cumpre que elle expie uma falta, que he só sua. Quanto a vós, Senhora, vejo ter-me enganado com vosso character.

Voltou-lhe às costas, e partia. — Um só instante, Senhor, disse o Conselheiro de guerra. Foi o pertendido filho de Selhof baptizado em seu nome, e reconhecido por elle? — Não, Senhor, respondeo friamente Luiz. — Então, retirai-vos, Senhor. Que essa mulher obrigue, se quizer, a cazar com ella quem for o reconhecido pai da criança. — Sou eu, a quem o processo verbal appre-

zenta como pai. — Vós? E porque não tendes feito reclamação? — Eu o declarei livre e voluntariamente. — Muito bem, replicou Reimann sorrindo; sois vós, quem deveis procurar um marido para essa virtuosa creatura! Vejo agora o motivo, porque tomais tanto a peito os seus interesses. Anna, e toda a sociedade derão gargalhadas de riso, e Luiz saio indignado, e com os olhos scintillando fogo e furor.

Depois da sua partida a conversação versou sobre o absurdo das suas asserções. Alguns ditos de Anna confirmarão a idea de que Burckard estava apaixonado por ella, e que a sua paixão o tornára louco. Assim, debaixo destas e outras mais supposições, o nosso heroe, e a pobre Maria forão toda aquella noite objecto constante de sarcasmos e risadas. Anna com tudo escreveu sempre a Selhof pedindo-lhe explicações á cerca do filho, que o seu amigo lhe attribuia, e exigindo d'elle uma prompta resposta.

---

## CAPITULO XXXVI.

### *O Heroismo da Amizade.*

**E**Stes acontecimentos havião de alguma sorte esfriado a amizade, que Luiz sentia por Selhof; mas ella era mui viva para apagar-se de todo. Elle não queria fazer o seu amigo infeliz, resolveo por tanto nada revelar a Berghorn. Pranteava o infortunio de Maria, mas folgava ao mesmo tempo, que a infidelidade de Selhof rompesse antes, que depois de cazado com ella. Nesse caso a desgraça d'ambos não teria remedio. Meditou ir a Elberg, e dispor Maria para esta fatal noticia; mas não sabia de que modo lha annunciasse. No dia seguinte foi Luiz ver Berghorn, e achou Selhof com elle. Voou para os braços do velho, e não pôde deixar de exprimir em

Ec 2

sua vista um profundo desprezo para Selhof. Este, logo que se virão sós, lhe disse perturbado: Estivestes honzêem em casa de Reimann? — Sim. Ali acabei de conhecer a tua perfidia. — E queres tu, Luiz, fazer-me ainda mais desgraçado? Isto disse elle com um tom de voz, que penetrou o coração de Luiz. — Mais desgraçado? Póde-se acaso ser mais desgraçado do que tu es, Selhof? No teu lugar, Selhof, eu succumbiria ao peso da minha indignidade. — Luiz, fallarás tu nisto a Berghorn? Estou perdido, se elle sabe a minha aventura com a filha de Sievers. — Não. Eu me calarei sobre isso. Maria he muito feliz, por se ver livre de um homem sem fé, sem palavra, sem honra; e cuja infidelidade faria a desgraça de toda a sua vida. As energicas expressões de Luiz atterrá-rão Selhof. Elle não tinha que replicar; e mal ousava levantar os olhos para elle. Quando Luiz o deixou, nem por isso ficou mais tranquillo. Berghorn o esperava, mas elle não ousava appresentar-se diante d'elle. Escreveo-lhe, pretextando uma indisposição. Não pôde com tudo dispensar-se de ir jantar no dia seguinte em sua casa com toda a familia de Reimann. Elle esperava novas reprehensões de Luiz. Este não disse palavra contra Selhof, e o penetrou tanto de reconhecimento, como admiração. Selhof era instado a responder a Anna categoricamente. Respondeo em termos evasivos e ambiguos. Escreveo-lhe, que Luiz se havia com effeito declarado o pai do filho de Maria, mas calou as circumstancias do caso, e o motivo da declaração do seu amigo.

Anna interpretando o sentido perfido de taes palavras, cobrio de injurias o pertendido calumniador. Expressou a Selhof o horror, que lhe causava a vil calumnia do seu amigo. Selhof pedio-lhe, que não fizesse tanta bulha com suas queixas á cerca de Luiz; por quanto elle tinha um grande ascendente sobre o espirito de Berghorn, e fazia-lhe acreditar quanto queria. M. Berghorn em tanto percebia uma frialdade sensível entre os dous amigos.

Perguntou a Luiz a razão. Não vol-a posso dizer; replicou elle. Não aborreço Selhof, mas a nossa amizade não he já . . . não tem cessado de existir. Esta resposta, que se contradizia, ferio de assombro Berghorn, e o confirmou na idea, em que se estava em casa de Reimann, de que Luiz estava apaixonado por Anna. Não obstante o Conselheiro estar contente com os argumentos de Selhof, queria sempre uma explicação decisiva, e não se abstinha de excitar a curiosidade de Berghorn por contrafeitas confidencias; e por suggestões perfidas, ainda mais perigosas, que a mais atroz calumnia. O velho militar quiz saber de certo quem era o calumniador. Interrogava Luiz, que se obstinava a calar. Instava Selhof, e exigio deste a plena confissão do caso. Selhof não podia recusar-se a esta declaração, nem ser tambem mais amargamente punido. Eil-o chegado á hora mais acerba da sua existencia. Elle pôde calumniar aquelle, que só lhe havia feito mil bens, declarar infame diante de Berghorn a Luiz, a Luiz, que teve a generosidade de calar a Berghorn a infamia de Selhof. Elle pôde, apesar de seu coração, que se revoltava contra isso, e apesar de todo o sentimento de honra, que apunhalava seu coração; elle pôde balbuciando dizer, que Luiz era o pai do filho de Maria, e que elle, Deos sabia o porque, lhe havia imputado essa loucura. O velho Berghorn ficou cheio de assombro. Apertou a mão de Selhof, e disse-lhe com emoção: — He isso verdade? He Burckard tão abominavel hypocrita? O coração de Selhof foi como espedaçado a esta pergunta. As furias da vingança estavam satisfeitas. Elle ficou alli convulso fitando sobre Berghorn os olhos espantados e mudo. He isso verdade? repetio Berghorn com intimativa. Quero ver o assento, em que Burckard declara ser pai do filho de Maria. Era preciso para isso escrever para Elberg. Berghorn rogou a Selhof escrevesse ao Burg-mestre, que promptamente lhe enviasse aquelle assento. Esta rogativa excitou uma angustia infernal no seio de Selhof.

Elle tremia todo ao escrever a carta. Elle escrevia, como se estivesse lavrando em caracteres eternos a sentença da sua infamia. Deo a carta a Berghorn, e rogeu-lhe encarecidamente que não dissesse nada a Luiz. Deos, disse elle, Deos sabe, que eu nunca fallaria nisto, se Burckard tivesse por isso só meia hora de desassocego, porque então perderia eu o meu por toda a minha vida. Homem magnanimo! exclamou Berghorn, e apertou entre os braços o palpitante Selhof. Este saio d'ali, sem saber por onde ía, e vagando á tôa, entrou de novo no quarto de Luiz; a cuja vista se exacerbou sua angustia; e dolorosa ferida. Luiz mesmo se assentou, e teve compaixão de Selhof. Deo-lhe a mão com affectuoso semblante, e disse-lhe: — Que he isto Selhof, que tens? Selhof poz a mão sobre o peito. Burckard, começou elle balbuciando, sou um miseravel! estou punido da minha baixeza! Com estas palavras encostou o semblante sobre o hombro de Burckard, e as suas lagrimas molhavam o seio de Luiz. Na sua inquietação chegou-se para a estante do seu amigo, e vio sobre a mesa *Emilia Galotti*, tragedia de Lessing, aberta nesta passagem energica: *Deixa que o demonio te agarre só por um cabelo, e serás seu eternamente.* Elle leo alto, e cheio de horror, esta expressão, applicou a si o pensamento, saio precipitadamente, e correu a procurar socego ao pé de Anna. Mas onde está o socego para o coração, que trahio os naturais sentimentos do amor e da gratidão?

Chegou o assento do processo verbal, que se pedira de Elberg; Selhof o lêo, e teve que sustentar outro combate contra si mesmo. Mas ai! elle o devia entregar a Berghorn: não havia remedio. Berghorn lêo, pasmou, releo, abanou a cabeça, e derramou algumas lagrimas ao ver esta prova apparente da falsidade e dissimulação de Luiz.

Ceos! exclamou elle, tenho amado este mancebo; franquei-lhe o asylo da minha casa; e ver-me-hei forçado a crer na sua deshonra! Então não há virtude pura

sobre a terra! — Eu prometti calar-me, proseguio elle, apertando a mão de Selhof, eu o farei, e empregarei todos os esforços por esquecer o passado. Nisto fez em pedaços o processo verbal. Selhof prostrou-se a seus joelhos, na firme resolução de confessar tudo. Não, disse ainda Berghorn, deixai-me; todas as supplicas são inúteis: Nunca perdorei a Luiz. Selhof, tornando a si do seu primeiro movimento, guardou o silencio.

Na mesma noite foi Luiz ver Berghorn. Ah! Senhor, disse elle, vós não sois já para mim o mesmo, que ereis d'antes: ter-vos-hei involuntariamente offendido? Meu filho, replicou Berghorn, eu tenho-te amado, bem o sabes, e sinto ainda amor por ti. Meu projecto he legar-te todos os meus bens por minha morte. . . . Mas confesso-te que já não tenho por ti a mesma admiração, nem a mesma confiança. — Céos! Se eu perdi a vossa amizade, de que me servirão as vossas riquezas? — He preciso que eu te abra a minha alma! Tu quizeste desfazer a felicidade de Selhof, e não sei por que sentimentos, e porque interesses lhe attribuíste um filho, que he teu. Vi o processo verbal. — Senhor, responde Luiz friamente, vós não me conheceis ainda! Cumpre separar-nos: adeos — Responde á minha pergunta: violei a minha promessa, receando commetter uma injustiça. Dize, es tu o pai do filho de Maria? — Adeos! adeos! exclamou Luiz entre lagrimas, e desapareceu.

A nova baixeza de Selhof o moveo a pranto. Eis aqui, dizia elle, a que excessos conduz o amor; O que me inspira Rosa he mui puro para arrastar-me a torpezas semelhantes. O de Selhof, filho de uma origem menos nobre, não he por isso menos vehemente. Não lancemos pois os fundamentos de seu infortunio; nem accumulemos seus males. O tempo pôde restituir-me a amizade de Berghorn, nada pôde substituir a illusão de Selhof.

Ao ponto da sua partida, veio o velho Berghorn ainda vê-lo. Rogou-lhe, que lhe dissesse sinceramente em

que relações estava com Maria. Burckard, respondeo com sangue frio : — O meu comportamento vos mostrará cedo a minha innocencia , ou o meu crime ; se estou culpado , cazarei com Maria ; logo que chegue a Elberg ; se não cazar , he porque estou innocente. — E tu esposarás Maria ? Luiz não respondeo , lançou-se nos braços do velho , apertou-o ternamente no seio , deixou a sua casa , e montou a cavallo.

---

## C A P I T U L O XXXVII.

### *Descoberta de consequencia.*

**N**A tarde seguinte chegou o joven Burckard a uma pequena aldea , onde não havia estalagem para pernoitar. No embaraço , em que Luiz se achava , um homem de agradável exterior se chegou a elle , e lhe disse ; que posto não tinha quartos de aluguel , um estava ás suas ordens , onde podia dormir aquella noite , e servir-se da sua cêa caseira. — Luiz accitou a offerta de boa vontade ; e entrou n'um quarto , onde achou reunida uma pequena familia , pertencente ao dono da casa , que era o parochio daquella aldea. Tanto este , como toda a familia , fizeram a Luiz todo o possivel agasalho , e beneficis attensões. — N'outro tempo , dizião elles , conversando á meza , nós poderíamos tractar-vós melhor ; mas as circumstancias presentes não nos permittem , senão esta pequena casa , que habitamos. No meio da conversação perguntou Izabella (a filha do dono da casa) : — E como vos chamais vós ? Não sei o vosso nome , ainda que o queira dizer. — O meu nome he Luiz Burckard , gentil Izabella , mas bastará que me chames Luiz , sem mais cerimonia. — Assim tracto eu sempre as pessoas , que estimo. — Burckard ! exclamou o parochio ! Conheci um mancebo desse nome ; tinha excellentes qualidades ,

mas era um pouco misanthropo. A sua mania era viajar. Fiz o seu conhecimento em Amsterdam antes d'uma viagem, que elle fez ás Indias Orientaes. O pai de minha mulher lhe adiantou a somma de dez mil escudos, e recebeu d'elle a obrigação por escripto daquella divida. Mas, por sua morte os testamenteiros fizeram pouca diligencia em procurar Mr. Burckard. Não se sabia que era feito d'elle; e nós olhamos esta somma como perdida, por quanto o mesmô Burckard, ainda que viva, não poderia descobrir seus oredores, a quem o infortunio obrigou a deixar Amsterdam.

Este discurso deixou Luiz cheio de assombro. De que paiz, disse elle, era esse Burckard? De Elberg. — Oh he elle, Deos louvado! Meu pai he o vosso devedor! Que gosto não terá elle em satisfazer a sua divida? Muitas vezes o ouvi queixar de que não sabia a quem se dirigisse. Esta noticia fez uma viva impressão no espirito de Werner (este era o nome do parócho) e de toda a sua familia. Mas he vosso pai rico? exclamou este. Póde elle sem incommodo pagar esta consideravel somma? Oh! antes que enriquecer-nos com a ruina desse homem respeitavel, eu quizera rasgar aquella obrigação.

Graças a Deos! exclamou Luiz, meu pai está bem; facilmente desempenhará a sua divida. Werner, cheio de alegria, correo a uma meza, abriu uma gaveta, e tirou o precioso papel, que continha toda a sua fortuna, e a de sua familia. Luiz tirou uma copia, e despedindo-se da boa familia partio cêdo na manhã seguinte. Voou para Elberg, onde chegou cheio de tristeza, na persuasão de que ja ouvir do casamento de Rosa. Como o verdadeiro amor não se limita a um vil sentimento de egoismo, e só quer a ventura do objecto amado, qualquer que seja a sorte do amante, Luiz receava, que ella não fosse feliz com o Conselheiro Lauter, e que as suas almas não fossem ligadas por uma sympathia reciproca. Ao passar defronte da casa de Madama Seeburg, elle vio as janellas fechadas, e suspirou, crendo:

realizado o seu receio. — Maria estava á porta de casa. Luiz! exclamou ella de alegria, e correu a lançar-se nos seus braços. O nosso heroe a contemplou suspirando. Que noticias tinha ella para dar-lhe! Subio com ella a escada, escondeo as lagrimas dos olhos. Lançou-se logo ao scio de seu pai, que ali o apertava com as mãos tremmentes. Foi depois receber o abençoador e exultante beijo de sua mãe.

Havia muito tempo que Luiz fôra ausente de casa. A alegria de seus pais era excessiva. Passou-se todo aquelle dia em felicitações reciprocas. Madama Walkers fez a seu neto algumas brandas accusações pela sua conducta em Pymont. Ella não lhe relevava ter elle tido duas amigas ao mesmo tempo. Custou pouco a Luiz o justificar-se sobre esta imputação. Ah! replicou a avó! Pobre rapaz! Nunca o verei assente, nem as Seeburgs na sua vida verão Rosa cazada. — Como? pois Rosa não está cazada? — Não, certamente. Isso he caso, que tem dado que fallar a toda a cidade. — Ceos! he possivel, querida avó! — Ninguem o sentio mais que o cabeleireiro, que vio mallograda a esperança de pentear a noiva. Pensava, que tu o sabias, caro Luiz; nunca to mandei dizer, por assentar que não querias te fallassem de Rosa. — Pois não está cazada? — Não.

Tal raio de alegria appareceo então nos olhos de Luiz, que o velho o notou, e fez as seguintes observações. Rosa, meu filho, na vespéra do seu casamento se achou muito doente, e doente de perigo. Transferio-se a voda, e Rosa, he verdade, se tem opposto até gora á sua celebração. Sabe além disso, meu Luiz, que já tres vezes foi apregoada com o Conselheiro, accrescentou a avó. Luiz correu a seu pai, e o apertou nos braços tremendo. Seu pai o percebeo. Meu filho, nós fallaremos. Tenho queixas de Rosa, mas não posso precisamente avaliar-as: tua avó teve a teu respeito grandes disputas com Madama Seeburg, e depois que ella está em Brunswick, nada tenho que dizer contra ella. He verdade, conti-

nyou o velho, que a conducta de Rosa he desculpavel até certo ponto. As tuas duas amigas, o teu duello em Pymont bem vi eu que não tinham compatibilidade com o teu character. Mas he preciso confessar, meu filho, que as apparencias são contra ti. Se tu tivesses sabido escolher os teus conhecimentos, nada disto te acontecêra. Infelizmente esse estudo do mundo, e essa sciencia do bem e do mal, não depende só da educação. Nenhuma theoria nos pôde premunir contra os inconvenientes, que resultão da ignorancia. A experiencia só nos pôde dar uteis lições. Meu filho, a tua educação está completa. Tens conhecido a sociedade, seus escolhos, e perigos. Depende agora só de ti gozar do fructo das tuas observações. Todas as scenas do mundo se assemelhão, pelo menos em o fundo. Quem vio uma, vio todas. — Luiz sentia renascer sua esperanza. Não cessava de perguntar, e de inquirir de Rosa, nem Madama Walkers de ralhar da nossa heroina, não menos victima, que Luiz, das circumstancias. Mas elle via mal no coração de sua avó. Por mais indignada que ella se mostrava contra Rosa, nada lhe daria tanto prazer, como a sua reconciliação com seu neto.

Durante a cêa, introduzio Luiz furtivamente debaixo do guardanapo do pai, a copia, que tinha transcripto em casa de Werner. O velho pegou do papel, e o leu com ar serio, e reflexivo, lançou os olhos sobre seu filho, e calou-se. Ao levantar da meza, elle lhe acenou, que viesse ao seu gabinete. Donde vein, disse o velho Burckard, esta obrigação? Donde a copiaste? — Oh! meu pai, replicou Luiz, eu julgava dar-te gosto, e vejo que a leitura deste papel te fez triste. — Meu filho, eu te perdô a surpresa fatal, que me causaste; mas brevemente te mortificarás, como eu; estou arruinado. — Como arruinado? — Sim, esta somma fórma apenas o valor de todos os meus bens. Nós temos fundado estabelecimentos de educação, e beneficencia. Esta especie de especulação não enriquece. Tu mesmo (estou longe

de reprehender-te pôr isto) tens gasto pelos teus benefícios, pelo teu bom coração, uma grande parte do meu dinheiro. Vê qual he o infortunio, que nos espera! e quando eu me vejo á borda da sepultura, e quando tua avó carregada de annos, não pôde mais ser util á nossa commum existencia! — Pois bem eu trabalharei. — Meu pobre filho, de que recurso nos poderá ser teu trabalho? A arte mechanica, que eu te fiz ensinar, bastará apenas para ti. Supponhamos mesmo que obtens um emprego; os salarios são tão pequenos, que não podem dar-nos de comer. Morreremos de fome.

Oh meu Deus! meu pai! exclamou Luiz com terrivel angustia. Meu Deus! pai! pai! eu trabalharei para ti, em quanto me durar o alento, trabalharei para todos, e para contentar os desejos da avó. Tenho trabalhado, tenho apprendido a soffrer a necessidade! Oh pai, pelo amor de Deus, satisfaze esta divida! — Muito bem, meu filho, toda a divida he sagrada: bem o sei, com tudo eu não sou inteiramente obrigado a pagal-a. Os dez mil escudos me forão adiantados na carga de um navio, que se perdeu; Posso, querendo, buscar subterfugios, e trapaças para fazer annullar essa obrigação. Meu Deus! exclamou outra vez Luiz com amargura. Antes quizera trabalhar noite e dia, não descansar, e viver do mais miseravel sustento, que soffrer, que uma tal reprehensão se podesse applicar a teu nome! — Meu filho, continuou Burckard, folgo de vêr o teu nobre ardor; vejo com prazer, que me não tenho enganado nas expectações; que fundei na educação, que te hei dado; mas não posso dissimular-te, que este sacrificio, imperiosamente prescripto pela honra, nos vai custar muito caró. Não he a falta do necessario, que me afflige; o que me he bastantemente doloroso, he, que a esperanza de vêr-te unido com Rosa está irrevogavelmente perdida. A experiencia, que tenho do coração humano, e as circumstancias minuciosas, que tem acompanhado o comportamento de Rosa, me fazem vêr, que a sua aver-

são contra ti nada tem de real ; mas este acontecimento transtorna para sempre o plano , que eu tinha formado para a vossa reconciliação. A tua amante não he rica ; tu es pobre. A paixão de amor passageira cede facilmente ás idéas de mais seria natureza , e uma vez desfeita a illusão , quando se não vê á roda de si , senão a miséria , e a impossibilidade de educar os filhos , então os vinculos do matrimonio são pesados , e até insupportaveis. Rosa , eu to repito , meu filho , vai ser-te arrancada eternamente , se eu pago esta somma. Pensa nisto , meu filho.

Luiz passeava inquieto pelo quarto , punha as mãos na cabeça ; e as lagrimas borbulhavam em seus olhos. Pai , disse elle de um tom brando , sinto a tua afflicção , e não a minha. Quanto a Rosa , eu a renuncio desde já para sempre de todo o meu coração. Pai , eu amo-a extremamente ; com tudo eu a renuncio. Pensa , pai , no sagrado desta divida. Receias tu , que nos falte o valor em a nossa pobreza ? Querido pai , eu to juro , vê-me-has sempre contente ; e a minha satisfação fará tambem o teu contentamento. Querido pai , pensa no que tantas vezês me tens dito. *« Sejamos justos , meu bom pai. »* — Seja assim , meu filho , eu me callarei contigo á vista da nossa miseria , á vista da infelicidade de tua mãe , e de Maria abandonada com um filho pela falta do nosso soccorro. Não direi palavra de Rosa , pois que tens a coragem de a renunciar , e de a vêr talvez eternamente desgraçada nos braços de um duro e insensivel marido. Mas não posso callar , meu filho , que por este unico golpe todos os nossos estabelecimentos de beneficencia em Elberg vão ser destruidos. Muito bem ! eu e tu podemos tapar os ouvidos ao clamor dos que nos são caros , podemos fechar os olhos , quando Rosa na sua dôr te estender os amantes braços ; mas não seria assim com todos os que nos cercão. Não se tracta aqui da felicidade de um só individuo , mas sim da virtude de uma povoação inteira. Devo vender toda a minha casa , e pos-

cessões; e o futuro Senhor, seja elle quem for, não continuará de certo o nosso despendioso plano de beneficencia geral. Assim a virtude, a felicidade, e o Ceo desaparecerão deste terreno; e seus habitantes, que nós nutriamos, ficarão só com o luctuoso presente da nossa miseria, exacerbado pela perda dos bens passados. Não se tracta aqui de verter lagrimas inuteis; mas de manter, se he possível, a virtude de toda a communidade. Não sentes que ser aqui injusto, he ser justo? Não sentes que aqui um ligeiro engano he um acto grandemente virtuoso? e que obrando nós involuntariamente, o nosso sacrificio he muito mais nobre? Meu filho, meu Luiz, eu to rogo, pensa bem nisto!

Luiz suspirava profundamente. Ah meu pai! exclamou elle; as vossas expressões me tem penetrado. Creio que são verdadeiras: mas meu querido pai! Não ha uma Providencia indispensavel aos homens? E não seria esta Providencia uma depressivel farça, um debil estratagemma das paixões humanas, se fosse preciso o engano para se preencherem as suas vistas? A Providencia exige só do homem virtude, rectidão, e justiça: eis toda a importancia, que ella dá ao homem. Não somos nós também homens? Não he também ella nossa? Sim a Providencia cuida de toda a especie humana; e eu vou com ella, em quanto a Providencia mo permittir, isto he, em quanto eu não cessar de ser virtuoso, e justo. Pai, eu não sou omnisciente, sou homem; e cumprirá ser omnisciente para surprehender a Providencia? Não, pai. Eu tenho só uma regra, que tu me ensinaste: — « *Amar os homens, e ser justo para com elles.* » Esta regra está gravada em meu espirito, e no meu coração. Ambos elles são muy fracos para penetrar mais alem nas combinações eternas da Providencia. Não meu pai, eu não posso ser, senão justo! Pai, eu to rogo, pensa bem nisto! Oh Deos! Sim, pai. Sejamos embora pobres, mas virtuosos.

Não pôde mais conter-se o pai. Com lagrimas de alegria, que lhe saltavão dos olhos, elle se precipitou

nos braços de seu filho. Oh, meu filho! Oh, meu Luiz! exclamou elle. Quanto a minha gloria neste momento excedê a dos soberanos, por ser pai de tão nobre filho, e por ter formado o seu coração! Sim, meu filho; embora caia a pedaços o mundo, nós ficaremos tranquilos sobre suas ruínas. A ninguém arrancaremos o seu esteio, em quanto formos justos. Arruine-se tudo; nós ambos sobraremos para nós! Sou pobre, se he ser rico o ter ouro, mas nunca fui tão rico, como agora, descaçando em teu seio, meu filho! Grande Deos! Quão deliciosa he a desventura, quando se tem amizade, como esta! Meu filho, meu Luiz, que triumpho me prepara a tua mão, removendo-me desta habitação para uma cabana! Bom Deos! Que dita, que gloria a minha! meu filho, meu amigo, meu querido Luiz!

O velho estava quasi louco de alegria. Tomou o filho entre os braços, e o conduziu a outro quarto. Fez vir uma garrafa do bom Tokay. Bebamos filho, disse elle, celebremos a occasião, que me offerece a sorte de conhecer, que tenho tão nobre e virtuoso filho. Toda a mais familia folgava, vendo pai e filho tão contentes, sem saber o porque. Passou-se assim a noite em folgado.

Na manhã seguinte desceo Luiz ao jardim; e ali passeava melancholico, pensando nos meios de tirar de uma honesta industria uma subsistencia, que já lhe não dava o seu patrimonio. Ali encontrou Maria, e correu para ella. Depois de algumas expressões vagas, com que a complimentou, lhe disse: — Eu vi Selhof, Maria perdeu a côr de susto a esta inesperada noticia. Onde está elle? Que faz elle? perguntou ella perturbada. Atteito-aos Ceos, respondeo Luiz, que só uma absoluta necessidãde me obrigaria a dar-te uma tão triste noticia. . . . Selhof he infiel; vai cazar-se — Recêava, que tivesse havido acontecimento mais deploravel; que fosse doença, ou morte. Mas o meu coração fica tranquillo. — Como? exclamou Luiz, tu lhe perdoas tão negra perfidia? Oh generosa Maria, os juramentos do amor

são invioláveis. Só infames podem quebral-os. E tu ainda guardas fidelidade a tal monstro! Maria reconheceo que não merecia aquelle elogio. Não teve que responder. Instada a explicar-se, oh! disse ella, eu devia esperar isso mesmo. A familia de Selhof me rejeitava. — Ella te rejeitava? E que importa a sua familia? Não he Selhof o pai de teu filho?

Esta pergunta reabria no coração de Maria a mal fechada ferida. Meu filho! exclamou ella; esse fructo do meu amor illegitimo com Selhof já não existe. O nosso heroe ficou cheio de assombro, ouvindo esta noticia. Elle ignorava este acontecimento. Burckard na correspondencia com seu filho nunca lho havia mencionado. Consolações sobre os seus desgraçados amores com Rosa, convites urgentes de voltar para Elberg, e agradecimentos a M. Berghorn, erão o objecto exclusivo das suas cartas.

Luiz ficou extremamente penalizado por esta perda. Não achava com tudo isso pretexto, que justificasse a mudança de Selhof. Julgar-te-hias tu excusavel, disse elle a Maria, se tivesses sido infiel? Esta pergunta pôz Maria em grande perplexidade. Sua inconstancia, he verdade, procedia do esquecimento, e da ingratição de Selhof, mas ella não achava termos para a justificar. Limitou-se sómente a defender a sua causa de um modo indirecto, palliando as offensas do seu antigo amante. Todas as suas razões não pudéram convencer Luiz. Em taes declamações rompeo elle contra os inconstantes, mostrou tal horror contra os amantes perjuros, que Maria exclamou em soluções: — Vós tendes pronunciado a minha condemnação. Selhof he um monstro, dizeis vós... pois bem; eu não sou menos culpada, que elle. Luiz ficou petrificado de surpresa. — Que queres tu dizer, Maria? — Sim, elle já me não ama, e eu tambem já o não amo. — Oh! mas isso não he um verdadeiro perjurio. Selhof dispoz de um coração, que já lhe não pertencia. O teu caso he diverso, tu podes esquecê-lo, mas tu não amas outrem.

A equívocação durava, e era precisó acabá-la. Maria contou então com lagrimas e vergonha, quaes erão as suas relações com Muller, e a estima, e o amor, que elle lhe havia inspirado. Mas declarou ao mesmo tempo, que nunca se esposaria com elle. Ella conhecia a sua falta, e queria expial-a na solidão. Por isso mesmo, exclamou Luiz com transporte, por isso mesmo, que Selhof foi perjuro com o objecto da sua primeira escolha, cumpre que elle não fique impunido. Maria, quero que instantaneamente cazes com Muller. — Isso não he possivel. — Não ha impossibilidade alguma. Teus vinculos com Selhof estão quebrados. Sois perfeitamente estranhos desde agora. Quero que Selhof ache um justo castigo na sua união com uma mulher da moda. Seu supplicio será vêr com os olhos de inveja a ventura do generoso Muller. Maria quiz debalde retê-lo. Elle correo a fallar com seu pai.

---

## CAPITULO FINAL.

*Justificação dos dois heroicos amantes. — Conclusão.*

**O**S nossos leitores, costumados á extrema promptidão em todos os negocios de Burckard pai e filho, não ficarão agora surprehendidos de ouvir, que em dois dias, depois da ultima conversação, que Luiz teve com Maria, já esta se achava cazada com Muller. — Burckard tractou com seu filho de procurar uma existencia independente aos dois noivos, pois que elle cessava de ser o Senhor de Elberg. Começava, por tanto a tractar já da venda da sua propriedade.

Neste meio tempo voltou Rosa de Brunswick com sua thia Seeburg. Seu casamento com Lauter se tinha definitivamente rompido. Nem Rosa, nem sua thia sa-

Gg

bião atada da mudança de fortuna, que a familia de Burckard ia experimentar. Julgou-se qual seria a sua pena, particularmente a de Rosa, quando souberão, que seus visinhos serão em poucos dias substituidos por novos proprietarios!

Minha thia, disse Rosa, eu pensava que já não tinha amor a Luiz; agora vejo, que me enganei. As illusões da fortuna tinham corrompido seu coração; agora que elle he pobre, estou certa, que está mudado, e arrependido. Pobre gente! replicou a thia Seeburg; talvez não tenham em casa um bocado de pão para comer! — Grande Deos! Será possível! — Rosa tomou effectivamente á letra as palavras da thia. Um suor frio regelou todos os seus membros; deo alguns passos tremulos pelo quarto, torcendo as mãos. A thia, vendo sua extrema inquietação, lhe perguntou o que tinha; e reconhecendo a causa d'ella, buscou tranquillizal-a. Debalde: Rosa não deu attenção a seus raciocinios. Ferida de consternação pela idea, que lhe suggeria a thia Seeburg, sua alma não podia abrir-se a outra impressão. Quando se vio só, formou o projecto de correr a casa de Luiz, consolal-o, e adoçar suas penas, tomando parte n'ellas. Elle não tem pão para comer, exclamou ella dolorosamente; e venderão seus moveis para pagar suas dividas! Quero repartir com elle de tudo o que tiver. Na alienação de seu espirito abriu ella um bofete, tirou uns restos de carne e pão, que alli estavam, e saio sem reflectir na impropriedade de tal passo, e sem pensar mesmo no rompimento, que existia entre a sua familia e a de Burckard. Correo a casa do pai do seu amante, entrou repentinamente no quarto, em que estava reunida toda a familia, e se lançou nos braços de Luiz. Este, não menos transportado, esqueceo igualmente todos os dissabores, que entre ambos se tinham passado; e a cobria de caricias e de beijos. Minha cara menina, disse Burckard; quanto me alegro de ver, que te não tens esquecido de nós. Não esperavamos tão agra-

davel visita. Tu nos farás a honra de cear connosco.

Estas palavras fizeram lembrar a Rosa, que ella tinha as algibeiras cheias de comer; e teve pejo da sua extrema ingenuidade. Cedeo com tudo ás instancias, que lhe fizeram, e ao sentar-se á meza, procurava esconder o volume das algibeiras. Minha menina, disse Burckard, parece que trazes as algibeiras cheias de alguma coisa pesada: põe-te á tua vontade; tira o que trazes; e põe-no sobre a meza. A estas vozes Rosa cõrou extremamente, levantou-se, e debalde quiz esconder o que tirava d'algibeira. Vio-se o pão e a carne assada. Bom b disse a avó, pelo que vejo, vós fizestes farnel para cear fóra de casa. Cresceo o embaraço de Rosa. Debalde se lhe fizeram outras perguntas; não respondia palavra. Ah b já sei o que he, disse o velho Burckard, tu destinavas essa comida para alguma pobre familia; não he verdade? Sim, respondeu Rosa sorrindo, e contente com aquella desculpa. — Aposto, que tu pensavas, que nós eramos essa pobre familia? e que nada tinhamos para comer? — Foi maior a confusão de Rosa. Não he para vós, disse ella, que eu destinava essa bagatella. Vamos, dize a verdade; confessa que era para nós que trazias esse comer. Tu cõras de novo? prova certa de que eu não me enganei. Vem, querida Rosa a meus braços, eu nunca esquecerei esta acção. Ceemos juntos, e eu não tocarei n'outro prato, senão nesse pão, e nesse assado. Em toda a minha vida não terei mais delicada iguaria.

Luiz apertou com extase a mão de Rosa, e a cobriu de beijos. A cea nada offerceo de notavel, senão que o joven Burckard quiz absolutamente ter parte no prato, que Rosa trouxe; esse favor lhe foi concedido. — Toda esta scena se passava com geral contentamento, excepto da avó, que antes quizera que Rosa estivesse bem longe. Vendo ella que Rosa não fallava de retirar-se, disse com alguma seccura: — Mas Senhora, sabe por ventura vossa thia que estais aqui? Não, meu Deos! replicou Rosa levantando-se. Espera, não te vás ainda, disse o

velho Burckard, não he tarde ; eu vou prevenir tua thia, que estás aqui. Tu tens, aposto eu , muitas cousas que dizer a Luiz. Ha já muito , que vos não tendes visto ! — Ah ! Sim , ha longo tempo , que nos não vimos ! A ultima vez foi na vespera do dia fatal, destinado para o meu casamento ! — Meus filhos , vós tendes estado em circumstancias , que por pouco vos não fizeram eternamente desgraçados.

Durante a curta ausencia de Burckard , ninguém proferio palavra. As duas mãis estavam resentidas do comportamento de Rosa. Quanto aos dois amantes, elles sem nada dizer, se entendião, e sem ousar mesmo olhar-se. As suas mãos , passadas por debaixo da meza , crão os interpretes mudos e invisiveis de seus pensamentos. Rosa fez ao principio algum esforço para retirar a sua mão, lembrada inda das aventuras de Brunswick, de Pymont, e de suas pretendidas rivaes. Mas uma nova affeição de ternura a dispoz para acceitar todas as desculpas. Um maior aperto da mão de Luiz produzio o reciproco aperto da mão de Rosa ; e o doce testemunho de que tudo estava perdoado. Os dois amantes, gostavão pois, absorvidos em igual extase, o maior, e mais vivo prazer, que havião provado na sua vida, quando M. Burckard entrou acompanhado de Madama Seeburg. Cumpria separar-se, e nunca a obediencia á necessidade custou tanto a Rosa.

Mas o Ceo não tinha esgotado ainda toda a sua co-lera sobre este par encantador. Quando Rosa fez saber a Madama Seeburg, que o seu amor para com Luiz se havia renovado com a mesma ou mais força, e que de-zejava unir-se com elle ; esta proposição foi tomada pela thia como hallucinação ou loucura. Ella lhe representou a extravagancia de se unir com Luiz no estado actual dos seus negocios. Teu pai, accrescentou ella, não tem dote para dar-te, e de mim pouco podes esperar. Deos sabe se o teu amante se verá reduzido a mendigar um sustento ; e he debaixo destes auspicios, que pretendes

cazar-te? — Estes argumentos não alteravão a firme pretensão de Rosa; e mendigar por todo o mundo pelo braço de Luiz, lhe parecia mais bello, que passear sem elle no mais mimoso jardim. Luiz, da sua parte, não se accommodava tambem ás representações de seu pai. Uma absoluta prohibição de se unirem encontravão pois os dois amantes nas vontades de suas familias, assim como nas decisões da sorte. Elles tinham com tudo a liberdade de ver-se, quando querião; e não tardou muito, que n'uma das suas intimas conversas, abrindo seus corações com uma nobre franqueza, fizessem uma reciproca confidencia das duvidas, que enganosos acontecimentos lhes havião causado. Com grande satisfação reconhecerão ambos, que erão dignos um do outro; e promettêrão fazer tudo, para dobrar a inflexibilidade de seus pais e parentes.

Burckard annunciou nas gazetas, que ia vender em leilão a sua propriedade d'Elberg; e assignou seis semanas para o complemento da venda. Este aviso causou grande sensação na cidade; e Madama Burgmestre, que não era, como vimos, muito affeiçãoada á familia dos Burckards, mandou saber quaes erão os motivos daquella venda. Nada se sabia, senão que Burckard tinha alugado na cidade a mesma pequena casa, onde vivêra sua sogra outro tempo. Oh! então he pobreza; exclamou ella! Velho soberbão! nisso devião parar de certo as extravagancias, e dissipações de um filho perdido; e não podia durar muito aquella fortuna: foi-se assim, como se adquirio, e agora passará a sua velhice a mendigar. Para cá virá, soberbão! Burckard, segundo o seu louvavel costume, não fazia caso de taes dicterios, nem mudava por isso o seu modo de proceder.

Na manhã seguinte depois deste aviso correrão a sua casa todos os habitantes de Elberg. Procurarão por Burckard, que os fez entrar todos na sala. Foi esta uma scena bem tocante. Os individuos de uma povoação inteira com tristes semblantes lhe perguntarão então,

se era certo o que tinham ouvido; e se o seu bom e querido Senhor ia vender a sua propriedade de Elberg. A penas Burckard lhes disse que sim, uma geral consternação se mostrou entre elles, e todos lhe fizeram a generosa proposição de resgatar Elberg á custa de seus bens e liberdades. Burckard recusou a sua boa vontade com os olhos arrazados d'agoa. Elle estava tremulo com a commoção, que lhe causavão os anciãos da sua aldeia, os quaes lhe apertavão a mão entre lagrimas e soluços; e o imploravão, repetindo suas sinceras offertas. A estas permaneceu Burckard insensivel, mas não ás demonstrações de amor, que elles lhe davão. Todos partirão a final chorando, e Burckard exclamou: Graças, bom Deos! este he o meu triumpho.

Luiz entretanto buscava um emprego, e graças á mediação da Condeza de G. \*\*\* , que elle conhecêra em Pymont, obteve um officio em Bremen, que lhe rendia quatrocentos escudos. Esta somma lhe parecia uma fortuna immensa. Foi contentissimo a casa de Madama Seeburg dar-lhe parte desta boa nova. Agora tenho, disse elle, abraçando Rosa, com que sustentar minha esposa e filhos, se Deos mos der. Senhora, não retardeis uma união, donde pende a minha felicidade, e a minha vida. Madama Seeburg não pôde deixar de rir, ao vêr o entusiasmo, com que o joven amante fallava dos quatrocentos escudos, e dos projectos, que formava, para que nada faltasse a Rosa. Ella lhe mostrou com evidencia, que tão pequena somma não chegava mesmo para seu sustento. Rosa chorava, e a seu modo fez calculos, em que achava, ainda depois de todas as despezas, alguns restos daquella somma. A thia a tractava de louca, mas os dois amantes sempre persistião no desejo de se casarem. Os pais não concordavão com tudo em suas obstinadas propostas, não porque o não desejassem; mas d'um lado Burckard queria primeiro acabar a venda da sua propriedade, e d'outro lado Seeburg buscava meios de dotar sua sobrinha de uma maneira conveniente; mas

ambos occultavão os seus designios , para evitar toda a precipitação , que a impaciencia do amante par ameaçava. Todos os dias elles renovavão suas importunações , e querião por força cazar-se. Luiz sustentava que em Bremen ia em pouco tempo adquirir conhecimentos commerciaes , que o farião prestes um dos primeiros negociantes. Imaginava fazer rapidos progressos , e merecer pelo menos o lugar de Consul geral. Um dia no calor das suas disputas a este respeito , disse a Madama Seeburg de um ar pouco satisfeito : pois bem , Senhora , se vós não consentis em o nosso casamento , nós o faremos secretamente. — Fazei o que quizerdes , respondeu seccamente Seeburg.

Foi á meza , que se passou esta altercação. Depois de jantar , Luiz conduzio Rosa ao jardim. Nós temos sido , disse elle , longo tempo as victimas dos caprichos de tua thia ; não o sejamos mais ; vem comigo , e vamos a casa do Ministro da Parochia , que he uma boa pessoa. Demais , não se pôde oppor a nossos desejos , e elle nos cazará. Rosa achava obstaculos , que Luiz facilmente desfazia. Levou-a finalmente a casa do Parocho. — Senhor , disse Luiz , quereis ter a bondade de nos cazar ? O Ministro admirado lhe perguntou se tinha o consentimento de seu pai. Eu não viria , respondeu Luiz , se meu pai o não consentisse. Vosso pai , replicou o Ministro , he o homem mais singular , que eu conheço : quer que o vosso casamento se faça com a mesma pressa , com que se fez o d'elle. He bem inimigo de cerimoniaes. Eu vos cazarei pois , já que assim o quereis. Finda a cerimonia , que não durou muito , Luiz recebeu uma copia do assento do matrimonio , e saio tranquillamente com sua esposa. Rosa tremia , como a folha do alamo , e pelo caminho reflectia sobre a ligeireza da sua conducta. Ella supplicou a seu esposo , que não revelasse o seu matrimonio por espaço de dois dias , a fim de pensar no modo de fazer esta confidencia á thia Seeburg.

Com extrema repugnancia consentio Luiz nesta posição. Alem do constrangimento, em que este silencio o punha, elle tinha ainda outra difficuldade mais dura. Devia renunciar por dois dias as doces prerogativas de marido, devia diante da companhia em casa de Madama Seeburg comportar-se só como amigo, e não como esposo . . . e depois á noite . . . separar-se ainda de Rosa ! Esta idea o atormentava de uma maneira insoffrivel. Todavia a docilidade de Rosa em consentir no primeiro passo exigia d'elle aquella complacencia. Elle prometteo cumprir com o que ella pedia, mas com a expressa condição, que no dia seguinte proclamaria solemnemente os vinculos, que os união.

Por toda aquella noite a thia Seeburg, e o velho Burkard admirarão o modesto silencio de Luiz e Rosa. Elles fallarão de cazamentos de proposito, para attrahir a conversação dos dois jovens; mas nem palavra. A sua reserva foi tomada por novo amuamento; e concluirão, que tinha havido entre elles nova altercação. Retirarão-se todos ainda cedo, e separarão-se com extremo dissabor dos recém-noivos. A penas Rosa deo as boas noites a sua thia, ao retirar-se para o seu quarto, tempo em que Muller e Maria entrarão. Nós temos razão de queixa contra vós, Madama Seeburg, e contra M. Burkard, disserão elles, por não nos convidardes em uma tão fausta occasião. — Madama Seeburg franzia as sobrancelhas. Que he d'elles os noivos? disse Maria. Esta pergunta embarçou ainda mais a thia. Não vos percebeo, respondeo ella. Nós vinhamos, proseguio Muller, dar os parabens a Rosa e a Luiz. — De que? — Do seu cazamento. — He por isso que vindes tão tarde? — Não viemos mais cedo, porque não fomos convidados para a vòda. — Qual vòda? a de Rosa está ainda longe. — Como mui longe, se elles se cazarão hoje? O Parocho acaba de mo dizer.

Esta declaração foi um raio de luz, que lhe aclarou o reservado comportamento de Rosa, e de seu amante;

ella não duvidou então, que elles se tivessem unido clandestinamente. Para saber a verdade, mandou chamar Rosa, que foi obrigada a vestir-se outra vez, pois se estava já despindo, para ir para a cama. Rosa, disse a thia, acabo de ouvir uma estranha novidade. Rosa tremeo e mudou de côr. — Dize-me, estás cazada? Não pretendas faltar á verdade. Muller acaba de mo dizer. — Rosa apercebendo Muller e Maria no canto da sala, deitou a fugir com mais precipitação, do que tinha vindo. Muller via nos olhos da thia que estava enfadada; intercedeo pelos noivos, e não teve precisão de muita eloquencia para abrandal-a. Madama Seeburg, passada a impressão, que lhe causava este inesperado successo, desatou a rir, reconhecendo neste passo o singular character do joven Burckard. Mas he preciso, disse ella, punil-os da sua precipitação, e amanhã pretendo divertir-me á custa d'elles. Guardai segredo á cerca do que sabeis.

No dia seguinte Madama Seeburg tractou Rosa com mais caricias, do que de ordinario. Querida sobrinha, disse ella, hontem foste calumniada; de certo algum maligno persuadio Muller, que te havias cazado com o dopdivanas de Luiz. Eu nunca te perdoaria, se acontecesse semelhante cousa. Mas o mesmo Luiz me acaba de asseverar, que he uma tremenda falsidade. Elle partio hoje mesmo para Bremen, a fim de tomar posse do seu emprego; e como foi obrigado a partir cedo, me incumbio de te fazer a sua despedida. — Será possível? exclamou Rosa. Seria um monstro, um infame! Bom Deus! replicou a thia, isso não tem nada que espante, depois das peças, que elle te tem pregado. A esposa do joven Burckard desatou n'uma torrente de lagrimas, e os suspiros e soluços a suffocavão. A boa thia, teve dó d'ella, e não quiz prolongar muito mais o seu supplicio. Mandou rogar a Luiz, que a viesse vêr promptamente; e disse a um criado, que lhe fizesse signal, quando elle chegasse. Não tardou muito, que Luiz viesse; e Ma-

Hh

dama Seeburg sentindo que elle vinha entrando, disse para Rosa : Mas não pára aqui o caso, minha sobrinha ; eu quero appresentar-te esta manhã um esposo, e um homem digno em todo o sentido de merecer o teu amor, e à tua mão. Rosa, horrorizada, escondeo a cara no seu chale; e Madama Seeburg com ar firme avançou para a porta a fim de receber Luiz, e promptamente o appresentou a sua sobrinha. Eis aqui a vossa esposa, disse ella. O nosso heroe se lançou aos pés de Rosa. Esta reconhecendo o seu esposo, deu um grito de alegria, e se lançou nos seus braços. Ambos se apertarão intimamente, e se cobrião de beijos, felicitando-se da sua sorte. Seeburg affectou enfadar-se ao vêr os seus amorosos transportes. Não posso mais dissimular-o, disse vivamente Luiz ; sou esposo de Rosa. — He possível ? — Eis aqui o assento do nosso matrimonio. Luiz lhe appresentou aquelle documento. A thia de Rosa, que se propozera fazer o papel de enfadada, e atormentar ainda um pouco os dois amantes, ao vêr o sangue frio de Luiz, não pôde deixar de rir. Basta, disse ella, não quero mais punir-vos. De tudo estou informada. Sêde esposos, sêde felizes ! e oxalá que na vossa união nunca experimenteis as contrariedades, que vos atormentarão, durante os vossos amores ! Prevejo com tudo, que temos que apalcar o resentimento de vossos pais, assim como o do Reitor Kelner. Difficultosamente vos perdoarão o não terem consultados no vosso casamento. A respeito de meu pai, estou tranquillo, replicou Luiz. Conheço o seu coração ; e já lhe teria feito esta confidencia, se não tivesse ido para a Cidade terminar a venda da sua casa.

Madama Seeburg deo de almoçar aos dois noivos, e quasi ao meio dia foi com elles para casa de M. Burckard. Este acabava de chegar da Cidade. Boa noticia, disse elle a Luiz ; vendeo-se a minha propriedade muito acima do que esperava. No momento da arrematação appareceu um novo lançador, que offereceu um terço mais, do que os outros, e ninguém cobrio o seu lanço. Elle he por

ranto o novo Senhor desta casa. A avó, e a mãe de Luiz, que estavam presentes, não poderão conter o pranto e occultar sua dôr. Ignoro, continuou Burekard, o nome deste estrangeiro, nem sei por que gosto, ou capricho elle se appresentou instantaneamente a cobrir de um terço os outros lanços. O que he ainda mais pasmoso, he que elle se decidio a fazer esta compra, sem vêr o plano da casa, nem ter visitado os lugares. Deve ser o predio de alguma antiga familia, que elle tem grande empenho de possuir. Elle deve aqui vir esta tarde para se arranjar o contracto definitivo.

Parabens por essa noticia, disse Madama Seeburg; mas eu tambem tenho uma interessante, que dar-vos. Houve aqui hontem um casamento. Que casamento? — De vosso filho com minha sobrinha. — E vós soffrestes isso? exclamou Madama Walkers: meu Deos! que principios inculcou meu genro a seu filho! Estou condemnada a nunca vêr na minha familia nem boda, nem baptizado! . . . Mas elles tambem, disse Madama Seeburg, não procurarão o meu consentimento. — Perdoai, Senhora, vós nos permitistes de fazer o que quizessemos: e assim o fizemos. Esta observação fez rir toda a companhia. Burckard perdoou facilmente aos dois noivos. Só sinto, disse elle, que não houvesse boda, mas amanhã a teremos, e contentar-se-ha minha mãe. Lembrai-vos, meus filhos, que em nove mezes precisamos tambem de um baptizado, e desejo que o façaes com solemnidade, para satisfazer vossa avó. O Reitor Kelner foi convidado a jantar. Recevão que elle estivesse enfadado, mas bem de pressa os desenganou, dizendo, que nada era tão commum entre os Spartiats, como esta especie de casamentos.

Veio a noite, e o arrematante da propriedade de Burckard se appresentou. Que alegria não foi a de Luiz, ao reconhecer Mr. Berghorn! Ambos elles mutuamente se abraçarão. Meu filho, disse aquelle respeitavel velho, depois da tua partida Selhof esposou a filha de Reimann,

e bem de pressa me confessou a sua torpe ingratição para contigo. Ao mesmo tempo ouvi a perda, que teu pai tinha encontrado, e logo que soube, que ia vender a sua propriedade, tomei a posta, e tenho a dita de ter chegado a tempo de reparar os meus agravos, e a ultrajante suspeita, que tive da tua virtude. Meu Luiz, eu te prometti a doação de toda a minha fortuna. Eis aqui o contracto feizo em devida fórma. Tu estás agora em tua casa.

Facil he de perceber qual foi a alegria, que este feliz incidente accrescentou a tão fausto dia. Luiz, que estava acostumado a não julgar-se já em casa sua, cuidou que estava em uma nova habitação. No fim da tarde Luiz e Rosa se subtrahirão da companhia, e forão passear para o jardim, onde saborearão a deliciosa frescura da tarde. A' vista dos lugares, que havião sido o theatro dos seus brincos infantís, a embriaguez do amor se apossou de suas almas. Entrarão a divagar pelo labyrintho do arvoredo, e disse então Rosa correndo: — Apanha-me Luiz; e Luiz a apanhou . . . No dia seguinte uma festal solemnidade indemnizou Madama Walkers da precipitação, com que se cazou seu neto. Ella teve ainda a satisfação, antes de fechar os olhos, de ser testemunha de mais de dois faustos baptizados. Quanto a Luiz e Rosa, elles vivem ainda para a ventura um do outro. A pureza de seus sentimentos, e o exemplo das suas virtudes, fazem as delicias de seus amigos, e o lustre da humanidade.

F I M.



Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is scattered and difficult to decipher due to the high contrast and noise of the scan.



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



**A** 000 057 910 2

